

A man with short brown hair and a light beard is holding a baby. The man is looking down at the baby with a gentle smile. The baby is wearing a white lace-trimmed top. The background is a soft, pinkish-purple with decorative swirls and floral patterns.

ADRIANA BRASIL

TUDO POR AMOR

ATÉ ONDE VOCÊ IRIA POR AMOR?



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



ADRIANA BRASIL

TUDO POR AMOR

ATÉ ONDE VOCÊ IRIA POR AMOR?



1º Edição
2019

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright© 2019 by Adriana Brasil

Revisão:

Saionara Rodrigues

Diagramação digital:

Dayane Aldaves

Criação de capa:

Dayane Aldaves

Fonte de ilustração de capa:

Fotolia.com

Essa é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos é produção da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangíveis ou intangíveis — sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

código penal.

Edição digital | Criado no Brasil

PERIGOSAS ACHERON

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras obras;](#)

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

Helena é uma mulher focada na sua carreira. Está no auge de tudo que sempre sonhou, um namorado perfeito, uma promoção mais do que desejou. Ela vê o seu mundo ruir de uma hora para outra quando um grave acidente deixa a sua irmã mais nova com morte cerebral e com um bebê no ventre. Helena não pode salvar a vida da irmã, entretanto vai fazer de tudo para garantir que sua sobrinha venha ao mundo. Helena perde tudo para arcar com as despesas do hospital enquanto aguarda a chegada da sobrinha por meses. Perde o namorado e até a promoção pela qual tanto batalhou. Mas tudo valeria a pena para ver o sorriso da pequena Valentina a quem jurou proteger com a própria vida.

Mais uma vez ela está diante de uma jogada do destino quando coloca o pai da criança em seu caminho. Henrique quer a guarda da filha, Helena não está disposta a abrir mão dela.

Entrará os dois em um acordo?

Mais uma vez ela fará tudo por amor?

PERIGOSAS NACIONAIS

Helena não está disposta a perder mais nada em sua vida, muito menos o seu coração para o homem que quer tirar a única coisa que lhe restou.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 1

— Parabéns pela belíssima apresentação Helena. Não tenho dúvidas de que você é a melhor. Tão jovem e com tantas ideias excelentes! — Meu chefe diz estendendo a mão para que eu aperte, e eu faço com muita satisfação.

Acabei de conseguir um contrato milionário para a agência de publicidade e propaganda na qual trabalho desde que me formei há três anos, o que me deixa muito orgulhosa e satisfeita pelo meu trabalho.

É gratificante você ver tudo que lutou para construir dar resultados. Batalhei muito para
PERIGOSAS ACHERON

ter esse emprego. Para ser reconhecida pelo meu trabalho. Agora estou começando a colher os frutos da muita dedicação e estudo.

— Obrigada senhor, procuro sempre dar o melhor de mim.

— Sei disso Helena, e o resultado de toda dedicação é que será promovida à nova vice-presidente dessa agência — arregalo os olhos. — Um passo grande para chegar ao topo. E você chegará.

Isso lá é jeito de dizer uma coisa dessas? Olho ao redor e quase dou pulinhos de alegria, mas me controlo para não fazer. Como não surtar com uma notícia dessas?

— Não brinca.

— Não estou brincando. Você nasceu para liderar, e com as ideias que você tem pode apostar que vai colocar a nossa agência como a melhor do país. A não ser que tenha algum empecilho, sabe que um cargo como esse implica responsabilidades, horas a mais no trabalho, fazer muitas viagens, sem contar que vai viver dentro de um avião. Mas isso não vai ser problema, não é?

— Claro que não. Vai ser um desafio enorme, mas você sabe o quanto gosto de desafios. Darei o melhor de mim e vou tirar de letra, estou certa disso.

— Conversaremos melhor na segunda-feira no meu escritório. Aqui nem é o lugar ideal para falar disso. Mas não me contive depois de você brilhar como fez a pouco.

— Helena, podemos falar com você? — Uma colega da equipe me chama.

— Vai lá, não se prenda a mim.

— Obrigada.

— Até segunda.

— Até segunda. — Saio com um sorriso enorme para direcionar minha atenção à Melissa que me aguarda com mais três dos meus colegas de trabalho, provavelmente para falar do sucesso da nossa nova campanha.

...

Passo o resto da tarde em cólicas para contar ao Filipe o que aconteceu. Estamos juntos há dois anos, claro que não vai ser nada fácil essa mudança, pois assumir a vice-presidência significa

PERIGOSAS NACIONAIS

passar muito tempo fora da cidade, mas é uma baita de uma promoção. Nosso namoro vai sobreviver a alguns finais de semana distantes um do outro.

Olho no relógio para não perder o horário de buscar a minha irmã mais nova no aeroporto. Faz mais de cinco meses que ela não vem para casa. Katy estuda Direito em São Paulo e já está no último período.

Somos de Minas Gerais, mas me mudei para Salvador para fazer faculdade. Quando meus pais morreram há dez anos, acabei por ficar aqui e assumi os estudos da minha irmã. Nossos pais nos deixaram em uma situação confortável financeiramente. Temos um apartamento em um bairro de classe média alta, mas manter isso tudo é muito caro, por isso trabalho tanto que decidi não mexer na conta onde guardamos algumas economias. Quando resolvemos sair de Uberlândia, vendemos nossa casa e compramos um apartamento em Salvador onde moro, queria ter comprado um para a Katy ficar em São Paulo, mas sairia muito caro, então ela divide um apartamento com uma colega e pago suas despesas enquanto ela não pode se manter por causa dos estudos, o estágio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não paga muito bem e não conseguiria cobrir nem um terço dos gastos dela.

...

Saio correndo para o estacionamento, não percebo que uma chuva torrencial cai sobre a cidade. Entro no carro e ligo para o Filipe.

— Oi gatinha.

— Não vai acreditar no que acabou de acontecer — digo excitada.

— Ganhou na loteria, nunca mais teremos que trabalhar e viveremos viajando pelo mundo — diz em tom de brincadeira, posso imaginar o seu sorriso enquanto diz isso.

— Há, há, sabe que não é nada disso. Mas só vou contar à noite quando chegar em casa, não se esqueça de que a Katy está chegando agora. Só adianto que é muito, mas muito bom mesmo.

— Vou morrer de curiosidade até lá, conta logo gatinha, detesto surpresas.

— Tchau Lipe.

— Helena.

Desligo o telefone e ele volta a tocar,

PERIGOSAS ACHERON

sorrindo atendo.

— À noite Filipe, tenha calma.

— Malvada. Um beijo.

Ele vai surtar quando souber. Filipe e eu nos conhecemos quando participei de um congresso de Publicidade e Propaganda no Rio de Janeiro. Moramos na mesma cidade, atuamos no mesmo ramo, entretanto não tivemos oportunidade de nos conhecermos antes desse congresso. Começamos a namorar e temos planos de montar a nossa própria agência. Mas antes disso ele quer sair viajando pelo mundo. Segundo ele, trabalha duro para isso. Ele já me convidou para trabalhar na mesma agência que ele, diga-se de passagem, é muito boa também e ele achava que eu teria mais voz lá, mas não daria certo. Então somos concorrentes, o que pelo visto foi a melhor decisão.

Estou presa em um engarrafamento, olhando a chuva cair sem parar e o movimento rítmico do limpador do para-brisa girando de um lado para o outro, tentando enxergar melhor a noite escura e chuvosa. Pego o telefone para ligar para a minha irmã Katharine, fiquei de pegá-la no aeroporto, devido à chuva intensa irei me atrasar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha irmã é bem impaciente e é capaz de não esperar por mim. Já eu, sou a paciência em pessoa, quando se trata dela principalmente, Katy é a caçula e sempre foi minha prioridade, faço tudo por ela. Não somos parecidas nem fisicamente. Katy tem os cabelos castanhos claros e os meus são negros. Ela tem olhos cor de mel e eu, olhos escuros. A não ser o nariz arrebitado, ninguém diria que somos irmãs.

À minha frente o carro se move alguns poucos metros e o som da chamada ecoa dentro do carro através do viva-voz até cair. Ligo mais três vezes e nada.

Chego ao meu destino quase duas horas atrasada, mas não foi de tudo culpa minha e sim dessa tempestade que desabou sobre a cidade. Custava aquela teimosa ter atendido ao telefone?

Ando por todo lado no terminal sem encontrar a minha irmã. Pego o telefone mais uma vez e volto a ligar. No terceiro toque ela atende.

— Se escondendo de mim Katy?

— Desculpe, mas não é ela. Você é parente da dona do celular? Katy não é isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que está acontecendo? Cadê a minha irmã? — Sinto algo como um presságio apertar a minha garganta e não gosto nada desse sentimento ruim.

— Ela sofreu um acidente e está sendo levada para o hospital.

Fico com a respiração suspensa. De repente é como se eu estivesse sozinha em um labirinto escuro e frio aonde as paredes vão se fechando paulatinamente. Isso não pode estar acontecendo.

— Isso é uma brincadeira? De muito mau gosto por sinal. Me deixa falar com a minha irmã, agora.

— Não brincaria com uma coisa dessas, moça. Sua irmã realmente sofreu um acidente grave e está sendo levada para o hospital mais próximo.

— Onde? Como foi isso? — As minhas pernas tremem e o meu coração dispara, fico tonta e me controlar para não cair por causa das minhas pernas trêmulas. Encosto-me em uma pilastra para manter o meu corpo firme enquanto sinto gotas de suor cair sobre a minha têmpora.

PERIGOSAS ACHERON

— Foi próximo às mediações do Aeroporto. Um acidente com um caminhão desgovernado provocou um engavetamento. Ela está sendo levada junto com outras vítimas para o hospital de urgências de...

Termino de ouvir tudo quase em estado de choque. Saio correndo em rumo ao estacionamento quase derrubando as pessoas no meu caminho. Entro no carro, tento colocar a chave na ignição, minhas mãos estão trêmulas de nervoso deixando a chave cair no assoalho do carro. Respiro fundo para não surtar de vez. Pego a chave e volto a colocar na ignição, com certa dificuldade consigo ligar o carro.

— Calma Helena, você precisa se acalmar.

Se não tivesse me atrasado...

Percorro na velocidade máxima o caminho até o hospital e entro suando frio na emergência. Empurro as portas duplas e vou direto para a recepção para saber da minha irmã. Nem sei como cheguei ao hospital com vida, pois vim dirigindo completamente fora de mim como se estivesse no piloto automático. Por pouco não

causo outro acidente. Vim o caminho todo orando sem parar para que nada de grave tivesse acontecido com a Katy.

— Oi, preciso saber notícias da minha irmã. Ela foi trazida para cá por causa de um acidente de carro. O nome dela é Katharine Moreira Nunes e estava no engavetamento nas mediações do aeroporto.

— Você é parente da paciente?

— Acabei de dizer que sou irmã dela. — Suspiro fundo para me controlar e não gritar com a coitada da atendente. — Desculpe.

— Aguarde um momento que vou verificar.

Parece durar uma eternidade até ela me indicar o lugar para onde Katy foi levada. Minhas amigas e o Filipe chegaram para ficar ao meu lado. Um médico veio para conversar comigo, depois disso tudo os acontecimentos viram um borrão em minha mente. Não saberia dizer o que houve em seguida. Talvez alguém tenha me ajudado, segurando-me para permanecer de pé depois das palavras do médico, ou talvez eu tenha cambaleado e desmaiado em seguida. Não sei dizer o que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aconteceu ao certo.

O médico falou algo sobre uma convulsão na ambulância, depois uma parada respiratória e coma em grau cinco na escala de sei lá quem, pois não entendi nada dos termos médicos que ele dizia. Minha mente só capitou algo sobre as imagens da tomografia computadorizada, que indicavam a necessidade de uma cirurgia urgente.

— Helena, você precisa autorizar a cirurgia. — Filipe diz carinhosamente, segurando o meu rosto, eu apenas consigo afirmar com a cabeça.

...

Não sei quanto tempo se passou até o médico voltar do centro cirúrgico e me dar a notícia que minha irmã tinha sofrido morte cerebral, porém não podiam desligar os aparelhos sem a minha autorização, principalmente por causa da vida do bebê que já estava bem adiantado. Foi neste momento que deixei de ser uma múmia paralítica e voltei para a realidade.

— Bebê? Do que você está falando? — Encaro o médico esperando explicação.

PERIGOSAS ACHERON

Talvez não seja a Katy. Talvez ela esteja em casa e eu aqui sofrendo por uma semimorta que não é minha irmã. A Katy não estaria grávida, não é?

— Sua irmã está em uma gestação de 26 semanas. O bebê está ótimo, sem nenhum dano e...

— Isso não pode ser verdade, a minha irmã teria me contado se estivesse grávida, não estamos falando da mesma pessoa, certamente... — me vejo gritando como uma descontrolada, coisa que não sou.

— Helena, se controla. — Filipe aperta a minha mão e eu puxo da sua com brusquidão. Quem tem calma em um momento como esse?

— Você pode ir e verificar com os seus próprios olhos. Ela está na UTI sendo mantida por aparelhos.

— Quero ver a minha irmã.

Katy tinha me dito que estava namorando, mas recentemente terminou o relacionamento com o cara que segundo ela não valia nada. Durante uma conversa, ela aos prantos disse que o rapaz o qual não me recordo o nome a

traia, não dava o valor que ela merecia, por isso ela deu um fim na relação. Ela não mencionou uma gravidez, muito menos que havia voltado com o ex. De quem seria esse filho?

O médico passa a me explicar o que será feito dali por diante. Se eu concordar em manter a criança, a minha irmã continuará na UTI, entretanto terá que ser uma mais especial onde somente ela estará e será monitorada o tempo todo.

Eu ainda estou em choque quando entro no quarto para ver a minha irmã. A imagem fragilizada dela teve um impacto tremendo sobre mim, não pude controlar o desespero e gritei inconformada ao ver a minha irmã ali naquela cama. Das extremidades dela saíam fios de todo tipo. Ao soro estavam ligados vários saquinhos e bombas. O respirador automático zumbia de modo cadenciado enquanto bombeava oxigênio para dentro da mangueira ligada ao corpo de Katy. O bip ritmado do monitor cardíaco e os pontinhos na tela de forma constante era a única coisa que indicava que minha irmã estava viva.

Viva, não seria o termo correto a se referir a uma pessoa que não será mais capaz de

PERIGOSAS NACIONAIS

viver, que está em estado vegetativo.

Olhando para ela agora acredito que realmente aconteceu e não existe nada que possa ser feito. Não posso voltar atrás e sair mais cedo do trabalho, antes daquela tempestade começar. Dentro de mim cresce uma revolta muito grande e percebo que não posso reverter a situação, voltar no tempo e chegar na hora naquele terminal de desembarque. E tudo dentro de mim está se transformando em raiva. Raiva de mim por sempre priorizar o meu trabalho e ter me atrasado por causa dele. Raiva da Katy por ser tão intransigente e não ter esperado um pouco mais e ter saído naquela tempestade. Raiva do universo por nos colocar nessa situação.

Mesmo vendo a minha irmã desta maneira, praticamente morta, eu estou relutando em aceitar a verdade. Parece surreal que a minha irmã esteja nessa cama, mas ainda assim uma criança está viva dentro dela. Meu coração bate tão forte que chego a enxergar borões e desejar com todas as minhas forças que fosse eu no lugar dela. Um gemido abafado sai da minha garganta e se transforma em soluço.

PERIGOSAS ACHERON

Eu só tinha a ela e ela a mim. O que vou fazer da minha vida agora? Minha única família, a pessoa que eu mais amo. A minha menininha.

Aproximo-me do leito e seguro em sua mão sentindo que a partir deste momento minha vida vai mudar completamente. Apesar de tentar evitar olhar para a sua barriga, os meus olhos me traem e me pego encarando o local onde uma vida cresce. Uma vida que dependerá de mim a partir deste instante.



Capítulo 2

Alguns dias depois do dia fatídico no qual vi que não temos poder sobre nada, quando a certeza da impotência da humanidade sobre a morte ficou clara, estou um pouco mais conformada com a situação. Apenas um pouco, porque na verdade ainda existe um forte sentimento de revolta, impotência e uma esperança de que de repente a minha irmãzinha abra os seus olhos cor de mel que tanto achava bonito e eu possa enxergar o brilho da juventude cheia de sonhos mais uma vez. Sei que é loucura, que os médicos garantem que não irá acontecer, mas é instintivo. É do ser humano

esperar um milagre mesmo quando tudo está perdido. Mesmo eu sendo tão racional, o meu subconsciente espera uma intervenção divina. Eu imploro por isso toda noite quando me deito para tentar dormir, essa é a verdade.

Mas sei que não irá acontecer.

— Ah, minha irmã. — Seguro firme em sua mão fria e desfalecida. — Eu sei que não pode me ouvir, mas ainda assim preciso dizer muitas coisas para você. — Um nó costumeiro se aperta em minha garganta, indicando que em breve o pranto se romperá dos meus olhos. — Sempre estarei aqui para você. E agora para a sua bebê. Fiquei tão feliz em saber que é uma menina. Não sei por que, nem como, mas de alguma maneira penso que você está me escutando, estando ou não ainda neste corpo. Talvez seja o desespero típico das pessoas que perdem quem ama, elas querem de qualquer maneira se apegar a alguma chance de que ainda estejam ligadas de alguma forma. — Olho para a sua barriga. — Na verdade ainda estamos. Nem sei como gostaria que chamasse sua filha. Não tivemos tempo.

Uma lágrima cai sobre a minha face.

— Nem sabia que teria uma filha. Como pode me esconder isso Katharine? Está certo que agora não adianta lamentar, mas fiquei muito magoada com você. Pensei que éramos amigas. Eu só tenho você.

Sempre fomos apenas nós duas, desde que nossos pais morreram em um acidente de carro há dez anos. Talvez por isso doa tanto. Mais uma vez me vejo em uma situação de luto, de dor causada por um acidente de carro. Meus olhos saem do seu rosto cheio de hematomas e descem mais uma vez para a sua barriga já bem grande. Deixo a sua mão ao lado do seu corpo e coloco as minhas sobre ela. É um milagre que esse bebê tenha sobrevivido a um acidente tão violento, com tantas vítimas.

Katy me ligou na mesma manhã do acidente dizendo que viria para Salvador, um dos motivos do meu atraso em buscá-la, tinha uma reunião muito importante. Ela disse apenas que tinha uma surpresa para mim, que eu iria pirar, mas depois iria adorar. Como está no último semestre da faculdade, pensei que ela tinha conseguido um emprego bom na sua área. Ou qualquer coisa que

não envolvesse maternidade.

— Oi bebê, eu sou Helena, sua tia. Vinte e sete semanas de gestação, e eu nem sabia de sua existência. É uma surpresa e tanto. — Passo a mão levemente pela barriga de Katy, em seguida deixo-as descansando sobre ela. — Sei que você pode me ouvir, isso me anima sabia? Titia vai te amar muito, te dar amor e carinho. — Mais lágrimas brotam em meus olhos. Engulo em seco, minha voz embarga e sai tremida pela emoção. Quando essa dor vai diminuir? — Estou doida para ver o seu rostinho, saber se é tão bonita quanto a sua mãe. Assim que você estiver pronta vai vir direto para o meu colo. Prometo que farei de tudo para que seja a criança mais feliz do mundo. Vou sempre falar histórias sobre a sua mãe, contar como ela poderia ter sido maravilhosa para você. Prometo que vai ser feliz bebê.

O médico disse que com 13 semanas de gestação, o aparelho auditivo do bebê já está apto a perceber sons. Então, ela não apenas ouve a minha voz como capta outros ruídos externos. Disse que eu precisava conversar com ela para que reconhecesse a minha voz quando viesse ao mundo.

Precisamos estreitar um laço desde o ventre para que ela se sinta segura e amada. Começo a cantar uma música para ela bem próximo à barriga da Katy. Causa-me certo estranhamento no princípio, me sinto ridícula. Olho ao redor temendo que alguém ouça. Por sorte Katy está em um quarto isolado por causa do seu estado. O valor a ser pago por isso é alto, mas não tive dúvidas em pagar. A minha voz sai embargada enquanto canto uma canção que minha mãe costumava cantar para nós duas.

— Durma pequenina, durma lindo sol. Durma pedacinho do meu coração...

Depois da primeira música já não é mais tão estranho assim, já não estou tão constrangida e nem me sinto ridícula. Sinto um movimento sob as minhas mãos. Continuo cantando enquanto um sorriso se abre em meus lábios. Esse movimento prova que ela está viva. Que nada do que estou fazendo é em vão. Continuo a cantar e os chutes se intensificam, me fazendo ficar ainda mais animada. Ela gosta dessa canção.

— Você gosta dessa música meu amor, gosta? — Continuo falando enquanto a pequena

arteira se move sem parar. Até parece que está se comunicando comigo, chega a ser visível aos olhos os seus movimentos.

Como isso é possível? A mãe dela está praticamente morta enquanto uma vida se movimenta intensamente dentro dela.

— Vou te chamar de Valentina. Não existe outro nome mais perfeito do que esse para você, a não ser que te chame de Vitória. O que acha? — Ela se mexe mais. — Você é uma guerreira, uma menina valente, acho que Valentina vai combinar com você. Valentina. — Repito saboreando cada letra em meus lábios.

Depois de algum tempo uma enfermeira entra.

— Hora do banho dessa mamãe. — Ela diz com voz suave.

— Hoje não vou poder ajudar, tenho um compromisso.

— Tudo bem Helena, não é problema nenhum, posso chamar uma colega para me ajudar. — Ela diz sorrindo. — Você sabe que nem precisava fazer isso. Admiro tanto você por ser tão

dedicada assim, é inspirador.

Nas primeiras vezes elas sempre diziam que não precisava, mas eu gostava de ajudar nos cuidados, era minha irmã e eu me sentia muito melhor ajudando a cuidar dela. Despeço-me e saio do hospital. Mais tarde voltarei para ficar com ela.

...

Recebi a bolsa com os documentos dela no dia seguinte ao acidente. Nem tive coragem de abrir e olhar nada. Estou agora sentada no sofá da minha sala, olhando para a bolsa sobre as malas dela. Ainda sem coragem, pego a bolsa e abro. Começo a soluçar chorando. Olhando cada coisa dela, batons, chicletes, alguns remédios de gestantes. Pego o diário e não consigo mais. Guardo tudo de volta rapidamente. Ligo para a minha amiga Marcela que tem me dado muito apoio nesses dias difíceis.

— Eu achei um diário.

— Tem que ler e saber se ela diz alguma coisa sobre o pai do bebê, você precisa contar para ele em que situação sua irmã está, é a filha dele, ele precisa te ajudar.

— Eu não consigo. Não vou violar a privacidade dela. Não vou deixá-lo saber nunca sobre essa bebê. Marcela, eu vou cuidar dela. Não precisarei da ajuda dele.

— Vai mesmo deixar um pai ficar sem saber sobre a filha? O Filipe, ele concorda com isso?

— Nós brigamos. Você sabe, ele não concorda com nada disso e achamos melhor dar um tempo. E quanto ao pai, se ele vier procurar por elas tudo bem. Caso contrário, não irei procurar por ele.

A minha conversa leva um longo tempo, mas a Marcela me ajuda muito com os seus conselhos. Ajuda-me a não sentir tão sozinha.

Desde o acidente a minha vida se transformou em um completo caos. Quando disse para o Filipe que precisava pagar as despesas do hospital, ele não concordou e tivemos a nossa primeira discussão. Uma semana depois contei para ele que perdi a promoção que havia recebido, e para acabar com tudo tive que pedir licença do trabalho para resolver as coisas relacionadas à minha irmã. Estava trabalhando apenas meio

período e outra pessoa assumiu o meu lugar. As minhas horas no hospital com a minha irmã tomam tempo, mas é certo que isso vai piorar quando a Valentina nascer. Vou ter que me dedicar a ela por completo, então, estou pensando em fazer apenas serviços por fora, me desligando da empresa que trabalho. Mais uma coisa que o meu namorado ambicioso não concordou.

...

Valentina completou 28 semanas e hoje resolvi que precisava ter uma conversa com ele. A nossa relação desde que falei que iria assumir a criação da Valentina não está das melhores. Sem contar na falta de tempo. O que mais me dói é que se a minha falta de tempo fosse por conta do trabalho ele seria muito mais compreensivo. Sempre foi, quando eu precisava viajar e ficar dias fora ele nunca questionava. Muito menos quando ficava até altas horas da noite projetando alguma campanha.

Em uma de nossas discussões ele jogou na minha cara que eu estava abrindo mão da minha vida para cuidar de uma criança que nem sequer sabia se sobreviveria. Isso machucou muito e ainda

machuca. Muita insensibilidade e falta de empatia da parte dele. Estou indo agora para o apartamento dele para tentar conversar. Tomei consciência de que não poderia ficar 24 horas ao lado da minha irmã no hospital que já estava custando tudo que eu tinha, mas mais importante do que o dinheiro é a vida da minha sobrinha. Em parte, ele tem razão. Algo dentro de mim mudou quando soube que tinha um bebê que precisa de mim. Não temos mais família com quem contar. Minha mãe, assim como meu pai era filha única. Não temos contato com a nossa família de Belo Horizonte, e quando falei com uma tia do meu pai, a mesma que ficou comigo e Katy até eu ter idade, ela disse que seria dinheiro jogado fora. Valentina não viveria dessa maneira, é muito dinheiro para se gastar com o incerto. E se ela tivesse algum problema mental?

Tudo se resume a isso. Uma conta bancária gorda vale muito mais do que a vida de uma criança. Especial ou não ela é minha sobrinha, meu sangue, e eu vou até o inferno para protegê-la. Também fui acusada de egoísta, que eu deveria deixar a minha irmã morrer em paz e não mantê-la presa a uma cama sendo uma incubadora para uma criança que não tinha pai. Filipe me disse que eu

PERIGOSAS ACHERON

deveria procurar o pai biológico da Valentina, principalmente por conta das despesas. Mas se eu fizer isso ele vai levar de mim a única família que me resta. Uma parte da minha irmã. Eu não posso permitir isso. Nem sequer sei com quem ela andava saindo. Se ele estivesse mesmo preocupado com a filha já teria aparecido nesses quase dois meses que as duas estão no hospital. Eu cheguei a cogitar a possibilidade de procurar por ele, pois as despesas realmente estão altas, mas o medo de ficar sem ela falou mais alto.

Abro a porta e entro no apartamento do meu namorado. Faz dias que não apareço por aqui. Nossos horários não estão batendo muito. Ele anda trabalhando demais. Um dos motivos dele ter ficado com tanta raiva por eu ter aberto mão da promoção, não é todo dia que se consegue um cargo como o que eu consegui e tive que abrir mão.

— Lipe? — chamo o seu apelido e sigo para o interior do apartamento.

Ouço o barulho do chuveiro e entro no banheiro, já pensando que queria um banho também. Passei a tarde no hospital e precisava de um para relaxar, esquecer todas as dores e

problemas que venho enfrentando. Fico parada olhando a cena à minha frente. Filipe está envolto em uma nuvem de vapor por causa da água quente do chuveiro, ou do fogo que está irradiando dos dois corpos dentro dele, sua mão firme no vidro do box enquanto a outra mão segura os cabelos da mulher ajoelhada à sua frente. Fico sem reação na hora. Ele solta um gemido alto.

— Você é boa nisso gata. — Idiota. Traidor, desgraçado.

Levo a mão à boca reprimindo um grito, não consigo sair do lugar, ele vira a cabeça e seus olhos encontram os meus através do vidro embaçado do box.

— Helena? Merda... — saio do banheiro em direção à porta. O meu primeiro pensamento é correr, ir para bem longe daqui, mas paro na hora, no meio da sala. Cruzo os braços e engulo o choro, nunca fui covarde, sempre enfrentei tudo de frente e não seria agora que ia ser diferente. Não daria esse gosto a ele. Não mesmo. Espero para ver o que vai acontecer, seja lá o que for.

— Helena... não sabia que... deixa eu te explicar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Explicar o quê? Que você estava me traindo com... como é mesmo o nome da vadia?

— Não é bem assim. Não se trata de traição. — Ele diz se aproximando ainda com uma toalha enrolada na cintura e o corpo molhado. — Você terminou comigo, não lembra?

— Ah, foi? E quando foi isso? — Cruzo os braços. — Tivemos uma briga Filipe, e você nem esperou para que conversássemos direito...

— Helena, nossa relação não estava mais dando certo... você não quer as mesmas coisas que eu. Tem que concordar comigo que a culpa não foi minha. Você pediu um tempo.

— Claro que não foi, você é perfeito, a culpa foi inteira minha, não foi? — digo ironicamente.

— Helena, você não está tendo tempo para nós, sempre me deixando em segundo plano. E sexo então, nem lembro mais a última vez que transamos. Ainda vai ter esse bebê que vai chegar para atrapalhar os nossos planos. — Fico pasma com a sua colocação. — Eu te amo Helena, mas do jeito que estava...

PERIGOSAS ACHERON

Claro que sei que tenho certa parcela de culpa. Não vou deixar tudo por conta dele. Mas poxa, estamos juntos há dois anos.

— E você precisava arrumar outra, não é? Você é um insensível mesmo. Me deixa ir embora antes que... tchau Filipe.

— Eu sinto muito por você ter visto isso, mas... podemos voltar a ser o que éramos antes, basta você querer.

— Vai para o inferno.

— Me desculpa Helena.

Saio do apartamento com muita raiva. Não bastava perder a minha única irmã, o dinheiro que usei para pagar o hospital, agora perdi algo que julgava ser tão importante para mim. Não suporto mais tanta perda. Por que a vida está sendo tão dura comigo?



Capítulo 3

Uma expiração profunda sai dos meus lábios. Não estou mesmo conseguindo me concentrar no trabalho que havia me proposto a fazer para a agência que trabalhava antes e agora sou freelancer. Nada está dando certo, nenhuma inspiração e eu preciso de muita para terminar a campanha de cereal. Levanto e pego a bolsa para ir até o hospital. Lá eu me sentia melhor. Apesar do ambiente triste, eu consigo conversar com a minha sobrinha, me faz sentir mais útil e que tudo ficará bem. Ela é a minha esperança de um amanhã mais feliz.

Abro um sorriso.

Já sinto que a amo tanto. Quando chego ao hospital não encontro ninguém no leito da UTI a não ser o corpo da minha irmã ligado aos aparelhos de sempre, geralmente fica uma enfermeira ao lado dela quando não estou aqui. Passo a mão em sua cabeça lembrando como seus cabelos castanhos claro eram lindos, deixo um beijo em sua testa. Sento-me na cadeira de sempre e começo a conversar com a minha sobrinha.

Cada minuto que passa, cada avanço que conseguimos, cada resposta é uma vitória, essa gravidez está sendo monitorada 24 horas por dia e comemorada até nas pequenas coisas por mim e pelos médicos, enfermeiros, nutricionistas, fisioterapeutas e outros profissionais que trabalham juntos. Apenas eles estão do meu lado, me apoiando e dizendo que tudo dará certo. Segundo o Filipe é claro que eles dizem isso, estou pagando uma fortuna para manter o coração da Katy batendo. Acabei me tornando amiga de todos no hospital, da recepcionista até o pessoal da limpeza.

Nessas 12 semanas houve complicações, questões infecciosas diagnosticadas precocemente e

que foram tratadas pelos médicos que cuidam dela, mostrando os excelentes profissionais que são. Tenho muito medo de alguma coisa dar errada. Mas nunca desisti de ter a minha sobrinha em meus braços. Todos dizem que é impossível, mas eu insisto para salvarem a criança. Eu lhes disse que preciso tentar. Quero a minha sobrinha a qualquer custo. Mas não imaginava que passaria por tanta coisa, tantas perdas e a sensação de estar sozinha no mundo. Às vezes eu tenho medo de entrar em depressão, de ser empurrada para baixo até não conseguir me levantar. Então eu me lembro do bebê que precisará de amor, carinho, atenção e de cuidados quando chegar. Levanto a minha cabeça e sigo em frente. Tudo por amor a ela.

Não imaginava que seria tão doloroso.

— Oi meu amor, titia tem uma notícia para você. Os médicos disseram que você já pode vir ao mundo. Falta uma semana para você estar nos braços da titia. Pode imaginar isso? — Aliso a barriga, depois deixo a minha mão descansar em cima dela. — Não vejo a hora de poder te dar um abraço apertado. De ouvir o seu chorinho. — Os meus olhos se enchem de lágrimas. — Eu te amo

muito pequenina.

Começo a cantar uma das canções que aprendi só por causa dela. Engraçado que nunca soube nenhuma, mas desde que decidi ficar com a Valentina passei a escutar todas elas. Fiz uma seleção das que me agradou mais e então aprendi todas. De repente o monitor cardíaco começa a apitar mais alto e acelerado. Levanto-me assustada no mesmo instante em que uma enfermeira entra no quarto apressada e logo em seguida uma médica e mais outra enfermeira.

— O que está acontecendo? — pergunto, assustada com o coração disparado, confusa com toda movimentação ao redor.

— Vamos verificar, melhor você sair Helena. Espera lá fora que daremos notícias assim que...

— Não, vou ficar — digo me afastando para dar espaço para a enfermeira verificar os aparelhos.

Uma das enfermeiras entra e pendura uma bolsa de sangue e outra procura mais uma veia para colocar enquanto um médico verifica a minha irmã.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A pressão sanguínea caiu. Vamos levá-la ao centro cirúrgico para uma cesariana. — Alguém gritou.

— Mas como? Ela estava bem, o que aconteceu? — questionei praticamente gritando.

— Ela vem apresentando oscilações há alguns dias, agora acabou de entrar em choque. Se não intervirmos agora não haverá mais tempo. — A médica da UTI falou. — Avisem ao centro cirúrgico que estamos a caminho.

Aproximei-me da minha irmã com lágrimas nos olhos e lhe beijei a testa.

— Katy, por favor, por sua filha, agente só mais um pouquinho.

— Vamos, precisamos levá-la para o centro cirúrgico! — Uma das enfermeiras me puxou pelo braço em direção à parede.

— Está tudo bem com a bebê? — questiono olhando para ela tentando ver através da sua expressão se tinha algo errado.

— Os batimentos caíram, mas não sabemos se será necessária uma reanimação cardiorrespiratória. Saberemos assim que

PERIGOSAS ACHERON

estivermos no centro cirúrgico. — O médico respondeu.

— Posso participar do parto? — pergunto seguindo os enfermeiros que carregavam muito rapidamente a maca pelo longo corredor.

— Helena, é melhor não.

— Ah, por que não? Já estava tudo certo para...

— Sua irmã morrerá em poucas horas no centro cirúrgico, sua sobrinha pode não resistir, está preparada para isso?

Não digo nada chocada com a verdade jogada na minha cara. Eu sei que isso iria acontecer, mas no fundo não me preparei para esse momento. Não estava preparada para dizer adeus.

Ninguém estaria.

— Eu quero — digo já na entrada do centro cirúrgico.

— A escolha é sua Helena, leve-a para se preparar — disse o médico para uma das enfermeiras antes de entrar no centro cirúrgico.

Menos de um minuto depois, vestida em uma longa bata azul, entro pela porta dupla em

PERIGOSAS ACHERON

direção à sala de cirurgia. Paro alguns minutos na porta para colocar a máscara cirúrgica, o gorro e as sapatilhas.

Entro na sala a tempo de ver o anestesista tirar a camisola hospitalar de Katharine e pôr fios condutores no peito desnudo, em seguida cobriram com uma porção de panos esterilizados.

O monitor cardíaco deu o alarme e um dos médicos grita:

— A paciente está apresentando muitas contrações ventriculares prematuras e movimentos cardíacos anormais.

— Lidocaína, uma ampola de bicarbonato. — Alguém grita e eu olho para cada um deles assustada.

— A equipe de terapia intensiva neonatal ainda não chegou? Precisamos de um neonatologista, mais uma enfermeira e um especialista respiratório urgente ou não teremos chance de salvar o bebê.

— Já estão a caminho.

Eu não consigo distinguir quem fala. Ou o que estavam falando, algumas palavras se

perdiam dentro da minha mente. É como se eu não estivesse presente na sala. Meu corpo um pouco fora de mim.

— Como está a frequência cardíaca do bebê? — pergunta um dos médicos chamando minha atenção para ele.

Eu tinha a sensação que iria desmaiar a qualquer momento.

— Está regular.

Isto é um bom sinal, não é?

A equipe neonatal entra na sala, me posicionei ao lado da minha irmã sem prestar mais atenção ao que falavam ou ao que faziam, apesar de que durante esse tempo em que fiquei com ela no hospital me familiarizei com muitos dos termos médicos usados por eles, neste momento nada me importava mais, apenas que esse era o último momento com ela. Olhei seu rosto outrora tão lindo agora desfalecido, pálido e um pouco inchado por conta dos medicamentos.

— Sucção. Preciso de mais sucção. — Alguém grita. — Tem muito líquido ainda.

— Oi, Katy, estão tirando a sua

bebezinha, prometo que vou cuidar e proteger a sua filha com a minha própria vida. — Uma lágrima minha cai sobre o rosto dela, escorrega pela sua bochecha e eu passo o dedo para secar. — Tudo que eu queria era que isso não passasse de um pesadelo, de um sonho ruim e você abrisse os olhos e sorrisse para mim, minha irmã. Queria acordar e sair correndo para encontrar você. Eu te abraçaria forte e nunca mais deixaria você ir para longe de mim. Eu te amo irmã, sempre vou te carregar dentro do meu coração e honrar a sua memória. Haja o que houver, cuidarei dela, com a minha própria vida.

Levanto a cabeça a tempo de ver a equipe neonatal colocando a Valentina na incubadora e os três a rodearem trabalhando habilmente.

— Por favor, meu Deus, não permita que nada aconteça com a bebê. Por favor. — Começo a clamar, meu coração contrito e ao mesmo tempo esperançoso. Volto a olhar para a minha irmã, e como se ela pudesse ouvir continuo a falar. Passo a mão em seus cabelos cobertos pela touca azul. Faço o contorno do seu rosto. — Será que ela vai parecer

com você? Se for vai ser a criança mais linda do mundo. Você sempre foi tão linda...

Um grito sonoro de um bebê ecoa por toda a sala fazendo o meu coração disparar e ganhando a atenção dos meus olhos. O sinal de que uma vida havia acabado de chegar ao mundo.

— Ai Deus. — Olho para a minha irmã na dúvida se vou até a minha sobrinha ou se fico mais um pouco ao seu lado.

— Hora da morte, dezenove e vinte. — Com voz baixa e seu olhar penoso grudado em mim, a obstetra disse as palavras que me fizeram desfalecer e sentar na cadeira que havia sido posta para mim, com pernas bambas e em um pranto doloroso de certeza de que agora ela realmente se fora, eu deixo meu corpo sacudir pelo pranto.

Neste momento abaixo a cabeça e passo a soluçar com a constatação de que nunca mais verei minha irmã. Tudo que passa pela minha cabeça neste momento são flashes de quando éramos crianças.

— *Promete que nunca vai me*

abandonar? — Ela disse quando ainda era apenas uma garotinha e nossos pais tinham morrido e eu a colocava para dormir.

— Cuidarei de você bebê, mesmo que não saiba cuidar nem de mim. — Eu só tinha 14 anos quando fiz essa promessa. — Com a minha própria vida.

Uma mão calorosa toca no meu ombro e levanto a minha cabeça com o rosto banhado de lágrimas de desespero, dor e tristeza. Então um pacotinho é estendido em minha direção e vejo um rostinho tão pequeno que mal cabe na palma da minha mão. Ela está vermelhinha, abre e fecha a boca movimentando os bracinhos magros sem parar, mas ainda assim é tão linda. Pego a pequena no colo e um flash vem na minha mente novamente.

— Bebês têm cara de joelho, nunca vi um bebê que nascesse bonito — disse Katy em certa ocasião quando fomos visitar um recém-nascido. — Nem vou olhar na cara do meu se um dia tiver um. Tenho certeza de que vai
PERIGOSAS ACHERON

parecer um ratinho e vou sentir é pena dele.

— Credo Katy, bebês são lindos, você que é uma boba de pensar assim. — Eu disse. — Quando eu tiver um bebê ele vai ter cara de joelho, e você ainda vai achar a coisa mais linda do mundo e ser uma tia babona.

— Oi Valentina, você é a coisa mais linda do mundo... vou cuidar e proteger você, com a minha própria vida.

Seguro o fiapinho de vida contra o meu peito e penso que meu coração vai explodir, enquanto sou envolvida por uma onda gigante de amor. Olho mais uma vez para a minha sobrinha. Apenas alguns minutos de vida, tão frágil, tão vulnerável, tão dependente de mim a partir daqui. Eu tomarei conta dessa criança sozinha.

— Ela vai para a UTI por um tempo, mas estávamos esperando por isso. Não é mesmo? Ela tem que ir agora, Helena.

Deixo um beijo em sua testa e ela é retirada dos meus braços em seguida para ser levada para a UTI neonatal onde provavelmente

ficará por um longo tempo. Meus olhos seguem-na pelo caminho até a incubadora e depois para fora do centro cirúrgico.

— Quer se despedir da sua irmã? —
Uma voz suave se dirige a mim.

— Não, acho que já o fiz suficiente.

— Helena, pode se arrepender depois, é necessário que passe por essa etapa. É importante para o processo do luto.

Balanço a cabeça afirmando, me levanto e vou até a minha irmã desfalecida. Levo minha mão até seu rosto em uma carícia. Deixo um soluço sair.

— Descanse em paz minha irmã. Cuidarei dela para você, com a minha própria vida. Eu prometo.

...

No meio da tarde, o tempo estava ficando nublado e havia chegado a hora. Sentada no banco da igreja onde estava acontecendo o funeral da minha irmã, eu estava arrasada, me sentindo como simples protagonista de mim mesma. Apenas acenava com a cabeça para as pessoas que me dava

os pêsames, respondia mecanicamente algumas perguntas e capturava lágrimas furtivas que caíam dos meus olhos. Valentina já tinha saído da UTI neonatal e receberá alta em poucos dias. O que me deixa um pouco mais feliz, não suportava mais ficar naquele hospital.

Já no cemitério olhei para cima e vi nuvens pesadas que se moviam no céu, transformando-se em imagens tenebrosas. Imagens nebulosas assim como estava minha mente neste momento. Triste, escura, sem vida. Coração contuso, inconformado com a morte de uma pessoa tão jovem que deixou uma criança no mundo para ser cuidada.

Será que vou conseguir?

Olhei mais uma vez para o rosto da minha irmã antes de fechar o caixão odiando o que havia acontecido a ela e amaldiçoando a mim mesma por não ter chegado antes dela pegar um táxi e sair naquela tempestade.

Se eu não tivesse me atrasado...

Percebi que falei em voz alta quando a mão do Filipe pousou em meu ombro e sua voz soou condescendente como se estivesse lendo meus

PERIGOSAS ACHERON

pensamentos. Ou talvez eu tenha dito realmente isso em voz alta o suficiente para despertar ainda mais o sentimento de pena por minha trágica perda.

— Não foi culpa sua.

O destino nos prega peças e de toda maneira no fundo eu sabia que não era culpada, mas não conseguia deixar de me sentir assim. Nem mesmo com relação ao próprio Filipe. Sabia que havia estragado o nosso namoro quando fiz tudo exatamente ao contrário do que deveria ter feito para manter a boa relação que tínhamos, mas ainda assim eu o odiava com todas as minhas forças por ter me traído daquela maneira, mesmo ele alegando que não foi traição, uma vez que não estávamos juntos, e nem todo apoio que ele estava me dando era suficiente para amenizar o sentimento negativo. Não adiantava nada todo o esforço da parte dele, eu não o perdoaria. Nunca.

Eu estava apática, nem me dei ao trabalho de tirar sua mão do meu ombro, muito menos de dizer o que precisava ser dito. Ele e eu éramos as únicas pessoas que ficaram para assistir ao caixão sendo abaixado para a sepultura recém-aberta. Ele havia cuidado de tudo com relação ao

velório, tinha avisado às pessoas sobre a morte da Katy e dispensado alguns repórteres que gostariam de fazer uma matéria sobre a história da minha irmã que depois de um acidente ficou três meses em coma e trouxe uma criança ao mundo.

Abaixei-me e sem ligar para o fato de que ficaria toda suja, peguei um punhado de terra molhada pela chuva sentindo uma lágrima furtiva descer sobre a minha face. Apertei a terra contra a minha mão trêmula com toda força, até sentir machucar por algumas pedras antes de jogar sobre a tampa bonita de madeira. Engraçado como o desenho talhado sobre ele é bonito, bem feito, assim como era a Katy, uma coisa tão bela e será escondida sob a terra. A diferença entre os dois objetos mortos é que um ficará da mesma forma, enquanto o outro não... suspiro fundo sem querer concluir o pensamento que machucava feito uma navalha. Depois que a primeira pá de terra foi jogada sobre o caixão, recostei minha cabeça no peito do Filipe sem derramar mais nenhuma lágrima. Já havia chorado um oceano, por isso não existiam mais gotas para cair, apenas as de chuva que começaram a se derramar das tais nuvens tenebrosas neste momento fúnebre, como se

PERIGOSAS ACHERON

soubessem que eu não possuía mais lágrimas para derramar e estavam fazendo isso por mim. Obrigada céu por sua inesperada condescendência.

Estava com dificuldade de acreditar que isso realmente aconteceu. Eu deveria estar pronta, foram meses sabendo que essa hora chegaria, meses preparando o meu coração, o meu espírito para este momento, para o instante do adeus que inevitavelmente chegaria, mas ainda assim a dor é intensa e estou com uma imensa dificuldade em lidar com a expectativa de não ter mais a minha irmã. Mesmo que fosse em uma cama, quando ela estava no hospital eu sentia a sua presença, mesmo que não estivesse de fato lá, mesmo que fosse apenas um corpo e sua alma já tivesse sido levada para algum lugar, eu conversava com ela mesmo que não fosse me responder. Eu podia segurar sua mão, beijar sua face, acariciar seus cabelos e ouvir seu coração bater. Isso é egoísmo eu sei, entretanto não consigo não sentir, não posso deixar de sentir que para mim seria melhor ter minha irmã em uma cama como um vegetal do que não ter nada dela. Eu cuidaria dela com todo amor. Dedicaria cada momento se fosse possível. Antes, ao menos ela estava lá me ouvindo enquanto eu falava, enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me lembrava da nossa infância. Isso dói demais. No fundo todo esse tempo eu não me preparei para o adeus. Eu não queria. Mas a morte é cruel e quis me mostrar que ela é mais poderosa do que a minha vontade.

— Adeus Katy. Estará sempre em meu coração.

Os meus amigos reagiram como bons amigos que sempre foram, prepararam o quarto da Valentina no meu apartamento, mesmo sabendo que em breve eu teria que desocupá-lo para entregar ao novo dono, teria que me mudar para um lugar menor onde eu conseguiria pagar o aluguel, pois tive que vender o meu apartamento com valor abaixo do mercado para obter um dinheiro rápido. Fizeram um jantar para me esperar mesmo sabendo que eu não comeria naquela noite. Marcela junto com a Carla me ajudou no banho, insistiu para que eu comesse, mas eu quis apenas deitar. Nesta noite, mesmo com uma sensação de impotência, melancolia, culpa e desesperança, mesmo querendo ficar sozinha com a minha necessidade de introspecção, eu dormi como há tempos não havia feito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 4

Eu não sou capaz de parar de olhá-la e não consigo acreditar que com apenas seis meses ela estava deste tamanho. Valentina é enorme e perfeita. Inclinei-me para estudar seus traços. Ela tem o nariz arrebitado como o meu e da sua mãe, cílios longos da mesma cor do seu cabelo escuro. Uma boca desenhada perfeita que não é muito parecida com a da Katy que era pequena em forma de coração e com algo que parecia um furo no lábio inferior, presumo que seja como o pai, lábios largos e um pequeno V no lábio superior mais fino do que o inferior, assim como os olhos verde jade.

— Mam, mam — balbuciou a palavra que a Marcela vem tentando ensinar para ela contra a minha vontade, mesmo eu dizendo que não é para fazer isso, ela não me dá ouvidos e tenta por tudo fazer a minha sobrinha me chamar de mãe. Ela é muito esperta e já está querendo falar as primeiras palavras, e esse som sendo um dos mais fáceis para ela, claro que vai reproduzir.

Lágrimas aparentemente infindáveis borram a sua imagem diante dos meus olhos e eu as deixei rolar sem constrangimento, pois fazia tempo que não tinha mais lágrimas para chorar. Eu a amo como uma filha, mas não quero tomar o lugar da Katharine na vida dela.

Lembro-me da primeira visita na UTI neonatal, dia em que derramei as últimas lágrimas que eram tanto de tristeza quanto de alegria. Ver aquele tanto de bebê foi aterrorizante. Quando cheguei à incubadora que a Valentina estava, cai ainda mais de amores por aquele pacotinho todo vermelhinho. Ela era tão branquinha que dava para ver as pequenas veias do seu corpinho. Mesmo com o inchaço que é normal em recém-nascido, já dava para ver o narizinho petulante que herdou tanto de

PERIGOSAS NACIONAIS

mim quanto da mãe dela. Sem falar na vasta cabeleira escura que tinha na cabeça. Seu rostinho até desaparecia no meio deles.

— Titia, eu sou sua tia — digo com a voz embargada. Talvez seja apenas um balbucio qualquer, mas ela sorriu e acariciou meu rosto como sempre fazia antes de fechar os olhinhos e dormir com um sorriso no rosto. Voltei a cantar a canção que ela mais gostava e ela caiu em um sono profundo.

Levanto-me para terminar o trabalho que precisava entregar em dois dias para a antiga agência que trabalhava pois agora faço apenas serviços por fora. Precisava voltar a trabalhar, por isso arrumei uma creche para a Valentina, mas na primeira semana tive que desistir, pois ela pegou uma virose, perdeu muito peso e ficou dois dias internada por conta disso. Então achei melhor por hora ficar com ela em casa e ir me virando com o serviço terceirizado que fazia para a agência. Ainda bem que ela dorme muito, é uma dorminhoca de primeira. Tenho uma proposta de emprego e estou à procura de uma pessoa que fique com ela em casa. Mas está bem difícil, além de muito caro.

PERIGOSAS ACHERON

Deito para dormir lembrando-me de alguém que conheci há alguns dias em uma das raras vezes em que sai com os amigos depois de muito tempo só trabalhando e agora cuidando da Valentina. Ele era lindo, cabelos castanhos, sorriso enigmático, uma voz que deixa qualquer mulher sonhando em ouvir sacanagem ao pé do ouvido, sem falar naqueles olhos que te hipnotizam e parecem enxergar através de suas roupas. Mas não posso me envolver com ninguém, mesmo que seja um turista que não iria ver tão cedo. Não sou desse tipo desprendido que aceitaria uma noite de prazer, mesmo que esteja há meses sem sexo. Entretanto, seus olhos me chamaram muita atenção. Talvez por ser de um verde muito escuro e brilhante. Eu o beijei, foi incrível e queria muito não ter todas as amarras com pudores e achar que para ter sexo tem que ter ao menos um pouco de sentimento. Eu gostei daquele beijo, mas ele não pode mudar quem eu sou. Nem sei por que estou me lembrando desse cara. Deve ser carência mesmo.

— Mas bem que podia mudar um pouco não é senhorita certinha? — digo a mim mesma deitando ao lado da minha pequena para dormir. Ela abre um sorriso ao ouvir a minha voz.

...

O dia amanhece e acordo com o choro faminto da Valentina, corro para fazer a sua mamadeira. Depois de mamar ela abre um sorriso lindo olhando-me com carinho.

— Agora está toda sorriso não é, sua escandalosa? Titia te ama. — Beijo a sua testa e coloco-a no carrinho para me arrumar para uma entrevista. Uma vizinha vai ficar tomando conta dela para mim até eu voltar. A minha sorte é que ela é um bebê muito cativante, calmo e que está sempre de bem com a vida fazendo com que as pessoas sintam prazer em tomar conta dela.

...

A entrevista foi ótima, o salário é bom e vai dar para pagar uma babá, o aluguel e algumas despesas. Não vai me sobrar muito, mas é o que tem no momento. Quando a coisa apertou mesmo e não tinha mais o que fazer, eu tentei recorrer à conta que tinha com a minha falecida irmã e descobri que ela havia gastado tudo. Dos cinquenta mil reais que tinha nela não havia nada. Dinheiro que eu depositava para conseguir montar a minha própria agência. Claro que teria que fazer um

financiamento, mas isso seria outra história. No extrato tinha pagamentos do cartão de crédito que não era o que eu tinha dado a ela, transferências para a conta de um homem que vergonhosamente pensei ser o pai da Valentina. Eu nem queria pensar com o quê a minha irmã gastou todo o dinheiro e nem como. Por isso resolvi deixar para lá. Não tinha mais dinheiro, ela estava morta e fim.

Não, não era fim. Tinha uma dívida enorme em nome dela, dívida essa que tive que pagar, pois eu era a fiadora, mesmo ela estando morta e minha assinatura tivesse sido falsificada. Ah Katharine, o que você andou aprontando? Ela tinha ido ao nosso banco quando veio a Salvador da última vez, falou com o gerente e um dia depois voltou com a minha assinatura. Por que não me disse que precisava de grana? Mas como se nem que estava esperando um bebê ela me contou?

Eu poderia aceitar a proposta do Filipe de trabalhar com ele, mas sei que logo viriam as cobranças quando precisasse me ausentar para levar a Valentina ao médico ou coisa parecida. Quando não pudesse ficar fora do horário para as reuniões. Além do mais, o que ele quer é uma reaproximação

e isso não estou disposta a dar. Nunca. Chego em casa a tempo de conversar com a garota que vai cuidar da Valentina. Uma vizinha me indicou e gostei dela. Tem 23 anos, estuda Enfermagem, é responsável, precisa do emprego e a minha sobrinha parece ter se dado muito bem com ela. Se bem que a Valentina cativa a todos com o seu sorriso meigo e as suas brincadeiras próprias de bebê fofinho.

— Você pode começar que dia? — Ela sorri.

— Amanhã mesmo se quiser, assim a menina vai se acostumando comigo.

— Acho uma ótima ideia. — Pego a Valentina no colo. — Estamos indo dar uma volta na praça, gostaria de vir?

— Claro, de lá já pego o ônibus e vou para a faculdade.

Ficamos um pouco na praça sentadas sob a sombra de uma árvore enquanto a minha pequena brinca sobre o pano que coloquei na grama para ela. Conversamos mais um pouco e logo a Janaína foi embora, pois tinha faculdade no período noturno. Volto para casa já um pouco cansada do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dia longo. Dou um banho na Valentina e ela cai no sono depois de comer a papinha. Aproveito para tomar um banho. Quando saio do chuveiro a campainha toca.

— Lipe? — Abro a porta para que ele entre. Em suas mãos há várias sacolas de supermercado.

— Pensei em fazermos um jantar, o que acha? — Ele levanta as sacolas.

— Desde quando você cozinha? — pergunto cruzando os braços.

— Não cozinho nada, você sabe, mas posso ser seu ajudante. — Ele faz uma cara de cachorrinho perdido. Ele é um homem muito atraente, além de bonito. Alto, pele bronzeada, olhos castanhos. Não é o tipo musculoso, apesar de dedicar-se muito à academia. Já deveria ter arrumado uma namorada. É claro que ele sai com várias mulheres, mas segundo ele, está me esperando para reatarmos o nosso relacionamento.

— Estou cansada, e... ok. Preciso comer também. — Pego algumas sacolas e seguimos para a cozinha americana que divide espaço com a sala pequena.

PERIGOSAS ACHERON

Desde que vendi o apartamento enorme que morava aluguei um muito pequeno com apenas um quarto, sala e cozinha americana, não poderia nem ser chamado de apartamento, acho que flat ou quitinete seria mais condizente.

— Nossa, assim você me magoa, acho que mereço mais do que esse tratamento, Helena.

— Vamos ver o que temos aqui. — Desconverso. — Você tem é sorte de eu ser sua amiga e não te escorraçar daqui.

— Estava com saudades de comer *macarrão a carbonara* que só você faz da maneira que gosto. — Pego uma panela para colocar água para ferver. — Existem muitas coisas que só você faz como ninguém.

— Filipe, não começa — digo indo em direção à geladeira para guardar o vinho que ele trouxe. Ele pega a minha cintura, me encosta na bancada que faz divisa com a sala.

— Você não sente falta? — Beija o meu pescoço.

— Não — digo seca.

— Eu sinto sua falta demais. — Passa a

sua barba por fazer em meu pescoço, me causando arrepio involuntário. — Eu sei que sente também.

— Se você continuar a insistir vou te colocar para fora.

— Não vai me perdoar nunca, não é? — Seus olhos procuram os meus.

— Já te perdoei, ou você não estaria aqui. — Passo a mão em seu rosto bonito. Ele fecha os olhos. — Mas isso não significa que vamos voltar, além do mais não posso ser a pessoa que você precisa, tomamos rumos diferentes na vida. E admita que outra em meu lugar nem estaria de conversa com você agora.

— Posso me adequar à sua vida, já te disse isso.

— Não pode, não. E nem eu quero isso. Acabou Filipe, não...

Ele não me deixa terminar e beija a minha boca. Seu beijo é muito bom. O que tem demais nisso? É bom, mas o beijo que recebi outro dia de um desconhecido foi fantástico, me causou outro tipo de sensação e minha mente me levou exatamente para a textura daqueles lábios que não

PERIGOSAS NACIONAIS

saem da minha cabeça. Ele se afasta e me olha nos olhos.

— Me dá mais uma chance, Helena.

— Preciso cortar a *panceta*, estou morta de fome. — Me afasto dele sem responder, reprimindo a vontade de bater nele, de jogar na sua cara que ele havia acabado com o que tínhamos e eu nunca seria capaz de perdoar. Mas pelo sorriso que vejo em seu rosto com certeza ele entendeu errado o que acabou de acontecer.

— E então, me conta as novidades.

— Arrumei um emprego. Graças a Deus terei como pagar o que me emprestou para o aluguel mês passado.

— Não precisa, já te disse. Fico feliz por você, mas acho que deveria aceitar a minha proposta.

— Qual delas? — pergunto jogando a carne na panela para fritar.

— Você trabalhar comigo. Ir morar no meu apartamento e parar de pagar aluguel, qualquer uma delas já me deixaria satisfeito. — Levanto a sobancelha. — Um pouco satisfeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Contratei uma pessoa para ficar com a Valentina, gostei dela — digo fugindo mais uma vez do assunto.

— Você está mestre em se esquivar dos assuntos.

— E você em insistir nos que não tem fundamento — digo ríspida.

— Tudo bem, não vou mais falar nada disso, mas também não vou desistir de você.

— Deveria.

Jantamos antes da Valentina acordar querendo toda atenção. Filipe ficou mais um pouco e até brincou com ela em seu colo. Um tempo depois foi embora, mas estava na cara que queria ficar, só estava esperando um convite mesmo eu deixando claro que nunca aconteceria. Não sou mulher de esquecer o que vi no banheiro da casa dele. Eu estava em um momento de fragilidade, precisando de apoio, esse é o motivo maior. Apesar de que depois da morte da Katy ele me apoiou muito, me ajudou e ficou ao meu lado, mas não anula o cretino que ele foi quando ela estava no hospital.

PERIGOSAS ACHERON

Fico até mais tarde para terminar o projeto que tenho que entregar amanhã cedo.

...

Acordo com o som da campainha tocando e abro a porta agradecendo aos céus a minha sobrinha não ter acordado antes da nova babá chegar. Deve ser ela a essa hora da manhã.

— Senhorita Helena Moreira Nunes? —
Um homem vestindo formalmente inquires.

— Sou eu.

— Sou Oficial de Justiça. Assine aqui, por favor. — Estende um papel para mim.

— O que é isto?

— Uma intimação, senhorita. — O oficial diz me entregando um papel.

— Não entendo. Intimação de quê? —
Pego com mãos trêmulas.

—Requerimento de guarda. — Depois de assinar entrego a caneta para ele pasma.

Minhas pernas falham com o entendimento do significado do papel que acabei de assinar. Ele havia nos encontrado, agora queria a

PERIGOSAS NACIONAIS

filha.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 5

— Helena, como já disse é uma causa perdida. — Pabline é uma amiga advogada à qual recorri para pedir ajuda.

Assim que o oficial saiu da minha casa e a nova babá chegou eu vim à sua procura em total desespero. Entreguei a intimação para ela que através do número que vem logo abaixo de onde assinei ela pode acessar todo o processo. Depois de ler todo ele, ela me deu esse veredicto.

— Como causa perdida? Pabline tem que ter um jeito. Isso não é justo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É a lei, por que você acha que seria justo? Só dele ser o pai, já é 95% de chance de você perder amiga. Você pode até contratar um especialista na área, mas...

— Um especialista? E como vou pagar por isso?

— Pois é, infelizmente mesmo você pagando o melhor especialista na área, no máximo o que vai conseguir é a guarda compartilhada. Como disse, ele é o pai, basta um teste de DNA e uma situação melhor que a sua e ele leva a filha para onde quiser.

— Isso é uma injustiça! — digo me levantando revoltada. — Onde estava esse homem quando minha irmã estava em coma e a filha dele precisou de cuidados? Em? Ou por que a minha irmã retirou todo o dinheiro da conta e fez um empréstimo altíssimo? E se foi para ele?

— Ele alega que sua irmã desapareceu e só agora ele conseguiu encontrar a filha. No processo diz que ele desconhecia a existência da irmã tal qual o local que você residia. Eu sinto muito. Mas esse homem que o processo descreve não precisa do dinheiro que sua irmã retirou.

PERIGOSAS ACHERON

Uma história sem pé nem cabeça, é claro que esse homem está mentido para conseguir levar a menina de mim. Claro que ele deve ter alguma coisa a ver com o limpa que ela fez em nossa conta. Se bem que alguns gastos foram esporádicos. E depois que fui analisar tinha até uma compra em uma loja de roupa íntima caríssima, que custou cinco mil reais. Muita coisa passa pela minha cabeça. Quem ele é? Qual o tipo de relacionamento ele tinha com a minha irmã? Por que ela fugiu dele? Por que depois de tanto tempo ele resolveu procurar a filha?

— Droga. — Começo a chorar. — Ela é tudo que eu tenho. Ele não pode tirá-la de mim.

— Olha, vocês podem entrar em um acordo, você pode ver a Valentina quando quiser. Pode tentar uma guarda compartilhada...

— E vou ter que ir a São Paulo para isso? Me diz como? — Começo a andar de um lado para o outro.

— Helena, olha, talvez isso seja até bom, você vai voltar a ter a sua vida de volta. Você precisa dela, a menina é filha dele e não sua...

— Não acredito! — digo pegando a

PERIGOSAS ACHERON

minha bolsa que está sobre a cadeira. — Até você com isso? Eu amo aquela bebê e ela é a única família que eu tenho. EU preciso dela.

— Sinto muito Helena, mas não tem muito o que fazer, apenas aguardar a audiência. Posso ir com você sem cobrar nada, mas não vai ser fácil.

— Obrigada, preciso ir. — Me aproximo dela e beijo seu rosto.

— Estarei aqui para o que precisar. E não se esqueça de você tem muito a seu favor e nunca vai deixar de ser a mãe dela. Porque você é bem mais do que uma tia.

— Obrigada. — Vou para sair e volto — E se eu fugisse com ela? Desaparecesse no mundo sem deixar rastros?

— Você não faria isso, além do mais poderia ser acusada de sequestro entre outras complicações. Fugir não será a melhor saída.

Saiu do escritório com um gosto amargo na garganta. O coração apertado e uma tristeza profunda. Deve ter algum jeito de ficar com a minha sobrinha. Sento-me em frente à praia, retiro

PERIGOSAS NACIONAIS

as minhas sandálias e deixo os meus pés afundarem na areia fina e morna. Fecho os olhos sentindo a brisa do mar agitar os meus cabelos.

— Por que esse homem apareceu só agora? Ela é tudo que eu tenho.

Sinto uma vontade imensa de gritar. Gritar para o universo por que ele estava brincando comigo? O que eu fiz para passar por tantas provas? O que me falta passar ainda?

Apesar de tudo que aconteceu comigo depois que a Valentina nasceu não tem lugar para tristeza em minha vida, ela me enche de alegria. Só de olhar o seu sorriso o dia se ilumina. Sempre achei que a tristeza rouba a energia da pessoa, por isso muita gente acaba camuflando-a querendo que ela se afaste rapidamente. Mas eu sou o tipo de pessoa que passa por cima dela, o que acaba reprimindo a dor e fazendo com que ela tome proporções maiores. Por isso preciso parar e refletir sobre a sua causa, e acabo conseguindo não deixar que ela evolua. Fico um tempo refletindo sobre a minha vida e não chego a conclusão nenhuma do que fazer. Lembro-me do dia em que a comissão do hospital me chamou para uma reunião.

PERIGOSAS ACHERON

— *Helena, gostaríamos de saber se você pretende mesmo ficar com a sua sobrinha. Digo tomar o lugar da mãe dela?*

— *Pretendo fazer tudo o que tiver ao meu alcance para cuidar dela, mas jamais tomarei o lugar da mãe.*

— *Não foi isso que quis dizer. É só que...*

— *Me desculpe. Não precisava ter rebatido assim. Pode falar.*

— *Ok. Você já ouviu falar no tratamento para aleitamento materno?*

— *Não.*

— *Primeiro preciso lembrar que o leite que ela vai precisar tomar é muito caro. Existem várias fórmulas que podem ser oferecida para ela, mas se tratando da situação dela, é muito importante que preste atenção no que vou dizer.*

— *Estou prestando.*

— *O procedimento para estimular a produção de leite em uma mãe adotiva é praticamente o mesmo de uma mulher que engravidou, é necessário que haja estímulo.*

— *Isso é impossível, como?*

— *Isso é feito por meio do uso de aparelhos próprios para retirar o leite, que cumprem o papel da sucção feita igual à do bebê. Existem também remédios que podem ajudar na produção do leite agindo na hipófise e produzindo prolactina.*

— *Me explica melhor, eu iria amamentar a Valentina?* — *Fiquei chocada com a possibilidade, ao mesmo tempo que maravilhada que isso seja possível.*

Sempre pensei que precisasse carregar um bebê dentro de si para conseguir amamentar.

— *Amamentar não é somente colocar o bebê no bico do peito e esperar que ele sugue. Isso a mamadeira faz, existem fórmulas que praticamente substituem o leite apesar de nós pediatras sempre dizermos o contrário. A verdade é que amamentar é proteger, abraçar, acolher, passar amor através do ato de oferecer o seio, é deixar que o bebê sinta o amor e a proteção dos braços da mãe. Para uma mulher que não passou por toda a revolução hormonal de uma gestação, isso é possível graças à lactação induzida. O*

processo de produção do leite materno vem de um estímulo repetido. Ao sugar o seio, o bebê ajuda a mandar uma mensagem para a hipófise, no cérebro.

— Isso é extraordinário.

— É a hipófise que avisa que é preciso começar a produção do leite. Assim, o organismo da mãe de leite libera dois hormônios, a prolactina, que aciona as glândulas mamárias para fabricar o leite e a ocitocina, o hormônio responsável pela liberação do líquido. A produção da prolactina vem desde a vontade consciente e inconsciente de amamentar, passando pelo processo do pós-parto, até a proximidade física com o bebê e influenciam esse processo. Se você tiver vontade vai poder fazer. Tem tudo para isso...

— O leite de uma mãe adotiva é de boa qualidade? — pergunto interessada. — Ele teria tudo necessário para a Valentina fica bem alimentada?

— Sim, apesar de que muitas vezes, o leite da mãe adotiva dá para no máximo, uma mamada por dia e nesses casos, é importante suplementar a alimentação da criança com

fórmulas. Mas como disse, o importante é o ato, é o amor que vai passar para ela com isso. Até mesmo nos momentos em que ela estará usando a fórmula será necessário que faça da mesma maneira como se fosse o seio da mãe. O cheiro da mãe e do leite materno, o ambiente, o carinho e as conversas. Tudo é de suma importância.

— Eu quero tentar.

Levanto-me, calço as minhas sandálias e sigo para casa.

Como já disse, tudo se ilumina quando vejo aquela pequenina sorrir exibindo os seus quatro dentinhos superiores e dois inferiores. Tão linda que me enche os olhos de lágrimas só de imaginar minha vida sem ela. Pego-a em meus braços, a abraço apertado querendo transmitir todo o amor que tenho por ela através desse abraço. Como se ela jamais fosse esquecer de que um dia alguém a amou assim. Para ela sentir que alguém fez tudo por amor a ela.

Adequar a minha vida à nova situação na época não foi nada fácil. Mas faria tudo novamente.

...

Uma semana se passou. O trabalho não deixa muito tempo para pensar sobre a audiência que se aproximava. Eu precisava dar tudo de mim para que me saísse bem, e deixar os meus medos e problemas me atrapalhar não era uma opção muito boa. Chegava em casa muito cansada e ainda tinha que cuidar da pequena. Pedi para a Pabline imprimir o processo e li diversas vezes, fiz buscas sobre o assunto e a conclusão era sempre a mesma. Eu perderia minha sobrinha para o pai dela.

Chego em casa depois de um dia muito cheio, cansativo e com um pouco de dor de cabeça. Como sempre o sorriso da minha pequena me faz esquecer tudo. Beijo a sua cabecinha e abraço o seu corpo pequeno.

— Como ela ficou? — pergunto seguindo para o banheiro, pois já está na hora do banho dela.

— Ela é ótima, nem deu trabalho, acabou de acordar.

— Ela é dorminhoca mesmo. Você pode dar o banho dela? Preciso fazer algumas ligações meio urgentes.

— Certo.

Volto para a sala e assim que me sento no sofá para tirar os sapatos a campainha toca. Abro a porta e estaco assustada. Abro um sorriso trêmulo sem saber o que aquele homem está fazendo a essa hora na minha porta. Como ele sabe meu endereço? Devo me preocupar?

Ficamos nos encarando por um tempo que não sei definir.

— Henrique? — Não foi difícil lembrar o seu nome. Como poderia esquecer se há dias que só penso em como foi bom beijar essa boca e no quanto me arrependo de não ter ficado e visto no que ia dar. Apenas não me lembrava do seu nome, mas foi ver os seus olhos novamente que o nome me veio à memória. — Como? O que está fazendo aqui?

— Oi, Helena, acho que você já sabe o que quero aqui.

Minha mente começa a juntar os fatos, agora olhando os seus olhos verdes sem o efeito do álcool sei exatamente com quem eles parecem. Engulo em seco sem querer acreditar no que meu cérebro fantasioso está imaginando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, não sei, não me lembro de ter te dado sequer o meu telefone, que dirá o meu endereço — digo ríspida.

— Não vai me convidar para entrar? — Ele aponta para dentro.

— Não convido estranhos para a minha casa. — Mesmo que tenha beijado sua boca, um beijo delicioso, diga-se de passagem.

— Ok, então vamos lá, eu vim ver a minha filha. Eu sou o pai da Valentina.

Dou dois passos para trás chocada com o que ele acabou de dizer.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 6

Duas semanas atrás.

— Não acredito que me convenceu a vir — digo para a Marcela, uma ex-colega de trabalho que acabou se tornando uma grande amiga. Há dias insiste para que saíssemos e hoje não teve como dizer não.

Ando realmente precisando de um pouco de distração. A vida tem sido bem dura comigo e um pouco de leveza com certeza seria ótimo. Não ando tendo tempo nem para me arrumar direito. Mas por insistência dela eu fiz, cortei o cabelo,

PERIGOSAS ACHERON

comprei uma roupa nova mesmo sem poder e fiz maquiagem.

— Relaxa Lena, você está precisando de diversão. Já que não usa o seu ex para tirar as teias que se formaram nas suas partes íntimas, precisa sair para encontrar um boy para fazer o serviço sujo.

— Marcela, menos ok? Você sabe que eu e Filipe nunca mais vai rolar, e antes que diga alguma coisa, nem pra sexo ele serve mais. — Começo a rir. — Você é bem ridícula. E desde quando você tem essa linguagem chula?

— Essa é minha linguagem descolada para balada.

— Como eu disse, ridícula.

Estamos em um bar badalado de Salvador, que pode ser considerado o point de turistas solteiros querendo curtir a noite, e não sei como concordei em vir justamente aqui. Música ao vivo a noite toda e alguns homens te olhando como só esperando uma retribuição. Alguns eram mais ousados e se aproximavam, mas logo eram descartados. Sentamo-nos na parte externa do bar onde podia ver a lua que brilhava no mar calmo da

PERIGOSAS ACHERON

noite de primavera. Depois de beber três copos de uma bebida que a Marcela pediu, ela pede tequila.

— Está querendo me deixar bêbada Dona Marcela?

— Sim, para ver se você se solta e olha em sua volta. Tem um cara lindo que não tira os olhos de você.

— Você disse isso agora há pouco.

— Sim, mas esse é ainda mais gato.

Espero um pouco até olhar na direção na qual ela me indicou, claro que não quero dar bandeira. Disfarçadamente giro a cabeça em sua direção e até perco o fôlego. Ele está mesmo me olhando intensamente como se estivesse me despindo com os olhos. Como se estivesse enxergando através das minhas roupas. Tento desviar o olhar, mas permaneço admirada com tamanha beleza. Hipnotizada.

— Uau! Que isso? Vocês estão se comendo com os olhos. — Ela diz. — Até deu calor.

Paro de olhar em sua direção e foco na minha amiga se abanando. Começo a rir. Seguro a

PERIGOSAS NACIONAIS

vontade de olhar novamente para ele. Não que esteja me fazendo de difícil, no entanto não costumo pegar caras em bares ou baladas. Olho para o lugar novamente e ele não está mais lá. Eu meio que fico decepcionada.

— Vou ao banheiro quer ir? — Ela se levanta.

— Não, estou bem, acho que vou só tomar um ar na praia, estou meio tonta.

— Ok. Já volto.

Sigo para o píer e desço as escadas que leva para a areia da praia. Abraço o meu corpo respirando fundo, analisando o quanto estou tonta por causa da bebida. Olho as horas no celular e já passa da meia noite.

— Preciso ir embora.

— Por quê? Ainda nem conversamos. — Uma voz rouca diz atrás de mim e me viro de uma vez ficando ainda mais tonta quase caindo. Ele me segura apoiando suas mãos em minha cintura. — Desculpe. Não quis te assustar.

Minha nossa! Ele é ainda mais bonito de perto sobre a penumbra da noite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, eu que bebi um pouco além da conta.

— Jura? Te observei durante a noite toda, e não foi tanto assim.

— Sou meio fraca para álcool — digo me afastando dos seus braços, mas querendo ficar e sentir mais desse perfume delicioso. — Então qualquer pouco me deixa alta.

— Henrique. — Olho para ele confusa. — Meu nome é Henrique e o seu?

— Helena. — Abro um sorriso meio bêbado. — Olha que coincidência, nossos nomes iniciam com H.

Começo a rir da besteira que falei. O que há comigo?

— Pode ser destino. — Ele diz se aproximando.

— Isso foi uma cantada?

— Das mais descaradas. — Ele diz sorrindo também e o seu sorriso me tem hipnotizada. — Por que não se senta? — Ele aponta para um tronco de coqueiro na areia. — Vamos conversar um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não posso, preciso mesmo ir. Foi bom te conhecer Henrique.

Vou para sair e ele segura em meu braço gentilmente. Engulo em seco. Meus olhos param em sua boca que sustenta um meio sorriso de lado. Sem dizer nada, de repente estamos nos beijando. Ele coloca a minha mão que estava segurando no seu pescoço e segura a minha nuca aprofundando o beijo. Seus lábios têm gosto de coquetel de fruta enquanto os meus devem estar com gosto de alambique. Esse pensamento me faz rir entre nosso beijo e ele se afasta.

— O quê? — Ele pergunta quando meu riso vira gargalhada.

— Nada, é que, preciso mesmo ir.

— Fica... — ele diz acariciando os meus lábios com o dedo puxando o meu corpo ainda mais para perto do seu. — Podemos aproveitar mais a noite.

— Eu... não posso. Sinto muito. — Saio praticamente correndo, paro no meio do caminho e digo sorrindo — Foi um prazer te conhecer Henrique.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Garanto que prazer maior você teria se ficasse.

— É uma proposta tentadora — digo subindo dois degraus.

— Estarei aqui caso mude de ideia.

Desperto da lembrança.

Minha mente está tão atordoada que nem consigo raciocinar direito. Ele entra no apartamento e fecha a porta atrás de si.

No dia em que nos conhecemos na praia fiquei balançada em voltar a aproveitar a noite com o cara que beija tão bem que quase me pus a fazer o que geralmente não faria. Porém o bom senso falou mais alto e fui embora. Não é da minha índole por mais lindo e atraente que o homem seja, e eu esteja há meses sem saber o que é sexo, mas dormir com um estranho, sei que me arrependeria depois.

— Vai embora da minha casa — esbravejo.

— Helena, eu vim para ver a minha filha e pretendo fazer isso. — Ao contrário da minha, sua voz soa calma e decidida.

PERIGOSAS ACHERON

A raiva cresce dentro de mim por saber que ele sabia quem eu era naquele dia, que se aproximou de mim com a clara intenção de denegrir a minha imagem ou coisa pior. Ele queria me deixar por baixo. E se eu tivesse cedido e dormido com ele? Está bem clara a sua intenção. Era de ter um trunfo nas mãos. Como uma mulher promíscua que deixa uma criança em casa e dorme com estranhos pode cuidar de um bebê?

— Sua filha? — falo baixo sabendo que fazer um escândalo não adiantaria de nada. Também não iria me fingir de desentendida, pois eu sabia a quem ele se referia. — Melhor você ir embora e aguardar uma ordem judicial para isso. Caso contrário não verá, sem contar que ela pode muito bem não ser sua filha.

— Sua irmã podia ter todos os defeitos do mundo, mas ela não era promíscua. Eu tenho certeza de que o bebê que ela esperava era meu sim.

— E onde você estava quando ela estava em um hospital precisando de cuidados? — grito já perdendo o controle. — Onde estava quando sua bebê precisou de cuidados? E como deixou que ela

saísse de perto de você estando grávida?

— Procurando por ela. — Ele diz passando a mão pela cabeça. — Eu estava procurando por ela. Olha Helena, eu realmente não fazia ideia do que tinha acontecido com a Katharine. Ela simplesmente desapareceu sem deixar rastros e foi muito difícil chegar até vocês.

— É claro, você não imaginava mesmo que ela estivesse no único lugar do mundo onde se sentia protegida de você? Onde encontraria cuidados.

— Eu sequer sabia da sua existência Helena. Sua irmã nunca falou nada sobre você, ela me disse que era sozinha no mundo e só tinha uma tia em Minas Gerais de parente, foi a pessoa a qual recorri depois de meses de procura. E por que diabos ela precisaria se proteger de mim?

Fiquei paralisada quando ele disse que ela nunca falou de mim. Isso é impossível. Minha irmã e eu sempre fomos muito unidas. O que a levaria a fazer isso?

— Isso é uma mentira, a Katy jamais esconderia que tinha uma irmã.

— Prontinho tia, já posso comer. — Jana diz trazendo uma bebê de cabelos molhados sacodindo os braços em minha direção para que eu a pegue.

Estaríamos no completo silêncio se não fosse pelos barulhos que a Valentina fazia com os lábios. Era como se ela tivesse dizendo: me pega tia. Meus olhos param no Henrique que tem os dele vidrados nela. Como se estivesse vendo uma coisa divina. Ele sorri e se aproxima dela, eu avanço como uma leoa protegendo seu filhote e arranco a menina dos braços da Jana que chega a se assustar.

— Não chega perto dela, você não tem direito nenhum — digo virando-a de costas para ele. — Pode ir preparar o prato dela, por favor? — digo porque sei que se ela não comer na hora certa aprontará o maior escândalo em breve.

— Tenho todo direito do mundo. Eu sou o pai dela. — Ele diz chegando perto. Ela faz uns barulhos imitando um besouro e jogando cuspe para todo lado o que faz ele sorrir e seus olhos verdes jade brilharam. — Ela é tão linda.

— Vá embora, traga uma autorização judicial, e se ela for sua filha vai poder...

— Já chega Helena. Você sabe que sou o pai dela, que vou conseguir a guarda da minha filha de qualquer jeito. Estou tentando entrar em um consenso aqui. Eu só quero pegar a minha filha no colo e...

— E tirá-la de mim. — Meus olhos se enchem de lágrimas. — É isso que você quer. Depois de eu ter dado tudo de mim para fazer com que ela viesse ao mundo. Onde você estava quando ela precisou ficar meses em um hospital? Quando estava na barriga da Katy e precisava de carinho para vir ao mundo? Quando ela teve a primeira cólica ou quando era eu quem ficava noites acordada cuidando dela. Você não tem esse direito.

— Eu tenho todo direito sim, Helena, e nenhum juiz vai me tirar esse direito. E quanto às despesas que você teve enquanto elas estiveram no hospital e depois também, você pode ter visto no processo que pretendo pagar cada centavo que gastou com elas e com juro.

— Não se trata de dinheiro. Faria tudo outra vez, morreria de fome para conseguir trazer essa criança ao mundo. Eu não posso ficar sem ela. Ela é tudo que eu tenho.

Faço uma força tremenda para não chorar na frente dele. Sei que minhas chances serão poucas, mas não posso deixar de lutar. Prometi à minha irmã que cuidaria da filha dela e vou fazer. Vou até as últimas consequências nessa luta.

Valentina vendo que eu estava chorando me abraçou pelo pescoço deixando um beijo molhado em minha bochecha. Coloco a mão em sua cabeça apertando-a junto a mim.

— Eu só quero conhecer a minha filha.
— Sua voz soa doce e quase me faz fraquejar. —
Eu fiquei feito um louco procurando a sua irmã...

— Eu não quero saber, mais de nove meses é tempo demais, se quisesse teria encontrado.

— E encontrei. Olha Helena, eu vejo que você é uma boa mãe...

— Tia, eu sou tia dela, e vá embora porque não vou permitir que chegue perto dela. —
Ele me encara. — Ou vou chamar a polícia.

— Não precisava ser assim. — Ele sai da sala sem tirar os olhos da filha.

Apesar de tudo me corta o coração ver a

forma que ele olha para a filha. E se o que ele disse for verdade? Se a minha irmã tiver escondido a minha existência dele? Mas por que a Katy faria isso?

...

No dia seguinte procurei um advogado que a Pabline me indicou. Mas voltei ainda mais desanimada do que antes. Segundo ele, entrar em uma briga judicial seria perda de tempo e de dinheiro, muito dinheiro, coisa que não tenho para dispor no momento. Saio do banheiro com a Valentina de toalha e a campainha toca. Amaldiçoo por não ter um olho mágico para ver o visitante antes de abrir a porta. Lá estava ele. Seu olhar se ilumina com o sorriso que a filha dá para ele. Ela puxa o capuz da toalha e esconde o rosto brincando com o pai. Ele fica encantado, ela puxa mais uma vez o capuz tirando-o da cabeça, mas isso me faz lembrar que também estou enrolada em uma toalha.

— Posso falar com você?

— Eu...

— Por favor. — Valentina faz mais uma gracinha arrancando um sorriso dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Preciso me vestir — digo e só então seus olhos incrivelmente brilhantes descem pelo meu corpo coberto por uma pequena toalha. — Entre, fique à vontade.

— Obrigado.

Corro para o quarto, coloco a Valentina no berço xingando-me mentalmente por não ter batido a porta na cara dele. Jogo a toalha longe e me visto rapidamente. Escolhi um vestido simples de ficar em casa mesmo. Não quero dar a impressão errada para ele. Arrumo a Valentina com um body cavado com um unicórnio estampado na frente e volto para a sala.

Henrique está sentado no sofá e se levanta quando entramos. Ele me olha nos olhos evitando qualquer outra parte do meu corpo. Talvez para não dar a impressão errada.

A minha pequena traidora se joga nos braços do pai. Ele fica tão maravilhado que a pega no colo sorrindo feito um bobo. Um nó se faz em minha garganta quando vejo seu olhar de amor para a filha. Logo ela quer voltar para os meus braços se jogando de uma vez me pegando de surpresa.

PERIGOSAS ACHERON

— E então, o que faz aqui? — pergunto enquanto a Valentina brinca de esconder o rosto em meu pescoço.



Capítulo 7

— Tenho uma proposta para você. — Ele diz sem tirar os olhos da filha.

— Não quero ouvir. Se quisesse realmente fazer alguma proposta teria me procurado primeiro para conversarmos antes de fazer o requerimento de guarda, não acha?

— Mas farei assim mesmo. — Janaína, que tinha ido à padaria enquanto eu e a Valentina tomávamos banho entra na sala e pega a menina do meu colo. Ela vai toda contente assim que vê o prato na mão da babá. Uma esfomeada. — Você sabe que ela vai ficar comigo de qualquer maneira, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

já deve ter procurado um bom advogado para saber quais são as suas possibilidades. Então o que eu quero propor a você é que você vá morar conosco e continue cuidando dela da mesma forma que tem cuidado desde que ela nasceu.

— Ir embora para São Paulo? — pergunto retoricamente.

— Sim. Foi o que acabei de dizer.

— Mas o que te levou a essa decisão?

— O fato de que iremos brigar judicialmente por ela. Iremos perder tempo e sabe qual será o resultado? Eu terei a guarda dela, ou no máximo guarda compartilhada com essa briga judicial. Moramos a 2000 km de distância, como poderia dar certo? — Ele faz uma pausa e procura a filha com os olhos. — Posso ver que você a ama muito e ela vai precisar de você. Não é minha intenção separar vocês duas.

— Eu aceito — digo sem pensar muito e nem deixá-lo terminar de falar.

Uma das minhas características e um grave defeito às vezes é a impulsividade. Sou muito racional no trabalho, entretanto quando se trata de

PERIGOSAS ACHERON

sentimentos e proteger quem eu amo não paro para pensar em nada. Apenas ajo. Fora que qualquer coisa é melhor do que ficar sem a minha bebê. E fugir com ela não é uma opção inteligente.

Ele me olha de canto de olho surpreso pela minha resposta rápida. Sendo bem honesta comigo mesma, a causa já era perdida. Nenhum juiz tiraria o direito de um pai criar a sua filha. Tudo estava a favor dele no momento, desde o fato dele ser o pai, quanto ao fato de ter condições financeiras melhores do que a minha, e um juiz sempre olha o lado do bem estar e segurança da criança. Eu pesquisei, corri atrás de especialistas para me orientar e apenas se ele fosse uma ameaça para a filha, se não tivesse condições financeiras e psicológicas de cuidar da filha seria viável uma luta judicial. Ainda mais um pai que tem toda condição de dar uma boa vida para ela.

Eu estava me desdobrando para conseguir pagar as dívidas. Mal tinha para dar uma vida digna para ela. Apesar de a Janaína ser uma boa babá, meu coração se apertava cada vez que tinha que sair e deixar a menina com ela. Meu emprego não estava lá essas coisas e meu chefe iria

me ouvir mandá-lo para o inferno em menos tempo do que podia esperar, aquele ser asqueroso que pensa que pode humilhar e escravizar as pessoas que estão abaixo dele. Sem contar na necessidade de dividir a criação de uma criança com o pai. Ele é o pai e eu estaria ajudando na sua criação.

Talvez muitos irão dizer que sou maluca por largar tudo por uma criança que não é minha. Entretanto eu a amo como se fosse. E largar tudo o quê? Se for bem realista comigo mesma, eu não tenho nada, ninguém a quem eu ame mais do que a mim mesma, além dela. Iria sofrer muito com essa separação sem saber se ela está sendo bem cuidada, se recebe amor, carinho, atenção.

— A audiência é na segunda feira, você pode pensar antes de...

— Vamos ser honestos aqui Henrique. Valentina é a única família que me resta. Eu a amo como uma filha e na condição que estou vivendo, mesmo que me esforce muito não posso ser tudo que ela precisa. Eu não confio em você, não te conheço para deixar a pessoa que mais amo na vida em suas mãos, e já que tenho a oportunidade de ficar com ela eu farei. Mudo toda a minha vida,

PERIGOSAS NACIONAIS

largo tudo e vou até o inferno por ela.

— Tudo bem. — Ele olha para ela sentada na cadeirinha de alimentar com o rostinho sujo de papinha — Posso pegar?

— Assim que ela terminar de comer — digo em um fio de voz. — Jana, pode ir, eu termino.

— Se quiser fico mais um pouco. — Ela diz olhando de soslaio para o homem lindo ao meu lado.

— Está tudo bem, vai perder seu ônibus e chegar atrasada à faculdade.

— Então vou indo. — Ela se levanta e segue para o quarto onde guarda suas coisas. — Mas se quiser eu fico.

— Está tudo bem Jana.

Pego a colher e ofereço a papinha para Valentina que aceita com um sorriso banguela e sujo. Não falamos enquanto ele faz pequenos barulhos com a boca típicos de criança enquanto ri. O problema é que coloco uma colherada em sua boca exatamente no momento que ela imita o que o pai está fazendo. O resultado é papinha para todo

PERIGOSAS ACHERON

lado, nos fazendo rir. Limpo a bagunça com uma fralda de tecido.

— Não posso imaginar o motivo da Katy nunca ter me falado sobre você, mas ela nem me falou que estava esperando um bebê, foi uma surpresa muito grande quando a vi com aquele barrigão no hospital. — Neste momento Valentina vira o rosto em sinal de que não queria mais a comida e eu nunca insistia, pois sei que chegou ao limite dela. Limpo a sua boquinha suja e levanto para levar o prato até a cozinha. Ele faz uma gracinha para ela que vira a cabecinha de lado encantada, fazendo charme.

— Ela nunca disse que estava com alguém? Vocês se falavam muito?

— Nos falávamos quase todos os dias. Ela disse que havia terminado com um cara meses antes do acidente. Segundo ela, ele não valia nada e ela descobriu a tempo. — Ele ri descrente. — O que eu não entendo é como ela escondeu que tinha uma irmã. — Me sento de frente à minha sobrinha e pego-a no colo depois dela fazer biquinho quando o pai tentou pegá-la e ele sabiamente não insistiu.

— Sua irmã tinha problemas de

PERIGOSAS NACIONAIS

autoestima. Ela era possessiva e ciumenta.

— Não devemos estar falando da mesma Katy. Minha irmã não era assim. — Abaixo os olhos como se ele pudesse ver que acabei de pensar que com um homem desses qualquer mulher ficaria possessiva e ciumenta.

— Mas ela era. Ao menos no tempo em que estivemos juntos.

— Além do mais eu era irmã dela. — Ele me olha de cima a baixo. — Por que motivo ela escondeu tanta coisa de mim?

— Tem razão, mas eu imagino porque ela não quis dizer que tinha você como irmã.

— A Katy era a mulher mais linda que conheci, ela nunca teve problemas com isso — digo na defensiva. — Talvez o fato dela ter um namorado safado, mulherengo e traidor tenha causado alguma...

— Ei, espera aí, não venha com julgamentos errôneos, você não me conhece. Não sou nada disso que diz, ela que enxergava ameaça em qualquer coisa que se movia. Até mesmo do meu cachorro ela tinha ciúmes. — Ele passa a mão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no cabelo meio sem graça. — Ela queria me manter em uma redoma só para ela. Até minha família se afastou de mim com as crises de ciúmes dela.

Valentina encosta o rosto no meu e passa sua bochecha na minha. Segura o meu rosto com as mãozinhas e me dá um dos seus beijos molhados. Ele sorri. Ela encosta a cabeça no meu ombro enquanto bate a mãozinha no outro querendo dormir. Aconchego-a em meus braços e ela praticamente desmaia.

— Ela é tão linda! — Ele diz apaixonado. — Me deixa pegá-la um pouco. — Hesito. — Por favor.

Levanto-me e coloco em seus braços uma bebê em sono profundo. Vejo seus olhos brilharem de amor por essa pequena que conhece há tão pouco tempo. Sigo para a cozinha com a desculpa de preparar algo para comer enquanto escuto ele conversar baixinho com ela. Meus olhos se enchem de lágrimas e minha mente de muitas perguntas.

Ele fica um longo tempo com a filha no colo. Eu praticamente fiz o jantar e ele não fazia sinal de que colocaria a filha na cama e iria embora.

PERIGOSAS ACHERON

O tempo todo não tirou os olhos dela, beijava a sua cabecinha, acariciava o seu rosto. Parecia emocionado. Fico da cozinha olhando os dois. Não sei por que, mas não me arrependo de ter aceitado a sua proposta. Não posso ficar longe dela, e também não posso deixar um pai longe da filha. Tudo que ele disse sobre a Katharine ronda a minha mente de forma estranha. Tento não deixar que pensamentos intrusivos se apossam da minha mente trazendo lembranças no momento inoportuno.

Entretanto não posso evitar que algumas lembranças da nossa adolescência me façam pensar que talvez ela tenha se transformado sim em uma pessoa insegura. Levando em consideração tudo que passamos na vida. Talvez eu devesse ter ido embora para São Paulo com ela. A campainha toca e sigo para abrir a porta. Suspiro resignada quando vejo o Filipe parado na porta com um buquê de rosas vermelhas. Ele não desiste?

— Oi. — Ele diz beijando o meu rosto perto da boca demoradamente. — Estava com saudades.

Ele faz cara de poucos amigos quando vê o Henrique na sala. Os dois trocam olhares e ele

entra.

— Boa noite. — Henrique diz muito sério.

— Então, esse é o Henrique pai da Valentina. Esse é o Filipe...

— O namorado dela. — Ele diz estendendo a mão na direção do Henrique que franze o cenho olhando-me como quem diz "esse é o corno?" Suspiro fundo para não perder a paciência que há muito tempo está por um fio.

— Ex-namorado — digo firme, não para dar satisfação para o cara que me beijou há alguns dias atrás, mas para cortar a onda do traidor do Filipe que já passou todos os limites permitidos até mesmo se eu o tivesse perdoado.

— Que seja. — Henrique diz parecendo irritado e levantando-se com a filha no colo entregando-a para mim. — Já estou indo, nos vemos na audiência.

— Ainda precisamos conversar, Henrique, você sabe bem sobre o quê.

Não poderíamos deixar o fato de que nos beijamos de lado. Preciso saber qual foi a intenção

dele ao fazer isso. Ele sabia quem eu era, ou foi uma coincidência do destino? Ele também precisa saber que aquilo nunca, em hipótese alguma irá se repetir.

— Teremos tempo, Helena. Até mais.

Ele sai e eu sigo para colocar a Valentina na minha cama, arrumo de uma maneira que ela não caia. Quando volto Filipe me olha questionador.

— O que ele quis dizer com nos vemos na audiência? — Passo direto para a cozinha. — Teremos tempo de quê?

E eu fico pensando onde estou com a cabeça que ainda aceito esse homem aqui? Eu sei por que, tenho uma dívida de gratidão com ele.

Um mês após a morte da minha irmã, mesmo com a Valentina em casa comigo, um dia eu estava no banho e foi como se naquele momento a ficha tivesse caído. Naquele instante eu percebi que minha irmã havia morrido e que eu estava tomando conta de uma criança que não era minha. Percebi que estava sozinha no mundo, que não poderia

falhar com ela como falhei com a mãe dela. Eu não conseguia sair do chuveiro, me sentei no chão e abracei minhas pernas chorando sem parar. Eu sabia que Valentina poderia acordar a qualquer momento e isso me angustiava ainda mais, me prendia no chão como se mil correntes estivessem atadas a mim. Lembrei que meu celular estava próximo. Com muita força consegui falar dando comando para que ligasse para ele.

— Ok Google, ligar para Filipe.

— Helena, oi, tudo bem?

— Não Filipe, minha irmã morreu. Ela morreu e eu estou com muito medo. Não sei o que fazer.

— Helena, como assim? Faz quase dois meses que sua irmã morreu e...

— Eu... eu não sei. Preciso que venha me ajudar. Estou... estou em pânico...

— Fique calma, respira fundo, puxa o ar...

Ele ficou falando comigo, me acalmando. Em alguns minutos ele estava me ajudando a sair do banheiro. Minha sorte foi que a minha sobrinha

sempre dormiu muito e não acordou o tempo em que estive inerte. Quase três horas. Filipe me levou a um psicólogo indicado pelo corpo médico do hospital onde a minha irmã esteve. O que eu tive foi um surto por não ter passado por todos os estágios do luto. Fiz-me de forte pela Valentina quando a Katy se foi. Naquele momento a carga pesada que carreguei durante meses veio sobre mim. Filipe me ajudou, cuidou de mim com toda paciência do mundo.

— Ele está pedindo a guarda da Valentina. E quanto a você dizer que somos namorados, já chega com isso. Estou cheia de problemas para aturar você hoje. Vai embora. — Sei que não deveria falar assim com ele, mas a raiva e a impotência me consumiam.

— Calma gatinha, foi força do hábito. — Sei. Tomo um pouco de água para refrescar a cabeça. — Então a menina vai morar em São Paulo? Ele é de lá, presumo, já que sua irmã morava lá.

— Sim, ele é. Mas ainda não sabemos como vai ser — minto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você sabe que ele tem direitos...

— Filipe, cala a porra da sua boca e sai da minha casa agora — digo entre dentes. — Já me enchi de você. Sai daqui agora.

— Desculpe Helena, sei que isso deve estar sendo difícil para você. — Ele se aproxima e faz uma carícia em meu rosto e eu viro para o lado. — Me diz, como está indo lá na Gruvier?

— Por favor, preciso ficar sozinha ok? Nos falamos depois, você sabe o caminho da porta. Agora vai embora.

Ele me olha magoado, não diz mais nada e sai. Sei que por dentro ele deve estar soltando fogos de artifícios e é isso que me deixa com raiva, e antes que dê na cara dele é melhor que ele se mantenha distante. Pego as rosas e jogo no cesto de lixo. Sento-me para comer sem vontade nenhuma. Depois troco de roupa e deito ao lado minha sobrinha, faço uma carícia em seu rosto.

— Meu amorzinho, faço tudo por você viu? Vou cuidar e te proteger com a minha própria vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 8

— Nas decisões sobre a guarda de menores deve ser preservado o interesse da criança e sua manutenção em ambiente capaz de assegurar o seu bem-estar físico e moral, sob a guarda de pais ou de terceiros. — O advogado do Henrique diz me fazendo ficar ainda mais vermelha de humilhação. — No caso do meu cliente, ele tem todos os pré-requisitos para ficar com a filha.

Essa é a primeira audiência. Eu poderia recorrer, mas estava sendo massacrada pelo quesito estabilidade financeira. Fiquei sabendo através do processo que o Henrique também é um advogado, e

dos bons. Seu escritório presta assistência jurídica empresarial na maioria das vezes. É sócio em um escritório de advocacia no qual a minha irmã estava fazendo estágio até trancar a faculdade e se envolver com ele. Essa parte de trancar a faculdade me deixou perplexa, pois não sabia que a minha irmã tinha feito isso. O advogado continua a tecer os seus argumentos enquanto a Pabline faz anotações. Ela até tentou fazer alguma coisa em minha defesa, mas é como ela havia dito, ele é o pai, tem uma carreira, ótima condição financeira e isso já conta 95% a seu favor. O máximo que eu conseguiria seria uma guarda compartilhada, isso se conseguisse arrumar um emprego na cidade de São Paulo e tivesse uma vida estável.

Pabline continua.

— A minha cliente chegou a amamentar a criança, as duas possuem laços muito maiores do que um simples parentesco...

Direciono o meu olhar para o Henrique que está com olhos chocados sobre mim. Sei que deve estar também como todos na época, achando um absurdo o que fiz, pois, muitas mães não querem amamentar o seu próprio filho. Algumas

pensam que com isso irão ficar com os seios flácidos, o que na verdade não aconteceu comigo. No entanto, se tivesse acontecido ainda assim eu não teria me arrependido, teria valido a pena.

Eu já não ouvia mais nada do que estava sendo dito, mesmo porque já tinha aceitado a proposta que o Henrique me fez. Não quis entrar com o pedido de guarda compartilhada, pois seria inviável morando em estados diferentes. Isso eu farei futuramente quando estiver com tudo a meu favor. Depois que se deu por encerrada a audiência, com as palavras do juiz as quais já esperávamos, iríamos dividir a criação da pequena, entretanto a guarda era do pai. Ficamos na sala apenas ele, eu e nossos advogados.

— Senhor Martinez, a minha cliente já me deixou a par da sua proposta, e acho que deveríamos fazer um acordo formal para deixar tudo às claras com relação aos direitos da minha amiga, quero dizer, cliente.

— Para mim tudo bem, devemos fazer ainda hoje. Podemos nos reunir no seu escritório, Dra. — Klaus, o advogado do Henrique, disse sem tirar os olhos dela.

— Não vejo necessidade alguma disso acontecer, Helena pode ficar livre para fazer o que quiser, qualquer que seja a decisão dela. — Henrique diz. — Ela dita as ordens.

— Pabline, não precisa de nada disso — digo.

— Claro que precisa. E se, de repente ele resolver voltar atrás com a palavra?

— Helena, tudo bem, ela tem certa razão. Sou advogado e sei que muitas vezes é necessário que se faça esse tipo de coisa. Não a culpo por não confiar completamente em mim.

— Apesar do veredicto do juiz, por garantia, precisamos também documentar o fato de que irá pagar todas as despesas tidas por ela...

— Pabline! Você sabe que não quero nada disso, faria tudo outra vez por elas. — Olho para o Henrique — Não dê ouvidos a ela. Não quero reembolso algum.

— É claro, vamos ao seu escritório e resolvemos tudo. — O advogado do Henrique diz. — Vocês podem ir, pois isso pode demorar.

— Não acho Dr., uma vez que o juiz já

decretou a sentença. — Henrique diz olhando sério para o amigo.

— Eu faço questão de deixar tudo documentado para a Helena. — Pabline rebate.

— Tudo bem, façam como quiserem — digo vencida, cansada com tudo isso.

Eles entram no carro da Pabline para sair. Não comento nada, mas achei muito estranha a atitude dos dois, principalmente do Klaus. Caminhamos pela orla marítima em direção ao ponto de táxi, uma brisa suave bagunça os meus cabelos. Ele avista uma banca de acarajé e aponta para ela.

— Sempre quis comer um acarajé de rua aqui em Salvador, mas das poucas vezes que estive aqui não tive tempo. — Paramos de andar um pouco. — Me acompanha?

— Vai adorar, esse então é um dos melhores que já comi. Eu amo a culinária baiana.

A mulher vestida caracterizada com suas roupas brancas entrega o acarajé para ele. Noto que ela não para de encará-lo. É flor, sei o quanto é difícil tirar os olhos dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já esteve em São Paulo? — Me pergunta.

— Algumas vezes a trabalho, outras para visitar a Katy. Acho uma cidade intrigante.

— Realmente. Acho que você vai gostar da culinária paulistana. É bem diversificada. — Morde o acarajé e em seguida passa o guardanapo sobre a boca para limpar um pouco de vatapá que ficou no canto.

— Henrique, posso te fazer uma pergunta?

— Claro. — Começamos a andar até a praia e sentamos em uma das mesas. — Todas que quiser.

— Naquele dia na praia do Pier, você sabia quem eu era? — Faço a pergunta que está martelando há dias em minha cabeça. Ele para com a comida no ar para responder.

— Não, Helena. — Alguma coisa estranha acontece sempre que ele fala o meu nome. O meu coração acelera, a sua voz é o som mais encantador e sedutor que já ouvi. — Jamais teria te beijado se soubesse. — A sua resposta deveria me

PERIGOSAS ACHERON

causar alívio, entretanto, causa certa angústia.

— É que, bem... Henrique eu quero pedir um favor... na verdade quero deixar claro uma coisa já que vamos viver juntos pela Valentina. — Ele acena a cabeça concordando. — Quero que a nossa relação seja a mais fraternal possível. Preciso que saiba que penso que aquele beijo jamais deveria ter acontecido. Eu estava um pouco bêbada e... eu nunca trairia a memória da minha irmã daquela maneira. Isso me deixou muito mal. Aquele dia jamais deveria ter acontecido. E nunca, em hipótese alguma, deverá se repetir.

— Tudo bem, eu concordo com você. Vamos esquecer aquele dia, ok?! — Vai ser bem difícil, penso. — Vamos fingir que nada aconteceu.

— De que dia você está falando mesmo?
— Ele abre um sorriso e volta a comer o acarajé.

— Isso está muito bom — fala com a boca um pouco cheia e então eu lembro que ainda nem toquei no meu.

— Não me diga que nunca comeu um acarajé!

— Não em frente à praia em um dia de

céu azul como esse. E nem estava assim tão bom. Mas me fala um pouco sobre a minha filha.

Terminamos de comer enquanto falamos sobre a Valentina e voltamos para a avenida para pegar um táxi.

— Posso ir até a sua casa para ver a minha filha? — Henrique pergunta assim que aceno para o táxi que vinha em nossa direção. Sua voz tem um tom de súplica que nem se eu fizesse muita força conseguiria dizer não.

— Pode, você agora tem todo direito sobre ela.

— Nós temos Helena, não posso fechar os olhos para tudo que você fez pela minha filha. Nunca faria isso. — Ele fala me encarando seriamente. — Somos os dois responsáveis por ela agora, até que você diga o contrário. E... — Me olha com franqueza. — Admiro muito você por isso, e mais, sou muito grato por tudo que fez. Nunca teria como pagar, pois é da vida da minha filha que estamos falando, outra pessoa não teria feito nem um terço do que você fez.

— Faria tudo novamente, Henrique. Não me arrependo de nada.

— E eu te admiro ainda mais por isso.

Seguimos o resto do percurso calados. Ele o tempo todo passando mensagens no celular ou até mesmo falando com quem julgo ser a secretária dele ao telefone. Assim que entramos no meu apartamento pego a Valentina no colo. A forma como ele olha para a filha me diz que tipo de pai ele é, e não me parece nada com o que minha irmã pintou do homem que estava saindo. Talvez fosse alguém antes dele, ou talvez ele esteja representando um personagem para mim e em breve descobrirei quem realmente é, e estarei preparada para isso.

— Ei pequenina, tudo bem? — Ele diz com voz mansa, olhos brilhantes um pouco marejados. Ela esconde o rosto em meu pescoço com um sorriso meigo, depois levanta a cabeça para ele e esconde novamente. Sentamos no sofá até que ela dá os bracinhos para ele voluntariamente. Sua expressão de surpresa e alegria me encantam. Ele aninha a Valentina nos braços enquanto ela faz barulho de besourinho com os lábios.

— Posso ir, Helena? — Janaína

questiona.

— Preciso conversar com você antes, pode ser? — Ela sacode a cabeça meio triste já sabendo qual assunto teríamos que tratar, pois já tinha conversado com ela antes. Apesar do pouco tempo, nos apegamos uma a outra, e ela ainda mais à Valentina.

A nossa conversa foi rápida, ela entendeu o meu lado e me desejou sorte, assim como também desejei para ela. Volto para a sala e a pequena traidora está dormindo no colo do pai. Ele dá de ombros e levanta.

— Posso colocá-la na cama?

— Claro. — Ele me segue até o meu quarto que mal cabe uma pessoa dentro. Até caberia, se não fosse o berço tomando um espaço considerável. Coloca a menina no berço e fica parado olhando-a dormir. Encosto-me ao batente da porta e fico olhando os dois, ele parece venerar a imagem da filha dormindo, um leve sorriso desponta em seus lábios. Ele vira o rosto em minha direção e me pega no flagra, sustento o seu olhar até que percebo que é exatamente o tipo de atitude que não podemos ter. Volto para a sala e ele me

segue.

— Eu... já vou indo. Preciso pegar um voo ainda hoje, amanhã cedo tenho trabalho. — Mordo o canto do lábio. — Precisamos ver sobre a sua mudança, entre outras coisas.

— Preciso de uns quatro dias ou mais para me organizar — digo com um nó na garganta. — Talvez um pouco mais.

— Tudo bem, me avisa assim que tiver tudo pronto, ok? Se precisar de alguma coisa pode me chamar.

— Tudo bem, falo sim. — Ele se aproxima vagorosamente e eu instintivamente dou alguns passos para trás. — Enquanto isso ela fica comigo.

— Sim, ela fica. Obrigado, Helena. — Franzo o cenho. — Você não vai se arrepender de ir conosco.

— Mesmo que você não quisesse eu daria um jeito de estar perto dela, Henrique. Ela é tudo que eu tenho.

— Eu sei que sim.

— Você já vai e eu tenho tantas

perguntas para fazer, mas sei que teremos tempo de nos conhecermos melhor — digo assim que ele para com a mão na maçaneta da porta.

— Sinto muito em não poder ficar e responder às suas perguntas, mas podemos nos falar por mensagem, o que acha? — Sorri lindamente e eu fico até sem respirar com o seu sorriso bonito. Por que ele tem que ser tão lindo e atraente? Não podia ser um chato arrogante? Ainda pode ser. Seria muito melhor que se mostrasse um canalha. Ah, isso seria.

— Boa viagem, Henrique.

Assim que a porta se fecha eu caio sentada no sofá e então respiro percebendo o quanto minha respiração estava suspensa. Será mesmo que não irei me arrepender?

...

— Acho que é só — digo fechando a última caixa da mudança.

— Depois que vender tudo deposito o dinheiro em sua conta. — Marcela diz. — Mas se quiser apenas guardar, lá na casa de praia tem espaço. Pode ficar lá também se quiser, se decidir

voltar.

Marcela é uma ótima amiga, desde quando vendi o meu apartamento ela me ofereceu abrigo em sua casa. Não aceitei. Não foi por orgulho, apenas a casa é muito longe e por hora eu estava dando conta de me manter, com muita dificuldade, admito. Mas se as coisas continuassem como estavam eu teria que acabar aceitando a sua oferta.

— Se isso vier a acontecer compro tudo novo. Vida nova sempre — digo dando um beijo no rosto dela.

Marcela e Papline me ajudaram a arrumar tudo, pois com bebê pequeno as coisas ficam mais difíceis. Olho para as duas que estão com os olhos rasos d'água.

— Tem certeza de que vai fazer isso? — Papline diz.

— Tenho. Não ficaria longe da minha sobrinha nem se ele assim dissesse.

— Estaremos aqui caso queira voltar. Pode sempre contar comigo. — Dou um abraço em cada uma delas com um nó na garganta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei que sim.

— O que está acontecendo aqui? —
Viramos de uma vez para a porta que estava entreaberta. Filipe está parado olhando para as caixas espalhadas pela sala pequena. — Está de mudança?

— Vamos deixar vocês conversarem. —
Pabline, que não suporta o Filipe, diz sem ao menos cumprimentá-lo. — Tchau amiga, amanhã as oito venho pegar você, ok?

Elas saem como se o Filipe nem estivesse parado ao lado da porta.

— Helena? — Se aproxima. — O que são todas essas caixas espalhadas? Está vendendo suas coisas? Se estiver precisando de grana eu te...

— Estou indo embora, Filipe.

— Como? Está brincando?

— Não, o pai da Valentina conseguiu a guarda dela, estou indo morar em São Paulo para ficar mais perto da minha sobrinha.

— Helena, isso é loucura! Vai morar onde? Viver de quê? Vai deixar a sua vida por uma criança que não é sua?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou morar na casa do Henrique e viver do dinheiro que ele me ressarcir. Posso encontrar um trabalho também — digo me sentando no sofá.

— Você não vai fazer isso. Até que ponto vai anular a sua vida por essa criança? Vai embora com um cara que nem conhece para...

— Chega Filipe, não estou pedindo a sua opinião, ok? Eu vou e pronto. Não devo satisfação a você.

— Você pode pedir a guarda dela, tem direitos também.

— Sei que posso, mas seria causa perdida. Não tenho nem como dar uma vida melhor para ela.

— Casa comigo?

— O quê? — pergunto assustada.

— Isso mesmo, você casa comigo e podemos pedir a guarda dela como um casal. Você tem tanto direito quanto ele por tudo que você fez por ela. Ela vai ter um lar estável e...

— Com o cara que nunca me apoiou para ficar com ela? Com o homem que me traiu?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Helena eu... eu posso ter sido contra sim, mas eu não traí você. Sabe disso.

— Você é muito iludido se pensa que algum dia poderia te perdoar.

— Você não está pensando direito.

— Vai embora Filipe, estou cansada demais para aturar as suas sandices. — Levanto e abro a porta.

— Eu amo você.

— Tarde demais — digo fria. — Essa é a consequência das suas escolhas. Você escolheu não ficar ao meu lado no momento que eu mais precisei que estivesse, isso é o mesmo que me trair e eu não perdoo.

— Adeus, Helena — diz orgulhoso antes de sair batendo a porta.

Mandar o Filipe embora da minha vida é uma coisa que já deveria ter feito há muito tempo.

Sento-me no sofá e cubro o rosto com as mãos. Não quero admitir, mas estou morrendo de medo do futuro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 9

Henrique

Meus olhos buscam por elas no portão de desembarque. Estou muito ansioso para ver a minha filha. A quem eu quero enganar? Quero muito ver a minha filha, mas também estou louco para ver a Helena novamente. O que é uma insanidade, pois manter distância dela como ela mesma exigiu é o mais sensato. Mas como farei isso se ela vai morar comigo? Suspiro fundo.

Propor a mudança dela para cá foi uma coisa que fiz sem pensar muito. Sem ponderar os

prós e contras, sem analisar os riscos e benefícios. Ela também agiu na impulsividade dizendo sim à minha proposta insana. Pude perceber isso assim que olhei nos seus olhos e vi tantas dúvidas.

Um dos motivos que me levou a fazer a proposta foi ver a forma como ela trata a minha filha, fiquei muito tocado. Helena cuida com carinho e muito amor e dedicação e isso é tudo que a Valentina vai precisar. Não poderia nunca levar minha filha embora e deixar que ela sofresse sentindo falta da mulher que tem como mãe, mesmo sabendo a capacidade de adaptação de uma criança, eu jamais faria isso. Não falo só da Valentina, mas da Helena também, ela sofreria muito mais, e eu devo a vida da minha filha a ela.

E quanto à coincidência dela ser a mulher que cometi a loucura de beijar na praia, eu tento não pensar muito, nem na forte atração que senti e no beijo que jamais experimentei igual. Naquele dia eu tinha chegado a Salvador para encontrar a Katharine, não fazia ideia de que ela havia morrido. Encontrei-me com o detetive no dia seguinte e ele me deu a notícia, me deixando em choque. Fiquei arrasado quando soube do falecimento dela. Voltei

para São Paulo e fiz o pedido de reconhecimento de paternidade e guarda da minha filha. Fiquei estarelecido quando vi a foto da Helena e Valentina juntas no dia seguinte ao nosso encontro na praia. O destino só podia estar brincando comigo.

Quando ela saiu correndo depois do beijo eu cheguei a ir atrás dela. Só encontrei a amiga Marcela na mesa e outros amigos dela que tinham acabado de chegar. Tentei descobri um pouco mais sobre ela e recebi uma resposta que colocaria qualquer um para correr.

— Qual é o seu nome? — Ela me perguntou com um sorriso doce nos lábios vermelhos.

— Henrique. — Ela estende a mão em minha direção e aperta firme.

— Um prazer, eu sou a Marcela. Então Henrique, notei que você ficou olhando para ela a noite toda como um predador, infelizmente aquela presa já tem dor de cabeça suficiente para mais uma. Lena não precisa de um turista no pé dela. Você é paulista, não é?

— Sou. Marcela, só perguntei onde ela está, gostaria de falar mais um pouco com ela.

Conhecê-la melhor.

— Ela foi embora, tem um bebê para cuidar e um namorado que acabou de ligar para ela que foi o motivo dela ir embora. Mas eu estou aqui, sente-se, vamos conversar.

Apesar da sua beleza, nada nela me atraía. Então, apenas agradeci o convite e fui embora para o hotel. Não tinha saído para isso naquela noite. Queria apenas beber alguma coisa e me indicaram aquele bar. Apesar de tudo a imagem dela ficou em minha cabeça por dias. O choque ao descobrir quem ela era foi imenso.

A princípio pensei que ela fosse como a irmã, mas me enganei profundamente. Katharine nunca tomaria para si uma responsabilidade tão grande. Era um tanto quanto egoísta, jamais abriria mão de alguma coisa por alguém. Nem pela própria filha, estou bem certo disso.

No começo fiquei mesmo achando que a Helena estava fazendo algum jogo para conseguir dinheiro com a morte da irmã. Maria Clara, a minha sócia, sugeriu que era isso e como ela e a Katharine chegaram perto de serem melhores amigas, eu cheguei a pensar na hipótese, uma vez

que ela perdeu tudo para salvar a vida da sobrinha. Quem faria isso? Ainda mais porque nunca soube que a Katharine tivesse uma irmã. Como uma pessoa pode esconder uma coisa dessas? Claro que por muitas vezes eu me perguntava como ela arrumava dinheiro para sustentar a vida de ostentação que tinha. Agora sei que vinha tudo do trabalho da Helena e da herança que os pais deixaram para as duas. Então percebi que nunca vi duas irmãs tão diferentes.

Conheci a mãe da minha filha no escritório. Katharine era uma mulher muito bonita e atraente. Depois de alguns meses de flerte saímos juntos e começamos a namorar. Nunca fui homem de sair com estagiárias, não misturo trabalho com sexo. Eu gostava dela, não posso dizer que morria de amores, mas gostava muito e até posso dizer que me apaixonei. Mas a empolgação acabou assim que começaram as cenas de ciúmes, a falta de confiança, entre outras coisas. Terminei o namoro, mas ela não se conformou. Um dia cheguei em casa e a encontrei nua na minha cama dizendo que sentia minha falta. Quem resistiria a uma mulher linda como a Katharine? Não vou negar que também senti falta dela. Foi nessa noite que ela fez mil

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

promessas de mudar e eu acreditei. Algumas semanas depois ela estava ótima, realmente cumprindo o que prometeu, nada de fiscalizar as minhas ligações, nem me seguir em um almoço ou jantar com clientes, muito menos me espionar no trabalho, nas reuniões. Saiu do escritório e estava se dedicando aos estudos. Então um mês depois ela disse que estava grávida. E o inferno começou novamente, só que em escalas bem maiores. Katharine fez coisas imperdoáveis em nome do amor que ela dizia sentir. Eu acreditava ser carência por ser sozinha e ela desejar tanto uma família, alguém que cuidasse dela.

A imagem da Helena com a minha filha nos braços me traz de volta das lembranças. Suspiro fundo com o coração batendo forte. Ergo o braço e aceno para ela que sorri meio nervosa. Vou ter muito trabalho para ficar longe dessa mulher.

Não contei para ninguém, apenas para a minha mãe. Ela sabe que as duas chegariam hoje. Pedi que ela esperasse que a Helena se acomodasse para conhecer a neta. Ana Clara e o Saulo, meus sócios no escritório, foram completamente contra a minha decisão de trazer a tia da minha filha para

PERIGOSAS ACHERON

morar conosco. Eles acham que eu deveria trazer a minha filha e pronto. Ela sentiria falta, mas logo se acostumaria. Minha mãe também era da mesma opinião, talvez por causa das lembranças que ela tem da Katharine. Confesso que eu estava pronto para fazer isso, pegar a minha filha e deixar que Helena lidasse com o sofrimento sozinha. Mas quando vi a forma como ela tratava a sobrinha, quando soube de tudo que ela fez e abdicou para possibilitar que minha filha nascesse, eu não pude ser imune a isso. Gratidão é um sentimento muito forte e eu não sou um homem de ser ingrato com ninguém. Não seria com uma pessoa como ela com tudo que ela fez por mim.

— Oi, tudo bem, Henrique? — Ela diz segurando uma bebê bem agitada nos braços. Abro um sorriso quando percebo o motivo. Estou segurando um urso de pelúcia quase do tamanho dela.

— Tudo bem, e você? Fez um bom voo?

Olho o seu rosto e fico impactado mais uma vez, como é linda! Seu olhar é tão profundo, tem uma coisa que puxa a gente para ficar olhando para dentro dessas jabuticabas brilhantes. Esse

mesmo olhar me atraiu, me seduziu desde o momento que o vi pela primeira vez. E o formato dessa boca é... um convite para ser beijada, e o pior é que sei o quanto é bom beijá-la. Aproximo-me mais e sinto o seu perfume.

— Foi tranquilo. — Ela me entrega a Valentina enquanto responde. — Essa moça dormiu o tempo todo.

— Você gostou, princesa? — Ela agarra o urso e o aperta sorrindo contente.

— Parece que sim. — Helena passa a mão na cabeça da sobrinha.

— Acho que já podemos ir. Isso é tudo? — pergunto apontando para as três malas no carrinho.

— Sim, não trouxe muita coisa da Valentina. Bebês perdem as roupas tão rápido que nem compensa comprar muita coisa. Sem contar no calor que fazia em Salvador.

— Podemos sair para comprar algumas coisas para ela. — Helena abaixa os olhos sem graça e isso a deixa fascinante, pois sempre a vi na defensiva então esse lado dela me surpreende um

pouco. — Se você achar que precisa, claro.

— Ela é sua filha Henrique, as decisões sobre ela agora também são suas.

— É verdade, mas que bom que usou o também, pois será sempre assim, tanto eu quanto você temos os mesmos direitos sobre ela.

— Obrigada.

Paro atrás do meu carro e aperto o alarme para destravar o porta malas. Ela coloca a Valentina na cadeirinha enquanto eu arrumo a bagagem. Acabo tendo que colocar algumas coisas no banco de trás. Assim que me acomodo no banco e dou partida ela dispara.

— Enquanto seguimos para sua casa, eu gostaria de fazer algumas perguntas sobre você e minha irmã, pode ser?

— Claro, o que deseja saber, Helena?



Capítulo 10

Helena

Entro no apartamento do Henrique onde será a minha nova casa. Será que a minha irmã viveu aqui? Esse pensamento me aperta o peito. Mesmo depois de tanto tempo ainda sinto falta dela. Já faz quase um ano que ela se foi, mas continuo inconformada, triste e com esse aperto conhecido no peito sempre que penso nela. Deveria ter questionado no carro quando fiz várias perguntas sobre a minha irmã mais algumas coisas que agora martelam minha cabeça. Coisas do tipo,

como era o relacionamento dos dois?

— Helena, Valentina, sejam bem-vindas.
— Uma senhora muito bonita de cabelos claros, olhos verdes, com mais ou menos 55 anos diz com um imenso sorriso no rosto. — Deus, como elas são lindas!

— Helena, esta é a minha mãe. Viviane.
— Ele olha carinhoso para ela. — Eu pedi para ela esperar até que vocês estivessem instaladas e mais à vontade...

— Eu sou a mãe aqui, eu decido a minha vida, e não você seu filho sem coração que não sabe como uma avó fica desesperada para conhecer a neta. E não deixaria de recepcionar a minha neta, de forma alguma. — Ela faz uma cara feia ensaiada para o filho que rola os olhos, mas não contesta. — Preciso que ela saiba que estava sendo esperada com ansiedade. Quero que sejam felizes aqui.

— Obrigada — digo, e a Valentina toda assanhada se joga nos braços da avó que se emociona. — É um prazer conhecer a senhora.

— Oi, minha princesa, eu sou sua avó. E senhora está no céu, me chame apenas de Vivi...ou Viviane se preferir, mas dona e senhora, nunca.

— Vem Helena, vou mostrar o seu quarto. A *senhora* vem também, mãe? — Ela rola os olhos quando o filho a chama de *senhora* exatamente da mesma forma que ela tinha dito para não fazer, enfatizando bem o *senhora*. Eu seguro uma risada.

— Ah não, se ela chorar eu vou lá. Vou ficar aqui paparicando-a um pouco, *senhor*.

Acompanho o Henrique pelo corredor observando cada detalhe do apartamento bem decorado. Não é de tamanho exagerado, mas é bem espaçoso. A sala de estar é grande e divide espaço com uma mesa de jantar. Uma parede separa uma sala de TV. Duas portas à nossa frente indica o caminho da cozinha e do corredor que leva aos quartos.

— Minha irmã morava aqui?

— Não, eu morava em um flat, mudei para cá há pouco tempo, para ter mais espaço para a Valentina.

— Certo. — Não sei o motivo, mas respiro aliviada.

— Aquele é o meu quarto, aquele é o

escritório, e aqui — ele abre uma porta —, é o seu e esse o da Valentina.

— Eu pensei que ficaríamos em um quarto só... — ele franze o cenho e percebo que não fui clara. — Quero dizer, eu e a Valentina sempre dormimos juntas...

— Eu entendi o que você quis dizer Helena, mas aqui temos espaço, até um quarto de visitas se quiser receber as suas amigas. Não tem necessidade de você dividir espaço com ela. Pode ter sua privacidade.

— Ela não está acostumada...

— Tem uma cama de acompanhante, você quer ver? E também uma babá eletrônica. — Ele me olha com determinação. — Podemos ir aos poucos fazendo com que ela se acostume a dormir sozinha. Eu entendo que no seu apartamento era necessário que dormissem no mesmo quarto, mas agora não tem mais.

— Tudo bem Henrique, façamos como você quiser.

— Helena...

Giro o meu corpo para entrar no meu

novo quarto. Ele diz meu nome com um pouco de pesar. Ergo meus olhos para seu rosto, ele sacode a cabeça.

— Esquece.

Entro no quarto um tanto contrariada. Sei que não deveria ficar, ele tem toda razão, entretanto não gosto da sensação de uma pessoa tomando as decisões por mim. Há muitos anos isso não acontece, muito menos com relação à Valentina. O cômodo é grande, com uma cama de casal e criados em cada lado da cama. Uma poltrona de leitura. Uma mesa com uma cadeira. Um pequeno closet e um banheiro. O quarto está decorado nos tons de pastéis e rosa antigo, deixando bem feminino e aconchegante.

— É muito bonito. Obrigada.

— Gostou mesmo? Minha mãe ajudou a decorar, mas se quiser pode deixar do seu jeito.

— Está lindo. Obrigada.

Gostei da decoração, não é nada do que eu faria para mim, mas é maravilhosa. Agora percebo que sou crua demais, talvez um pouco fria, pois meu antigo quarto antes da Valentina nascer

era tudo nos tons de cinza e preto. Nada feminino, nada romântico e bem frio.

Ouvimos o choro da Valentina e logo ela está na porta com a avó. Ela me entrega a neta fazendo um bico.

— Pronto, vai com a sua mãe, vai ter muito tempo para se acostumar com a sua avó.

— Eu não sou a mãe dela, — digo suavemente — vem com a titia, amor.

— Mamãe, a Helena não quer que a Valentina a veja como mãe dela.

— Isso vai ser impossível, mas respeito a sua escolha. — A senhora diz.

— Este é o quarto da Valentina, espero que não se importe por ter escolhido tudo, Helena. Se não gostar podemos mudar e deixar do jeito que você quiser.

— Tenho certeza de que irei amar. — Fico boquiaberta com a beleza do quarto. É tudo o que sempre sonhei em fazer para ela, mas não tive dinheiro. — Perfeito.

Meus olhos analisam cada detalhe e parece ter encantado a Valentina também. Ela

PERIGOSAS NACIONAIS

sacode os braços agitada querendo pegar algumas pelúcias sobre os nichos na parede. Henrique pega um urso e entrega para ela.

— Deixei para comprarmos roupas e tudo mais que ela esteja precisando junto com você, tudo bem? Aqui o clima é bem diferente do que ela está acostumada, então vai precisar.

— Claro, é tudo tão lindo.

— Vou buscar as malas na sala. — Henrique sai sem dizer mais nada.

— Olha que lindo, bebê! — Coloco-a em uma almofada gigante que está sobre o carpete. Ela rola de um lado para o outro sorrindo. — Você gostou, não é sua folgada. — Faço cócegas na barriga dela que gargalha contente.

Henrique entra no quarto e seus olhos brilham ao ver a alegria da filha. Nosso olhar se encontra e chego a prender o ar. Vai ser uma luta ferrenha me manter fria diante desse homem.

Henrique senta ao lado da almofada e ela vai até ele engatinhando. Levanto-me e pego álbuns de fotografias que tinha deixado separados para entregar assim que chegássemos.

PERIGOSAS ACHERON

— Minha filha, você é linda demais. — Ele diz pegando-a no colo. — Eu tinha que ir trabalhar, mas acabei cancelando para ficar mais um pouco com ela. Para ela acostumar mais rápido comigo. — Ele diz olhando para mim.

— Trouxe isso aqui para você. — Entrego os álbuns. Ele me olha e seus olhos verdes brilham. — Aqui tem fotos desde quando ela ainda estava na UTI neonatal até o dia em que você a conheceu.

— Obrigado. Não sabe o quanto isso vai ser importante para mim.

— Eu faço ideia.

...

Inacreditável a capacidade de adaptação de uma bebê. Valentina já estava se sentindo dona do pedaço. Tudo girava em torno dela, como sempre foi. Ela está feliz com o novo quarto. Na primeira noite eu dormi no quarto dela que se adaptou muito bem com a caminha montessoriana grande e confortável. Na segunda noite eu dormi no meu novo quarto, e fui eu quem estranhou a mudança. A cama era grande demais, confortável demais e tentei por tudo não ir buscá-la em seu

PERIGOSAS ACHERON

quarto para dormir ao meu lado. Fiquei a noite toda escutando a babá eletrônica que dava para ouvir a respiração dela como se estivesse do meu lado.

...

Henrique estava nitidamente feliz por ter a filha em casa. No dia em que chegamos a mãe dele foi embora já bem tarde querendo saber mais sobre a neta. Olhando cada imagem nos álbuns e fazendo muitas perguntas que eu como uma tia coruja adorei responder. Dona Viviane parece ser uma mulher amável. É engraçada e preocupada com o bem-estar tanto da neta, quanto com o meu.

Os primeiros dias foram bem esquisitos. Era como se eu estivesse em uma viagem para a casa de um estranho, não me sentia em casa, ficava com receio de encontrar com ele em momentos constrangedores por não saber qual a sua índole ou até mesmo de que forma eu iria reagir à sua presença. Acho que tive até um pouco de medo de não me adaptar. Entretanto o Henrique tem feito tudo para mostrar que estamos em casa, que podemos viver bem sobre o mesmo teto. Ele tem sido cortês, respeitador e muito preocupado com nosso bem estar. Então depois do terceiro dia já não

estava mais me sentindo assim. Já podia tomar algumas decisões sem consultar antes, transitar pela casa sem pensar que estava incomodando.

Coloco um pouco de papinha na boca da minha sobrinha que acaba jogando tudo para fora com o movimento dos lábios barulhentos.

— Não bebê, não pode fazer assim. — Limpo a boca suja que está toda sorridente depois da arte que fez. — Acho que já deu por hoje, só vai fazer bagunça. Porquinha.

Coloco o prato na pia e vou para o quarto para limpar a bebê arteira. Estaco na porta quando quase me choco com o Henrique. Ele não disse que viria almoçar em casa. Nos dois primeiros dias ele não veio, pois tinha que almoçar com clientes.

— Meu Deus, que bebê sujo é esse? — Ele estende os braços para a filha sem se importar com a sujeira que ficará sua roupa. Ela se joga no colo dele sorridente. — Tudo bem, Helena?

Talvez por não esperar que ele viesse para o almoço tenha sido o motivo de me deixar com o rosto quente e as mãos geladas, as pernas bambas e o coração batendo um pouco mais rápido. Espero que essas reações à sua presença passem

PERIGOSAS ACHERON

logo.

— Estou bem, sim. Ela vai te sujar todo — digo olhando para a sua camisa azul muito clara, quase branca.

— Não tem problema. Não é papai? Papai troca de roupa.

Ele ergue a filha para o alto que sacode as pernas gargalhando. Suspiro fundo admirando a cena. Ele é sempre tão carinhoso com ela, ela por sua vez parece ter vivido a vida toda com ele, mal chegou e já se acha em casa. Sacudo a cabeça para disfarçar a cara de boba que faço.

— O almoço já está pronto, quer que sirva?

— Não precisa se preocupar Helena, até pensei que poderíamos almoçar fora, tem um restaurante muito bom aqui perto. Mas já que você cozinhou...

— Não sabia que viria, não fiz nada especial. Só Strogonoff de filé, arroz e uma sopinha da Valentina.

— Para mim está ótimo, tirando a sopinha de bebê, adoro Strogonoff. Eu vou

arrumando a mesa enquanto você limpa essa porquinha aqui, pode ser?

— Por mim está ótimo. — Já que pretendia comer na sala enquanto ela brincasse com alguma coisa, nem tinha pensado em arrumar a mesa.

Ele me entrega a filha dando um beijo estalado no rosto dela antes. Quando entro no banheiro solto o ar que estava segurando e encaro o meu rosto no espelho. Valentina aperta as minhas bochechas encostando o seu rosto sujo no meu. Abro um sorriso e beijo todo o seu rostinho arrancando gargalhadas dela.

— É bebê, a vida está bem estranha para nós duas, você não acha?

Termino de limpar a sujeira. Coloco-a na cama sem tirar os olhos para que não faça arte. Troco de blusa e em seguida paro diante da cama quando vejo que ela adormeceu. Coloco-a na própria caminha e pego a babá eletrônica para levar comigo.

Vacilo um pouco quando chego à cozinha e vejo o Henrique arrumando o que parece ser uma salada. Ele tem jeito de que possui muita

PERIGOSAS ACHERON

habilidade com a cozinha. Pega duas espátulas e começa a mexer a salada. Levanta a cabeça e me pega no flagra, observando-o. Engulo em seco e aponto para a salada.

— Não vai me dizer que gosta mesmo disso.

— E você não? Eu adoro rúcula, tomate. Sempre como antes da refeição principal. Foi um hábito que aprendi com a minha mãe.

— A minha até tentou me ensinar, mas eu e esses matos não combinamos em nada. — Ele ri. — É sério, não consigo gostar.

— Jura que não? Pois com o corpo que tem eu jurava que você só vivesse disso — diz e não vejo malícia em sua voz.

— Pois se enganou. — Pego um tomate cereja e levo à boca. — Esse aqui até que não é nada mal.

— A Tini dormiu?

— Sim, ela é desse jeito, está brincando e de repente desmaia.

— Vem, vamos comer. — Ele puxa a cadeira para mim deixando-me completamente sem

jeito.

Agora sei por que a Katy se apaixonou por esse homem.



Capítulo 11

Helena

O telefone toca fazendo a Valentina assustar-se me arrancando uma risada.

— Pabline, tudo bem?

— Helena, meu amorzinho, estou bem e você?

— Não mudou muito desde que nos falamos ontem. — Ela ri.

Desde que me mudei para cá nos falamos quase todos os dias. Ela quer sempre saber como

estou e me coloca a par do que anda acontecendo por lá.

— Mas agora te trago uma ótima notícia.
— Ela solta um gritinho. — Você não vai acreditar.

— Olha, de um tempo pra cá diminuiu muito o meu ceticismo. Agora diz logo o que te deixou tão animada assim?

— Recebi uma ligação do *advogado* do pai da Tini, ele depositou 30% do valor declarado que você gastou com o hospital e com a sua sobrinha, e pasme, corrigido com juro.

Emudeci no mesmo instante. Ele havia pedido um prazo para se programar e pagar, mesmo sob o meu protesto. Não quero receber nada. Faria tudo novamente.

— Helena? Ainda está aí?

— Sim... eu...você sabe que não quero nada, era minha irmã e eu daria tudo por ela e pela minha sobrinha. Não quero esse dinheiro.

— Eu sei disso, mas pensa comigo. Se futuramente o Henrique decidir se casar, você precisa estar amparada para lutar pela guarda da sua sobrinha. O meu conselho é que vá juntando

todo o dinheiro que puder. Você não vai querer ficar a vida toda dependendo dele, vai?

Um aperto repentino surge em meu peito quando penso na possibilidade do Henrique casando-se. Tento justificar o sentimento pelo fato de não querer uma madrasta para a minha sobrinha, não qualquer uma. Mas o maldito aperto se intensifica mesmo pensando que seria uma boa pessoa e que cuidaria bem da minha pequena.

— Claro que não. Sabe que eu me viro desde muito nova, nunca pretendi depender de ninguém, muito menos agora. Eu já estou procurando emprego e logo me ajesto.

— Então precisa olhar com outros olhos, amiga. Guarde esse dinheiro, reúna tudo que puder para derrubar o seu rival e quando pedir a guarda da sua sobrinha vai ter tudo a seu favor, inclusive um teto para ela morar. Você precisa de dinheiro para se manter e vai precisar quando entrar com o pedido de guarda.

— Pabline, eu não vou fazer isso.

— Você precisa. Fique de olhos e ouvidos abertos, reúna provas contra ele, qualquer coisa que indique que ele não pode cuidar da

PERIGOSAS ACHERON

menina. E se precisar armar alguma coisa, faça. Se tiver que fabricar provas negativas contra ele não se intimide. Pois ele vai fazer isso com você.

— Pabline, já chega, não sei de onde você tirou essas coisas, mas eu não faria algo assim. Nunca. E quanto a ele usar algo contra mim, estou aqui porque ele quis assim, não acho que ele...

— Só pense no que estou dizendo, ele pediu seis meses para pagar tudo, esse é o prazo que você tem para garantir-se por completo. Te ligo depois.

Ela não deve ter gostado do que eu disse, pois desligou sem ouvir resposta. Nem posso mensurar o quanto estou chocada com a reação da Pabline, esse lado advogada do diabo eu não conhecia. Arrumar provas para usar contra o Henrique já é um absurdo, imagina armar contra ele.

— Boa tarde! — A voz da Viviane me desperta.

— Boa tarde Don... Vivi. — Trato de me corrigir, já que ela pediu para ser chamada apenas pelo primeiro nome. Sem formalidades.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estava passando aqui perto e não resisti, vim ver a minha neta.

— A dorminhoca acabou de dormir. Mas não deve demorar a acordar, se quiser pode pegá-la.

— Não, prefiro sentar e tomar um café com você.

— Vou preparar, acabei de desenformar um bolo.

— Imaginei pelo cheiro delicioso. Como você consegue? Cuidar da bebê e ainda cozinhar? Já falei para o Henry contratar uma babá para ajudar você.

— Ela é bem tranquila ainda. Quando estiver andando acho que vai ser mais difícil. Talvez precise sim, pois preciso trabalhar também. Não pretendo viver às custas do Henrique por muito tempo. — Me lembro das palavras da minha amiga.

— É verdade, não se preocupe com isso agora, mas quando estiver trabalhando eu faço questão de ficar com ela. Para que servem as avós senão para babar nos netos e deixá-los cheios de birra e manha?

PERIGOSAS ACHERON

— Acho que seria bom para ela, Tini adora você. — Coloco a panela com água no fogo.

— Ai que maravilha, odeio o café dessas cafeteiras. Amo um café coado assim.

— Eu também. Mas às vezes tomo do outro também, quando preciso ser mais rápida.

Termino de coar o café e me sento à mesa.

— Me fala mais sobre você. Henrique disse que é Publicitária.

— Eu sou formada em Publicidade, fiz algumas especializações em Administração e Marketing também. Adorava trabalhar com isso, mesmo tendo dias enfiada no escritório ou em reuniões no final de cada campanha eu me sentia realizada.

— Deve ter sido difícil abandonar tudo para ficar com a sua irmã no hospital e depois com a Tini.

— Sim, foi complicado, eu precisava de dinheiro, então fazia trabalhos freelancer. Mas quer saber? Eu faria tudo outra vez.

— Eu imagino. — Ela pega a minha

PERIGOSAS NACIONAIS

mão. — Eu sou muito grata por isso.

— E você Viviane, trabalha com moda há muito tempo?

— Desde menina, meu pai tinha uma fábrica de calçados masculinos...

Tomamos o café falando sobre nossas vidas. Soube que ela tem uma loja de calçados femininos no shopping bem perto daqui. Algum tempo depois ouvimos o choro da Valentina através da babá eletrônica.

— Você se incomoda se eu pegá-la?

— Claro que não. Vai lá.

— Trago-a para você se ela estranhar.

— Isso vai ser difícil, ela te adora.

Fico na cozinha organizando tudo e preparando a comida da bebê. Algum tempo depois elas aparecem.

— Senti um cheiro gostoso de comida. Acho que tem alguém faminta aqui.

— Já está quase pronto.

O telefone toca na sala e ela vai atender. Logo retorna.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Henry pediu para avisar que vai jantar com um cliente. Não sabe a hora que volta.

— Está certo, obrigada.

— Ele tem ficado muito tempo fora, não é? Deveria ficar mais com a filha.

— Na verdade, não. Só hoje ele não chegou mais cedo. — Ela me olha meio cética.

A verdade é que apesar de morarmos na mesma casa estamos nos evitando. Eu pelo menos tento deixar ele e a filha a sós. Ele está se esforçando bastante com ela, só me procura quando precisa mesmo.

— Estava aqui pensando, preciso ir à loja resolver algumas coisas, o que acha de vocês irem comigo e jantamos por lá?

— Acho ótimo, vou só me arrumar e avisar o Henrique.

Em alguns minutos estamos no shopping, enquanto Viviane estava na loja dela, eu e a Valentina estávamos fazendo compras. Foi bom ter dinheiro na conta, Valentina estava precisando de roupas. Viviane aparece quando estava no caixa para pagar as compras. Pega o meu cartão e estende

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o dela para a moça do caixa.

— Pode deixar que são presentes meus para ela.

— Vivi, não precisa...

— Claro que precisa, por acaso o meu filho te deu o cartão para as despesas dela? Isso é obrigação dele. Vou alertar ao Henrique quanto a isso.

— Olha, isso não vai ser necessário, eu ainda tenho dinheiro e sempre...

— Depois discutimos sobre isso. Esqueci-me de dizer que no próximo fim de semana iremos para Ilha Bela. — Muda de assunto e eu a olho abismada. — Precisamos comprar roupa de banho para ela e para você também, e nem vem. Sou uma velha cheia de dinheiro que não tem com quem gastar. Preciso que me deixe apresentar você e a minha neta. Por favor.

— Eu... tudo bem. Comprei algumas roupas de frio, pois desde ontem está cada dia mais gelado. Ela não está acostumada, e as poucas que compramos quando mudamos para cá já não servem mais. Parece que ela cresce por segundo.

PERIGOSAS ACHERON

— Bebês crescem muito rápido. De um dia para o outro as roupas já não servem.

Pego as sacolas e ela carrega a neta. Seguimos para a praça de alimentação. Fico grata por ter a Viviane ao meu lado, ela tem mostrado ser uma mulher maravilhosa e iremos nos dar muito bem.

— Ela se parece muito com você, acho que por causa dos cabelos escuros.

— Eu a acho a cara do pai, talvez por conta dos olhos.

— Quando Henrique era pequeno parecia muito com pai também. Lembro-me que ele imitava tudo que o pai fazia desde muito pequenino. Quando Heitor ia fazer a barba, ele passava o creme no rosto e pegava um barbeador sem lâminas improvisado e ficava ao lado no espelho. Queria as mesmas roupas do pai.

— Ele deve ter sido uma criança encantadora — digo querendo saber mais, entretanto me contenho em perguntar.

— A sim, ele era. Sempre foi um filho amoroso. Lembro-me de que o Heitor deixou a

barba crescer, então ele queria ter uma barba como a do meu marido, com seus 15 anos ele comprou um produto pela internet para crescer os pelos, e deu uma alergia danada, depois ele ficava raspando sem parar para ver se crescia, mas parecia mais o *Salsicha* do *Scoobdo*. Cinco fios na barba até os 21. Teve a fase rebelde de todo adolescente. Mas mesmo assim agradeço a Deus pelo filho maravilhoso.

— Ele teve ter sido muito namorador — pergunto sem pensar e ela me olha com um sorriso de lado. Tento disfarçar o interesse, entretanto é tarde demais.

— Ele teve as suas fases. Deixei-o livre para levar as garotas para casa, melhor debaixo do meu teto do que pela rua. Então teve sim uma rotatividade grande lá em casa. — Disfarço mais uma vez o interesse e reprimo a vontade de perguntar: e agora? Como ele é? — Uma vez cheguei em casa e uma garota gritava tanto que quase invadi o quarto para perguntar se eles estavam transando ou ele a estava espancando. — Ela começa a rir. — Ele deveria ter uns 17 anos e ficou muito apavorado quando saiu do quarto para

pegar uma água para a escandalosa.

— Vamos tomar um sorvete? —
pergunto querendo mudar de assunto ou acabaria
fazendo muitas perguntas sobre o Henrique.

Dei-me conta de que estou interessada
demais pela vida do pai da Valentina, talvez pelo
fato de que agora temos uma criança para criar.
Deve ser esse o meu único interesse.



Capítulo 12

Quando chegamos em casa já passa das dez da noite. Quando Viviane parou na garagem do prédio estava com a respiração curta. Ela levou a mão ao peito esfregando em agonia.

— A senhora está bem? — pergunto desafivelando o cinto sem tirar os olhos dela.

— Não sei, acho que a minha pressão subiu um pouco. Vou tomar um remédio e já fico melhor. — Ela abre a bolsa que está no banco de trás. — Não se preocupe.

— Vamos subir, a senhora não pode sair

PERIGOSAS NACIONAIS

assim.

— A senhora está no céu. Mas eu vou aceitar a oferta assim mesmo.

Desço do carro e tiro o carrinho da Valentina do porta malas rapidamente. Depois de colocar a bebê no carrinho e as compras na parte de baixo, abro a porta do carro para ajudar a senhora que não gosta de ser chamada assim.

— Não precisa, minha filha.

— A Senho... você vai dormir aqui hoje.
— Decreto assim que ela se senta em uma cadeira na cozinha — Não pode ir embora assim.

— Não quero dar trabalho...

— Para mim não é trabalho nenhum. E essa é sua casa também. Não vou sossegar se não souber que está de fato bem.

— Você é um anjo, Helena.

— O seu filho sabe que está com problemas de saúde?

— Não, e, por favor, não diga nada a ele. Henrique é muito ocupado para ter mais essa preocupação. Posso contar com a sua discrição?

PERIGOSAS ACHERON

— Deita um pouco que já vou arrumar a Tini para dormir. Então venho para aferir sua pressão. Tem um aparelho, não tem? — Não respondo à sua pergunta, é claro que não faria isso. Se ela tiver com algum problema de saúde o filho precisa saber.

— Não. Mas não se preocupe, estou melhor já.

Analiso o seu rosto. Ela fecha os olhos e se deita no sofá da sala. Vou para o quarto e coloco a bebê adormecida no trocador, troco a fralda, coloco um pijama e ela sequer se move. Em seguida deito-a no berço. Chego à sala e Viviane dorme tranquilamente.

— O que minha mãe está fazendo aqui?
— Henrique diz me assustando.

— Shiii. Vai acordá-la. — Ele se aproxima do sofá com uma expressão estranha. — Ela passou mal e eu não a deixei ir embora, então pedi que ela deitasse até eu terminar de colocar a Valentina para dormir. Você por acaso tem aparelho de aferir pressão?

— Minha mãe não tem problema de pressão. — Ele chega e coloca a mão na testa dela.
PERIGOSAS ACHERON

— Mamãe?

— Nunca te ensinei que não se acorda uma mulher adormecida? — Ela diz sem abrir os olhos.

— Está dormindo no sofá, precisa ir para a cama, ou seria melhor levá-la a um hospital?

— Quando uma mulher está adormecida no sofá da sua sala você deve carregá-la nos braços até a cama — diz ignorando o que o filho disse. — Homens, tão insensíveis.

— Mamãe...

Ela se levanta e nitidamente finge uma tontura. Ele ergue as sobrancelhas para ela e eu franzo o cenho intrigada.

— Nada de médicos, foi apenas uma indisposição. A Helena insistiu para que eu ficasse...

— Não achei que ela pudesse dirigir no estado que estava — digo, mas já duvidando se foi o melhor a se fazer.

— Vai dormir aqui? — Ele pergunta. — Então deveria usar o quarto e não o sofá.

Ela me olha com um sorriso doce no

PERIGOSAS ACHERON

rosto.

— Obrigada por ter cuidado de mim, minha filha. Vou dormir um pouco. — Ela deixa um beijo no meu rosto e segue para o quarto de hóspedes. Olho para o Henrique que dá de ombros.

— Nem me pergunte o que está acontecendo.

— Eu não faria isso — digo.

Só então percebo sua camisa amassada e com uma mancha do que parece ser vinho na altura da barriga. Outra mancha leve cor de rosa próxima à gola da camisa parece ser batom. Em um jantar com clientes? Sei bem que tipo de jantar deixa as roupas amassadas assim e acabam a essa hora da noite. Meus olhos seguem para a parede onde tem um relógio que marca dez para uma da manhã. Viro em direção ao corredor que dá para os quartos onde a Viviane acabou de ir.

— Boa noite, Henrique.

— Helena...

Entro no quarto e fecho a porta com um nó na garganta. Mas que droga é essa que está acontecendo comigo? Ele é livre para sair com

quem quiser. Eu não imaginei mesmo que um homem como ele fosse adepto ao celibato apenas porque tem uma mulher completamente estranha morando em sua casa. Não consigo compreender por que essa sensação de estar sufocando, de estar perdendo alguma coisa está correndo tão forte em mim.

Entro no banheiro do meu quarto, tiro a roupa e ligo o chuveiro tentando tirar da mente como teria sido a noite do Henrique.

...

Giro de um lado para o outro. Estava com calor, então liguei o ar, em seguida desliguei porque estava frio demais e provocou uma secura terrível na minha garganta. Já passa das três horas da manhã e eu lamento por não ter começado a ler um bom livro ao invés de ficar horas tentando dormir. A noite toda foi uma luta, não só para pegar no sono, como também para não pensar em nada que fosse relacionado com o pai da minha sobrinha. E que bom que consegui. Tiro as cobertas para o lado e levanto com a intenção de ir à cozinha tomar um pouco de água.

Bebo dois copos de água gelada, coloco

sobre a pia e fico no escuro olhando para o nada. Uma chuva começa a cair e o vidro da janela da cozinha tem toda a minha atenção agora. Aproximo-me dela observando os pingos grossos caindo sobre as árvores ao redor da piscina da área de lazer, a janela está um pouco aberta e eu ouço uma canção tocando bem distante. Não tem como não reconhecer Say (all I Need) do One Republic, eu adoro essa música, mas não a ouço há muito tempo. Um raio corta a escuridão me assustando e eu instintivamente dou alguns passos para trás me chocando com uma parede de músculos.

— Ei, cuidado.

Ele me ampara nos braços e eu tenho um *dijavu* de quando estive prestes a cair e esses mesmos braços me ampararam. Tento me soltar, mas ele me aperta um pouco mais. Ouço-o suspirar com a cabeça encostada em meus cabelos. Ele está cheirando os meus cabelos? O meu coração que já estava disparado começa a bombar sangue mais quente por todo o meu corpo. Engulo em seco e fecho os olhos com imagens nítidas em minha cabeça e o gosto do seu beijo em meus lábios. Vejo-me girando para ficar frente a frente com ele,

enlaçando o seu pescoço e cobrindo a sua boca com a minha.

Mas não é isso que eu faço. Eu me afasto como se o fogo que estivesse se espalhando pela minha pele realmente pudesse queimar.

— Você está bem? — O tom rouco de sua voz reverbera por todo o meu corpo e o meu coração bate em resposta.

Não, não estou. Eu quero te beijar agora. A imagem da Katy vem em minha cabeça me fazendo sentir a pior das traidoras. Seu olhar me acusa e me sinto envergonhada, frustrada e triste.

— Estou sim, com licença...

Saio correndo da cozinha com o corpo em chamas e os olhos prestes a derramar um rio de lágrimas. Tenho vontade de confrontá-lo, de dizer para nunca mais me tocar. Ele estava cheirando os meus cabelos e devo admitir que isso, apesar de parecer uma coisa simples, foi muito erótico para mim. O que é um completo absurdo.

...

— Bom dia! — Viviane me saúda com alegria. — Oi, princesa da vovó.

— Bom dia!

— Dormiu bem, Lena? Posso te chamar assim, não é?

— Claro, fique à vontade. Minha mãe me chamava assim. Já Katy sempre me chamava de Ella.

— Você está bem? Não parece que dormiu muito. — Meus olhos se erguem para ela enquanto Valentina segue para o seu colo.

— Acho que foi por causa da chuva. — Engulo em seco. — O Henrique?

— Ele saiu muito cedo hoje, disse que vai ter que fazer uma viagem de alguns dias. Vai hoje à noite e retorna na quinta. Mas vai passar para se despedir de vocês antes de ir.

Não consigo esconder o meu alívio quando ela diz isso. Ao mesmo tempo em que estou decepcionada. Estou uma bagunça e só tem alguns dias que estou aqui.

— Viviane, você conhecia minha irmã?
— Levo a xícara à boca e sorvo um pouco do café.

— Sim, não tivemos muito contato, ela não permitia que acontecesse. — Ela repuxa um

pouco a boca para esquerda em desgosto. — Não vou mentir para você minha filha, eu não gostava muito da sua irmã, uma vez que ela queria me separar do meu filho. Ela queria o Henrique apenas para ela. Mas eu não quero falar mal da sua irmã, sei que ainda não deve ter superado a forma como a perdeu, além do mais não é de bom tom falar mal dos mortos.

— Eu... acho muito estranho ela nunca ter me contado sobre o Henrique, nem ter falado sobre mim para ninguém. — Abaixo os olhos. — Não me conformo. Como ela foi capaz de me deixar de fora da vida dela dessa maneira? Só queria entender.

Não queria parecer uma fraca chorona que fica se lamentando o tempo todo pelo que passou. Mas às vezes isso doía como o inferno. Não era só a falta dela que me machucava, mas a falta de saber o porquê não fui digna de ser apresentada como sua irmã, a falta de amor que ela teve por mim, de consideração entre outras coisas.

— Não faça isso, não se martirize pelos atos da sua irmã. — Ela afaga a minha mão por cima da mesa. — Não deixe que pensamentos

encham essa cabecinha de coisas. Posso não a conhecer há muito tempo, mas já percebi só pelo que fez pela minha neta que é uma pessoa maravilhosa e de um coração enorme.

— Obrigada. Ei, estou aqui me lamentando e nem perguntei como está.

— Estou ótima, não se preocupe. O Henrique falou algo sobre uma babá vir fazer entrevista hoje, quer que eu fique para te ajudar?

— Eu já disse para ele que não precisa...

— Você não pode viver 24 horas por dia por conta da bebê, precisa se distrair, tomar um longo banho de banheira, namorar. Linda como é, deve estar cheia de pretendentes.

Abro um sorriso pela forma que ela falou. Engraçado é que me sinto muito à vontade na presença dela.

Viviane ficou o dia todo comigo. Rimos muito durante as entrevistas das garotas que o Henrique mandou para a vaga de babá. No final da tarde ela foi embora deixando um grande vazio pela casa. Já era seis da tarde quando Henrique chegou. Fiquei um pouco desconcertada pelo que tinha

ocorrido na noite anterior, mas ele não tocou no assunto.

— Desculpa não ter te avisado sobre a viagem antes, é que cheguei tarde ontem, minha mãe estava aqui e eu acabei esquecendo.

— Tudo bem, mas não me deve satisfação...

— Devo sim, moramos na mesma casa, estamos dividindo a criação de uma criança. Precisamos estar a par de tudo que o outro vai fazer, Helena. Só assim para funcionar.

— Minha nossa, ouvir você falando assim me fez lembrar uma coisa muito importante.

— Bato a mão na cabeça. — A Valentina tem consulta mensal com a pediatra e ela me ligou para confirmar a próxima consulta, então achei melhor pedir que me indicasse um que fosse da confiança dela. A Dr.^a Elisete mesma fez questão de ligar para ele e marcar um horário, uma vez que é muito difícil conseguir. Ficou marcado para depois de amanhã. Tudo bem?

— Eu gostaria de poder ir também, mas fica para a próxima consulta. Meu carro vai ficar na garagem, então você pode usá-lo. Isso me faz

PERIGOSAS ACHERON

lembrar de que precisamos resolver o problema do seu carro. — Franzo o cenho em uma pergunta muda. — Você vai precisar de um para esse tipo de coisa, vamos escolher assim que voltar de viagem.

— Tudo bem, mas acho que Viviane gostaria de me acompanhar. Você acha que posso chamá-la?

— Minha mãe vai adorar. — Me olha de forma estranha. — Vocês duas parecem ter se dado muito bem.

— Sua mãe é um amor. — Ele ri meio cético.

— Não se engane com aquela aparência doce, teve sorte dela ter gostado de você, pois do contrário estaria agora desejando que ela ficasse bem longe.

— Tem outra coisa que eu quero que saiba. Não vou querer dinheiro algum. A minha amiga, quer dizer, a minha advogada, me ligou e disse sobre...

— Esse é um assunto que não iremos discutir. O dinheiro é seu e está na hora de aceitar isso. Irei pagar tudo que...

— Dividimos então — digo no impulso.
— Não vou aceitar nada mais do que isso.

— Conversamos isso futuramente, ok?
— O choro da Valentina através da babá eletrônica nos faz rir. — Pode deixar que eu a pego.

Ele segue para o quarto e posso ouvi-lo através do aparelho.

— Cadê a princesinha do papai? — A gargalhada dela me faz abrir um sorriso. — Que coisa mais linda. Me dá um beijo aqui...

Desligo o aparelho para não invadir a privacidade deles. Alguns minutos depois ele aparece com uma bebê sorridente no colo. Seus olhos se prendem aos meus assim que ele me entrega a filha e ficamos bem próximos um do outro. Ele se inclina respirando fundo, eu faço o mesmo e sinto o seu perfume delicioso. Seus olhos caem para a minha boca, sinto os meus lábios queimando com o seu olhar e mordo-o forte para tentar diminuir a necessidade de sentir os seus. Valentina decide neste momento voltar para o colo do pai, puxo o ar para dentro e depois inspiro forte, em seguida sentamo-nos no chão. Ficamos brincando com ela na sala até dar o horário dele ir

para o aeroporto. Antes de sair ele abraça a filha apertado, beija seu rosto demoradamente e em seguida faz o mesmo comigo só que de maneira rápida como se o toque do meu rosto em seus lábios tivesse dado um choque. Foi um beijo de amigo, irmão, sei lá, um toque simples e rápido, mas que me fez desejar muito mais. Assim que a porta se fecha respiro aliviada, ao mesmo tempo em que algo que não sei nomear com precisão aperta o meu peito. Um pensamento me vem à mente, a imagem nítida do diário da Katy. Talvez nele eu encontre algumas respostas.



Capítulo 13

Henrique

Ainda sentados em volta de uma mesa na sala de reunião, enquanto Frederico apresenta todas as estipulações para o contrato após a assinatura já revisada por mim, eu só pensava em acabar logo com isso e ir embora para casa. Passei a noite toda acordado para conseguir reorganizar tudo que o meu cliente precisava para a aquisição de uma empresa falida que deseja reerguer só para ter o prazer de voltar mais cedo para a minha família.

— Eles querem um prazo para a

mudança de pessoal. Para não assustar os investidores — digo me referindo aos antigos donos do laticínio.

— Sério? Não acho que iremos mudar o quadro, já que se trata de uma cidade relativamente pequena. Não haverá tanta mudança assim. — Ele diz meio irônico. — Eles não têm opção, precisam do dinheiro.

— Estamos falando de uma indústria com uma grande cooperativa — acrescento com delicadeza, porém com firmeza —, pode sim ter uma queda muito grande no pessoal principalmente os mais antigos não quererem mais fazer parte da empresa.

— Você tem razão, não havia pensado nisso.

— Por isso estou aqui Frederico, para pensar por você.

— Ótimo. Podemos discutir os detalhes que faltam e acabar logo com isso. Tenho uma festa para ir ainda hoje. Vem comigo como nos velhos tempos?

— Estou mais para ir para o hotel e

descansar, vou ter que comprar uma passagem ainda hoje, já que pensei que seria mais demorado.

— Está de namorada nova? Recusando uma noitada boa.

— Digamos que sim.

Falo só para evitar a insistência dele. Mas o que me fez desistir foi o que aconteceu na noite que cheguei em casa tarde e minha mãe estava lá. Depois de um jantar com um cliente, a assistente dele que já tinha me dado mole a noite toda me entregou um bilhete com o endereço dela dizendo que me esperava nua naquela noite. A mulher era bonita e muito atraente, eu sou solteiro e não via mal nenhum em ter um pouco de diversão naquela noite. Na verdade, eu estava precisando para tentar tirar a Helena da minha cabeça. Ter essa mulher em casa todos os dias está me deixando louco.

Cheguei ao endereço dela depois de tomar uns drinks e ponderar se ia ou não. Ela cumpriu a promessa. Abriu a porta completamente nua, me puxou pela gola da camisa e já foi me beijando. Até aí tudo bem, ela se serviu de uma taça de vinho e derramou um pouco na minha

camisa. Rindo, deitou a cabeça em meu peito. Ergui o seu rosto e beijei a sua boca. Mas não foi a imagem dela que vi diante de mim quando fechei os olhos.

Foi Helena.

Foi como um balde de água fria lembrar-me daqueles olhos negros como um lago na noite escura. Entretanto cada vez que a sua imagem vinha em minha mente eu desejava mais a mulher que estava comigo, sendo que no fundo não era ela que eu realmente estava desejando e sim a imagem dentro da minha cabeça, a mulher de olhos escuros, boca sedutora e cheiro delicioso. O sabor daquela boca não era o que eu queria, mas ainda assim acabei insistindo e como um canalha que pensa com a cabeça de cima e sente com a de baixo transei com uma mulher pensando em outra e não me orgulho disso. Fora que chegar em casa e ver o olhar magoado da Helena quando percebeu as marcas de batom na minha camisa me deixou de coração apertado.

Terminamos a reunião com menos tempo do que previa, com os contratos já assinados, restaria apenas algumas horas do dia seguinte para

a assinatura da outra parte. Está um pouco frio na cidade de Curitiba hoje, como estará o tempo em São Paulo? Como será que foi a consulta da Valentina? Ligar outra vez para saber como ela está, uma vez que fiz isso hoje pela manhã antes de sair seria demais.

Chego ao hotel e tomo um banho antes de fazer exatamente o que tinha dito que não faria. Ligo para casa.

— Henrique? — Ela atende com sua voz suave e eu fico feliz em apenas ouvir essa melodia que causa impacto sobre mim. Que coisa mais idiota.

— Oi, tudo bem? Então, já estou no hotel e... — pigarreio — como foi a consulta da Valentina? — Deito na cama. — Correu tudo bem?

— Foi ótima, gostei do médico que irá acompanhar a Tini, sua mãe foi comigo e parece ter aprovado também.

— E como ela está?

— Sua mãe?

— A Valentina. — Começo a rir. — A minha mãe eu sei que está bem, falei com ela

ontem à noite e está tão empolgada por ser avó, sem contar na viagem do fim de semana que ela está empolgadíssima. — O que me deixa desconfiado, penso.

— Valentina está muito bem, cresceu mais do que o esperado e o peso está ótimo.

— Que bom... — fica um silêncio constrangedor, acontece que eu não quero desligar, quero ficar ouvindo a sua voz por mais tempo, mas não sei o que falar. — Então boa noite.

— Boa noite Henrique. — Ouço a voz da Valentina balbuciando e abro um sorriso antes de ouvir o bip do telefone.

Levanto-me e fico andando de um lado para o outro tentando não ligar novamente com alguma desculpa idiota. Mas é exatamente o que faço, e ainda pior, faço uma chamada de vídeo, preciso muito ver o seu rosto. Ela não demora para atender. Sua imagem aparece na tela um pouco séria mordendo o lábio inferior, cabelos em um coque desarrumado. Linda!

— Oi — digo com um sorriso sem graça.
— Seria pedir muito para ver a minha filha?

Ela abre um enorme sorriso como se o que eu disse fosse a coisa mais linda do mundo. Seus ombros exibem alças muito finas de uma camisola azul. Fico imaginando como seria o resto dessa peça. Teria rendas? Seria transparente? Como estaria sobre o seu corpo? Pensar essas coisas foi mal, muito mal, porque agora estou excitado e com a mente fantasiando.

— É claro, ela estava agora mesmo gritando aqui. Acho que vai demorar para dormir hoje. Está tão elétrica que não sei onde arruma tanta energia. — Ela muda a tela do celular na direção do bebê. — Olha princesa, o papai.

— Pa...pa.

— Ela disse papai? — pergunto sem acreditar.

— Acho que sim.

— Que coisa mais linda. Cadê a princesinha do papai?

— Papapapapa.

— Acho que ela está mesmo falando papai.

— Helena... — chamo para ver se ela

mostra mais uma vez a imagem do seu rosto. Ela gira o celular em sua direção e assim que seu rosto aparece, eu não consigo inventar uma desculpa. Lembro-me da minha mãe quando escolhi estudar Direito. Ela disse: “você não tem pinta de advogado. Não sabe mentir e isso vai te prejudicar muito nessa profissão de homens mentirosos”.

E ela tinha razão, eu realmente sou um péssimo mentiroso.

— Henrique? — chama me despertando.

— Obrigado. E boa noite.

— Boa noite!

Desligo o telefone e fecho os meus olhos me deliciando com as lembranças da imagem dela. Pego o meu celular e olho a foto que tirei outro dia na área de lazer do prédio enquanto ela brincava com a minha filha. Na foto ela sorri olhando com tanto carinho para a Valentina que fiquei hipnotizado. É uma foto linda que escondo até mesmo de mim. Acho que preciso tomar uma decisão sobre a Helena. Não posso mais aceitar o que ela me propôs de não ter envolvimento entre nós dois além do fraternal. Eu sei que por causa da memória da irmã vai demorar um pouco, mas vou

PERIGOSAS ACHERON

me empenhar em ter essa mulher em meus braços. Ah, se vou. Eu preciso, é uma necessidade pungente e não apenas um capricho. Que se foda o fraternal, não tem nada de fraterno os pensamentos que tenho tido sobre ela.

Eu não acredito que estou me apaixonando pela irmã da mulher que me deu a maior dor de cabeça em um relacionamento. É inacreditável que eu tenha me sentido tão atraído por ela desde a primeira vez que a vi naquele bar na praia. Que o nosso beijo tenha ficado tão fortemente marcado em meus lábios. E mais inacreditável ainda que isso só cresça a cada dia. Ela também não é imune a mim. Eu percebo o quanto mexo com ela, sei bem que está tão atraída por mim quanto eu por ela. E eu não vou desistir.

...

Chego ao meu apartamento às oito da noite do outro dia. A reunião que eu presumi ser rápida acabou enrolando por conta de alguns pontos que o vendedor resolveu contestar de última hora no contrato. Então fomos ajustar os papéis e discutir a melhor forma. Saí de lá e fui direto para o aeroporto pegando o primeiro avião que ia para São

Paulo, que saiu quatro horas depois.

Abro a porta e encontro o apartamento no completo silêncio. Uma ansiedade enorme para ver a minha filha e a tia dela.

— Helena? — chamo sem obter resposta.

Preocupado sigo para o seu quarto e chamo o seu nome mais uma vez sem ter resposta. Ouço o barulho de água do chuveiro e a risada da Valentina. Paro na porta sem conseguir tirar os olhos da imagem. Helena completamente nua com a minha filha no colo em meio a uma névoa de vapor brinca embaixo do chuveiro. Ela está de costas para mim e nenhuma das duas se dá conta do que estou vendo. Sua silhueta perfeita faz um contorno lindo de suas costas, cintura fina e seu traseiro redondo e empinado, suas pernas bem torneadas me deixam babando com a imagem. Puta que pariu, como é linda. Minha mão formiga de vontade de apertar aqueles montes arredondados, como seria a textura de sua pele? Como ficaria se eu apertasse forte ou...

— Acho que está na hora de sair da água não é bebê? Vai ficar enrugada igual uma velhinha.

Saio do quarto antes que ela me veja.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tenho certeza de que seria um constrangimento para nós dois. Embora eu adoraria ficar olhando mais um pouco como um maldito tarado.

Se contenha Henrique.

Não posso estragar tudo. Vou para o meu quarto tentar acabar com a ereção que se formou. O que é um absurdo, ela estava com a sua filha no colo, seu pervertido.

— Henry? — Ouço a voz da minha mãe.
— Achei que chegaria só amanhã.

Era só o que me faltava.

— Mamãe, não tem casa mais não?

— Tenho sim, mas estou cogitando a ideia de vir morar com você. — O sorriso diabólico que ela abre me faz cerrar os olhos. — Sabe, para proteger a Lena de você ficar bisbilhotando enquanto ela toma banho com a sua filha.

— Eu não estava... — me sinto um garoto sendo repreendido pela mãe.

— Agora vê se vai resolver o problema abaixo da sua cintura. — Abro a boca chocado e instintivamente levo a mão até lá tapando. Ela solta uma gargalhada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisa se conter meu filho, ou vai assustar a doce Helena. Ela não é o tipo de mulher que está acostumado, não mesmo.

— Mamãe... — suspiro fundo. — Precisamos ter uma conversa séria.

— Ah sim, preciso mesmo te ensinar umas coisinhas.

Ela se vira e entra no quarto do qual acabei de sair. Abaixo a cabeça, ergo as mãos constatando que nem esse episódio com a minha mãe no corredor fez a minha ereção abaixar.

— Merda.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 14

Helena

Coloco a Valentina na cadeirinha de balanço que ela adora. Ela fica vidrada tentando arrancar os bichinhos pendurados. Ela faz festa enquanto ouve o som que sai dela. Abro um sorriso e passo a mão por sua cabeça. Levanto e abro a porta do closet. Nesta parte resolvi guardar algumas coisas da Katy que chegaram alguns dias depois do acidente, e também os pertences que ela estava carregando na hora. Foi muito difícil tomar a decisão de doar as coisas dela, mas eu precisava

desapegar, então guardei algumas coisas muito pessoais comigo para ter um pedaço da minha irmã sempre, inclusive o diário. Suspiro fundo e abro a primeira página.

Ler o diário da Katy não foi uma decisão nada fácil, mas preciso entender algumas coisas. Uma delas é do porque ela me excluiu da sua vida. Qual foi o motivo de eu ser o seu segredo? Éramos tão amigas, tão unidas e eu sempre fiz tudo por ela. Baixo os meus olhos para a letra arredondada desenhada no papel. As primeiras palavras já me arrancam algumas lágrimas.

Querido Diário,

Não vou começar colocando datas, porque não quero ser como todo mundo, nós dois sabemos que dia é hoje e nada vai mudar isso. São os acontecimentos que marcam e não a data em si. Tenho tantas coisas para contar, coisas que só eu e você saberemos, segredos que não ousa contar a ninguém.

Sempre conto tudo para a Ella, mas você sabe que todo mundo tem seus segredos, e eu tenho os meus. Eu amo a minha irmã, não é nada do que

PERIGOSAS ACHERON

está pensando. Só gosto de escrever o que estou sentindo. E saiba diário amigo, você não é o primeiro. Tenho vários como você...

Discordo da parte que ela diz que sempre me contava tudo, pois esqueceu que não me contou detalhes muito importantes, um namorado e uma gravidez. Leio muitas páginas, entretanto não encontro nada de muito relevante. Se ela tivesse colocado a data teria sido muito mais fácil de procurar o que eu queria. Mas o que eu queria afinal? Algo que me deixasse mais perto dela? Que me fizesse entender sua mente? Não consegui deixar de emocionar-me mesmo que não houvesse algo mais relevante, o problema é que às vezes eu até podia escutar a voz dela como se estivesse confidenciando os seus segredos a mim. É estranho, mas não sinto como se estivesse invadindo a privacidade dela, não mais. Vou voltar para a leitura quando a campainha toca. FRANZO o cenho intrigada de quem possa ser. ENXUGO o meu rosto banhado de algumas lágrimas, pego a minha sobrinha no colo e vou atender à porta certa de que a pessoa esperando lá tem acesso livre ao

apartamento ou teriam me avisado antes que ela subisse.

— Oi? Posso ajudar? — pergunto assim que vejo a figura de uma mulher de cabelos castanhos na altura do queixo impecavelmente arrumados, olhos verdes moldam um rosto maquiado e muito bem vestida com uma saia lápis preta e uma camisa de seda bege, parada à porta com um imenso sorriso aberto segurando um urso de pelúcia.

— Olá, você deve ser a Helena. E essa coisinha linda deve ser a filha da Katharine. Eu sou Ana Clara, sócia do Henrique e amiga da Katy.

Ela estende a mão para mim e eu aperto. Seus olhos estão grudados na Valentina.

— Entre, por favor.

— Estou há dias esperando um convite para conhecer vocês duas, mas o Henry sempre inventa uma desculpa, então aproveitei a viagem dele e vim ver vocês.

Acho que meu olhar para ela foi de dúvida, pois ela abre um sorriso ainda maior.

— Não que seja segredo vocês estarem

aqui, e nem que ele esteja escondendo vocês do mundo, mas o Henry diz que depois que se sentirem mais em casa e adaptadas iremos marcar um jantar, entretanto eu não consegui esperar. Posso pegá-la? — pergunta estendendo os braços para a Valentina. — Que coisa mais linda, se parece muito com pai.

— Então você é... era amiga da minha irmã? — pergunto me sentando no sofá enquanto Valentina está completamente atraída pelo presente.

— Sim, desde o primeiro dia dela no escritório já simpatizei com a sua irmã. Nos tornamos amigas e ajudei no que pude com o relacionamento dela e do Henry, mas... bem estou falando demais, não é?

— Não, claro que não. Ela... ela falou de mim para você? — pergunto com esperança de que ao menos para ela a Katy tenha falado. Ela me olha e posso ver pena em seu olhar, só que muito fingida.

— Não, Katy nunca disse que tinha uma irmã, nem família. — Sua resposta me fere como uma navalha. — Ela disse que tinha perdido todos

os parentes em um acidente de carro, mas nunca mencionou uma irmã. Vocês eram brigadas ou coisa assim?

— Não, eu e a minha irmã sempre nos demos muito bem. Aceita um café? — Levanto-me indo para a cozinha levando a decepção estampada em minha face. Valentina chora no colo da Ana Clara.

— Não, obrigada. Você...

— Ana Clara, o que faz aqui? — Viviane entra na cozinha, pega a Valentina que estende os braços para ela e cessa o choro na hora.

Pelo pouco que conheço da Vivi seu olhar me diz que não gostou da visita inesperada. Nós adquirimos um hábito de tomar café juntas toda tarde, às vezes saímos para uma cafeteria aqui perto, mas na maioria das vezes ficamos em casa mesmo conversando, ela me conta sobre o marido e filho, esse segundo confesso que adoro ouvir. Hoje ela veio um pouco mais cedo do que de costume. Viviane tem sido uma ótima companhia.

— Vivi, que surpresa. Não sabia que tinha se mudado para cá.

— Pois então, a casa do meu filho sempre foi minha casa, agora tenho um motivo a mais para estar aqui. — Me dá um beijo no rosto. — A vida ficou melhor com essas duas maravilhas por perto.

— Bom, como disse, só passei para fazer uma breve visita. — Não foi o que pareceu antes da Viviane chegar, penso. — Até mais. Espero que vá lá em casa retribuir e conhecer o meu marido. — Sorri abertamente. — Tchau, bebê. Viviane...

— Adeus, Ana Clara.

Acompanho a mulher até a porta, ela para e me analisa dos pés à cabeça.

— Pode ver em mim uma amiga se precisar de uma, assim como fui para a sua irmã. — Ela diz e beija o meu rosto.

— Obrigada, irei precisar sim. — Principalmente para entender algumas coisas.

Volto para a cozinha e encaro a Viviane, ela me dá um dos seus sorrisos doces.

— Olha, espero que o que disse não seja verdade. Eu não vou e nunca fui com a cara dessa megera, e digo mais, acho que tem dedo dela no

fato da sua irmã ter me colocado no posto de inimiga.

— Me fale mais sobre isso.

— Melhor não. Você é esperta, vai saber lidar com ela. Sempre falei para o Henry que ela...

— Faz uma careta. — Esquece.

— Não vai adiantar eu perguntar, não é?

— Você sabe que não. Agora deixa de conversa fiada e começa a fazer o café.

...

— Tudo pronto? — Henrique pergunta ao entrar no quarto da Valentina onde eu estava organizando as malas dela para viajarmos.

Já faz dois dias que a Ana Clara esteve aqui. Dois dias que não tive mais coragem de pegar no diário da Katy. Não sei qual o motivo, mas parecia que ela iria falar comigo através dele e diria que o coração de alguém bater forte como o meu bateu quando o Henrique chegou de viagem não era coisa de irmã leal aos sentimentos da outra. Minha consciência está me acusando em tempo integral.

— Sim, sua mãe comprou tanta roupa de banho para ela que nem sei se vai conseguir usar

tudo.

— Bem típico da Dona Viviane.

— Dona não, pelo amor de Deus, nem sei o que ela faria comigo se soubesse que estamos chamando-a assim. — Ele ri e o interfone toca. — Eu atendo.

Sairemos amanhã bem cedo para Ilha Bela. Adorei a ideia de ficar alguns dias de frente para o mar, coisa que eu adoro e já estou sentindo falta. Ainda não me acostumei com esse clima bipolar paulistano.

— Pode mandar subir. — Ouço o Henrique dizer assim que me aproximo. — Encomenda para você.

— Que estranho, não estou esperando nada.

A campainha toca e abro a porta me deparando com um imenso buquê de rosas vermelhas. Tão grandes como nunca tinha visto antes. Assino o papel da entrega e pego as rosas. Meus olhos encontram os do Henrique que fecha completamente a cara diante da imagem das flores.

— De quem são? — pergunta e eu pego

o cartão para ver. — Desculpa, não é da minha conta — diz ríspido.

Adorei te conhecer. Espero te ver em breve.

— Não tem remetente.

— E você não faz ideia de quem mandou isso?

— Boa noite família, desculpe a demora. O trânsito está terrível hoje. — Viviane arregala os olhos quando vê as flores em meus braços. — Que coisa linda! O Doutor mandou?

Só então me lembro do médico bonito que levei a Valentina para consultar. Um moreno de olhos escuros que realmente não pode ser ignorado por tamanha beleza. Viviane ficou falando o tempo todo na minha cabeça sobre a forma que ele me olhava, e claro que percebi, mas ele tentou disfarçar. Me deu o número pessoal dele para qualquer emergência ou se não tiver tanta emergência assim.

— Que Dr.? — Henrique diz olhando a mãe que sorri diabolicamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu disse que ele tinha ficado na sua.

— Mamãe, onde mesmo está aprendendo essa linguagem estranha? Ficado na sua?

— Trabalho com um bando de jovens e ouço isso o tempo todo. — Ela diz me fazendo rir. — Não tenho culpa se é você o velho aqui, meu filho. Eu não sou. E olha só... — pega uma rosa do buquê. — Chegou agora e já está arrasando corações. Estou certa de que essas rosas são dele. Por que não liga agradecendo?

— E por que a senhora não deixa de ser intrometida e deixa a Helena em paz?

— Não tem remetente, não vou cometer uma gafe dessas — digo seguindo para a cozinha para colocar as flores em um vaso.

— Tudo bem, mas não custa nada você perguntar. Se não foi ele, quem foi então?

— Mamãe, onde está a sua mala? — Henrique pergunta na tentativa clara de mudar de assunto. — Acho que já podemos ir colocando as malas no carro e aproveito para ter uma palavra com a senhora.

Ele segura carinhosamente no braço dela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que pisca para mim antes de sair. Muito estranho essas rosas, deve ter muito mais do que duas dúzias. Abro um sorriso cogitando ligar e agradecer.

Henrique voltou algum tempo depois com a Viviane, ele com cara de poucos amigos, ela com expressão que beirava contentamento ou extrema felicidade. Jantamos com ela falando o tempo todo e ele completamente introspectivo como nunca vi.

— Sua amiga Ana Clara esteve aqui quando estava viajando — digo.

— Ela me disse que veio, eu sinto muito, se soubesse que ela viria teria te avisado antes, Helena.

— Não tem problema — digo. — Ela estava esperando um convite, mas como isso não aconteceu... ela disse que era amiga da Katy.

— Ela disse isso? — Ele me olha estranho. — Bom, elas eram sim. Até que do nada ela arrumou um ciúme infundado da Clara. Mas ela entendeu e deve ter relevado todas as coisas que Katy disse e fez para ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que a Katy fez?

— Acho melhor deixar isso para lá.

— Não, eu quero saber.

— Sua irmã acusou a Ana de ser apaixonada por mim, mas isso não é verdade, somos amigos desde a faculdade, nunca tivemos nada e além de tudo ela é casada. E muito bem casada.

— Isso é verdade, com um marido daquele não sei por que raios ela não te deixa em paz. — Viviane diz e o filho revira os olhos.

— Não dê ouvidos para a minha mãe. Ela adquiriu uma implicância gratuita desde que conheceu a Ana, a mais de dez anos.

Os dois começam a debater sobre as amigas do Henrique que a Viviane nunca se importou de serem amigas, ela alega que vê nos olhos da outra que ela gosta do filho, mas não quer deixar o marido, não assume porque sabe que Henrique não aceitaria e tem medo de acabar sozinha. Fico observando e pensando que preciso urgente voltar a ler aquele diário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 15

A casa na qual ficaremos me deixou de queixo caído. Já na entrada podíamos ver a imensa piscina com borda infinita que a essa hora do dia misturava sua cor com a do céu azul e do mar diante de nós. Entramos na sala que dividia espaço com a de jantar.

— Os quartos ficam na parte de cima. Mas temos um aqui embaixo também. — diz o homem que presumo ser o caseiro.

— Esse deve ser o destinado aos idosos, olha mamãe, não vai cair da escada. — O homem reprime um sorriso e Viviane faz uma careta para o

PERIGOSAS ACHERON

filho.

— Estou muito mais jovem do que você, pelo menos na alma. Se formos comparar isso eu tenho 25 e você 97 e meio. Acho que ficaremos todos lá em cima mesmo. Obrigada. — Viviane diz já subindo as escadas com a mala.

— Ô velhinha, deixa que levo a sua mala, cuidado com o bico de papagaio. — Ele alfineta.

— Pode deixar, eu consigo carregar a minha própria mala, mas já você deve ser difícil carregar a própria língua.

— Não dê atenção para ele, você está ótima Vivi, quisera eu um dia ficar assim — falo para defender a senhora.

— Quando estiver senil? — Henrique adora provocar a mãe.

— Não foi o que eu quis dizer. — Me defendo.

— Relaxa Lena, eu sei. — Ela grita do alto da escada. — Não dê atenção para esse obsoleto de alma. Vão ficar aí ou querem que eu desça para buscar as malas de vocês? — Subimos

atrás dela rindo.

Ela e a neta dormiram a viagem toda. Agora sei a quem a Valentina puxou com tanto sono. Eu e Henrique viemos conversando baixo sobre lugares onde já viajamos. Descobrimos muita semelhança em nossos gostos. Inclusive, por praias menos badaladas, lugares de natureza rústica e intocável. Assim como a nossa pré-disposição a conhecer novas culinárias.

Viviane segue abrindo as portas dos quartos em busca do seu escolhido. Ela abre um sorriso quando parece ter encontrado o que procurava. Olho para o Henrique e ele dá de ombros.

— Vou ficar neste quarto com a minha neta, tem uma cama e um berço enorme para ela. Assim como alguns brinquedos.

— Mamãe, não deveria perguntar se a Helena concorda com isso?

— Deveria sim, mas ela não vai aceitar, então eu tomo as decisões. Sou a mais velha, devo ser respeitada, além de ser a aniversariante e ela não vai me negar isso, não é? — Ela me olha suplicante. — Por favor.

— Para mim não tem problema nenhum — digo sorrindo. — Agora vamos que já estou doida para pisar na areia e entrar no mar.

Os dois trocam um olhar e depois me olham com uma pergunta muda. Tenho certeza de que nesse exato momento estou sendo comparada com a minha irmã mais nova que odiava o sal da água, a areia nos pés, e o vento bagunçando os cabelos perfeitos dela. Passado o momento constrangimento, Valentina chora, provavelmente com fome. Deixo a minha sobrinha com o pai e vou preparar uma mamadeira.

...

Passamos a tarde de bobeira na praia. Fizemos um buraco na areia, Henrique levou uma piscina de plástico e colocou dentro dele, depois encheu de água doce para a Valentina ficar e ela adorou. Batia os braços e pernas, mergulhava a cabeça dentro da água e tentava nos molhar. Voltamos para casa quase na hora do jantar e eu já estava morta de cansada, assim como a bebê desmaiada em meus braços. Mal acabamos de jantar e ela já estava em sono profundo.

— Quer que eu a leve? — diz já pegando

a filha nos braços.

Ele a coloca na cama, eu deixo um beijo na testa dela.

— Qualquer coisa me chama, ok — digo para a Viviane já se preparando para deitar.

— Pode deixar. — Ela vem e me beija no rosto. — Boa noite.

Saio do quarto e paro de frente ao meu.

— Boa noite, Henrique.

— Boa noite Helena, estarei lá embaixo se precisar. Não costumo dormir cedo assim.

— Tudo bem. Acho que vou desmaiar, estou morta de sono.

— Que bom, porque há dias não consigo dormir direito.

Entro no quarto com o coração acelerado pela forma que ele estava me olhando. Não iria admitir que eu também não ando dormindo direito, e quando durmo sonho com esses olhos cor de jade.

...

— Minha nossa! Acabei esquecendo que marquei com a Dora. Ela vem aqui durante a tarde

e esqueci completamente.

— Liga e desmarca, mamãe. Diga que marcou um passeio de barco ou então a leve junto conosco. — Henrique diz ajeitando a bolsa no ombro.

— E depois ser falada por toda sociedade paulistana? Nunca. Vão vocês dois, eu cuido da pequena, mesmo porque ela está vindo para conhecer a minha neta.

— Mamãe... — uma buzina interrompe a frase do Henrique.

— Vão logo, tempo é dinheiro e vocês estão desperdiçando um bocado dele.

Ele me olha na dúvida, dou de ombros. Pego a minha bolsa de praia e ajeito no ombro.

— Vai ficar bem? — Ela acena que sim. — Valentina já está morta de sono. Ela não demora a dormir.

— Divirtam-se. — Ela sobe as escadas com a neta no colo.

— Minha mãe sempre foi meio doida, mas ultimamente ela está beirando a sandice.

Começo a rir e sigo o Henrique até o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

barco que está ancorado no píer do lado oposto da casa onde dois homens e uma mulher nos aguardam.

— Boa tarde! Sejam bem-vindos ao Yara Marine. Serei o capitão de vocês nessa aventura. Temos um roteiro a seguir. — Ele me estende a mão para me ajudar a entrar no barco. — Iremos para a área do barco naufragado onde faremos mergulho, em seguida ancoraremos na Ilha das Cobras...

Ele vai dizendo tudo que faremos enquanto nos acomodamos no banco confortável. Enquanto o Henrique conversa com um dos homens eu pego a máquina fotográfica dentro da bolsa e começo a praticar um dos meus hobbies favoritos: Fotografia. Tiro algumas fotos do horizonte, uma mistura perfeita do azul do céu e do mar, giro a câmera e vejo o Henrique olhando para mim com semblante indecifrável. Esse ar misterioso o deixou ainda mais bonito. Instintivamente tiro uma foto dele que abre um meio sorriso tão irresistível que tive que registrar novamente.

— Então você gosta de fotos — afirma.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu imaginei depois de todas aquelas fotografias da Valentina. Nunca vi tanta foto de um bebê.

— Pois é. Antes eu só fotografava a natureza. Mas desde que ela nasceu eu passei a gostar de fotografar pessoas. — Levanto a câmera e tiro mais uma foto dele. — Algumas parecem que nasceram para a câmera e gente bonita deve ser fotografada.

Ele reduz a distância entre nós, pega a máquina das minhas mãos delicadamente, ergue a câmera tirando uma foto minha.

— Você tem razão, o mundo precisa mesmo ver tanta beleza. — Abaixo os olhos envergonhada.

— Estamos chegando ao ponto de mergulho. — O instrutor diz nos alertando. — Vocês já podem começar a vestir a roupa.

Henrique me devolve a câmera.

— Me chamo Tereza. Vocês já mergulharam antes? — A mulher pergunta.

— Sim — respondemos juntos fazendo-a rir.

— Ótimo, qualquer dúvida é só

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntar. Se quiserem posso tirar uma foto do casal.

— Não somos um casal — digo e ela franze o cenho. — Somos amigos. É isso, amigos.

— Certo. — Ela responde com uma cara de quem diz: sei bem o que vocês são. Olho para o Henrique que dá de ombros de forma divertida. Resolvo deixar para lá.

Vestimos as roupas de borracha e nos preparamos para descer ao fundo do mar.

— O mergulho tem uma média de duração de 30 a 50 minutos, que é exatamente o tempo de duração da reserva de oxigênio que te mantém abaixo da superfície. — O instrutor começa a nos explicar. — Sei que já fizeram isso antes, mas é procedimento padrão explicar tudo novamente. Serve também para lembrar se tiver muito tempo que não praticam.

— Sem problemas — digo me sentando já vestida na borda do barco parado.

— No caso de a máscara encher de água, você deve pressionar com o dedo indicador o centro da máscara, assim. — Ele faz a

PERIGOSAS ACHERON

demonstração. — Com este procedimento a água é expelida, proporcionando melhor visibilidade. Caso o equipamento responsável por proporcionar oxigênio ao mergulhador escapar, a primeira coisa a fazer é manter a calma...

Ela continua a explicação enquanto eu preparo a câmera para descer.

Depois do ok da instrutora, descemos metro por metro e eu estou maravilhada. Debaixo da água o ambiente é de paz e harmonia com a natureza, toda vez que mergulho eu realmente me sinto como parte dela, o som e o movimento do mar são de extrema serenidade e calma. Olho o Henrique à minha frente e ele me aponta para um cardume enorme de peixes. Tiro uma foto das centenas de peixes nadando tranquilamente à nossa frente. Vimos peixes escuros, listrados, fluorescentes e também algumas tartarugas. A sensação é literalmente de prazer. Depois do que presumo ter passado 40 minutos, estou exausta, devido ao esforço necessário por parte do corpo. A sensação de mergulhar é realmente fantástica, não tem como não ficar fascinada.

Alcançamos a superfície e eu arranco a

máscara com um imenso sorriso no rosto.

— As fotos ficaram lindas — digo subindo no barco com a ajuda do Henrique.

— Depois eu quero ver. Está com fome?

— Morta.

— Agora teremos um passeio e o piquenique na ilha. — Tereza aponta para a direção da ilha. — Vocês podem ir de jet-ski ou no bote. Lá já está tudo pronto para o casal... quer dizer, para vocês.

Retiro a roupa com a ajuda dela.

— Acho que uma corrida de jet vai ser legal — digo piscando para o Henrique que ergue as sobrancelhas surpreso. — Topa?

— Jura? Você só me surpreende Helena. Gosta de mergulho, agora de corrida de jet-ski?

— Por que diz isso? — pergunto e ele vira em direção ao local onde estão as máquinas. — Acho que está me comparando com a minha irmã, não é? — Ele não responde. — Pois fique sabendo que...

— Vocês duas são muito diferentes. Isso eu já percebi — responde olhando-me

PERIGOSAS NACIONAIS

intensamente. — E quer saber? Eu gosto muito disso.

Quando ele termina de falar está tão perto que posso sentir a sua respiração. Saio de perto tentando me manter longe dos seus olhos penetrantes. Sento-me no jet-ski e dou partida. Ele me olha com um meio sorriso no rosto. Já aprendi a decifrar algumas expressões dele. E essa quer dizer que ficou feliz em me desconsertar. Chegamos à praia juntos. Não que tivéssemos apostado corrida, mas foi sim uma competição muda.

— Espera que já venho ajudar você. — Ele grita puxando o jet para a praia.

Eu, como uma boa desobediente implicante que às vezes sou, desço e faço a mesma coisa que ele, pois não é porque sou mulher que não consigo fazer algumas coisas que os homens fazem. Quando chego à praia ele me olha sacodindo a cabeça em reprovação.

— Que mulher teimosa.

Cruzo os braços já para rebater. Ele aponta para a direção do barco. Fico em choque quando vejo a embarcação se afastando em alta velocidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O... o que eles... — começo a sacudir os braços e a gritar. — Ei... voltem aqui.

A gargalhada do Henrique me faz parar e olhar para ele de cara feia.

— Você é uma graça. Uma completa contradição.

— Eles estão indo embora, estamos sendo largados em uma ilha deserta e você ri? — Tenho vontade de bater nele. E na minha impulsividade vou em sua direção. Ele segura os meus braços impedindo que eu soque o seu peito.

— Se acalme. Eles irão voltar. Só nos deixaram aqui para ter mais privacidade.

— Como assim privacidade? — Puxo os meus braços e me afasto andando para o interior da ilha em busca de uma sombra.

— Eles pensam que somos um casal. Pagamos caro pelo passeio completo e queremos namorar um pouco nas areias quentes da ilha.

— Quê? — Ele dá de ombros.

— Mas me diga, seria uma maravilha se...

— Tem dó — digo avistando uma tenda.

PERIGOSAS ACHERON

Fico de boca aberta com o banquete sobre uma mesa redonda embaixo dos tecidos esvoaçantes. Uma cama de dossel com tecidos brancos que balançam com o vento. Fico paralisada olhando o balde de champanha sobre a cama. Mais uma vez a voz do Henrique me desperta.

— Que desperdício. — Ele diz baixo. Tão baixo que começo a imaginar se realmente ouvi.

— O que disse?

— Nada. Só que estou morto de fome. — Ele segue para a mesa, pega alguma coisa e joga na boca. — Isso aqui está muito bom. — Pega um bilhete sobre a mesa.

“Tenham um excelente resto de tarde. Voltaremos em algumas horas. Lembrando que estão em total privacidade para curtir a...”

Ele interrompe a leitura colocando o bilhete no bolso.

— Não vai comer?

Ainda calada, pego um prato e me sirvo

PERIGOSAS ACHERON

de alguns camarões, frutas e casquinha de siri. Pego a garrafa de champanha e me sento na areia fina. Logo ele senta ao meu lado.

— Não precisa ficar tão arisca por estar sozinha em uma ilha deserta comigo.

— Moro na mesma casa que você, por que estaria nervosa? — Levo a garrafa à boca sem muita etiqueta. — Ver você e estar perto de você não é novidade alguma.

— É diferente — diz olhando para o mar. — Você está diferente.

— Fico irritada quando estou com fome. — Minto, pois ele tem toda razão, é diferente sim. Todo esse clima romântico, a forma como ele me olha e como eu devo olhar para ele, tudo isso está cooperando para uma atmosfera de sedução.

— Certo. — Pega minha garrafa e bebe.

— Ei, isso é meu. — Repete o ato agora me olhando com implicância. — Já veio aqui antes?

— Sim, minha mãe adora esse lugar. — Seu rosto segue a direção do mar. — Mas se quer mesmo é saber se sua irmã já veio aqui, a resposta é

não.

— Não ia perguntar isso.

— Ia sim.

— Não.

— Sim.

— Claro que não. Sei bem a aversão que a minha irmã tinha por areia de praia, sol, e fobia a peixes, ela jamais aceitaria fazer um passeio como esse. Só perguntei por curiosidade.

Mais uma mentira. Claro que tudo que falei sobre a Katy é verdade. Mas por algum motivo acho que ela faria esse sacrifício pelo homem que ama.

— É, você tem razão, Katharine era um tanto egoísta. A vontade dela sempre acima da dos outros.

Fico calada, pois quando éramos crianças era sempre o programa que ela queria fazer, era sempre a comida que ela queria comer. A música que ela queria escutar e o programa de TV preferido dela que tínhamos que ver. Realmente Katharine nunca fazia o que não gostava.

Terminamos de comer e me jogo na areia

PERIGOSAS NACIONAIS

morna olhando para o céu azul.

— Tem uma cachoeira não muito longe, quer ir?

— Claro. — Ele mal termina de perguntar e me levanto em um pulo. Ele faz o mesmo. Passamos pela mesa e ele pega mais uma garrafa de champanha.

— Aproveitando que não irei dirigir. — Levanta a garrafa.

— Se analisarmos o fato de que um jet-ski é um meio de locomoção você vai sim.

— Mero detalhe.

Realmente o local da cachoeira não era longe. Um lago muito azul cintilava chamando para um mergulho. E depois de beber tanto eu já estava meio zonza, precisando refrescar as ideias. Eu realmente sou uma fraca para bebida.

—Duvido que tenha coragem de pular nessa água. — Ele diz me desafiando.

Sem dizer uma palavra, retiro o vestido por cima da cabeça ficando apenas de biquini e corro para dentro da água. Pulo de uma vez nela me arrependendo em seguida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aaaaaaaa, que água fria dos infernos.

— Não acha que se fosse dos infernos estaria quente? — gargalha.

— Engraçadinho. Eu duvido que seja homem suficiente para pular nesse polo norte. — A essa altura já não sentia mais assim tão fria.

Ele retira a camiseta por cima da cabeça e se joga parecendo um menino segurando as pernas encostadas na barriga espalhando água para todo lado. Nado até uma pedra e me apoio nela enquanto ele está desaparecido debaixo da água. Logo ele emerge ao meu lado, seu corpo todo molhado. Aproxima-se como se uma força nos puxasse para próximo um do outro. E ele faz. Para bem perto de mim. Coloca uma mecha de cabelo que estava grudado em meu rosto para trás. Ele se aproxima lentamente e seus lábios tomam os meus sem nenhuma delicadeza.

Estou perdida.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 16

Henrique

As mãos dela rodeiam o meu pescoço e ela corresponde ao beijo com avidez. O que me surpreende bastante. O sabor é muito melhor do que eu me lembrava. Puxo a sua cintura para mais perto e ela solta um gemido descendo as mãos pelos meus ombros e parando no meu peito. Minhas mãos sobem pela sua costa nua, sinto a textura da sua pele lisa e molhada e tenho desespero para sentir cada parte do seu corpo. Então ela me empurra devagar.

Na noite anterior eu mal consegui dormir com a visão do corpo dela de biquíni na minha mente. Já estamos há vários dias morando na mesma casa, sinto uma enorme atração, entretanto nunca foi tão desesperador assim. Mas ver a Helena de roupa de banho, mexeu com as minhas fantasias, apesar de não ser a primeira vez que a vejo nua. Na hora de ir deitar eu só imaginava como estaria o corpo dela com aquela marca de biquíni que estava aparecendo só um pouco através da alça da blusa. Imaginava também ela entrando com a saída de banho que mais parecia um vestido longo com uma tira de amarrar na cintura fina. Não sei como chama esse tipo de roupa, mas na minha mente ela parava de frente à minha cama, abria a peça lentamente e deixava cair aos seus pés revelando sua nudez completa. Então na tentativa de tirar essa imagem da cabeça eu criava outra, onde eu entrava no seu quarto e a encontrava completamente nua sobre a cama, então ela dizia: “você demorou”. Foi uma tortura conseguir dormir, com uma dolorosa ereção, eu tomei banho de mar, de piscina até a exaustão e acabei como um adolescente me masturbando na cama, pensando nela. É vergonhoso, mas só assim para conseguir relaxar um pouco e dormir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não deveria ter feito isso. — Ela ergue os olhos cheios de pesar para mim.

— Eu não vou me desculpar por isso.

— Não quero que se desculpe, apenas que não faça mais. Você prometeu. — Ela mergulha e volta para o lugar de onde viemos.

Acabei de descobrir que não sou bom em cumprir promessas. Solto um grunhido de frustração reprimindo a vontade de gritar e socar a rocha atrás de mim, ou a minha própria cara. Mergulho de volta e vou atrás dela. Encontro-a sentada, abraçada às pernas olhando para o mar. Sento-me ao seu lado. Por algum tempo não falamos nada, e resolvo que sou eu a quebrar o silêncio.

— Foi tão ruim assim?

— Você sabe que não.

— Helena, não deveria ficar tão brava, estamos atraídos um pelo outro e... você correspondeu...

— E por isso tenho mais raiva de mim do que de você. — Ela gira a cabeça em minha direção me encarando magoada, triste com olhos brilhando

PERIGOSAS ACHERON

por lágrimas não derramadas. — Não vai funcionar se continuar a fazer isso. Não podemos, eu jamais irei trair a memória da minha irmã. Por mais que eu queira, que eu deseje isso, não pode acontecer.

Apesar da firmeza em sua voz, pude notar que seu olhar vacilou, o canto do seu lábio tremeu em uma mensagem clara de que nem ela acreditava no próprio discurso.

— Eu... tudo bem. Você tem razão. — Tento amenizar. — Ainda assim não pedirei desculpa. Eu quis muito te beijar, e ainda quero.

— Temos que manter uma relação amigável pela Valentina, mas sem beijos, sem sexo. Eu não quero que me pegue de surpresa novamente. Estou fazendo de tudo para o nosso acordo dar certo por causa da Valentina, mas não pode voltar a acontecer. Reprima essa sua... não vai acontecer.

Tudo bem, na próxima vez eu te aviso que irei te beijar.

A voz dela soa tão magoada que não digo mais nada. Apenas fico olhando para o mar diante de nós que reflete o céu sem uma única nuvem.

— Posso te fazer uma pergunta? — digo

depois de algum tempo.

— Não, porque se fosse uma pergunta qualquer não precisaria perguntar se pode, não é?

— Tem razão. Mas vou fazer mesmo assim.

— Lá vem. — Ela suspira fundo revirando os olhos, me fazendo rir.

— É só por causa da memória da sua irmã que... — ela não me deixa terminar a frase e me interrompe de forma brusca.

— Presta atenção Henrique, isso jamais daria certo, moramos na mesma casa, somos responsáveis pela criação de uma criança, no momento não vou negar que estamos atraídos um pelo outro, mas e depois? Quando tudo isso passar, quando não houver mais o tesão, a atração que estamos sentindo agora, vai restar o quê?

— Duas pessoas adultas que tiveram um envolvimento e vivem bem com isso.

— Quisera que fosse simples assim, mas não é e você sabe. E se um de nós se apaixonar? — Vou para falar e ela me dá um olhar firme com um “cale-se” e eu faço. — E se você se envolver com

outra e for eu quem vai sofrer?

— Está se preservando, é isso? E se for o contrário? E se eu já...

— Não importa quem de nós dois vai sofrer. — Ela diz me interrompendo. — Foram apenas hipóteses, não apenas autopreservação. E sim, a memória da minha irmã é o fator mais importante, mas não único. Isso vai passar, apenas temos que resistir e...

— Meu Deus, Helena — Olho firme para ela. — E quem garante que vai passar? Que não somos...

— Não — diz em um sussurro sacodindo a cabeça em negação como se apenas dizer não fosse o suficiente. — Não diga uma coisa dessas. Você é o pai da minha sobrinha, é errado de todas as formas.

Eu poderia dizer agora que estou além de atraído por ela. Poderia usar diversos argumentos, e eu sei que sou bom nisso, mas prefiro o silêncio momentâneo. Conquistar para ser definitivo, pensar no amanhã e não apenas no agora.

— Posso fazer uma pergunta? — Quebra

o silêncio.

— Não — respondo com um meio sorriso nos lábios da mesma forma que ela fez comigo há alguns minutos. — Se fosse...

— Ei, não ouse usar as minhas palavras contra mim — diz sorrindo.

Ela enfia a mão na areia, enche e começa a derramar vagarosamente como se fosse uma ampulheta.

— Faça — digo sorrindo evitando olhar para o seu rosto na intenção de deixá-la mais à vontade. Mas falho miseravelmente, é uma visão tão linda que é impossível tirar os olhos dela.

O vento leva uma mecha do cabelo para o seu rosto. Ela prende atrás da orelha sujando um pouco a face com alguns grãos. Serro os punhos reprimindo a vontade de passar a mão pelo local para retirar. Areia sortuda.

— Você amava a Katy? — A sua pergunta me pega desprevenido.

Levo um tempo para responder. Eu gostava dela, era boa de cama, uma mulher linda, inteligente, uma companheira agradável. E sim, eu

estava disposto a arriscar uma vida com ela, pela minha filha. Mas amar?

— Não.

— Demorou tanto para responder. — Vejo sua mão apertar mais a areia. — Isso significa que tinha dúvida, não é mesmo?

— Minha relação com a sua irmã era complicada, eu já te falei sobre isso quando conversamos no dia que te busquei no aeroporto.

— E ia se casar com ela mesmo assim?

— Você não sabe metade da história Helena, e eu não gostaria de denegrir a imagem que tem da sua irmã contando detalhes dela. E quer a verdade? Eu estava tentando manter a minha filha viva, uma vez que Katharine ameaçou fazer um aborto se eu a deixasse.

— A Katharine a qual vocês se referem não é a mesma que conheci a vida toda — diz um pouco brava. — E ela jamais faria algo assim.

Creio que para ela deve ser difícil estar atraída pelo homem que a sua irmã amava. Para mim não seria fácil. Já abri mão de mulheres interessantes por menos. Se eu notasse um interesse

PERIGOSAS NACIONAIS

mínimo de qualquer um dos meus amigos por elas, já estariam na minha lista de jamais olhar ou tocar. Por mais interessado que eu estivesse. Por isso eu entendo o que ela está tentando fazer. O problema é que entre nós é muito mais do que interesse, mais do que atração. Será que ela um dia vai enxergar isso?

— No começo era bom, mas sua irmã mudou. Ela se tornou... — avisto o barco de longe. — É melhor a gente ir.

— Não vai dizer o que a Katharine se tornou? — Ela me encara desafiadoramente.

— Vou sim, mas não agora. Não com você de guarda levantada pronta para me atacar.

Levanto e estendo a mão para ajudá-la. Sigo na frente, ela vem atrás pisando fundo.

— Eu vou cobrar, Henrique. Ainda não acabamos essa conversa.

— E do que adianta você saber? — Fico de frente e encaro os seus olhos que tentam fugir dos meus. — Nós nunca iremos ter nada, não é mesmo? E a sua irmã está morta. Não precisamos passar por isso. — Viro as costas, pego o jet-ski e

PERIGOSAS ACHERON

guardo que ela faça o mesmo sem perguntar se ela precisa de ajuda. Orgulhosa como é, mesmo se precisasse, já sei qual seria a resposta.

Chegamos ao ponto de encontro junto ao barco.

— Não gostaram da ilha? Ainda tem o luau hoje à noite preparado especialmente para o casal. Já estávamos descendo para...

— Não somos um casal, não teremos luau algum, leve-nos para casa agora mesmo. — Helena diz seguindo para o lado oposto do barco.

— Desculpe por isso — digo para a mulher que ficou de olhos arregalados diante do rompante da Helena.

— Sem problemas.

Chegamos em casa e ela desce ainda muito brava. Encontramos a minha mãe, minha filha e mais duas amigas dela ao redor da piscina.

— Olha quem chegou, bebê. — Mamãe diz. — Helena, deixa eu te apresentar as minhas amigas. Essas são Dora, Maria Ângela e Maria Mercedes. E não, não são mexicanas.

— Oi, é um prazer. Helena.

— Como você é linda! Vivi nos disse que era linda, mas pensei que fosse exagero dela.
— Maria Ângela diz e Helena cora envergonhada.
— Mas agora vejo que não exagerou em nada.

— Obrigada. — Ela pega a sobrinha que está se sacodindo toda no colo da avó. — Eu vou subir para tomar um banho, me desculpem por não ficar e conversar um pouco, estou com um pouco de dor de cabeça, acho que algo que comi não me fez bem.

— Vai lá, não tem problema.

Isso explicaria a cara de dor de barriga que ela chegou. Assim que ela sobe minha mãe se aproxima.

— Chegaram cedo.

— Pois é, o seu plano não funcionou.

— Do que você está falando? — Minha mãe se faz de sonsa.

Não respondo à sua pergunta e me dirijo às visitas.

— Eu vou subir para tomar um banho também, logo desço para me juntar a vocês.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupe, já estávamos de saída. — Tia Mercedes diz me dando um beijo no rosto.

— Voltamos amanhã para o almoço. — Tia Ângela diz. — Parabéns pela bebê, ela é linda, Henry.

— Obrigado. Estou muito feliz em ter minha filha comigo.

— Ah, é claro que está. Sua mãe nos contou como tem se esforçado para ser um bom pai.

Depois do banho, onde fiquei pensando se não falar sobre a Katy com a Helena é a coisa certa a se fazer, se esconder a obsessão da irmã por mim ajudaria ela a enxergar melhor e nos dar uma chance. Pelo que percebi da personalidade dela, é uma mulher teimosa. Não seria tão simples assim. Além do mais seria minha palavra contra a memória que ela tinha da irmã perfeita.

Desço para encontrar a minha mãe sentada sozinha na área externa. A noite está bonita e o céu muito estrelado por falta da lua.

— A Helena não vai jantar com a gente.

PERIGOSAS ACHERON

— Minha mãe diz e ergo a sobrancelha em uma pergunta muda. — Ela deu comida para a Valentina e mal tocou na dela e já subiu alegando cansaço e dor de cabeça. Mas acho que estava mesmo era fugindo de você.

Continuo calado e me sento para comer.

— Não vai falar nada? — Insiste.

— O que quer que eu fale? Que percebi o seu plano mesmo antes de sairmos de São Paulo? Que meti os pés pelas mãos e beijei a Helena e ela deve estar me odiando agora?

— Bom, ela está bem chateada, mas te odiando acho que não. — Ela segura a minha mão. — Não quer me contar o que aconteceu?

— Não tem o que contar, só que saímos de barco como a minha querida mãe planejou, chegamos à ilha onde estava um clima muito romântico como a senhora deve ter preparado, eu não resisti, a beijei e ela surtou.

— Não estou falando de hoje, acha que não notei que aconteceu algo desde o dia em que foi para Salvador da primeira vez? — Olho assustado para ela — Eu te conheço desde o meu

ventre, sabia a forma que mexia aqui dentro quando estava desconfortável, com frio. E percebi que você arrumava qualquer desculpa para falar o nome Helena o tempo todo depois que chegou da Bahia.

Suspiro fundo. Não consigo esconder nada dela e antes que passe na minha cara que sou um advogado péssimo para mentir eu conto a verdade.

— Eu conheci a Helena antes de saber que ela era a irmã da Katharine. Na primeira vez que fui encontrar o detetive na Bahia eu fui a um bar, vi a Helena e fiquei muito atraído por ela. Eu a segui até a praia, nos beijamos e ela fugiu de mim. Mãe, foi o beijo mais incrível que já tinha experimentado, mas quando ela descobriu quem eu era ficou furiosa. Antes de irmos para São Paulo ela me fez prometer que não a beijaria novamente, que seríamos apenas amigos.

— Ela vai tentar lutar por causa da memória da irmã caçula. Entretanto, percebo que ela não é imune a você. Para falar a verdade meu filho, ela pode tentar disfarçar, mas está louca por você. Eu posso tentar ajudar, porque meu filho, não se perde uma mulher como ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vai adiantar fazer as suas armações, Dona Viviane — digo apertando a ponta do nariz dela. — Helena já está decidida.

— Claro que vai. Se você fizer tudo que eu disser, vai dar certo.

— Mamãe, sobre as flores que Helena recebeu.

— Tenho certeza de que foi o médico bonito. — Suspiro resignado.

— E como sabe disso?

— Ah meu filho, eu sei muitas coisas.

Ela passa a me contar como foi a consulta da Valentina, como o médico é bonito e ficou encantado com a beleza da Helena e anoto mentalmente que tenho que ir à próxima consulta com elas. Não vou deixar que um médico qualquer pegue o que é meu.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 17

Helena

— Minha nossa! Lena, eu não queria estar no seu lugar. — A minha amiga Marcela exclama assim que termino de contar para ela o que vem acontecendo comigo.

— Eu sei, eu me pergunto o motivo de estar passando por tudo isso, talvez exista outras vidas e eu fui uma vaca sem coração em uma delas e agora estou pagando da pior forma possível.

— Eu não acredito nisso, mas que o destino de vocês pode sim ter sido traçado para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ficarem juntos de alguma forma e... amiga, tem coisa que não adianta resistir.

— Eu... eu não posso *tá* legal? Katy era minha irmã...

— Eu sei, mas tanto desejo reprimido. — Ela suspira fundo. — Uma noite.

— O quê?

— Eu, no seu lugar ficaria com ele por uma noite, dava muito até tirar esse tesão louco do sistema...

— Nunca, eu nunca... não foi uma boa ideia ligar para você.

— Estou falando de mim e não de você. Mas se me ligou para ouvir só o que deseja então aqui vai. Fuja, corra para bem longe dos seus sentimentos, arrume outro cara para saciar a fome sexual e talvez ele consiga também extinguir o sentimento que está querendo nascer entre vocês dois. Faça de tudo para nunca ceder. Esqueça esse homem, sua irmã que morreu e nem te contou que tinha um namorado e uma filha a caminho é mais importante do que a sua própria felicidade.

— Marcela...

PERIGOSAS ACHERON

—E o trabalho, não conseguiu nada ainda? — Ela muda de assunto completamente.

— Você não existe.

Então dando o assunto por encerrado eu passo a contar sobre os lugares nos quais deixei o curriculum.

A campainha toca e desligo a chamada para receber a nova babá da Valentina.

...

Aponto o termômetro moderno que o Henrique comprou na testa da Valentina mais uma vez. 38,9 graus. Já tinha dado remédio para abaixar, mas nada de baixar. Usei outro termômetro duvidando da eficiência deste, pois o remédio parecia não fazer efeito e a febre persistia.

— Bebê, acho que vamos ter que ir ao médico.

Pego a bolsa dela e começo a arrumar rapidamente, ainda com ela no colo chorando muito por conta do mal-estar causado pelo seu estado febril persistente. A febre começou ontem, mas não consigo fazer baixar com os dois antitérmicos que costumo usar. Não existe motivo aparente para a

temperatura alta e a única solução é lavá-la ao pediatra. Pego o telefone e ligo direto para o Dr. João Miguel, já que ele disse que qualquer emergência pudesse entrar em contato com ele.

— Celular do Dr. João Miguel, em que posso ajudar?

— Oi, Kássia, não é?

— Sim?

— Minha sobrinha está desde ontem com muita febre, dou remédio, mas não adianta. Gostaria de falar com o Dr. — Um nó se aperta em minha garganta.

— Ele está com uma paciente agora. Qual é o seu nome? Vou anotar e retornar assim que ele puder.

— Helena, tia da Valentina... Martinez... Valentina Martinez Fantinel. — Faço confusão na hora de falar o nome da minha sobrinha, pois mudou a certidão de nascimento, agora tem o sobrenome do pai.

— Helena, tia da Valentina Martinez... é... — Alguém fala ao fundo — Helena, espera um instante, por favor. — Ela diz e ouço uma conversa,

mas não dá para identificar o que falam. — O Dr. disse para trazer a bebê que ele vai atender. É só falar o seu nome na recepção e não vai precisa aguardar.

— Muito obrigada. — Desligo a chamada e vou para o elevador.

Já dentro do carro passo um áudio para o Henrique.

— É... oi Henrique, a febre da Valentina não quer baixar, então estou levando-a agora na emergência. Mas não precisa se preocupar, não deve ser nada sério. Assim que sair de lá eu te ligo.

Chego ao consultório que fica em uma clínica pediátrica localizada no bairro do Tatuapé. Entrego o cartão do plano de saúde dela e aguardo. A recepção tem algumas crianças aguardando. Entretanto, não demora para chamar o nome da Valentina.

— Boa tarde, Dr. — digo me sentando na cadeira confortável diante da mesa do médico. Ele sorri docemente, eu tinha esquecido o quanto ele é bonito. Sobrancelhas escuras moldam olhos castanhos. E uma boca bem desenhada faz seus dentes brancos um conjunto de sorriso perfeito.

— Helena, tudo bem? O que houve com essa princesa? Traga-a aqui para examinar. — Ele se levanta indo para uma maca que fica atrás de uma divisória com muitas miniaturas, temas de filmes e desenhos grudados nela.

— Desde ontem a febre não passa, ela não quer comer e está chorando muito.

— Não precisa tirar a roupa toda, basta levantar a blusa dela, ok? — Ele vem ao meu lado. — Vamos examinar esse peitinho. — Coloca o estetoscópio. — Pulmão limpo. Vou examinar a garganta dela, pode segurar assim?

Ele faz o exame enquanto eu o observo. Ele termina e ergue os olhos para mim.

— Infecção de garganta, por isso a febre não cede.

— Ela tem brincado com outras crianças no playground do prédio, será que pode ter pegado de alguma criança?

— Pode ser, mas essa infecção pode ficar por meses encubada nos adultos e passar para a criança. Tenho amostra desse remédio aqui, já pode dar agora, ele vai baixar a febre, vamos intercalar

com a dipirona, ok?

— Quer dizer que eu posso ter passado para ela?

— Você ou qualquer outra pessoa que conviva com ela. Isso é bem normal, não se preocupe tanto.

Ele vai me explicando enquanto prescreve a receita. Uma batida na porta e ela se abre, me assusto quando vejo o Henrique entrar. A princípio pensei que fosse a Kássia, a secretária. Ao me deparar com o seu olhar sobre mim meu coração dispara como de costume. Posso encontrar esse homem todos os dias, mas não deixo de ter essas sensações.

— Henrique... não sabia que viria.

— Recebi a sua mensagem e fiquei preocupado, como ela está?

— Dr., esse é o pai da Valentina.

— Olá, Henrique, prazer.

— O prazer é meu. — Eles apertam as mãos.

Acho um pouco estranho a forma com que se olham, mas pode ser impressão minha.

— Sua filha está bem, uma infecção de garganta, mas foi bom que a Helena não esperou para trazer a bebê ou a infecção poderia evoluir muito. Receitei um antibiótico e logo ela ficará boa.

Olho de canto de olho e vejo a sua mandíbula trincada, o seu olhar duro, na direção do médico que repete toda a explicação para ele pacientemente. Até poderia dizer que ele está olhando de cara feia, se não fosse tão bonito que com essa cara amarrada fica muito *sexy*. O Dr. João sorri para mim, coloca o papel na minha frente e começa a explicar como administrar os remédios. Valentina está tranquila no colo do pai, bem mais calma depois que o remédio fez efeito.

— Então é isso, posso te ajudar em mais alguma coisa?

— Obrigada por ter encaixado a Valentina, não saberia o que fazer, acho que me acostumei tanto a ir a um único médico desde que ela nasceu que me sinto meio dependente. Não confio em outra pessoa olhando a minha sobrinha e você tê-la encaixado significou muito.

— Me ligue sempre que precisar, será um prazer poder te ajudar — diz com um sorriso

amável e ao mesmo tempo *sexy*. — E é sempre bom ver você novamente, Helena.

— Tudo bem, já deu, precisamos ir Helena, vamos comprar os outros remédios e tenho certeza de que ela vai ficar bem. Obrigado, pelos seus serviços Dr.

Ele sai da sala com a Valentina deitada com a cabeça no peito dele toda manhosa. Direciona-me um olhar impaciente antes de fechar a porta atrás de si.

— Me liga se precisar de algo. — O Dr. insiste e eu aperto a sua mão.

— Pode apostar que ligo sim. Desculpe sair correndo assim, mas acho que o Henrique ficou muito preocupado com a filha, por isso está meio nervoso. — Tento justificar a atitude seca para com ele.

Saio apressadamente para alcançar um pai visivelmente irritado.

...

Henrique

Assim que recebi a mensagem da Helena
PERIGOSAS ACHERON

já sabia onde ela levaria a minha filha. Deixei o meu carro no escritório e chamei um por aplicativo para poder voltar junto com a minha filha e a Helena.

Claro que o médico todo derretido não perderia a oportunidade de dar em cima dela. Na minha cara. O homem nem fez questão de disfarçar o interesse, com completa falta de ética sustentava um sorriso ridículo enquanto derramava charme para cima dela.

Paro ao lado do carro que comprei para a Helena e que está estacionado em frente à clínica que tem o nome do sem vergonha e de mais três médicos. Ela destrava o carro e coloco minha filha já adormecida na cadeirinha.

— Quer dirigir? Ainda não sei andar na cidade sem ouvir a voz irritante do GPS mandando em mim o tempo todo e confesso que já estou cheia dela. Vire à direita, recalculando a rota. — Ela tenta fazer uma brincadeira imitando a voz do GPS, mas estou muito irritado para achar engraçado.

— Por mim tudo bem. — Pego a chave e vou para o lado do motorista.

— Está tudo bem? Você parece nervoso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está sim, só preocupado com a minha filha. — minto, dou partida no carro e saio do estacionamento sem muita disposição para conversar.

Aperto o volante com toda força impedindo que palavras pulem pelos meus lábios. O meu telefone toca com uma chamada da minha mãe. Só me faltava essa.

— Atende, por favor — digo entregando o celular para ela, respirando fundo para encontrar a calma.

— Oi Viviane, tudo bem?... sim já saímos da clínica... estamos indo comprar um remédio e acho que não demoramos a chegar em casa... sim ele é... tudo bem. — Sinto seu olhar sobre mim. — Sua mãe disse que está indo lá para sua casa.

— Nossa casa, Helena, você também mora lá. — Tento não soar ríspido.

— Desculpe, força do hábito. Eu vou me acostumar.

— Sei que vai. Só tente lembrar que lá agora também é sua casa — digo suavemente

PERIGOSAS ACHERON

parando em uma fila enorme de carros no sinaleiro.
— O que você acha da presença constante de minha mãe lá em casa? Isso não te incomoda?

— De maneira nenhuma. Eu gosto dela.
— Um sorriso carinhoso se abre ao dizer isso, e eu gosto muito. — Há muito tempo que não tenho uma mãe, e ela me trata como uma filha, eu meio que gosto disso. Mas também sinto que tenho uma amiga, ela é divertida e adoro conversar com ela.
— Ela me olha. — E a forma como ela se preocupa com a Valentina e a ama já é o suficiente para ter minha admiração e carinho. Somos uma família no final das contas, não é?

— Somos sim. Mas se de alguma forma isso te incomodar...

— Não me incomoda Henrique, eu tenho um carinho enorme por ela e gosto muito da sua presença. Ela me faz companhia, tem me ajudado muito e eu sou grata por isso. Viviane é uma das melhores pessoas que já tive o prazer de conhecer.

Paro em uma farmácia e compro os remédios. A atendente já faz a mistura do antibiótico e damos para a Valentina no carro mesmo. Não falamos mais nada até chegarmos em

casa. Minha filha dormiu o caminho todo, graças a Deus, pois devido ao tráfego intenso demoramos mais do que o normal para chegar. A minha mãe pega a minha filha dos meus braços ainda sonolenta, já que tinha acabado de acordar assim que entramos em casa.

— O que foi com a bonequinha da vovó?

— Valentina faz um bico fofo.

— Ela vai ficar bem, o Dr. João Miguel disse que vai ser rápido, pois não demorei em levar. Ele foi muito atencioso.

— Aquele Dr. é ótimo. — Minha mãe diz me fazendo revirar os olhos. — Além de um pecado de lindo.

— Vou tomar um banho — digo saindo da sala irritado, mas ainda deu tempo de ouvir a Helena perguntar: “o que deu nele”?

Seria isso que a Katharine sentia quando dava suas crises de ciúmes? Eu estive a ponto de fazer o que mais detestava na minha ex-namorada, fazer uma cena, estava prestes a tirar satisfação com a Helena sobre o comportamento dos dois, exatamente como a Katharine fazia. Agora entendo que era o maldito ciúme que fazia Katharine

PERIGOSAS ACHERON

fantasiar coisas e a deixava em completo descontrole emocional. Como se tivesse algum direito sobre ela. Termino o banho e ouço uma leve batida na porta do quarto.

— Entra.

— Mais calmo? Helena disse que está preocupado com a Valentina. — Encaro a minha progenitora e não gosto nada de encontrar um sorriso cínico nos lábios dela. — Mas eu sei a verdade, ficou preocupado com o Dr. João lindão, não foi?

— Mamãe, por que não é daquelas dondocas que se preocupa com si própria ou com a aparência? Vai para um *spa* e me deixa em paz. — Ela gargalha. — Ou melhor, arruma um namorado para ter mais problemas para se preocupar.

— Você é meu único filho. Tenho que infernizar a sua vida mesmo. E não quero um namorado, porque ninguém vai conseguir chegar perto de ser como seu pai foi um dia. Prefiro ficar sozinha se não for para ter um homem igual ou melhor do que ele foi.

— Deveria arrumar um gato então, cuidaria de oito vidas. A sua e as dele. — Ela

PERIGOSAS ACHERON

gargalha.

Visto uma camiseta já esperando o discurso sobre o homem maravilhoso que meu pai foi. Desde que ele morreu de câncer há seis anos minha mãe está sozinha e diz que pretende ficar assim. O amor que ela sente pelo meu pai não deixa ela se interessar por outra pessoa.

— Aquele idiota com nome de ator de novela mexicana estava dando em cima da Helena na minha cara. Precisava ver os olhares dele para ela. Só faltou chamá-la para sair sem se incomodar com a ética, muito menos com a minha presença lá.

— Eu vi a forma que ele a olhava quando acompanhei as duas na consulta. Eu te disse naquele dia, lembra? E quem quer saber de ética quando encontra uma mulher como a Helena?

— Mamãe, o que está tentando fazer? Esses seus comentários só pioram a situação.

— Vou terminar o jantar. E você meu querido e amado filho, deveria ir ver como está a sua filha. Helena está com ela no quarto.

Minha mãe alcoviteira pisca para mim antes de sair do quarto e eu saio para ir ver as duas.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 18

Helena

— Ela não teve mais febre e acabou de mamar um pouco — respondo à pergunta do Henrique olhando o rosto da minha sobrinha enquanto falo evitando olhar para ele que me encarava sem parar. Podia sentir seus olhos sobre mim.

Viviane se propôs a fazer o jantar e neste momento ela está na cozinha enquanto estamos no quarto da Valentina sussurrando para não acordá-la. Ele acena com a cabeça e faz um carinho no rosto

da filha. Coloco a covardia de lado e fito seu rosto.

— Está mais calmo agora? — Ele ergue os olhos verdes brilhantes para mim. — Não é nada demais, às vezes os bebês têm essas coisas mesmo, estão bem e de nada passam mal com uma gripe, febre ou qualquer coisa parecida. Eles estão mais suscetíveis a pegar doenças por causa da imunidade.

— Eu estava preocupado com ela sim, Helena. Mas esse não foi o único motivo. —Franzo o cenho. — A verdade é que estava morto de ciúmes de você. Da forma que aquele médico a olhava para...

— Henrique...

— Eu sei que não deveria, sei que você não quer, mas não posso evitar me sentir assim. Tanto como não posso evitar me sentir terrivelmente atraído por você.

Ele me encara com tanta intensidade, uma convicção inabalável de que não pode realmente evitar ambas as coisas que acabou de dizer. Eu o encaro de volta, entretanto convicta de que não consigo esconder que fui afetada por ele e suas palavras muito mais do que eu gostaria. Ele

PERIGOSAS ACHERON

me afeta sobremaneira e não quero ter esse sentimento, não quero que ele perceba que estou bem mais atraída do que ele, porque o que sinto ultrapassa o limite da atração, vai muito além. O problema é que nunca me senti assim antes. Parece que o proibido é sempre mais interessante e supervalorizado. Ao menos está sendo para mim.

Esperiei a vida toda para ter esse tipo de sentimento por alguém, agora que sinto quero desesperadamente não sentir.

— Realmente não deveria. É errado... — antes que pudesse concluir a frase o meu celular toca exibindo o nome do médico novo da Tini, na tela. — Melhor atender no meu quarto.

Sinto o seu olhar me queimar quando saio do quarto da Valentina, tenho a impressão de que ele dá alguns passos em minha direção e se contém em seguida.

— Oi — digo com o coração apertado por ter visto o olhar do Henrique para mim quando viu o nome na tela.

Fecho a porta e me encosto nela respirando fundo.

— Oi Helena, como está a Valentina? —
Ergo a sobrancelha e morde o lábio reprimindo a vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo.

— Está dormindo, agora sem febre.

— Que ótimo. Mas acho que essa foi uma péssima desculpa para convidar alguém para sair.

— Está me convidando para sair? É isso?

— Não, sim... minha nossa, juro que geralmente não sou confuso assim. — Abro um sorriso e ele continua. — Quero te convidar para um jantar ou ir ao teatro, sei lá, o que você gosta de fazer?

Paro para pensar um momento nas minhas possibilidades. Eu poderia dizer que não, porque sendo honesta comigo mesma, não estou interessada nele, apesar de ser um homem atraente, bonito e eu estar solteira. Mas neste momento dizer sim me pareceu a coisa certa a fazer. Mostraria ao Henrique que não existe a mínima possibilidade de um envolvimento entre nós dois. Isso faria com que ele percebesse que não estou interessada e fará com que ele desista e parta para outra e eu poderia ficar sem seus olhares que me fazem sentir coisas que eu

PERIGOSAS ACHERON

não quero sentir.

— Jantar na sexta está ótimo. — Ouço o suspiro de alívio.

— Nos vemos na sexta então.

Durante o jantar o clima não estava muito bom entre nós dois. Viviane disse que teve uma emergência na loja do shopping e tinha que ir até lá nos deixando sozinhos. Permaneci calada, observando-o mastigar vagarosamente. Ele é lindo até enquanto come. Os meus olhos focaram em seu maxilar quadrado que o deixa másculo e ao mesmo tempo encantador. Os seus lábios são um caso legítimo de perfeição. Lembrei-me então do sabor que tinham. Eu não acreditava em magia, mas pensando bem, eu vou ter que abrir uma exceção para o toque desses lábios. Deus, é pura magia o que eu senti quando ele me beijou e agora como um feitiço eu posso sentir, e ainda desejo muito sentir sobre os meus. É feitiço, só pode ser.

Corei imediatamente com os meus pensamentos.

— Não está com fome?

Droga! Eu estava visivelmente abalada

com tudo que está acontecendo.

— Não muita... — E peguei um pouco do espaguete, forçando-me a mastigar.

— Você mal tocou na comida.

— Eu não consigo comer quando estou ansiosa ou preocupada.

O fantástico sorriso torto estava brincando em seus lábios. Seu olhar enigmático me avaliando parecia ser capaz de enxergar através dos meus olhos. Era como se estivesse lendo a minha alma, soubesse dos meus pensamentos e desejos. Suspirei quebrando o efeito do seu olhar sobre mim.

— Está assim por causa da Valentina? Ou por que recebeu a ligação do médico com nome de ator de novela mexicana? — Sua voz soa bem-humorada. Levanto os meus olhos e analiso a resposta antes de dá-la.

— São tantas coisas, Henrique. Mas sim para as duas coisas. — O semblante dele se fecha por alguns instantes, mas logo volta ao sorriso, agora um pouco forçado.

— Vai sair com ele? — O sorriso

desaparece por completo do seu rosto bonito.

— Sim.

— Helena, não precisa fazer isso apenas para me manter afastado. Eu disse que vou respeitar a sua decisão de...

Não espero que conclua a frase.

— Não é por isso. João Miguel é um homem interessante, bonito e eu realmente me sinto atraída por ele.

— Mentirosa. — Ele diz fechando os olhos suspirando fundo. — Pelo amor de Deus, o nome do cara é João Miguel, só falta o sobrenome ser Hernandez ou Ramirez. — Começo a rir e ele me acompanha. — Sanches? Mendoza.

— Você deve ser apreciador de novela mexicana, hein? — Limpo a boca com o guardanapo. — Benedetti, acho que deve ser italiano. Isso não importa, o que importa é que vou sair com ele no sábado e você deveria fazer o mesmo, não sair com ele claro, e nem no sábado, porque preciso que você fique com a Valentina. Mas deve ter alguém que esteja interessado.

Ele não diz nada, mas posso ler sua

PERIGOSAS NACIONAIS

resposta mesmo sem ter dado, e é como se ele estivesse dizendo: “tem sim, você”. Levanto-me e começo a tirar a mesa.

— Pode deixar que faço isso, você deveria descansar um pouco. — Ele diz pegando os pratos da minha mão. — Você ficou a noite passada e hoje o dia todo com a Valentina enjoadinha. Deve estar bem cansada.

— Já estou acostumada. Eu ajudo você — digo terminando de retirar a mesa.

— Tudo bem.

Ele começa a lavar a louça e eu a secar, os dois no completo silêncio. Às vezes nos olhamos mais intensamente, mas eu trato de desviar o olhar, de tentar manter a minha visão em outro lugar. Guardo o último prato, digo um boa noite fraco e quando vou sair da cozinha ouço-o chamar o meu nome quase em um sussurro.

— Tem certeza de que é isso que você quer? — Aceno com a cabeça. — Tudo bem, espero que se divirta no sábado com o Benedetti que não é mexicano.

— Obrigada.

PERIGOSAS ACHERON

— Boa noite.

Chego ao meu quarto com um nó na garganta prestes a me derramar em lágrimas. Troco de roupa e deito-me na cama, mas apesar do cansaço não consigo dormir e fico rolando na cama todo tempo tentando afastar lembranças da minha cabeça teimosa. Depois de muita luta levanto-me e pego o diário da Katharine para ler.

Continuo da página que parei onde ela diz que naquele dia viu um homem no fórum que nunca tinha visto algo mais lindo em sua vida. Ele estava acompanhando uma colega de curso dela, então ela ficou sabendo que no escritório dele estava contratando estagiárias. Encerrei a leitura com medo de saber o que estava por vir.

...

Acordo assustada, levanto e olho no relógio, 3:40 da manhã. Levanto-me para dar uma olhada na Valentina, eu deveria ter dormido no quarto com ela, e se ela estiver com febre? Quando chego ao quarto encontro o Henrique com ela aninhada confortavelmente em seus braços.

— Ela acordou chorando, achei que estivesse com fome, preparei a mamadeira dela. Ela

PERIGOSAS ACHERON

mamou tudo. — Meu queixo cai. — Medi a temperatura e não está com febre. Tem algum remédio que deveria ter dado? Não vi anotação nenhuma para esse horário no quadro.

— Não, só amanhã cedo. Por que não me chamou?

— Não quis acordar você, precisa descansar. — Seu sorriso se abre. — Mas acho que me saí bem, ou não?

— Sim, você se saiu muito bem, é um ótimo pai Henrique, Valentina teve sorte. — *Como eu gostaria de ter essa sorte também, de ter um homem como você, perfeito, mas é proibido para mim.* Penso.

Nossos olhares se encontram, um nó se instala na minha garganta. Por que minha mente fica pregando essas peças em mim, fazendo-me querer saber o que ele está pensando? Temendo que ele saiba o que eu estou pensando.

— Ela tem sorte por ter a nós dois Helena, você é muito mais do que... — ele interrompe o que ia dizer e parece pensar bem nas palavras. — você sabe que é uma mãe muito melhor do que a sua irmã seria para ela. Essa é a

PERIGOSAS ACHERON

verdade.

— Talvez não, prefiro acreditar que não. Que a Katy a amaria e cuidaria dela melhor do que eu faço, ela era a mãe e eu? Apenas tento dar o amor que penso que minha irmã teria dado se tivesse tido oportunidade.

— Você não deveria fazer isso. — Sua voz soa suave apesar da nota de repreensão.

— O quê?

— Se comparar com sua irmã, não se parecem em nada. E você sabe que tenho razão.

Mais uma vez ele parecia me enxergar além. Desvio o olhar do seu para me deparar com a sua boca que suga o próprio lábio com força. Sento-me na poltrona de descanso, cruzo as pernas numa tentativa ridícula de conter o calor que me inundava. Minha respiração ficou acelerada, os meus seios pesados. Eu me odeio porque desde o primeiro instante em que o vi lá em Salvador fiquei totalmente fascinada por ele. Como um homem que deveria ser território proibido conseguia mexer tanto comigo? Por que cada palavra que ele diz me faz pensar tantas coisas proibidas? Eu estava perdida. Ele coloca a Valentina no berço e sem

PERIGOSAS ACHERON

olhar para mim, para ao lado da poltrona.

— Boa noite, Helena. — Não sei o que há comigo ou com o meu corpo para se arrepiar assim quando o ouço dizer meu nome. — Deveria voltar para a cama.

— Tem razão. Boa noite.

Vou sim voltar para a cama, entretanto se vou conseguir dormir já é outra conversa.



Capítulo 19

Na sexta feira me preparei para sair com o Dr. com nome de personagem de novela mexicana, como insistia em chamá-lo o Henrique. Depois de dar os retoques finais na maquiagem, observo a minha imagem no espelho do banheiro. Com decote trespassado, o macacão cor de terra que escolhi estava um pouco decotado demais para um primeiro encontro. Tive que franzir um pouco o nariz ao lembrar que havia escolhido esse modelo de propósito. Não é uma verdade incontestável, mas a maioria das pessoas pensa que a escolha da roupa para um encontro revela quais as intenções

de uma mulher. Não que eu tivesse realmente a intenção de seduzir o João Miguel, mas era o que eu gostaria que o Henrique pensasse.

Também ponderei se estava agindo certo, se não estava machucando-o deliberadamente. Mas não se trata de sentimentos, tenho certeza de que é apenas tesão, desejo por eu estar aqui todos os dias convivendo com a tentação e isso tem que ter um fim. Tanto para mim, quanto para ele. Não suportava o olhar de acusação que minha irmã me dava na minha mente toda vez que me pegava pensando nele. Era constrangedor. Terrivelmente doloroso saber que ela desaprovava isso ou pior, que ela sofreria com isso.

Eu não me arrumava assim há tanto tempo. Comprei esse macacão ontem quando acompanhei a Viviane ao shopping exatamente para esse encontro. Estranhamente, ela ficou feliz em ajudar, mas no fim perguntou se eu estava fazendo a coisa certa. Respondi com toda franqueza que não sabia, entretanto, precisava tentar. Ela não questionou a minha resposta e nem tentou me convencer do contrário, o que foi um alívio. Não queria discutir sobre isso com ela.

Apesar de saber que não existe possibilidade de envolvimento entre mim e o pediatra da minha sobrinha, o meu coração batia acelerado. No fundo eu sei que irei magoar o Henrique, só quero desesperadamente que não seja verdade. Não posso, nunca me envolveria com ele por minha vontade, lutarei com todas as forças para não acontecer, isso me torna uma pessoa horrível.

Eu deveria ter negado o convite, deveria ter me mantido firme sem colocar outra pessoa na equação. Mas, ao contrário, eu agi contra o bom senso e concordei em sair para jantar com o médico. Livro-me dos pensamentos ao ouvir o som do Henrique andando pelo corredor. Abro a porta e me deparo com ele.

— Minha nossa! — disse buscando fôlego em seguida. — Você está... linda.

— Obrigada. — Meu telefone dá o bip de mensagem.

Já estou aqui.

Era o que dizia. Respondo prontamente:

Já estou descendo.

— Ele chegou? — afirmo com a cabeça.

— Não vai convidá-lo para subir?

— Melhor não. Outro dia quem sabe. —
Abro um sorriso ensaiado. — Não sou mais uma garotinha Henrique, para o meu encontro passar no teste com os meus responsáveis.

— Não quis dizer isso...

— Vou indo. — O silêncio dele fez o meu peito se apertar.

Ao observar a mágoa tomando conta dos olhos do Henrique marchei para sair de perto dele sabendo que tinha que me afastar. Ao passar por ele tive o meu braço agarrado pelas suas mãos frias, com olhos verdes flamejando em desespero.

— Helena, não vai. Por favor.

Eu verdadeiramente esperava que ele não notasse o quanto eu estava tremendo. E, principalmente, não ouvisse o quanto o meu coração estava acelerado.

— Eu... tchau, Henrique...

— Posso te pedir um favor? — Aceno que sim impossibilitada de falar. Está sendo mais difícil do que pensei. — Deixa o celular ligado e me passa uma mensagem quando chegarem lá. —

Franzo o cenho intrigada com o seu pedido. — Eu fico preocupado, estamos em São Paulo, não sabemos nada sobre esse homem e... é isso.

— Tudo bem. — Levanto o celular. — Me liga se a Valentina precisar de mim.

Ao passar pela sala vejo Viviane com a neta no colo. Esses últimos dias ela tem ficado mais aqui, eu pedi que fizesse. Eu realmente gostava da sua companhia e o Henrique tem trabalhado muito. Os remédios fizeram o seu propósito e a Valentina está ótima, apesar de que ainda faltam três dias para encerrar o tratamento.

— Jesus, achei que essa roupa tinha ficado boa em você ontem, mas agora está deslumbrante.

— Obrigada. — Dou um beijo na testa da minha sobrinha e outro na Viviane. — Eu já vou indo.

— Divirta-se e não se preocupe. Cuidarei bem dela.

— Sei que sim.

Quando chego à calçada abro um sorriso para o João Miguel, ele me olha com admiração e

assovia. Eu deveria fazer o mesmo, pois a visão dele vestindo uma camisa preta, paletó da mesma cor e calça bege está de encher os olhos.

— Olá, você está maravilhosa. — Beija o meu rosto de leve e abra a porta para mim.

— Obrigada. Você também está. — Entro no carro e ele fecha a porta. — Posso saber aonde vamos?

— Gosta da culinária italiana?

— Muito.

— Vou te levar a uma cantina, adoro a comida de lá.

...

Henrique

Soco a parede quando ouço a porta da sala se fechar. Eu tinha em mente não dizer nada, apenas desejar que ela tivesse uma boa noite, mas assim que a vi tão linda não consegui me manter firme no propósito. Sinto vontade de correr atrás dela e implorar para que não leve isso adiante.

— Agora já pode parar de querer bancar o incrível Hulk e vir aqui, por favor? — Bato a testa de leve na parede fechando os olhos com força quando ouço a minha mãe me chamar. Além de tudo estou parecendo uma criança.

— Dá um tempo, mamãe.

Passo direto por ela que está sentada no sofá com a minha filha sonolenta no colo e vou para a cozinha. Tomo um copo de água bem gelada para tentar acalmar o sangue que parece ferver de raiva em minhas veias e volto para o sofá. Valentina me dá os braços e eu a acomodo em meu colo, e isso me acalma. Ter a minha filha em meus braços causa o mesmo efeito de um calmante instantâneo. Ela faz uma carícia em meu rosto até dormir tranquilamente. Fecho os meus olhos e apoio a cabeça no encosto do sofá.

— Vou ser um homem ruim por estar desejando que esse encontro seja um fracasso?

— De maneira nenhuma. Eu desejaria coisa pior, algo como ele ter alergia a alguma coisa e essa ser exatamente a base do que ele for comer. Não deve estar sendo fácil, eu sei.

— Não está mesmo, pode ter certeza de

PERIGOSAS ACHERON

que para mim está sendo um maldito pesadelo. Viver junto a ela, sentir seu perfume ou até mesmo vê-la andando pela casa. Uma mulher obstinada que acha que vai manchar a memória da irmã, que não vai nunca me deixar tirar a sua calcinha, nem nos sonhos. Eu sei que ela está tão atraída por mim quanto eu por ela e...

— Henrique Augusto Fantinel Martinez, eu não acredito que você falou em tirar a calcinha da tia da sua filha na minha frente. — Ela puxa de leve a minha orelha.

— Até parece — digo sorrindo. — Nunca se importou com isso.

O que é verdade, desde muito novo a minha mãe fazia questão de saber tudo. Ela dizia que ter o filho ao lado dela era melhor do que procurando descobrir coisas na rua. Deu-me passe livre para levar namoradas em casa e até para dormir com elas. Era mais seguro do que me aventurar em motéis. Minha mãe sem sombra de dúvidas é a melhor.

— Às vezes eu tenho que bancar a mãe correta. Ainda mais quando essas palavras são pela Helena a quem já considero como uma filha. Mas é

apenas isso que ela representa para você? Depois que supostamente você tirar a calcinha dela seria o suficiente?

— Claro que não mamãe, Helena merece muito mais do que apenas isso.

— Certamente que sim, só que com esse pensamento você não vai longe, não. Uma mulher tem que...

— Eu sei mãe, tem que ser bem tratada, respeitada, valorizada...

— Exatamente. Mas eu sei que não é isso que vocês homens fazem. Idiotas que só pensam com o pau.

— Ai meu Deus, você disse mesmo pau para o seu filho?

— Falei.

— Sabe o que é pior? — Ela sacode a cabeça que não. — É ver tanta devoção da Helena pela irmã que sequer teve a consideração de contar ao namorado que tinha uma irmã. Helena vai fazer de tudo para não ferir a memória da irmã e a lealdade que tem por ela.

— Ela vai desistir de tentar ficar longe,

você vai ver. — Minha mãe diz colocando a mão em meus cabelos e fazendo cafuné. — Tenho certeza de que ela só aceitou sair com ele numa tentativa desesperada de não se envolver com você. Nós mulheres às vezes somos complicadas, filho.

— Às vezes? Acho que nunca vou entender o universo feminino. Enquanto isso eu faço o quê?

— A mesma coisa. — FRANZO o cenho intrigado e ao mesmo tempo surpreso.

— Está dizendo que devo arrumar uma mulher e...

— Esfregar na cara dela. Exato.

— Mamãe...

— Pode ser um tiro no escuro, mas acho que você deveria tentar.

— Realmente nunca serei bom entendedor do universo feminino.

Fico ouvindo os disparates da minha mãe, o que me faz rir muito, pois chega a ser hilário as suas teorias. Logo ela vai deitar-se e coloco a Valentina no berço.

Tem horas que penso que isso só pode
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ser praga da Katharine. Ela dever ter desejado que eu fosse muito infeliz. Daí o universo ouviu as suas preces e está brincando comigo me fazendo pagar até os pecados que não cometi.

Depois de muito tempo, de olhar no relógio a cada cinco minutos, vejo que não passa das onze da noite, decido que não quero saber que horas Helena vai chegar em casa ou se vai dormir na rua. Esse pensamento me causa a sensação de um soco no estômago. Levanto e vou para a cozinha, tomo um pouco de suco e ouço a porta se abrir. A casa está toda escura inclusive, a cozinha. Ela passa direto para o quarto da Valentina. Um sorriso se abre em meus lábios, duvido que o encontro tenha sido bom ou não teria vindo para casa tão cedo.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 20

— Bom dia!

Beijo o rosto da Viviane e depois da minha sobrinha que se agita toda querendo que eu a pegue no colo.

— Bom dia! Como foi a noite? — pergunta animada.

— Foi boa, me diverti muito.

Olho ao redor na espera de que o Henrique apareça, com medo de encarar o seu rosto e ele perceber que na verdade minha noite foi toda lembrando-me do seu olhar triste e magoado.

Viviane, como se lesse meu pensamento, diz:

— Henrique saiu muito cedo para uma reunião. — Ela suspira fundo. — Acho que na verdade ele nem dormiu. — Essa última frase ela diz tão baixo que quase não escutei.

— O que disse?

— Nada demais, só que não vi a hora que você chegou. Cai no sono antes mesmo da Tini.

— Não foi muito tarde, o João Miguel tem plantão hoje cedo e sem falar que foi nosso primeiro encontro.

Sento-me para tomar o café da manhã.

— Vai mesmo me fazer ficar esperando para saber detalhes do seu encontro? Onde foram?

Ela está com um sorriso no rosto e não demora a me bombardear com perguntas sobre o médico gato com nome de personagem de novela mexicana.

— Ele me levou a uma cantina italiana, um lugar que parece uma pequena vila. É muito charmosa e a comida estava ótima. Conversamos muito e é isso.

— Nem um beijo?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. — Começo a rir. — Não sou mulher de beijar no primeiro encontro. — Brinco.

— Eu no seu lugar, com um homem daqueles, viraria mulher era de dar no primeiro encontro. Em qualquer hora e qualquer lugar. Dava muito. — Engasgo com o suco. — Jamais perderia a oportunidade de cair na cama com aquele médico gatão.

— Francamente Viviane, olha o que você está dizendo. — Não consigo deixar de gargalhar quando ela revira os olhos de forma teatral fazendo uma cara de luxúria.

— Só digo verdades. Você é jovem, tem que aproveitar a vida. Agora eu preciso ir, tenho uma reunião lá na loja antes do shopping abrir.

— Bom trabalho. Se quiser vir almoçar vou fazer algo bem gostoso.

— Henrique não vai vir, vai almoçar com o cliente. Quem disse que advogados também não trabalham no sábado?

— Mais um motivo para vir me fazer companhia.

— Eu te ligo para avisar se vou

PERIGOSAS ACHERON

conseguir vir, ok?

— Está certo. Mas faz uma forcinha, você sabe o quanto eu gosto que esteja aqui.

— Eu também gosto minha querida, amo ficar aqui com vocês duas.

...

Recebo uma mensagem do João Miguel perguntando se dormi bem e me desejando um bom dia. Respondo e começo a fazer o almoço cantando para a Valentina que está brincando no chiqueirinho. Viviane não pode vir almoçar com a gente, pois teve que resolver problemas com um funcionário da loja. Depois do almoço, assim que a minha sobrinha dorme eu pego o diário da Katy e começo a ler.

Querido amigo diário,

Nunca imaginei que fosse tão complicado conseguir chamar a atenção daquele homem. Às vezes, eu gostaria de ter o poder de sedução da Helena, ela sim, sabe seduzir apenas com o olhar, o pior é que nem se dá conta do poder que tem. Uma vez estávamos assistindo a um filme,

Memórias de uma Gueixa. Nele a gueixa mais velha ensina a arte de seduzir apenas com o olhar, e diz à sua pupila que quando ela conseguisse fazer isso seria uma gueixa de verdade. Helena já nasceu gueixa. Sempre fiquei fascinada por esse lado da minha irmã, tenho uma mistura de fascínio e inveja, devo admitir. Tudo que eu queria era conseguir deixar um homem de joelhos só com o olhar. O Henrique em especial.

Paro de ler meio chocada com essa revelação da minha irmã. Jamais imaginei que ela tivesse esse tipo de sentimento comigo. Eu? Sedutora? De onde ela tirou isso? Retorno a leitura. Nas próximas páginas ela apenas conta como tem sido o seu dia a dia depois que começou o estágio no escritório do Henrique. E cada vez que leio sobre o quanto ele é lindo e o quanto ele é um homem sério, de caráter, e trata bem as mulheres fico mais confusa. Onde está o cara safado e traidor o qual ela havia descrito para mim? Não era sobre o Henrique que ela falava?

Enfim consegui a atenção dele. Hoje ficamos apenas nós dois no escritório, sabia que
 PERIGOSAS ACHERON

ele teria que ficar trabalhando até mais tarde e fiquei terminando um documento para uma das advogadas da empresa. Enfim ele me notou, claro que depois de treinar muito a arte da sedução com o olhar e não consegui nem chegar perto da forma como a Helena faz, eu usei o meu melhor, sedução corporal mesmo. Pensei que eu teria que agarrar o homem, mas enfim tive seus lábios nos meus e minha nossa, que beijo maravilhoso. Claro que não rolou nada a mais, mas ele me convidou para sair. Disse que precisamos conversar.

O telefone toca interrompendo a minha leitura. Guardo o diário para atender à chamada.

— Oi.

— Helena? Tudo bem?

O que é isso que a voz desse homem me causa? Nunca em toda a minha vida o meu coração bateu tão acelerado assim só por ouvir uma voz ao telefone. Pelo amor de Deus, moramos na mesma casa! Será que ler o diário está piorando as coisas?

Isso não pode estar acontecendo.

— Tudo tranquilo por aqui. — Tirando o fato de que o meu coração está querendo sair pela
PERIGOSAS ACHERON

boca só de falar com você, está tudo ótimo.

— Eu preciso de um grande favor seu. Tenho um jantar com um cliente muito importante e minha companhia acabou de me ligar dizendo que está com uma virose terrível, então pensei que talvez você pudesse me acompanhar. Já falei com a minha mãe e ela pode ir ficar com a Valentina hoje à noite.

Fico em silêncio por algum tempo absorvendo o que acabei de ouvir. Jantar com o Henrique? Vivemos na mesma casa, é bem difícil pra mim, mas tenho a Valentina que é praticamente um escudo, mas sair com ele?

— Helena?

— Sim, claro... posso te acompanhar sem problema nenhum.

— Ótimo, o jantar é às nove...

— Que tipo de jantar?

— Iremos a um dos restaurantes do meu cliente. É um lugar elegante, mas nada muito formal.

— Ok.

— Obrigado, Helena. Até mais.

Desliga o telefone. Então ele ia sair com alguém? Com uma antiga namorada? Com toda certeza é alguém importante ou ele não a convidaria para um jantar com um de seus clientes. Eu sou tão ridícula por ficar com ciúmes, não tenho esse direito. Evito pensar no jantar e volto para a leitura do diário. Nas páginas que seguiram ela apenas relata alguns problemas na faculdade. Fico feliz em saber sobre a forma que minha irmã me vê. Em todas as suas anotações ela cita o meu nome e demonstra amor e admiração em cada linha que escreveu sobre mim. O que me deixa mais intrigada para saber quais os motivos de ter sido o segredo dela para todo mundo.

...

Passo no quarto da Valentina onde ela dorme tranquilamente para deixar um beijo antes de sair. Paro na entrada da sala onde o Henrique conversa animadamente com a mãe. Os dois param de falar no instante em que me veem. Viviane está com um sorriso satisfeito no rosto por ter trazido um vestido belíssimo para eu usar. Segundo ela, comprou porque achou lindo, entretanto nunca conseguiu usar por ser muito jovial e por causa do

PERIGOSAS NACIONAIS

decote nas costas, por isso ela pensou que ele ficaria muito melhor em mim. Devo admitir que caiu feito uma luva, sem falar no par de sapatos que me deixou apaixonada. Entretanto desconfio que essa história dela seja apenas para que eu aceite o vestido.

Os olhos do Henrique seguem lentamente dos meus pés calçados em saltos altíssimos, que tenho ciência ser o fetiche de muitos homens. Eles sobem lentamente pelo meu corpo até parar em meus lábios e subir para os meus olhos, ele pisca algumas vezes, engole em seco e se levanta.

— Bom, aí está você... podemos ir?

— Estou pronta — digo a primeira coisa que vem à minha cabeça.

— Sim, você está. — Ele diz e eu evito olhar para a Viviane que se manteve calada até chegarmos à porta.

— Tenham uma boa noite crianças, divirtam-se.

— Obrigado, mamãe.

— Tchau Viviane, qualquer coisa me liga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fique tranquila filha, está tudo sob controle. Eu e a Tini vamos agitar uma ótima noite de sono.

Henrique alcança a porta antes de mim e abre para que eu possa passar. Sigo para o elevador e aperto para chamar, a porta se abre no mesmo instante. Vou para entrar no elevador e olho para trás em busca do Henrique. Ele está parado na porta com a boca meio aberta olhando as minhas costas completamente exposta pelo decote do vestido.

— Você não vem?

Ele acena meio incerto, fecha a porta e entramos no elevador. Evito olhar para o seu rosto, mas sinto o meu queimar. Sei que estou sendo observada. O elevador para na garagem e ele segura a porta.

— Damas na frente. — O tom de sua voz nessas simples palavras soa como: vá na frente que quero olhar mais um pouco aqui atrás.

— Obrigada.

Ando na sua frente e temo que as minhas pernas vacilem por causa do meu nervoso, mas me admiro com a minha confiança em andar bem

PERIGOSAS ACHERON

segura e ciente do olhar do Henrique em mim. Ele para ao lado do carro e abre a porta para que eu entre.

— Está muito bonita essa noite — diz baixo enquanto me ajuda a entrar no carro. Quando já estou acomodada no banco ele completa — ainda mais bonita...

Ele fecha a porta do carro e no mesmo instante eu fecho os meus olhos respirando fundo. Não há ar para respirar normalmente quando ele chega tão perto. E aqui dentro o seu cheiro parece entrar na minha corrente sanguínea, acelerando ainda mais a minha pulsação. É uma tarefa de extrema dificuldade permanecer normal ao lado do Henrique e não ser afetada pela sua presença. Venho padecendo disso constantemente.

Ele entra no carro e assim que dá a partida uma canção começa a tocar. Parece perseguição que a letra traduza exatamente o momento que vivo. Não conheço a canção em inglês, mas um trecho diz: “Não há ar em torno de mim, quando chegarmos tão perto. Mas não há nenhum lugar que eu quero ir. ”

Estou ferrada, pois quero perder o ar até

ficar sem fôlego.

— Nunca ouvi esta música — digo. Leio no display do som Be there – Seafret.

— Isso significa que gostou?

— Sim, gostei.

— Eles têm músicas bem legais. Se gostou desta, certamente irá gostar das outras.

*Você é a minha saída
Você é o meu caminho
E eu não posso, eu não posso
Ficar sem você
Você é a minha saída
Você é o meu caminho
E eu não posso
Ficar sem você.*

Suspiro fundo quando ouço essa parte. Acho que não vou sair muito bem disso tudo no final das contas. Henrique é um homem perfeito demais para conseguir ignorar e me manter afastada. Meu corpo entra em chamas ao ouvir a sua voz cantando junto com o vocalista. Eu deveria

PERIGOSAS NACIONAIS

bloquear tais pensamentos, mas é tão difícil e só quero chegar mais perto, ficar sem respirar de tanto beijar os seus lábios que sei o quanto são deliciosos. Suspiro fundo mais uma vez, afetada pelo seu perfume, sua voz, sua presença. Arrisco olhar seu rosto e ele faz o mesmo, não consigo desviar os olhos dele que só deixa de me olhar quando uma buzina soa atrás de nós indicando que o sinal estava aberto. Estou ferrada.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 21

— Você disse que o jantar seria com um cliente — questiono quando não vejo ninguém nos aguardando.

Henrique puxa educadamente para que eu me sente. Ele toma o lugar ao meu lado com semblante divertido.

— E será, mas também disse que ele é o dono do restaurante, talvez esteja ocupado, logo ele aparece. — Ele inclina a cabeça para o lado e abre um sorriso travesso. — Se não morássemos na mesma casa eu diria que está com medo de ficar sozinha comigo, que te deixa nervosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é nada disso, mas olha esse lugar. Acho que nunca estive em lugar assim antes.

O restaurante não é apenas elegante, pode ser chamado de exclusivo. Não é muito grande, mas tem muita sofisticação e requinte que não se vê em qualquer estabelecimento a não ser num como este, requintado e provavelmente muito caro. Uma música toca ao fundo. Um garçom aparece para nos servir.

— Boa noite. Sejam bem-vindos.

— Obrigado. — Henrique agradece.

— Cortesia do Senhor Albert, ele em breve virá se juntar a vocês. Posso? — aceno com a cabeça e ele serve nossas taças com vinho que deve custar uma fortuna.

— *Château Margaux* tinto. Uau! — digo girando a taça, em seguida cheiro o aroma único e depois levo a taça aos lábios.

— Entende de vinho, Helena?

— Claro que não, só estou fazendo o que todo mundo faz. — Ele começa a rir. — Nunca sei por que cargas d'água fazem isso, mas vejo que você entende. — Coloco a taça de volta na mesa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então está repetindo um gesto que sequer sabe para que serve?

—Exatamente, sempre tive curiosidade de perguntar. Mas sempre me contive para não parecer... sei lá, sem noção.

— Mas a pergunta faz parte do aprendizado, se não questionar, como vai saber? — dou de ombros de forma deselegante e ajeito a postura na mesma hora que percebo o que fiz. Ele ri.

— Você tem razão, então lá vai, por que sacudir a taça e depois cheirar?

—Quando giramos a taça em pequenos movimentos circulares, provocamos a oxigenação da bebida . Com isso, as partículas responsáveis pelos aromas se desprendam com maior facilidade, aumentando a intensidade olfativa da bebida, então levamos ao nariz para sentir.

Porra, ele fica *sexy* com esse ar de entendedor.

— Como sabe tanto sobre vinho?

—Meu pai era apreciador da bebida, a única coisa que ele fazia de extravagância era com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seus vinhos caros, então ele me ensinou a gostar. Esse daqui, por exemplo, é elegante, fino, denso, intenso, tem persistência e frescor. Beba um pouco de água. Mais um pouco. — Faço o que ele diz, ele toma todo o líquido da taça e me serve mais. — Agora sem agitar a bebida, você deve primeiro sentir o cheiro do vinho. Depois você roda assim — faço o que ele diz meio fascinada —, agora aspire novamente, puxe o ar bem devagar. Me diz o que percebe?

— É sério? Tem cheiro de vinho caro que eu nunca conseguiria pagar, talvez se vendesse meu rim. — Ele sacode a cabeça rindo.

— Tente novamente, devagar e com atenção, tente usar mais os sentidos. — Fecho os olhos e faço o que ele diz.

— Tem cheiro de encorpado. Notas florais, algo como amora, baunilha...

— Exatamente. Mais alguma coisa?

— Não tenho certeza. O que me diz?

— Também tem *Mirtilo*, cereja preta. Agora beba. — Seus olhos acompanham todo o movimento que eu faço. Sorvo o líquido

PERIGOSAS ACHERON

vagarosamente. Ele faz o mesmo sem tirar os olhos da minha boca. — Média acidez, um pouco frutado. — Continua. Passo a língua ao redor dos lábios e ele analisa cada movimento. — Também tem frutas vermelhas com nota de flores da primavera.

Não sei o que acontece comigo, talvez já seja o efeito da bebida, mas ouvir seus comandos e sentir o seu olhar sobre mim está fazendo um calor se espalhar por todo o meu corpo, e eu já imagino essa voz dizendo: “abra as pernas, Helena”. E eu obedeço prontamente.

Helena, tome jeito.

— Bom.

— Só bom? — Ele ri. — Sinta melhor as notas se espalharem.

—Vamos pular do bom para muito bom. Estou impressionada com o seu conhecimento profundo. Com a desenvoltura ao explicar tão bem.

—Muito bom já é alguma coisa, o meu conhecimento não é tão profundo assim uma vez que já tomei esse mesmo vinho antes.

—Jura? É realmente uma bebida para poucos, mas vou te contar um segredo. Acho que

PERIGOSAS NACIONAIS

prefiro aqueles vinhos baratos bem docinhos. — Ele gargalha.

—Jura?

—Sim, os docinhos e baratos são os meus favoritos.

Neste momento, um casal se aproxima da mesa. Uma morena alta com pernas de 10 metros à mostra e um homem um pouco mais baixo do que ela segurando-a pela cintura. Henrique se levanta para cumprimentá-los.

— Olá, eu sou a Sandy — apresenta-se a mulher.

— Prazer — digo retribuindo o sorriso amável. — Helena.

Sentamo-nos à mesa.

— Sua namorada é muito linda, Henrique. — Sandy diz.

—Eu não... nós não somos namorados — digo mais rápido do que necessário.

Henrique não diz nada, apenas me olha como quem diz: “isso é porque você não quer”.

PERIGOSAS ACHERON

Sem querer deixo os meus olhos encararem o decote onde os seios da Sandy estão praticamente transbordando do alto do vestido e gritando, “estou aqui, olhem para mim”.

— Já fizeram o pedido? Espero não ter feito vocês esperarem muito. — O garçom chega para servir o vinho.

— Não esperamos muito, essa ainda é a nossa primeira taça de vinho, muito bom por sinal. Helena gostou muito.

— Sim, adorei — levo a taça aos lábios sorvendo o líquido que passei realmente a apreciar —, como não apreciar? É elegante, fino, denso, intenso, tem persistência e frescor. — Repito as palavras do Henrique que ergue uma sobrancelha e a sombra de um sorriso surge em seus lábios. — Média acidez, um pouco frutado. — Olho para ele que alarga o sorriso. — Tem notas de *Mirtilo*, também tem frutas vermelhas com nota de flores da primavera. — Pego o cardápio. — Acho que vou pedir um *Magret* de pato para combinar.

Ele faz uma cara surpresa e eu pisco de leve para ele.

— Ótima escolha, era exatamente o que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu iria sugerir. — Albert sorri para mim. — Então entende de vinho, senhorita? Isso é ótimo, não quero parecer machista, mas poucas mulheres são entendedoras...

— Amor, por favor, não começa. — A esposa diz. — Se der corda ele vai te convidar para ir até a adega e só vai falar de vinho e comida a noite toda.

— Hoje não amor, hoje vamos falar de negócios a noite toda.

— Acho que prefiro você falando de vinho e comida no final das contas — diz arrancando risadas. — Me diz Helena, se não é namorada do Henrique, você trabalha em quê?

— Eu sou Publicitária, no momento estou cuidando da minha sobrinha e à procura de emprego.

— Publicidade é um ramo interessante. Tem uma agência que... tinha uma agência que cuidava disso para mim, mas estou em acordo com outra para substituir, pois já não fazem o mesmo trabalho de antes que era maravilhoso, mas agora deixa muito à desejar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por quê? Não está satisfeito com o trabalho deles? — Henrique pergunta. — Sempre elogiou tanto.

— Eles fizeram um ótimo trabalho no passado, mas hoje não conseguem mais me surpreender, as últimas campanhas foram um fiasco só, então descobri que a diretora deles... — ele me olha e franze o cenho —, é claro que não pode ser só coincidência. Você é Helena Martinez, da Agência Lotus?

— Culpada — digo sentindo o meu rosto esquentar. Talvez por conta do vinho. — Essa sou eu.

— Mas isso é ótimo, desde que você saiu da Lotus eles não fazem mais um serviço descente. Então...

— Espera, mas eu nunca falei com você na vida. Tenho ótima memória e jamais esqueceria um cliente.

— Comigo não, mas com Robert, o meu irmão e sócio, sim. Temos várias empresas além desse restaurante e uma delas é a rede de calçados e franquias Via Benes, além de outros negócios.

PERIGOSAS ACHERON

— É claro, agora me lembro de que o Robert tinha um irmão que cuidava de outras áreas. Já estive em reunião no seu escritório na Paulista há uns dois anos, mas você estava em viagem e não pudemos nos encontrar.

— Tenho uma proposta para você. — Ele toma um pouco do vinho. Parece bem empolgado. — Passe segunda feira no meu escritório e conversaremos sobre o seu novo emprego. Você foi um anjo que caiu do céu.

...

— Foi uma noite agradável.

— Sim, foi. — Ele diz. — E produtiva.

— Eu sinto muito por ter arruinado a sua reunião de negócios. Acabei monopolizando a atenção do seu cliente, mas ele estava tão empolgado que não pude evitar.

— Não se preocupe, segunda feira Albert e eu nos reuniremos logo cedo para finalizarmos. Fiquei muito feliz por você.

— Obrigada, mas não deveria dirigir depois de beber tanto vinho — digo meio tonta.

Depois que o Albert foi embora com a

PERIGOSAS NACIONAIS

esposa, pois tinha outro compromisso ficamos mais um pouco. Ele mandou servir mais uma garrafa do vinho caro em agradecimento pelo Henrique ter resolvido um grande problema na parte de Publicidade e Marketing das empresas dele.

— Não foi tanto assim, e garanto que a bebida não tem o mesmo efeito em mim como tem em você. Estou bem.

— Está querendo dizer que estou bêbada? — Paro na frente do carro com as mãos na cintura e ele abre a porta para mim.

— Talvez um pouco alegre. — Ele diz me ajudando a entrar no carro. — Mais sorridente, deveria sorrir mais, Helena.

Ele para me encarando, abre a boca para dizer alguma coisa, mas desiste fechando a porta. Em seguida, dá a volta vagorosamente para entrar. Eu aproveito para me recompor das reações do meu corpo por causa da forma como ele estava me olhando.

— Realmente acho que bebi demais — digo meio ofegante.

— Sério? Nem foi tanto assim.

PERIGOSAS ACHERON

— Já disse que sou muito fraca com bebida.

— E o que vai fazer com este aqui? — Ele me mostra uma garrafa do vinho caro que está quase cheia. O garçom sugeriu que levássemos e eu prontamente concordei depois de descobrir o valor absurdo da bebida.

— Hum, não acha que deixaria essa pequena fortuna para trás, não é? Para falar a verdade gostei muito deste e não sei quando e se voltarei a tomar um vinho assim.

— Pensei que gostasse dos baratos e docinhos e definitivamente esse não se enquadra no primeiro termo.

— Ainda continuo gostando. Um dia tomaremos uma garrafa do meu favorito e vai me dar razão. Os docinhos são os melhores.

— Se continuar a sorrir assim te darei o que quiser. Até coloco açúcar nesse para tornar tão doce e atraente quanto esse sorriso.

Olho o seu rosto. Henrique sustenta um sorriso de lado e presta atenção no trânsito enquanto dirige. E eu aproveito para admirar a sua

beleza. A música agora é do kings of leon- Sex on fire e tem um trecho que diz:

Você
Seu sexo está em chamas

— Essa música eu conheço — digo começando a cantar o rock agitado que combina exatamente com a reação do meu corpo. — Hot as a fever, Rattling bonés, I could just taste it, Taste it. — cantamos juntos e ele para o carro no sinaleiro.

— E você está? — Ele pergunta me encarando enquanto o sinal não abre, se referindo à parte que diz: Você, seu sexo está em chamas.

— Henrique, você não deveria me perguntar uma coisa assim. — Fecho os olhos e deixo a sensação de calor se espalhar.

— Tem razão. Me desculpe.

Se eu estivesse só um pouco mais bêbada eu teria respondido que sim. Se ele não fosse proibido para mim eu poderia agora abrir meus olhos e usar o olhar sedutor que a minha irmã disse que tenho e o qual eu nunca tomei conhecimento. Inclinar-me sobre ele e beijaria a sua boca.

Aperto os olhos e respiro fundo tentando ordenar os meus pensamentos confusos, mas é uma tarefa difícil, uma vez que eu pareço queimar.

— Chegamos. — Sua voz me faz abrir os olhos e ver que estamos na garagem, ele já está parado do lado de fora e a porta aberta para que eu desça. Seguro a sua mão e o calor do meu corpo aumenta. Saio do carro e ainda segurando a sua mão enquanto encaro o seu rosto.

— Está — digo, ele não esboça reação alguma, apenas me encara por um longo momento muito sério. Então eu repito. — Está queimando sim, eu estou toda...

— Helena, não faz isso. — Ele põe o dedo em meus lábios me calando e seguro a vontade de colocar esse dedo dentro da minha boca e chupar bem forte enquanto observo a sua reação. — Não diga coisas que vai se arrepender depois. Você bebeu e... ai porra, não me olha assim que não sou de ferro.

As palavras da Katy vêm em minha cabeça me fazendo engolir em seco, recobrar o bom senso e me afastar dele. *“Minha irmã tem o poder de seduzir com o olhar, de deixar um homem de*

joelhos por ela”. Ando mais rápido e quase tropeço por causa dos saltos altíssimos.

Eu me odeio por ter bebido sabendo o quanto sou fraca com álcool, por estar flertando com o pai da minha sobrinha, o homem que minha irmã amava. Por estar queimando por ele.

— Helena...

— Não, Henrique. Por favor, não diz nada.

Entramos no elevador e eu mal consigo encarar o seu rosto. Ele se aproxima e eu seguro o ar.

— Eu preciso que me diga quando não estiver sob o efeito do álcool. — Levanta o meu queixo para ver melhor o meu rosto. — Eu também estou queimando de vontade de beijar você, mas jamais faria isso agora. Quando eu te beijar novamente não quero ver a culpa refletida em seus olhos.

— Isso nunca vai acontecer. — Minha voz sai um sussurro. — Não mesmo. Esse olhar sempre fará parte de mim e eu nunca deixarei de me sentir culpada se algo acontecer entre nós.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tiro a sua mão do meu rosto e saio do elevador com um nó na garganta.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 22

O interfone tocou pela segunda vez e percebi que eu estava prendendo a respiração enquanto lia o diário de Katy, isso porque foram simples palavras que iniciaram com: “eu gostaria de poder falar para a Helena que estou apaixonada, perdidamente apaixonada por um homem maravilhoso, mas eu não posso...” Interrompi a leitura a contragosto e guardei na gaveta do criado mudo, peguei a Valentina que brincava no carpete ao meu lado e corri para atender, pois já passava das cinco e a Silvania, a babá que tem me ajudado, já tinha ido embora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi.

— Entrega para Dona Helena. —
Suspirei e revirei os olhos ao ouvir o dona antes do meu nome. Como parecia me fazer uma velha.

— Não estou esperando entrega alguma.

— Não queria estragar a surpresa, mas são flores. Posso mandar subir ou recebo aqui e a senhora vem buscar, posso levar para a senhora assim que der?

Senhora, senhora. Estou me sentindo uma tia solteirona de 60 anos.

— Pode mandar subir, por favor, obrigada.

Coloco a minha sobrinha no chão e algumas almofadas ao lado dela para proteger, como se isso fosse segurar a espoleta que está engatinhando para todo lado. Abro a porta e recebo o buquê de tulipas amarelas.

— Boa tarde. Helena?

— Sim, ou eu mesma. Obrigada.

Pego o cartão e leio.

PERIGOSAS ACHERON

Parabéns pela sua conquista.

Sucesso.

Henrique.

Um leve sorriso se levanta nos meus lábios. Hoje foi a entrevista com o Albert e Robert estava presente. Consegui ser contratada para ser diretora de Marketing e Propaganda do grupo. Foi uma proposta irrecusável, além de tudo vou trabalhar meio período e poder fazer trabalhos para outras empresas também, é como uma sociedade onde as empresas dos irmãos são prioridade. Penso em ligar para agradecer, mas apenas passo uma mensagem com uma única palavra:

Eu: Obrigada.

Sábado depois do jantar e de eu ter quase perdido o controle com o Henrique, subi e me tranquei no quarto me sentindo a pior pessoa do mundo. O sabor da culpa e do remorso não é nada agradável. No domingo saímos para almoçar na casa da Viviane onde conheci alguns amigos e

parentes deles. Com a vida corrida de São Paulo ainda não tinha dado tempo de reunir todos. Olho admirada para as flores. Procuro o significado na internet. Ninguém manda flores tão específicas sem um significado, não é?

Tulipas amarelas: A cor amarela é geralmente associada com a amizade. A cor amarela representa o brilho da luz do sol. É usado para descrever uma pessoa feliz, com o sorriso radiante e brilhante. Diz-se que tulipas amarelas são usadas para simbolizar a rejeição no amor. Mas também significa prosperidade.

Deixo o celular de lado sem querer saber mais nada. Rejeição no amor? Henrique está me mandando mensagem subliminar através dessas flores? Pego a Valentina e vou para a cozinha para colocar a lasanha no forno. Coloco-a na cadeirinha de balanço e abro um sorriso quando ela faz um bico contrariada por ficar presa, já que agora ela está toda independente querendo desbravar o mundo.

— Nem vem, nada de fazer bico, mocinha. — Bagunço o cabelo liso dela que abre um sorriso. Começo a cantar uma música e ela bate

PERIGOSAS NACIONAIS

palmas toda animada balbuciando algumas palavras que mal entendo.

Estamos na sala quando o Henrique chega. Tento parecer o mais tranquila possível. Ele pega a filha que faz a maior festa gritando *papapa* quando o vê.

— Que cheiro delicioso. Meu estômago até roncou.

— Fiz uma lasanha. — Sei que ele gosta. Viviane me disse outro dia que se quisesse agradar o filho era só fazer esse prato. Eu precisava agradá-lo para dizer o que precisava.

— Vou tomar um banho e já venho para jantarmos. — Tento pegar a Valentina que faz birra e abraça o pescoço do pai chorando. Ele sorri encantado e afaga a cabeça dela. — Se importa se eu levar ela para tomar banho comigo?

— Claro que não. Ela é sua filha — digo sorrindo admirada no quanto ela já é apegada a ele.

— Vamos lá princesa do papai. Vamos nos divertir no chuveiro agora.

— Não demorem muito ou a comida vai esfriar.

PERIGOSAS ACHERON

Da entrada do corredor dá para ouvir o barulho das gargalhadas da Valentina. Encosto a cabeça na parede próxima à entrada do quarto do Henrique. Logo, escuto o meu nome ser chamado.

— Oi — pergunto sem saber se entro ou não.

— Você pode pegá-la aqui? Ou não vou conseguir tomar um banho de verdade.

Entro no banheiro meio receosa. E se ele estiver sem roupa? Henrique está vestido em um roupão e quase suspiro agradecida por isso. Cabelos molhados e com uma bebê igualmente encharcada e sorridente no colo. Ela balança a cabeça dizendo que não e fazendo birra se agarra ao pescoço do pai. Pego a toalha dela que está sobre a pia e vou para pegá-la e ela que se agarra mais ainda ao pescoço dele.

— Vai com sua tia filha, papai já pega você.

— Papapapa. — Ela resmunga apertando ainda mais o pescoço dele.

— Vem com a titia, vamos tomar

leitinho? Um leitinho delicioso.

As palavras mágicas funcionaram, ela vem de bom grado, a esfomeada.

— Mas olha que mercenária. Trocado por um leitinho.

— Ela é demais, não é?

Saio do quarto quase correndo. Visto a roupa nela e preparo a mamadeira. Os olhos dela já estão pesados para dormir. Assim que ela termina de mamar já cai desmaiada em meu ombro. Coloco-a no berço e vejo o Henrique parado na porta. Seu olhar é de admiração e carinho. É notório que é louco pela filha.

Chegamos à cozinha e me sento para servir a lasanha. Henrique abre uma garrafa de vinho e sentamo-nos para comer. Ele serve a minha taça e eu não reclamo. Da última vez que bebi quase cometi uma besteira, agora não vai passar de uma. No dia seguinte ao jantar, mesmo constrangida quis conversar com ele, mas acabei desistindo.

— Eu quero te agradecer por ter me ajudado com o emprego.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aceito o agradecimento, mas não fiz nada. Ele já te conhecia, foi uma...

— Não Henrique, sabemos que não foi coincidência, você sabe do que estou falando. — Bebo um pouco do vinho. — Albert me contou que comentou com você que precisava de uma agência de Marketing. Então você me levou ao jantar e... bom, você sabe. Se não tivesse me levado junto nada teria acontecido.

— Eu não quis falar de você para ele, mas sabia que de algum modo aconteceria. Mas pelo que vi você é maravilhosa e fez um trabalho excepcional para eles no passado. Me diz como foi a reunião?

— Não foi como eu esperava, ele só queria saber como seria o meu trabalho, nunca teve uma pessoa trabalhando direto para ele, vamos ver como vai funcionar. Vou ter que fazer algumas contratações, mas estou muito feliz. A propósito, obrigada pelas flores, não precisava.

— Claro que precisava, somos amigos, vivemos na mesma casa e temos os mesmos objetivos. Quero te ver feliz, realizada e claro que vou vibrar com as suas vitórias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso é importante para mim, obrigada.
— Abaixo os olhos para fugir da intensidade do seu olhar e arrumar coragem para dizer o que preciso dizer.

— Mas algo está te incomodando Helena, o que é?

Acho impressionante que ele já me conheça tão bem.

— Estava pensando, agora que arrumei um emprego que vai me pagar muito mais do que eu esperava no primeiro momento, tem também o dinheiro que você depositou, não precisava, mas sei que iremos discordar sobre isso também. Vou procurar um lugar para morar e...

— Não pode estar falando sério! — Ergo os meus olhos diante do seu tom cético.

— Henrique, diante do que estamos vivendo há de convir que não está dando certo.

— Deixe-me ver se entendi. Você vai procurar um lugar para morar e acha que vou deixar a minha filha ir com você?

— Eu sei que jamais faria isso. Agora que sei como você pode ser um bom pai para a

PERIGOSAS ACHERON

Valentina não me preocupo mais em deixá-la com você. Antes tudo que eu temia era que você não fosse um bom pai para ela. Podemos tentar a guarda compartilhada e vou procurar um lugar aqui por perto para morar e poder ficar mais perto dela, mesmo que isso me doa muito é o certo a se fazer. Não podemos mais viver na mesma casa.

— Isso tudo é para fugir do que está sentindo, Helena? — pergunta com um tom de ironia na voz. — Você é tão teimosa que não consegue admitir o que sente...

— Henrique...

— Eu já entendi que entre nós dois não haverá nada. Sou inteligente o suficiente para saber que não vale a pena lutar uma batalha perdida, você não quer, eu não vou insistir. Se esse for o problema, não se preocupe. Me mantereí longe de você. Sua lealdade à sua irmã é algo bonito de se ver, é admirável, não pretendo ser motivo de remorso na sua vida. — Franço o cenho sem entender aonde ele quer chegar. — Acho que deveria ficar, vamos viver nossa vida normalmente, eu não vou tentar ser mais do que um amigo, um irmão por assim dizer. Mas você sabe que o melhor

para a Valentina é ter você por perto o tempo todo. Ela a ama como uma mãe e vai sofrer muito se você a deixar.

— Não é como se eu estivesse indo embora para longe. Muitas crianças vivem com pais separados e podemos fazer isso dar certo — digo.

— Se é assim que você quer. Para ser bem honesto era exatamente o que eu pretendia fazer com a sua irmã depois que ela nascesse.

— Não é nada imediato, vai levar um tempo para conseguir arrumar a minha vida ainda. Eu só não quero tirar a sua privacidade. Talvez estar aqui te impeça de sair com alguma mulher, de trazer...

— Eu nunca fui de trazer mulheres para a minha casa, mas está registrado. E não, você aqui não está me impedindo de sair com ninguém. — Ele leva o vinho aos lábios e sorve calmamente. — Assim como não serei empecilho para você. Já entendi que entre nós dois não vai haver nada.

— Que bom que concorda comigo. — Bebo um pouco de água para descer o bolo que se formou em minha garganta só de imaginar ele

PERIGOSAS ACHERON

saindo com alguém. Mas será melhor assim.

— Está enganada se acha que concordo.
— Ele sacode a cabeça em negação enquanto me encara. — Não concordo com nada do que disse ou que você está pensando em fazer. Não concordo com você tentando a todo custo resistir ao que está sentindo, em não enxergar que de fato o que está acontecendo entre nós é muito forte. Não concordo que devemos nos relacionar com pessoas que não estejamos verdadeiramente interessados só para evitar o inevitável. Mas eu respeito a sua decisão. No entanto, deixo claro que não concordo com em nada com elas.

Henrique me deixa momentaneamente sem palavras. Talvez a forma calma como ele fala. Encaro o seu rosto que se tornou uma máscara de calma. Ele então abre o sorriso nada sincero e quebra o silêncio.

— Então você vai sair novamente com o Dr. nome mexicano? Ou vai explorar novos horizontes? Parece que o Robert ficou bem interessado em você?

— Eu... bom, o João é sim um cara legal e vou sair com ele novamente. Inclusive, temos um

encontro na sexta. E quanto ao Robert, não notei nada disso.

— Ele é um cara profissional. O que me leva a um questionamento. Você já pensou que não foi nada profissional da parte do médico convidar a mãe de um paciente para sair? — Aperto os olhos. — Digo, já pensou com quantas mães ele faz isso? Ou você é tão irresistível para provocar uma primeira vez tornando o Dr. antiético?

— Você está sendo maldoso, Henrique...
— ele me interrompe.

— Não, estou sendo analítico e realista.

— Maldoso. E não parei para pensar nisso, mesmo porque não sou a “mãe” da Valentina. Você não pode pensar que todo mundo é como você — digo sentindo o veneno escorrer nos cantos da boca. — Costumava sair com as suas estagiárias, Henrique? Não foi isso que aconteceu com você e a Katy? Ou ela foi tão irresistível que acabou indo para cama e tendo um relacionamento fora do trabalho tornando você antiético?

— Acabou de descrever a minha relação com a sua irmã. Eu nunca tive nada com estagiárias, cliente e muito menos colegas de
PERIGOSAS ACHERON

trabalho. Mas sim, a Katy era tão irresistível que acabamos nos envolvendo. E quer saber? Está errada em uma coisa. Nossa primeira vez não foi na cama, e sim na mesa de escritório, admito que foi sem ética alguma. Ela tinha um certo fetiche com...

— Eu não quero saber — digo um pouco mais alto do que deveria. — Me diz uma coisa, por que está agindo como um cretino? — Levanto a voz e largo os talheres em cima do prato fazendo barulho.

Ele não diz nada de imediato e quero jogar na cara dele que está mentindo. Eu li o diário da Katy e sei que eles nunca fizeram nada disso no escritório. Ela teve que sair do estágio para ter alguma coisa com ele. A não ser que ele esteja tentando me provocar, machucar-me deliberadamente... interrompo o meu pensamento, pois isso não é da minha conta.

— Eu só pensei que poderíamos falar sobre tudo. Somos amigos, não somos? — Seu tom beira o sarcasmo, me deixando surpresa em conhecer essa nova face do Henrique.

— Não com esse nível de intimidade. E sem contar que você me disse antes que não...

PERIGOSAS NACIONAIS

esquece. Está vendo que isso não vai dar certo? Não podemos morar juntos, Henrique. — Me levanto de uma vez e ele segura o meu pulso. Olho para ele que ainda está de cabeça baixa sem me encarar. Então o seu rosto se ergue em minha direção e nos encaramos.

— Eu sinto muito. Vou tentar... com o tempo vamos nos entender.

— Assim espero. Porque não quero agir com você como se fôssemos ex-rancorosos, ok? Nunca tivemos nada, então não podemos estar nesse nível. — Puxo a minha mão. — Agora me dá licença que vou arrumar tudo, amanhã vai ser um dia cheio.

— Pode deixar que cuido de tudo aqui. — Vou para dizer que não e ele levanta um dedo pedindo que eu me cale. — Você cozinhou, eu limpo. Nada mais justo, sem contar que é bom para distrair a mente.

— Como quiser. — Saio de perto. — Boa noite, Henrique.

— Boa noite, Helena.

Entro no meu quarto com o coração aos

PERIGOSAS ACHERON

saltos e com muita raiva. Não iria conseguir dormir mesmo, então tomei banho, troquei de roupa e peguei o diário da minha irmã para ler. Eu precisava desse momento. Era como se tudo que estava escrito nele me fizesse ter certeza de ficar longe do Henrique e resistir à forte atração e aos sentimentos que estavam surgindo entre nós. É a melhor coisa que eu faço, também era como se dessa forma, eu estivesse conversando com ela, mais perto dela.

— Vamos lá Katharine, me conte os seus segredos.



Capítulo 23

Diário de Katy.

Estou sim apaixonada, mas não posso dizer isso para a minha irmã e acabei de mentir para ela, o que me deixa péssima. Disse que não estava saindo com ninguém, que estava concentrada no trabalho sendo que sai dele há mais de um mês ou não estaria saindo com o Henrique que é todo cheio de ética. Disse que estava muito ocupada com os estudos e o TCC estava me consumindo muito. Mas acontece que quando penso em contar para ela lembro-me dos

PERIGOSAS ACHERON

vários motivos que não deveria fazer. Desde que nossos pais morreram Helena age como se fosse a minha mãe, e uma bem protetora, diga-se de passagem, e se disser que estou em um relacionamento sério ela vai querer conhecer o Henrique e eu sinto no fundo da minha alma que se ele puser os olhos nela... não quero nem pensar. Eu morreria se vivesse em um mundo onde ele não pode ser meu.

Diário, a minha irmã é o tipo que todo homem quando coloca os olhos nela se apaixona. Desde garota ela era assim. Não me diga que é um medo infundado, ou que sou uma irmã invejosa, pois você sabe que não é o caso. Diário, você sempre soube todos os meus segredos. Mas vou registrar aqui para nunca esquecer e não me sentir mais culpada do que ando me sentindo.

Entenda, eu amo a minha irmã, admiro-a muito. Quando eu era adolescente nutria uma paixão por um menino da escola. Ele era mais velho e eu o admirava nos jogos de futebol. Eu o seguia e sonhava com ele. Weder foi o meu primeiro amor, e o primeiro coração partido. Eu o amava muito e na minha mente adolescente que

supervaloriza tudo, seria para sempre. Eu pedi um beijo para ele na festa junina que teve na nossa escola. Sabe o que ele me disse? Que não ia me beijar, pois eu iria contar para a minha irmã e ele não teria chance com ela, ele me pediu ajuda, pois estava apaixonado pela Helena. Naquele mesmo dia eu vi os dois aos beijos no estacionamento da escola.

Paro de ler o diário chocada com a revelação dela. Nunca percebi que a Kate gostava do idiota do Weder. O cara era um panaca que pegava todo mundo. E eu o beijei apenas para que ele saísse do meu pé e nada mais do que isso. Volto à leitura.

Anos depois me vi em situação semelhante. No cursinho, me apaixonei por um rapaz, e ele sempre ia lá em casa estudar comigo, ele queria Medicina e eu Direito, por isso estudávamos muito. Estávamos um interessado no outro. Um dia apresentei Helena para ele e então vi a forma como ele olhava para ela. Apesar das minhas suspeitas de que ele estava doido pela Ella

eu ignorei todos os sinais e namoramos por dois meses. Entreguei-me a ele, foi o meu primeiro e estávamos namorando sério. Então eu descobri através de uma conversa dele com um amigo que ele tinha o maior tesão na minha irmã, que se ela quisesse ele me trocava fácil, ele disse que era uma pena Helena nem notar a existência dele. Isso pode parecer besteira, mas para mim foi o fim. Não podia culpar a minha irmã por ser linda e irresistível. Fiquei com raiva dela, passei meses nutrindo sentimentos negativos, entretanto nunca a culpei. Mas ele teve o que mereceu diário. Transei com o melhor amigo dele enquanto ainda estava com ele e deixei claro no dia que ele nos pegou na cama que tinha o pau pequeno e não sabia satisfazer uma mulher. Vingativa, eu sei, mas adorei a sensação de colocar o idiota no lugar dele. Depois ele teve a cara de pau de dizer que me entendia, que se apaixonou por mim e queria voltar.

Mas se tem uma coisa que me fez decidir ir para bem longe dela foi isso. Por mais que tentasse, eu não chegaria aos pés da maravilhosa Helena. Minha irmã sempre fez tudo por mim e eu sei que jamais ficaria com um cara sabendo que eu

PERIGOSAS ACHERON

gostava dele. Ela é leal e nunca, digo jamais, pois a conheço bem, ela jamais olharia uma segunda vez para qualquer homem que eu estivesse minimamente interessada.

Mas o contrário sempre acontecia. E no fundo do meu coração eu acho que será sempre assim. Tenho medo do Henrique descobrir que tudo que tenho tentado ser para ele, minha irmã perfeita já é, que a única coisa que tenho feito é imitar a Helena. Há muito tempo eu me fechei para o amor, e fiquei longe de relacionamentos, de me envolver com alguém de forma mais séria, até encontrar o Henrique.

Voltando ao Henrique, ele não é desse tipo, eu sei. Henrique é um homem integro, honesto e fiel. Mas ele nunca disse o que sente por mim. Tenho vontade de dizer que o amo. Acho que vou fazer isso. Eu preciso saber se ele ao menos sente algo por mim. Preciso me sentir segura nessa relação para conseguir me abrir com a minha irmã e deixar o fantasma do passado para trás.

Abraço o diário e o aperto tanto que minhas mãos chegam a doer. As lágrimas caem

sem sentido. Como nunca percebi que ela se sentia assim? Por que não conversou comigo? Não se abriu com seus medos e receios?

— Oh Katy, me perdoe minha irmã, eu não queria... eu não vou fazer isso eu... prometo que nada vai acontecer comigo e o Henrique.

Fecho os meus olhos e é como se a estivesse sentindo concordar. Ela acreditava em mim, podia duvidar dos homens com relação a nós, mas ela acreditava que eu nunca a trairia, que eu jamais daria oportunidade para um homem que ela gostasse, e não farei. Pela sua memória eu vou lutar contra o sentimento que cresce dentro de mim, nem que eu tenha que fugir para longe dele.

Percebo que estou chorando muito quando sinto a mão do Henrique em meu ombro e ouço a sua voz preocupada.

— Helena. O que foi? Por que está chorando tanto? — Empurro a sua mão para longe e tento me afastar. O que só faz ficarmos ainda mais perto. Ele me abraça mesmo eu tentando resistir, mesmo tentando impedir que nossos corpos se aproximem, enquanto eu choro minha culpa. Por fim deito minha cabeça em seu ombro e deixo as

lágrimas caírem enquanto a sua mão passa pelas minhas costas suavemente. Depois de um tempo em seus braços ele se afasta e levanta o meu rosto em sua direção. Eu não consigo abrir os olhos. Não posso fazer.

— Helena, olha para mim — pede com voz carinhosa, balanço a cabeça em negação. — Eu disse alguma coisa que te magoou? Eu sinto muito por isso. Eu...

— Não foi você. É tudo minha culpa. Katy deveria me odiar, mas ela me amava. Ela confia em mim e...

— Do que você está falando?

— Eu... sei o motivo que ela nunca falou de mim para você. Ela tinha medo. — Começo a chorar novamente. — Eu fiz tanto mal para a minha irmã. Acabei com a sua autoestima. Feri a sua confiança nos homens e... eu não deveria estar... eu...

— Xiii. Fica calma. — Ele beija a minha testa.

— Ela... — me afasto e pego o diário. — Ela escreveu tudo aqui. De alguma forma ela

sabia... quer dizer, ela pensava que se você me conhecesse se sentiria atraído por mim. Por isso ela escondeu o tempo todo, por isso ela mentiu. Mas ela confiava em mim, ela disse nesse diário que sabia que eu nunca, de forma alguma me envolveria com alguém que ela amasse... ela sabia que eu jamais me envolveria com... com você.

— E agora está se sentindo culpada. — Não foi uma pergunta. Balanço a cabeça que sim. Ele fecha os olhos e respira fundo. — Onde encontrou esse diário?

— Estava na bolsa dela no dia do acidente. Eu nunca consegui ler, apesar de ter tentado diversas vezes doía muito, era como se... como se estivesse ouvindo a voz dela e a falta que sentia me deixava arrasada. Mas faz alguns dias que estou tentando. Cada linha é muito difícil para mim, mas eu precisava...

— Precisava de quê? Se sentir mais perto dela? Por que está se torturando dessa forma?

— Eu não sei... esperava encontrar alguma coisa que dissesse por que ela me anulou da vida dela. Ou encontrar escrito aqui que... que ela não te amava o suficiente. Mas nunca imaginei ler

o que está escrito aí. — Escondo o rosto nas mãos trêmulas e depois passo pelos meus cabelos quase os arrancando no processo. — Eu nunca imaginei que a Katy te amasse tanto. Na verdade, ela não me anulou da vida dela, ela me escondeu de você, e ela te amava, Henrique. Por isso eu não posso me apaixonar por você. Nós não...

— Você já está, Helena. — Ele segura o meu rosto entre as mãos me olhando nos olhos e eu tento fugir do seu olhar. Mas as duas esferas jade me atraem de forma estranha. — Assim como eu também estou. Eu vejo isso nos seus olhos, sabe por quê? — Balanço a cabeça sentindo lágrimas caírem pelo meu rosto sem controle. — Porque é como se olhasse para um espelho e enxergasse o reflexo do que está dentro de mim. E dói, dói muito saber que a Katy está entre nós. Que estamos sofrendo por causa de um fantasma...

— Não fala assim da minha irmã. Machuca ouvir o homem que ela amava tanto, que trouxe uma filha para ele se referir a ela dessa forma. À memória dela...

O rosto dele é uma mistura de raiva, sofrimento e amargura o que faz calar-me e não

dizer o que está queimando em meu coração machucado. A memória da minha irmã é mais importante do que a minha felicidade?

— O que você queria? Esperava o que de mim? Eu não amava a sua irmã mesmo que tivesse tentado muito e eu juro que fiz tudo por ela, mas não é assim que as coisas funcionam. Eu não a amava. — Ele ensaia um sorriso nervoso. — Agora veja bem, entenda Helena que no segundo em que coloquei os olhos em você eu sabia que tinha alguma coisa diferente, eu senti o meu coração bater de forma irregular. E quando eu te beijei, ah Helena, foi como se... como se eu tivesse passado a vida inteira esperando por aquele momento. Esperando pelos únicos lábios que se encaixaram perfeitamente aos meus. Eu esperei a minha vida toda por você.

— Não diz essas coisas Henrique, não está ajudando. E eu me sinto ainda pior.

— Eu não posso evitar o que cresce aqui. — Ele bate no peito, sua voz embargada e seus olhos verdes cintilam de emoção e eu odeio que ele seja tão transparente e que sua dor me atinja de forma tão forte. — Eu estou Helena, pode ser difícil

para você entender, mas eu estou apaixonado por você. Perdidamente apaixonado.

Então eu sinto o meu coração se quebrar em mil pedaços. É uma dicotomia, uma agonia sufocante que queima e se alastra por cada canto do meu ser. Porque eu quero, como eu quero me jogar nos seus braços e dizer o mesmo. Mas eu não posso, não podia antes e não posso agora depois de saber sobre os reais motivos da Katy. Depois de saber o quanto ela amava esse homem, depois de ver os sonhos dela através dos meus olhos, os planos que ela tinha, de perceber a dimensão do sentimento e suas expectativas. Ela teve a vida interrompida e não pode ter nada do que sonhou. Ela sofreu tanto até encontrar o amor. Eu não a decepcionaria, nunca. Não fiz quando estava viva e não farei depois de morta.

— Eu sinto muito.

Levanto-me e saio do quarto carregando o diário e a minha dor junto comigo. Fugindo do olhar magoado e cheio de desalento do homem quebrado diante de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 24

Henrique

— Porra cara, você não está com a cabeça aqui. E precisamos focar nesse contrato. — Saulo reclama e com razão, pois nunca estive tão distraído. Nem quando Katharine desapareceu levando a minha filha em seu ventre. Naquela época o sentimento era outro, eu tinha raiva e me foquei no trabalho deixando os detetives fazerem o trabalho de encontrá-las por mim. Agora eu estava sem esperança, desatento e triste.

— Desculpa, cara. Não estou

conseguindo me concentrar.

— Está com a cabeça na bunda da sua ex-cunhada. — Afirma e eu nem me dou ao trabalho de reprimir a forma como ele se refere a ela. — Pega logo a mulher e resolve o problema.

— Quisera que fosse isso, já teria resolvido a questão há tempos — digo jogando a caneta sobre a mesa. — Se fosse apenas desejo, tesão, e eu não me importasse com os sentimentos dela seria sim, muito fácil. Sei que conseguiria seduzir sem muita dificuldade, antes que ela pudesse perceber, já estaria em minha cama.

— Então está apaixonado por ela.

— Não, não estou.

— Claro que está e não é de hoje, meu caro.

— Não Saulo, não é paixão. É mais do que isso. Pode parecer clichê, mas nunca me senti assim antes. Eu já me apaixonei, mas nunca foi dessa forma.

— É foda. Mas tem que tentar resolver isso dentro na sua cabeça, porque precisamos dela nesse contrato. Depois você pode se lamentar à

vontade e prometo que vou te escutar mesmo que meu ouvido não seja pinico *pra* se encher com esse tanto de merda que você anda vivendo.

— Vamos lá acabar com isso então.

Não tenho uma conversa decente com a Helena desde segunda. Eu me abri para ela. Disse que estava apaixonado. Então eu vi nos olhos dela que nunca teria uma oportunidade de viver essa paixão. Ela está refém de uma promessa que nunca fez. Naquela noite ela saiu e demorou a voltar. Fiquei muito preocupado, mas não podia ir atrás dela e deixar a minha filha sozinha em casa. Ela chegou e se trancou no quarto. Não falamos mais no assunto, apenas tentamos ser amigável um com o outro enquanto a Valentina está conosco. Ontem à noite eu a vi sair toda produzida, linda para se encontrar com o médico. O atual namorado dela. Fiquei furioso, magoado, revoltado com a vida. Mas não posso fazer nada.

Aliás, posso sim.

Pego o meu celular e procuro o número de telefone. Ela atende no terceiro toque.

— Henrique, a que devo a honra?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Grazi, tudo bem?

— Eu estou ótima, melhor agora que está me ligando. Com toda certeza já sei do que precisa.

— Nossa, você fala como se eu só te ligasse com interesse em algo.

— Em algo que significa sexo. Estou enganada? — Ela diz sorrindo.

— Não, não está enganada. Topa sair hoje?

Vou direto ao ponto como sei que ela gosta. Graziela não é de ficar dando voltas quando quer alguma coisa. Sempre admirei isso nela. Conhecemo-nos desde criança, ela é irmã do Klaus, um dos meus melhores advogados e amigos. Graziela é uma mulher livre, nunca rolou sentimento entre a gente, mas vez ou outra quando estamos sós ficamos juntos sem muito envolvimento, além de amizade e sexo. Desligo a chamada com o encontro marcado para amanhã à noite.

— Vai sair com a Graziela? — Saulo diz e alguma coisa no seu tom de voz me faz olhar para ele, o que vejo no seu rosto não me agrada em

PERIGOSAS ACHERON

nada.

— Sim, vamos sair. — Ele olha para todo lado, menos para mim. — Meu Deus, como nunca percebi isso antes? Você tem interesse na Graziela?

— Não...

— Está mentindo. — Ele me encara com uma carranca. — Te conheço desde que usávamos fraldas e sei quando está mentindo. Por que nunca me falou? Já tiveram alguma coisa?

— Claro que não, ela só tem olhos para você. Sempre foi assim.

— Não é nada disso, nós somos amigos e só ficamos quando não estamos namorando ninguém...

— Você nunca prestou atenção nela de fato, não é? Nunca percebeu que ela sempre está sozinha esperando uma oportunidade de você ligar? Nunca teve sensibilidade para perceber o que ela sente por você. Você pirou de vez. Agora porque está todo apaixonado pensa que pode enxergar amor em qualquer lugar. — Encaro o seu rosto contrariado. — Você é o cara mais inteligente que

eu conheço e o mais burro ao mesmo tempo. Você realmente não sabe ou se faz de desentendido? A Graziela sempre foi louca por você — diz com desdém e mágoa.

— Acho que o ciúme deixou você cego. Por que não conversa com ela? Chame-a pra sair. Conquista a mulher. Eu garanto que não existe sentimento a não ser de amizade entre nós dois.

— Para o dia que você estalar os dedos ela sair correndo? Não, obrigado. Agora deixa essa conversa pra lá e vamos ao que interessa, o contrato.

— Não vou tocar nela, a partir de hoje não vou ter nada mais do que amizade com ela.

— Se for por mim cara, não perca o seu tempo, eu nunca vou levar isso adiante. Ela não é mulher para mim.

— Quem não é mulher para você? — Ana Clara entra na conversa.

— Ninguém. Precisa de alguma coisa, Clarinha?

— Não, só passei para ver vocês e lembrar que na próxima semana tem a minha festa

PERIGOSAS NACIONAIS

e não é para faltar. — Ela sorri doce para mim. — Vou levar um convite para a sua mãe e para a Helena. Por falar em Helena, como está indo a vida de casado sem ser casado, Henrique?

— Não leva a mal, mas estamos no meio da construção de um contrato importante Clara, deixa a gente trabalhar e a fofoca para depois, ok? — Saulo diz.

— Nossa, que mal humor. Estou indo. — Ela sai com o nariz empinado.

— Outra que é doida por você. — Ele diz e eu o encaro sério.

— Nem fala uma merda dessa. Ana Clara é casada desde a faculdade e você...

— Está bem, não está mais aqui quem falou. Um dia vai descobrir que estou falando a verdade, que apesar de casada é você quem ela quer.

Fico pasmo com o pensamento do meu amigo. Mais ainda por ser exatamente as mesmas palavras que Katharine usou por diversas vezes em suas crises de ciúmes.

...

PERIGOSAS ACHERON

Chego em casa às nove com a Graziela a tiracolo. Tive uma conversa sincera com ela e expus tudo que está acontecendo. Ela aceitou tranquilamente e disse que não sente nada por mim o que me deixou bem tranquilo. Ficou surpresa quando perguntei se ela havia percebido que o Saulo era interessado nela. Grazi me confessou que gostava dele, mas ele sempre a tratou mal, com hostilidade e sempre a manteve distante. Agora sabemos o motivo.

Grazi está sentada no sofá segurando uma taça de vinho quando o interfone toca. Levanto-me para atender e Helena aparece vestida para sair com o namorado, ela olha assustada para a Grazi que dá um sorriso tímido.

— Desculpe, eu não...

— Oi. — Atendo sem tirar os olhos dela que em contrapartida não tira os olhos da Grazi.

Cada dia que passa ela fica mais linda, se veste de uma forma que me dá vontade de trancá-la dentro do quarto para ninguém mais ver. *Que pensamento ridículo Henrique.*

— Boa noite, o Sr. João está na portaria.

— Pede para ele subir, por favor.

— Está ok. Boa noite.

— Boa noite. — Desligo, volto o meu olhar para a Helena. — Seu namorado está subindo.

— Eu já estava descendo, ele não precisava ter que subir. — Ela olha para a Grazi com curiosidade.

— Essa é Graziela, uma amiga.

— Prazer, Helena.

— O prazer é meu.

— Se tinha compromisso deveria ter falado, eu não teria marcado de sair. — Ela diz entre dentes.

— Não quero atrapalhar o seu sábado. Além do mais, a Grazi não viu problema nenhum em me ajudar com a Valentina. Vamos tomar um vinho e assistir a um filme. Não se preocupe.

— Eu entendo que quando se tem filho existe algumas responsabilidades, e eu adoro criança. — Ela pisca para mim charmosamente. — E ficar em casa vendo filme e tomando vinho é muito melhor do que sair para qualquer lugar. Já não tenho mais idade para isso, muita gente e lugar

lotado.

A campainha toca e ela corre para atender. Grazi sorri para mim e pisca cúmplice. Logo Helena aparece com o médico que a olha com fascinação fazendo meu sangue ferver de ódio. Sua expressão também não é nada boa.

— Boa noite. — Ele cumprimenta educadamente.

— Boa noite, como vai? — Aperto a mão dele. — Grazi, esse é o Carlos Eduardo, Pediatra da Valentina e namorado da Helena.

— João Miguel. — Ele corrige apertando a mão da Grazi. — Como vai?

— Graziela, prazer.

Valentina escolhe justamente essa hora para chorar. Helena vai em direção ao corredor e eu a chamo.

— Helena, pode deixar que pego ela. Grazi, sirva um vinho para o Dr. e para Helena, ela adora esse vinho.

Não espero a resposta e vou para o quarto da minha filha. Tenho que respirar fundo diversas vezes no caminho.

— Oi meu amor, como vai? — Ela estende os braços para que eu a pegue. — Acordada uma hora dessas?

Sigo com ela para a sala. Grazi que não mentiu que amava criança se levanta e vem para brincar com ela. Sento-me com Valentina no colo e uma Grazi cheia de alegria fazendo gracinhas para a Valentina que ri timidamente ainda sonolenta.

— Bom, acho que temos que ir ou perderemos o começo da peça.

— Vão ao teatro? — Grazi diz amigável. — Adoro teatro. Lembra Henrique quando fomos a uma peça lá no Rio e conseguimos conhecer o elenco? Foi maravilhoso.

— Isso faz tanto tempo.

— Isso me lembra de que faz tempo que não vamos.

— Fazer o que se você anda preferindo o sofá e o vinho? — digo beijando o rostinho da minha filha.

Os olhos da Helena passeiam de mim para a Grazi especulativos.

— Precisamos ir. Foi um prazer,

PERIGOSAS NACIONAIS

Graziela. Tenham uma boa noite. — Helena diz com um sorriso forçado.

Eles saem e a Graziela boca grande mal espera a porta se fechar.

— Pelo menos ela tem bom gosto. O cara é um tremendo gato.

—Você é uma pessoa bem desagradável. Se um estiver na beira do precipício você incentiva e até ajuda a pular, não é?

— Não é bem assim, mas você viu? O cara é um gato.

— Desnecessário Graziela Regina.

...

Depois de duas garrafas de vinho e um filme chato pra caralho, a Graziela foi dormir, cedi a minha cama para ela. Eu acabei na sala sem um pingo de sono esperando a Helena chegar. Imaginando se ela estaria nos braços dele. Se passaria a noite fora de casa. A que ponto cheguei?

Duas horas da manhã ouço barulhos de chave na porta. Levanto-me rapidamente e vou para o quarto de hóspedes. Tomo um banho e depois me deito sem conseguir pregar os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

...

Na manhã seguinte levantei cedo, preparei um café e aguardei a Valentina acordar porque com certeza Helena acordaria também.

— Bom dia, Helena. Oi princesa. —
Pego a minha filha no colo.

— Bom dia, vou preparar o leite dela —
diz muito séria. — Logo ela volta a dormir, ainda
está muito cedo. — Ela olha para a mesa repleta. —
Cedo foi a hora que você levantou para preparar
isso tudo.

— Não foi tanto assim.

Não demora muito para Grazi aparecer
na cozinha vestida com uma de minhas camisas.
Talvez ela tenha exagerado um pouco.

— Bom dia, bom dia! — diz toda alegre.
— Que maravilha, você comprou carolinas para
mim. — Beija a minha bochecha. — Sempre fofo.

Helena está boquiaberta olhando a Grazi
enquanto ela joga um doce na boca e geme de
prazer.

— Senta para comer, Grazi. Nunca perde
a mania de ficar andando pra lá e pra cá enquanto

PERIGOSAS NACIONAIS

come?

— Ai Henry, eu adoraria sentar e tomar um café, mas sabe como é, almoço de família e se não estiver em casa em minutos sou uma pessoa morta. Preciso acompanhar a minha mãe no preparo, isso é que dá ser boa na cozinha. — Ela beija a minha bochecha e sai correndo para o quarto com as mãos cheias de suas carolinas.

— Henrique, eu posso falar com você um instante?

— Claro, Helena. Não prefere terminar o seu desjejum?

— Essa mulher dormiu aqui — afirma.

— Sim, dormiu — digo calmamente enquanto tomo um pouco de suco.

— Como você pôde fazer isso? — A sua voz soa estridente.

— Vai mesmo fazer um alarde com uma coisa tão boba? — Recebo o seu olhar matador.

— Tchau para vocês, me liga depois, Henry. O convite para o almoço ainda está de pé.

— Obrigado Grazi, mais tarde apareço lá com a Valentina.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você também está convidada, Helena. Será um prazer.

— Grazi — chamo e ela para no batente da porta. Eu sei que ela não tem de sair agora, mas pela cara da Helena seria melhor que fosse logo. — Adorei nossa noite. — Ela pisca para mim e sai.

— Você é um cretino, Henrique. — Helena grita muito brava.

— Melhor colocar a Valentina na cama e falar baixo para não acordá-la.

— Agora quer mandar em mim?

— Não precisamos fazer isso na frente dela, e dormindo ainda por cima. Se você continuar gritando ela vai acordar. — Ela sai pisando fundo com a sobrinha adormecida nos braços. Ela ainda dorme mais duas horas ou mais.

Helena retorna para a cozinha com fogo nos olhos.

— Você... ela... você não podia ter feito isso. Dormir com essa mulher debaixo do mesmo teto que a sua filha. Sequer pensou em...

— Em você? Para ser sincero sim, pensei em você todo tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cretino. — Cerra os punhos.

— Me diz Helena, o que você espera de mim? Castidade?

— Você é desprezível.

— Eu? O que você queria que eu fizesse? Que ficasse chorando depois de saber que não tenho chance com você? Depois de confessar o que estava sentindo e você não ter dado a mínima?

— Você... é um mentiroso.

Tornou a me fuzilar com os olhos. Eu franzo os meus quase a ponto de fechá-los enquanto ela segue para a sala.

— Você decidiu como seria. Nós sequer temos nada para você estar fazendo cobranças...

— Não estou te cobrando nada, mas a sua filha estava no quarto ao lado enquanto... não tinha o direito de fazer isso.

— Você não suporta a ideia de que se apaixonou por mim. Está namorando aquele médico. Não quis ficar comigo, dar uma chance ao que sentimos. Você não me quer, certo? Mas também não quer que eu fique com ninguém? — Ela balançou a cabeça com os olhos marejados. —

PERIGOSAS ACHERON

É isso que você quer? Que eu veja você sair com o seu namorado, fique aqui imaginando o dia que você vai cair na real e perceber que a Katharine está morta. — A emoção fez a minha voz falhar ao fim da frase. Seu rosto vermelho expressava a sua raiva.

— Eu sei muito bem disso. Ela era minha irmã, minha única família e tenho certeza de que sou a única que sofreu com sua morte.

— Então deixa a sua irmã descansar em paz e eu viver a minha vida. Tentar seguir com ela.

— Você pode sair com quem você quiser. Substituir a Katy por qualquer uma, mas pelo amor de Deus, Henrique, você não precisava trazer uma mulher para dormir aqui. Debaixo do mesmo teto que a sua filha.

Fez-se silêncio na sala enquanto nos fuzilávamos com os olhos. Finalmente ela não pôde mais suportar o silêncio. Seus olhos derramaram as lágrimas até então contidas.

— Você está tentando me magoar? Está tentando me provar alguma coisa? Trouxe essa mulher para dormir aqui para... para me ferir? — Sua voz sai como um sussurro de dor e mágoa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é exatamente o que você está tentando fazer? Punir-me por ter se apaixonado pelo homem que a sua irmã dizia amar? Punir-me pela morte dela sendo que nunca tive culpa?

Ela se afastou um pouco, eu cheguei mais perto.

— Você está dormindo com ele?

— Meu Deus, é claro que não. O que acha que eu sou? — gritou.

— Não? — Tornei a passar a mão pelo cabelo, enquanto a olhava negando com a cabeça. Meu sangue devia estar fervendo tamanha a fúria que eu sentia.

— É claro que você está tentando me magoar! Por que outro motivo trouxe essa mulher para dormir aqui? Você disse que não trazia mulheres para cá antes, por que está trazendo agora?

—Você tem razão. Fiz isso para mostrar a você que estou fazendo exatamente o que você me pediu. Estou seguindo em frente, estou tentando. Ou talvez para... eu não sei.

Ela se aproxima de mim com os olhos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

marejados.

—Você a conhece muito bem, não é? Sabia até o gosto dela pelas carolinas. Não é a primeira vez que ela... que vocês...

— Helena...

— Isso, isso é tão difícil. Eu não consigo mais... eu...

Não espero que ela complete e, de repente, estamos nos beijando. Um beijo violento, furioso, punitivo. Nossas mãos por toda parte, tateando, agarrando, apertando. Eu sei bem o que poderia vir quando Helena se desse conta de que estava retribuindo o beijo com desespero. Já podia sentir o gosto amargo quando visse o arrependimento dentro dos olhos escuros dela.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 25

Tateamos o corpo um do outro, gemendo, arfando e quase loucos de raiva e desejo. Não, não, a raiva não provocaria uma sensação tão prazerosa, não aumentaria a necessidade de acordo com que a sua boca devorava a minha e vice-versa. Meu corpo estava em chamas, cada nervo vibrando com a necessidade de ser tocada pelas mãos do Henrique.

Sua boca tinha um gosto muito bom. Um sabor de suco de uva e mais alguma coisa única. Desde que nos beijamos pela primeira vez, eu já ansiava pelo seu sabor, na segunda vez na praia

quando viajamos juntos foi o paraíso, agora era um caminho sem volta. Passei a língua pelos seus lábios, tentando aproveitar o máximo que pudesse, desesperada, faminta.

Por ele.

Ontem à noite João Miguel e eu trocamos beijos, ele queria aprofundar o nível de intimidade entre nós dois, mas deixei claro que não haverá sexo tão cedo. Ele aceitou um pouco relutante, não somos mais adolescentes para esperar o momento certo. Eu o beijei, mas passou longe de sentir essa necessidade. De sentir esses choques por todo o meu corpo. De ter cada poro queimando por ele. Ou de ter os pensamentos nublados por essa névoa de desejo desesperador.

Henrique também parecia desesperado para me saborear. A língua dele se enroscava na minha e suas mãos agarravam o meu traseiro e me puxavam com força contra o pênis rígido. E eu me roçava nele como uma desesperada. Como se tivesse ingerido alguma substância ilícita ou o que quer que enlouquecesse ainda mais uma mulher desesperada. Era assim que eu estava.

De repente me dei conta de que ele

estava erguendo o meu corpo e me deixei ser levada, abraçando o seu quadril com as minhas pernas, sem que os nossos lábios jamais perdessem o contato. Ele nos guiou até a parede e, quando minhas costas bateram na superfície, Henrique deixou escapar um gemido e suas mãos bateram de cada lado da minha cabeça, me prendendo. Ele continuou me beijando, me lambendo e chupando a minha língua enquanto pressionava o corpo contra o meu em chamas. Os sons que nós dois deixávamos escapar nublaram ainda mais minha mente de desejo.

Ai, meu Deus, isso era loucura. O que eu estava fazendo?

Henrique então me segurou firme novamente e caminhou comigo até o meu quarto. Eu queria sentir o corpo másculo cobrindo o meu, senti-lo penetrando o meu corpo, o centro da minha alma, do meu ser. Estava ansiando para ser dele. O que é uma completa loucura.

É inegável que estou perdidamente apaixonada. Que Deus me ajude, mas eu não sou capaz de me afastar, de dizer não, de parar o desejo que estou sentindo. Até tinha esquecido tudo, todas

as coisas que gritavam que fazer isso era errado. Que sentir o coração bater tão acelerado era insano. Por que somente Henrique era capaz de me causar estas sensações? Por que era o único homem que meu corpo e coração desejavam? Eu não podia fazer nada quanto a isso. Estava cansada de lutar. De resistir. Mas tem a memória da Katy, ela o amava tanto. Ela confiava em mim.

“Helena jamais se envolveria com um cara que já fiquei, imagina se soubesse que tive sentimento por ele”.

Então me colocou na cama, levantou o meu vestido vagorosamente e me tocou, e todos os meus pensamentos desapareceram. As lembranças das palavras do diário sumiram e o receio deixou de existir. Tudo que podia fazer era sentir e desejar mais.

— Por favor — supliquei vergonhosamente em um gemido. — Eu preciso...

— Eu também preciso — disse ele. — Eu preciso demais de você. — Ergueu meu rosto, fitando-me nos olhos, enquanto deslizava uma das mãos por baixo do elástico da minha calcinha alcançando o meu centro de calor. Ele gemeu de

PERIGOSAS NACIONAIS

satisfação ao constatar o tamanho da minha necessidade por ele. — Estou desesperado por sentir você. Esse calor úmido, tão molhada.

Grudou os seus lábios nos meus novamente, usou uma das mãos para provocar o meu mamilo, enquanto a outra explorava a minha umidade quente. Contorcendo-me de puro prazer, arfei, incapaz de falar qualquer coisa. Não havia pensamentos se formando mais em minha cabeça. Estava vazia, não havia Katy, Graziela ou João Miguel, exceto as sensações que ele criava me acariciando com precisão nos lugares certos como se tivesse lido um manual de instruções que indicava onde era cada ponto que me deixava louca.

A verdade é que um simples roçar de suas mãos em qualquer parte do meu corpo me levava à loucura. Eu estou derretendo em suas mãos, o prazer crescendo por toda parte do meu corpo, correndo quente pelas minhas veias concentrando-se tudo em um único ponto. Levei a minha mão para dentro da sua calça de moletom, louca por retribuir um pouco da atenção que estava recebendo e toquei a sua carne rija, ao mesmo

PERIGOSAS ACHERON

tempo macia e grande. Passei a mão por toda a sua extensão e ouvi seu gemido rouco vibrar em meus lábios quando passei pela cabeça gorda. Então o prazer crescente se transformou e explodiu por toda parte em mim deixando-me trêmula e fora da realidade.

— Merda, minha mãe. — Voltei do mundo paralelo onde tinha sido levada e olhei o seu rosto, ainda com a mão dentro da sua calça.

— O quê?

— Minha mãe acabou de chamar da sala.

Levantei-me alarmada de uma vez arrumando a minha calcinha e o vestido. Só não estava amarrotado porque a malha não permitia. Arrumei os meus cabelos ainda com as pernas bambas para sair do quarto, então ele me puxou encostando o meu corpo na parede, esfregando a sua ereção em mim, me deixando ciente do que provoquei nele, de como ele estava necessitado.

— Não esqueça de que temos um assunto inacabado aqui. Ainda hoje vou saborear você. Provocar-te sensações que nunca teve. Fazer você gozar de novo, mas desta vez, na minha boca. E depois vou começar a tortura toda novamente e vai

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estar gritando o meu nome e gozando mais uma vez. E Helena, estou louco para ouvir cada gemido e cada grito de prazer intenso que vou fazer você sentir e não vou me arrepender de te provocar. Não mesmo.

— Henrique... — ele coloca o dedo nos meus lábios me calando.

— Vai lá, eu vou depois. Não quero chocar a minha mãe uma hora dessas da manhã.

Saio do quarto quase correndo. Encosto na parede do corredor para tentar buscar ar e controle. Encontro Viviane na cozinha colocando algumas coisas sobre o balcão de mármore.

— Bom dia! Pensei que tinha chegado cedo demais, mas olha isso. Já até tomaram o café da manhã.

— Henrique estava com visitas, então ele preparou tudo isso para ela — digo sentindo um gosto amargo ao perceber que até isso eu havia esquecido. Canalha, transou com ela a noite toda e estava me agarrando, me fazendo promessas.

— É verdade. A Grazi esteve aqui, tinha me esquecido. Ela já foi?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, saiu bem cedo... você a conhece?

— Eles são amigos de infância e...

— Transam ocasionalmente — digo sentindo a raiva substituir toda sensação de prazer que acabei de ter. — Desculpe por falar assim Vivi, é que...

— Oh, minha filha, você está perdida, não está? — Viviane inclinou-se para frente e segurou a minha mão por um breve momento olhando-me carinhosamente.

Embaraçada e temendo que Viviane tivesse ouvido alguma coisa da nossa interatividade no momento que ela chegou digo:

— Eu não sei o que você quer dizer. — Cruzei os braços.

— É claro que sabe. — O sorriso dela se ampliou e o meu rosto queimou. — Eu falo o nome do Henrique e seus olhos brilham como ônix. Falei da Grazi e seu rosto foi tomado por um tom vermelho que não é nada menos do que raiva e ciúmes.

— Oh, Deus...

— Ei, qual é o problema? Vocês dois são

PERIGOSAS ACHERON

solteiros, livres e desimpedidos. E claramente estão atraídos um pelo outro. Vejo o quanto o meu filho está apaixonado quando olha para você. Ele nunca olhou daquele jeito para ninguém. — Arregalo os olhos. — E não vem se fazer de desentendida, sou velha, mas não sou boba. — Sua voz está baixa como sussurro. — Quero que saiba que eu aprovo e torço para que deixem tudo para trás e se ajeitem logo.

— Bom dia, mamãe. Isso são horas de chegar na casa dos outros? — Henrique beija a mãe com carinho.

Estou tão constrangida que não consigo encarar nenhum dos dois.

— Esqueceram de que tenho o encontro das avós hoje lá no clube? É a primeira vez que vou e combinei de passar e pegar a Tini às oito, e já são sete e quarenta. Vocês que pularam da cama muito cedo e já até tomaram café.

Sim, e depois quase pulamos na cama novamente, só que pelados. Se você não tivesse chegado com toda certeza Henrique estaria dentro de mim agora. Esse pensamento me deixa envergonhada.

— Eu vou arrumar a bolsa dela — digo praticamente correndo para sair da cozinha e dos olhares do Henrique sobre mim.

Entro no quarto e encosto-me à parede de olhos fechados, tentando coordenar os pensamentos. Respiro fundo e pego a bolsa da Valentina e começo a colocar as coisas que ela vai precisar, segundo a Viviane elas passariam o dia em uma espécie de colônia de férias para avós e netos. Caso a Valentina estranhe, ela vem embora no mesmo momento. O que é muito difícil de acontecer, pois ela adora a avó. O meu corpo ainda está vibrando pelas deliciosas sensações e minha mente ainda não entendeu que o que acabou de acontecer é errado. Deliciosamente errado.

Olho para a Valentina dormindo tranquila no berço, me dando conta de que ficarei boa parte do dia sozinha em casa com o Henrique.

— Minha nossa! — Puxo o ar com força e solto de uma vez sentindo o meu corpo esquentar só com esse pensamento.

Valentina levanta a cabeça, gira no berço e me dá um dos seus gloriosos sorrisos.

— Bom dia bebê, vamos trocar de roupa

PERIGOSAS ACHERON

para sair com a vovó?

Tiro a sua roupa e dou um banho rápido nela. Coloco um vestido azul com flores rosas e um laço no cabelo combinando com o sapato. Estou terminando de colocar o sapato quando os dois entram no quarto.

— Olha a bebê linda da vovó..

Valentina se joga nos braços da avó e abraça o seu pescoço.

— Mamãe, promete que se ela sentir a nossa falta você vai trazê-la de volta?

Viviane revira os olhos me fazendo rir.

— Vocês deveriam procurar uma coisa para fazer e me deixar cuidar da minha neta. Ela me adora e vamos nos divertir muito. Agora vamos lá, seja um bom filho e nos leve até o carro.

Ela pega a neta, deixa um beijo em meu rosto e sai do quarto. Estou arrumando algumas roupas na gaveta para evitar encarar o Henrique. Ele pega a sacola e se aproxima.

— Já volto para terminar aquele assunto inacabado — diz em meu ouvido com voz cheia de promessas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estou ferrada.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 26

Estava nervosa, muito nervosa quando corri para o banheiro. Talvez fugindo do que viria quando Henrique retornasse. Talvez fugindo do que estava sentindo, do fogo que se alastrava em minhas veias com a perspectiva do que iria acontecer. Eu precisava de um banho. De controle. E de sanidade. Entrei embaixo do chuveiro frio e tentei acalmar o vulcão dentro de mim. Não sei quanto tempo fiquei no banho, só sei que foi tempo suficiente para clarear os meus pensamentos e me dar certeza do que iria fazer. Ao sair não encontrei Henrique onde eu esperava que ele estivesse.

Imaginei que ele estaria me esperando no quarto. Suas palavras me soaram como uma promessa.

Enxugo os meus cabelos, coloco um roupão atoalhado preto que chega-quase ao meu pé. Olho o meu reflexo no espelho.

— Me perdoe Katy, mas eu não consigo. Eu tentei não sentir nada por ele, mas eu preciso disso... me perdoe por decepcionar você, mas eu preciso ser feliz.

Saio do quarto em busca do Henrique. Ele não está no quarto dele, nem no da filha. Encontro-o com o corpo encostado na porta da sacada olhando a garoa cair sobre a cidade. Respiro fundo e me aproximo dele sentindo o vento frio acariciar o meu rosto.

— Você tinha razão — diz sem se virar para mim. — Pensei com clareza e depois de ponderar tudo cheguei à conclusão de que não podemos fazer isso, Helena.

— Já fizemos, Henrique.

— Não, eu não posso fazer amor com você e depois olhar em seus olhos e ver arrependimento, culpa ou remorso. — Ele se vira

em minha direção. — Você cedeu mais cedo, mas foi no calor do momento e depois...

Ele se cala quando deixo o roupão deslizar sobre os meus ombros e cair aos meus pés. Vejo-o engolir em seco e o seu olhar tornar-se selvagem enquanto olha minha completa nudez. Aproximo-me dele, coloco as mãos em seu peitoral definido e subo calmamente vendo a sua pele se arrepiar ao meu toque. Enlaço as minhas mãos em seu pescoço e ficando na ponta dos pés toco os meus lábios nos dele sem beijar de fato. Suas mãos param em minha cintura causando arrepios e calor, apesar do frio que entra pela porta da sacada.

— Sem arrependimento. — Minha voz sai rouca. — Não posso garantir que não sentirei um pouco de culpa, mas não vou me arrepender. Eu não consigo mais lutar contra nós, Henrique. É forte demais e eu sou muito fraca.

Incapaz de esperar um segundo mais, juntei minha boca à sua, ele entreabriu os lábios e eu suguei o seu lábio inferior com sede. Entreguei-me inteiramente ao beijo de forma diferente de mais cedo, agora tinha desejo, somente necessidade de devorar sua boca com a minha. Agora sinto que

PERIGOSAS NACIONAIS

esses lábios são meus, que seu gosto foi feito para o meu deleite. E essa boca foi feita para se encaixar na minha. Finalmente.

Henrique me levantou e acomodou as minhas pernas em torno da sua cintura sem esforço algum. Não havia mais nada a dizer, qualquer coisa que disséssemos seria apenas palavras diante do que os nossos corpos diziam um para o outro.

Pressionando a minha intimidade já úmida contra o seu corpo enquanto ele me beijava, movi a língua mais depressa em sua boca enquanto ele gemia na minha.

— Você vai se entregar sem reservas para mim? Sem arrependimentos?

— Sim. Serei toda sua — digo enquanto ele me carrega para o sofá e me deita calmamente.

— Sem arrependimentos e toda sua.

— Toda minha. Isso soa tão certo.

Encaramo-nos. Juro que posso sentir o batimento cardíaco dele acelerar junto com o meu. Estão batendo um contra o outro, a sensação se intensifica quando a sua mão desliza pela minha coxa nua até a lateral da minha bunda.

PERIGOSAS ACHERON

— Não é certo, mas eu quero ainda assim. Pode ser errado e tão certo ao mesmo tempo. Só iremos saber quando você estiver dentro de mim. Possuindo-me por inteira.

Nossas bocas voltam a se encontrar e dançar um compasso deliciosamente erótico. Ele abaixa a calça de moletom, ajusta o meu corpo contra o dele, posicionando a ponta do membro na minha abertura, acariciando a minha intimidade com o seu sexo. Sua boca deixa a minha e desce pelo meu queixo, pescoço até alcançar o meu seio onde ele dedica um tempo enquanto me deixa a ponto de implorar por uma penetração. Eu estava há quase um ano sem sexo, talvez por esse motivo quando a sua boca toca a minha intimidade eu já estou desesperada, e quando ele suga o meu nervo enquanto me penetra com um dedo eu já estou gozando.

— Você não faz ideia de como fica linda assim. E esse sabor é ainda melhor do que imaginei.

Henrique continuou o seu ataque lento até que os meus espasmos diminuíram, entretanto o desejo ainda queimava em mim e para aplacar essa

necessidade eu precisava dele dentro de mim.

— Me espera um instante que vou buscar a camisinha. — Ele vai para se levantar. — Ou melhor, vem comigo. — Entrelaço os meus dedos nos dele e o sigo até o seu quarto.

Henrique abre a gaveta do criado e pega o pacote metálico. Pego o envelope da sua mão e com um sorriso empurro-o até que ele se senta na ponta da cama.

— Deixa que eu faço isso.

Puxo a calça de moletom e a jogo em qualquer canto do quarto. Ajoelho-me ficando de frente, coloco as minhas mãos em suas pernas e vou subindo lentamente. Olho o seu rosto, o seu lábio está preso entre seus dentes, os seus olhos serrados. Então os meus olhos caem para o seu pênis no mesmo momento que minhas mãos chegam nele.

— Você é tão perfeito. — Passo a língua da base até a cabeça circulando sensualmente enquanto olho seu rosto.

— Pensei que fosse colocar a camisinha — diz no mesmo momento que o tenho dentro da

PERIGOSAS NACIONAIS

minha boca. — Ahhhhhh.

— Quer que eu pare? — pergunto voltando a chupar.

— Não... sim, eu não vou aguentar muito você ajoelhada me saboreando tão deliciosamente. — Volto a sugar. — Porra, que delícia.

Ele pega a embalagem que eu havia colocado ao seu lado na cama, abre rapidamente, coloca a mão em meu queixo e levanta o meu rosto em sua direção.

— Vem aqui e me beija. — Ordena e eu obedeço.

Nossos sabores se misturando me deixa ainda mais excitada, o beijo é lascivo, sensual. Ele veste a camisinha e me gira deitando-me de costas na cama. Vi seus olhos se fecharem em êxtase quando ele me penetrou. Meu corpo o recebeu com certa dificuldade.

— Ah... você é tão apertada. — Ele me preenche completamente enquanto entra e sai devagar. — Toda molhada para mim. — Meus olhos se fecham sentindo-o dentro de mim, minha boca se abre expirando o ar devagar. — Abra os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos. — Eu faço e olho dentro dos seus. — Está vendo isso? Está sentindo como nos encaixamos perfeitamente.

— Estou. Ah... eu sinto você.

Ele começa a se mexer mais depressa. Agarro os seus braços e cravo as minhas unhas neles. Empurro o quadril para frente.

— Eu sinto, sinto em cada parte do meu corpo, do meu ser.

— Nunca pensei que sentiria isso. Minha alma se conectando com a sua. Isso é incrível.

Lágrimas brotavam dos meus olhos. Eu achava que já tinha feito sexo bom, mas isso... isso era insano. Até esse momento eu não sabia o que era fazer amor, agora sei que antes dele era só sexo bom, porque o que estou sentindo agora é maravilhoso, perfeito.

— É maravilhoso sentir você me devorando.

Minhas mãos descem pelas suas costas e seguro a sua bunda musculosa apertando enquanto ele entra e sai. Subo novamente pelas suas costas largas e desço pelos seus braços até as suas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

Ele as segura e as imobiliza acima da minha cabeça enquanto me penetra mais forte. Sua boca toma a minha mais uma vez e eu já estou sentindo-me sem forças, dominada por sensações novas e crescentes.

— Isso é tão perfeito que eu nunca vou me cansar. — Ele sussurra no meu ouvido.

O meu orgasmo causa espasmos que comprimem o seu membro. Gemo tão alto que até me assusto, pois nunca fui assim, sempre fui calma e contida e agora perdi todo o controle. Sinto o seu corpo começar a tremer e o seu gemido ecoar no quarto vazio enquanto ele vibra em cima de mim, dentro de mim. Gosto de vê-lo perder o controle também e saber que não sou só eu a desesperada.

Ele continua dentro de mim enquanto enche o meu pescoço de beijos suaves até alcançar os meus lábios onde ele deposita um beijo. Afasta-se e me olha nos olhos.

— Eu te amo. E preciso que você saiba que nunca disse isso para uma mulher antes. Você é dona do meu coração Helena, da minha alma.

Os meus olhos derramam as lágrimas que estava tentando segurar. Os meus lábios formam um sorriso trêmulo e a minha voz escolhe esse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momento para desaparecer. Abro e fecho a boca. Ele me olha nos olhos e tenho certeza de que gosta do que vê, pois, o seu sorriso se abre e ele beija o canto dos meus olhos onde escorriam as gotas teimosas.

— Te deixei sem palavras?

— Você é intenso e... eu não preciso dizer o que você pode enxergar nos meus olhos. No ato de deixar tudo de lado e estar aqui com você. Só amando muito alguém para fazer o que eu fiz. Para esquecer-me da minha... eu também te amo.

Sorrindo ele me vira e me põe deitada sobre o seu peito. Passa a acariciar os meus cabelos, as minhas costas.

— Nada de arrependimento — afirma. — Ou de remorso.

— Não, surpreendentemente eu me sinto... feliz.

—Você não vai conseguir se livrar de mim, Helena. Nunca estive tão apaixonado por uma mulher em toda a minha vida. E nunca tive um momento como esse.

Eu sei.

PERIGOSAS ACHERON

Ergo o meu corpo sobre o seu e beijo a sua boca demoradamente enquanto as suas mãos passeiam pelas minhas costas e bunda. Se prendem em meus cabelos.

— Vamos tomar um banho?

— Você acabou de sair do banheiro. Inclusive, ficou horas por lá, o que me fez acreditar que estava arrependida e foi um erro ter começado. Eu já estava preparado para ouvir você dizer.

— Estava enganado. Eu só precisava me preparar para a maior decisão da minha vida. Mas não tinha como voltar atrás. Foi um passo dado para um caminho sem volta.

— Um caminho sem volta. Mas a estrada é o paraíso. Agora já estamos dentro dele. Entretanto eu pensei que iria desistir de caminhar comigo.

— Então deixa eu te contar uma coisa. Sabe aquela banheira que tem no seu quarto? — Ele sorri afirmando com a cabeça.

— O que tem ela?

— Eu já fantasiei muitas vezes nós dois dentro dela envoltos por espuma de banho. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Mordo o lábio.

— Deixa eu te contar uma coisa. Eu fantasiava com você em lugares que você nem iria acreditar. Às vezes era constrangedor.

— Sêrio?

— Sim.

— Quais lugares, por exemplo?

— Dentro do carro no meio da Avenida Paulista.

— Huuum.

— Dentro do elevador, na garagem, no escaninho. No meu escritório, até na academia. Já imaginei você de quatro em um dos aparelhos de malhar e não foi nada agradável tentar esconder a ereção. E pasme, até no jardim aqui do prédio. Dentro da piscina...

— Você é um tarado.

— Sou, e a culpa é sua que estava me deixando maluco. Duro de tesão o tempo todo.

— Bom, agora é uma boa hora para você ficar assim. Dentro da banheira enquanto eu ensaboo o seu corpo todo. O que acha?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho perfeito.

Levanto-me e estendo a mão para ele.

— Então vem que temos muitas fantasias para realizar ainda hoje e recuperar o tempo perdido.

Só espero que a culpa e o remorso não cheguem tão cedo, porque não quero desabar depois de momentos tão perfeitos.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 27

Acordo devagar. Estou sexualmente satisfeita e aninhada no calor do corpo do Henrique contra o meu. Extenuada, mas satisfeita. Depois que fizemos amor na banheira nos enrolamos em um edredom e nos deitamos na cama dele. Seu braço sobre a minha cintura. Seu bíceps está flexionado abaixo do meu pescoço.

— Você está calada. Não está dormindo que eu sei. — Henrique diz e eu giro ficando de frente para ele.

Um sorriso satisfeito em meus lábios o faz soltar o ar aliviado. Abro os olhos para

PERIGOSAS ACHERON

encontrá-lo olhando fixamente para mim. O sorriso preguiçoso em meus lábios faz as linhas do seu rosto se transformam instantaneamente com a risada que sai dos seus lábios. Seus olhos aquecidos e sua mão se movem para a lateral do meu rosto, onde ele esfrega o polegar sobre o meu lábio inferior. A ação faz com que cada parte de mim fique arrepiada.

—Eu só... — minhas palavras foram interrompidas pelos seus lábios exigentes e automaticamente grudo o meu corpo no dele correspondendo ao seu beijo delicioso. O calor da sua respiração. A sensação de me afundar nele em vez de fugir. O conforto em vez da culpa.

—Não diz nada. —Começo a rir. —Fico aliviado de não ver o arrependimento em seus olhos e esse sorriso satisfeito.

Ou talvez ele esteja só nos distraindo para não termos a conversa que precisaríamos ter.

— Você é uma completa contradição, reclama que estou calada e de repente me manda não falar.

— Você estava pensativa. Achei que...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou com fome. Morta de fome. Estava pensando no que faremos para comer.

— É verdade, você mal tocou no café da manhã. — Enquanto ele fala sua mão passeia pelo meu corpo em uma carícia leve por baixo do edredom pesado.

— Você não queria que eu me esbanjasse nas carolinas da Grazi, queria?

— Você estava morrendo de ciúmes — afirma satisfeito.

— Você sabe que sim, agora estou morta de fome...

O telefone toca ao lado da cabeceira e sem se afastar ele pega o aparelho. Abre um sorriso quando vê o nome da mãe na tela.

— Só para constar eu não transei com ela — confessa antes de atender a chamada me deixando mais do que feliz. — Tudo bem, mamãe? — Ele coloca no viva voz.

— Está sim. Valentina está brincando no tapete com os brinquedos que comprei para ela. Só não vou conseguir levá-la para vocês hoje, a chuva interditou várias ruas na cidade. No clube aqui de

PERIGOSAS ACHERON

frente alagou tudo, meu filho. Não tem como chegar e nem sair daqui.

— Mas ela está tranquila? Você foi para casa antes da chuva?

— Eu já estava indo para sua casa, mas quando vi aquele tanto de água achei melhor vir para a minha que estava mais perto e acessível. Amanhã vai ter muita gente desabrigada, isso me corta o coração.

— Tudo bem, mamãe. Ela dorme aí com você hoje. Amanhã cedo tenho uma reunião, mas vou ver com a Helena como ela vai querer fazer. — Ele tira do viva voz, encosta os seus lábios nos meus e eu me afasto repreendendo-o com o olhar. — E então, como vai ser? — Pego o telefone da mão dele.

— Oi Vivi, amanhã vou trabalhar cedo também. Você pode ficar com ela? Pego assim que voltar do trabalho, umas três horas da tarde.

— Claro que sim. Espero que amanhã não chova tanto quanto hoje. Talvez seja melhor eu levá-la. Vai estar sentindo muita falta de vocês e de casa. Tomara que pare de chover logo. — Passei o telefone para ele.

Eu nem tinha percebido o quanto estava chovendo.

— Beijo, mamãe... eu também. — Ele desliga o telefone. Deixo um beijo de leve nos lábios dele e me levanto em busca de algo para vestir.

— Vou preparar um macarrão.

— Eu ajudo você.

— Corta o bacon enquanto ralo o queijo. Vou fazer *carbonara*.

— Sim, senhora.

— Você gosta?

— Muito.

Ele vai até o rádio na cozinha e liga. Uma música nacional começa a tocar suave e nós dois passamos a cantar enquanto trocamos olhares e sorrisos. Talvez nós dois estivéssemos evitando a tal conversa. Eu não acharia ruim se ela não acontecesse, mas a verdade é que iremos precisar definir alguns limites. Saber como ficaremos e acho que ele não vai gostar nada de saber que decisão eu tomei.

Coloco o macarrão no prato e nos

PERIGOSAS ACHERON

sentamos diante da bancada da cozinha para comer.

— Está uma delícia. — Ele diz.

— Este é o meu prato favorito.

— Tudo que vai bacon me agrada.

— Achei que iria reclamar por não ter alguns matinhos como você gosta — digo me referindo à sua mania de comer salada, bem atípica de homens.

— Depois de tanta atividade física precisamos de carboidrato extra para repor as energias.

— Bobo.

Terminamos de comer e arrumamos a cozinha. Depois deitamo-nos no sofá para ver um filme e eu acabei adormecendo. Acordo sobressaltada com o barulho de um trovão.

— Ei, calma. A chuva piorou. — Ele aumenta o volume da TV. Eu me deito novamente em seus braços. — Até pensei em pedir alguma coisa pra gente comer, mas não vai ter entrega. A cidade está um caos, vários pontos de alagamentos, estradas interditadas.

— Não estou com fome, depois podemos

comer um sanduíche ou qualquer outra coisa — digo me deitando novamente em seus braços.

Os meus olhos queimam pela lembrança do breve sonho que eu tive quando acordei com o raio.

— Pode ser. — Ele diz e levanta o meu rosto em sua direção em seguida. — O que foi?

— A minha irmã tinha pavor de raios. — Uma lágrima desce do meu rosto. — Ela sempre ia para a minha cama quando chovia muito e tinha raios e trovões... eu... — giro o meu rosto enterrando em seu peito. — Desculpa eu... sinto muito.

— Está tudo bem.

— Eu sonhei com ela agora, ela sorria e ia me dizer alguma coisa quando o trovão me acordou... sinto muito por chorar assim, não quero que pense que estou arrependida, eu juro que não estou só que...

— Helena, eu te entendo, ela era sua irmã, não vai esquecê-la nunca, ela sempre vai fazer parte da sua lembrança, da sua vida. Emocionar-se dessa forma é normal e nunca vai

deixar de acontecer.

Ele afaga o meu cabelo e ficamos um tempo em silêncio. Vou me acalmando ao mesmo tempo em que me recrimino por ter uma reação dessas depois de um dia tão perfeito.

— Me conta como foi a infância de vocês. Deve ser muito bom ter um irmão. — Ele diz carinhosamente. — Deve ter muitas lembranças boas.

— Eu não quero falar da minha irmã...

— Você precisa, Helena.

— Está bem. — Mordo o lábio e suspiro fundo antes de começar. — Katy sempre foi a princesinha da casa. Ela era muito mimada por todos, principalmente por mim. Eu fazia tudo que ela queria. Até comia uma comida que eu odiava só para agradar. Ela gostava de cachorro quente e eu de pizza, mas sempre fazíamos o que ela queria. Ela retribuía sendo uma irmã carinhosa. Depois que meus pais morreram tudo piorou. Eu passei a achar que era mãe dela. Talvez isso a tenha afastado. Acho que a sufoquei...

Vou contando toda a minha infância até

PERIGOSAS NACIONAIS

quando ela veio morar em São Paulo.

— Acho que ela veio só para se afastar de mim... — digo me levantando.

— Talvez não. Nada foi culpa sua, você fez muito por ela, até mesmo depois que ela se foi.

— Você acha que ela... que ela vai me perdoar por estar com você?

— Eu acredito que depois que a pessoa morre, ela não tem mais esse poder, segue-se o juízo. Ela está descansando em um lugar alheia a tudo isso. Fora que não estamos fazendo nada de errado, nos apaixonamos. Isso poderia ter acontecido se ela não tivesse morrido.

— Eu já pensei sobre isso. — Abaixo os olhos para o chão. — Eu jamais teria ficado com você. — Começo a chorar novamente. — Por que isso tem que ser tão difícil?

— Ela não tem que te perdoar. A não ser que esteja arrependida, aí é você quem vai ter que trabalhar isso e se perdoar.

— Eu não estou. — Me aproximo dele e tomo seu rosto em minhas mãos. — Não estou arrependida. Eu juro.

PERIGOSAS ACHERON

Os nossos lábios se encontram em um beijo lento e apaixonado. Afastamo-nos e descanso a minha testa na sua.

— Como vai ser daqui para frente, Helena? Precisamos definir algumas coisas. A primeira delas é que vai ter que terminar o seu namoro com o...

— Eu não estava namorando. Saímos algumas vezes, mas não era namoro. Você quem tirou conclusão errada.

— E você deixou. — Me afasto rindo.

— Eu só queria te afastar. Achei que isso manteria você longe e faria você entender que não haveria nada entre a gente.

— Quase me deixou louco. E nunca conseguiria desistir de você. — Afaga o meu rosto. — Estamos namorando agora...

— Estamos?

— Claro que sim.

— Bom, se você quiser... mas por enquanto não acho que devemos contar para ninguém. Só por enquanto.

— Por mim tudo bem. Mas... nem para
PERIGOSAS ACHERON

minha mãe?

— Por enquanto, não. Depois que eu me mudar...

— Como é? — Ele me olha cético.

— Eu ainda vou...

— Não Helena, para com isso. Aqui é sua casa.

— Não podemos morar na mesma casa com a situação que estamos...

— Claro que podemos. E vamos dividir a mesma cama. Não abro mão de dormir toda noite agarrado com você.

— Henrique...

— Por favor. A gente pode fazer dar certo.

Aperto um lábio no outro. E aceno a cabeça que sim. Ele me puxa para os seus braços sorrindo e beijando o meu rosto por todo lado até alcançar a minha boca. Os sorrisos foram morrendo e sendo substituídos por gemidos. Sua mão entra por dentro da minha camiseta alcançando o meu seio, arrancando um gemido quando os seus dedos apertam de leve o bico deixando-o pontudo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Entregamo-nos mais uma vez à paixão e foi tão perfeito que fico pensando enquanto minha respiração se acalma, por que não fizemos isso antes?

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 28

Henrique

Acordo sobressaltado com o alarme tocando. O quarto está escuro e a cabeça da Helena repousa em meu braço dormente. Desligo o despertador e me viro para poder olhar o seu rosto que sustenta um leve sorriso. Isso me deixa tranquilo e satisfeito. Acho que esperava encontrar um pouco de arrependimento ou culpa, remorso talvez. Mas o que vejo em seus olhos escuros e sonolentos é o brilho da paixão, satisfação de uma mulher bem comida. Abro um sorriso para esse

pensamento ridículo.

— Bom dia! — Sua voz sai rouca.

— Bom dia! — respondo e ela se encosta mais em mim oferecendo os seus lábios que eu tomo com prazer.

O beijo é suave e lento, mas ao mesmo tempo faminto e desesperado. Faço uma carícia suave em seu rosto, pescoço e costas. Seu beijo é delicioso, apesar de perceber que ela segura a respiração, imagino que seja por ser de manhã e não termos escovado os dentes, mas não me importo com isso. Ela se vira ficando de costas e eu a puxo para mim enquanto deixo beijos molhados em suas costas.

— Precisamos nos levantar. — Ela diz.

— Depois... agora eu preciso entrar em você. Sentir o seu calor em volta do meu pau desesperado e fazer você gozar.

— Está esperando o que para fazer isso?
— A sua voz ousada me faz abrir um sorriso que morre assim que sua mão alcança o meu pau.

Aperto os seus seios entre os meus dedos enquanto ela me guia para a sua entrada. A minha

PERIGOSAS NACIONAIS

mão desce pela sua barriga e encontra o seu sexo molhado e quente quando me afundo dentro dela.

Nunca foi assim com nenhuma outra mulher. Nunca me senti tão... nem sei que palavra usar para esse prazer que estou sentindo ao entrar e sair dela e ouvir os seus gemidos. E quando ela me aperta eu quase me desmancho de uma vez.

— Que delícia, faz isso de novo. — Ela faz e eu acelero as investidas enquanto estimulo seu clitóris. Ela geme e goza me levando junto.

Enterro a minha cabeça em seu pescoço sentindo o seu cheiro delicioso enquanto me acalmo.

— Começar o dia assim é a perfeição — digo beijando a curva do seu pescoço, mas queria mesmo era a sua boca.

— Devo admitir que estou meio decepcionada. — Ela gira a cabeça um pouco e percebo um sorriso em sua boca perfeita.

— Ah é? E por quê? — Mordo a ponta da sua orelha.

— Esperava café na cama, uma vez que a Grazi teve as carolinas...

PERIGOSAS ACHERON

Gargalho girando o seu corpo para ficar de frente.

— Prefere café na cama a sexo matinal? Tenho certeza de que a Grazi teria preferido o contrário.

— Engraçadinho. — Ela bate de leve em meu ombro.

— Tenho uma sugestão melhor, que tal um banho e depois preparamos algo para comer?

— Acho razoável. — Ela diz se levantando. — Mas acho que prefiro as carolinas, não sei se consigo andar direito depois dessa.

— Jura? E estava com planos de ter comer no chuveiro.

...

— Bom dia! — Cumprimento o meu colega de trabalho sem conseguir esconder um imenso sorriso.

— Tem gente que está de muito bom humor hoje. — Ele diz me entregando uma pilha de papéis.

— Estou sim, apesar do tempo fechado estou achando o dia lindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Comeu a cunhada. — Ele bate a palma da mão na mesa me fazendo rir.

— Olha o respeito com minha namorada.

— Graças a Deus, não aguentava mais sua cara de cu *frustradão*.

— Idiota.

— Então está namorando?

— Sim, mas a Helena não quer que ninguém saiba por enquanto. Para ela é difícil dar nome à nossa relação.

— Namorar escondido a essa altura da vida. — Ele começa a rir. — Isso não é coisa de adolescente?

— O que é coisa de adolescente? — Ana Clara entra na sala com um sorriso nos lábios. Vou para responder e Saulo intervém.

— Graziela e Klaus brigando feito dois adolescentes. — Olho para ele que já muda de assunto. — Vamos para a nossa reunião? Tenho que terminar antes do almoço, pois tenho compromisso.

Durante a reunião eu não resisto, pego o meu celular e passo uma mensagem para a Helena.

PERIGOSAS ACHERON

Eu: Já estou morrendo de saudade.

Alguns minutos depois ela responde .

Helena: De mim ou de uma parte do meu corpo que fica quente e molhada só de ouvir sua voz.

Eu: Das duas.

Helena: Também estou com saudades. Agora preciso trabalhar. Beijos.

— Henrique, dá para deixar o namorico de lado e se concentrar aqui. — Ana Clara diz brava.

...

Helena

Mais uma mensagem algum tempo depois.

Henrique: Bom saber que também sente

minha falta, pois quando eu te pegar vou fazer você ficar louca de tanto chupá-la, depois vai gritar rebolando no meu pau enquanto estiver gozando.

Arregalo os olhos para a mensagem sacana que me deixa instantaneamente molhada. Suspiro fundo e o deixo sem resposta, porque fiquei sem palavras, não esperava que o Henrique fosse tão safado assim. Logo a garota que eu estava aguardando para a entrevista de estágio bate na porta. Ela entra toda nervosa e me lembro do meu primeiro estágio quando tive um chefe abusivo e exigente. E é por isso que vou agir completamente diferente com ela, o ser humano merece respeito.

Antes do horário do almoço decido ir até o consultório do João Miguel. Sei que poderia apenas passar uma mensagem ou negar o próximo convite para sair, no entanto não sou esse tipo de pessoa. Gosto do olho no olho e não quero perder a amizade dele. Assim que chego ao consultório a secretária avisa que estou na recepção e entro logo que uma paciente sai.

— Oi, que surpresa boa. — Vem para

beijar os meus lábios e eu viro o rosto recebendo o seu beijo na bochecha.

Ele deixou claro no nosso último encontro que queria mais, que estava interessado em um relacionamento sério, eu disse que talvez não fosse a hora certa, que poderia magoá-lo e não queria isso. Então ele disse para deixar rolar.

— Precisamos conversar. — Ele me olha de forma complacente.

— Acho que eu já sei do que se trata. — Aponta para o sofá. — Sente-se.

— Eu vim aqui pedir desculpas pela forma como venho agindo. Eu... eu estou apaixonada pelo pai da Valentina, mas não era o que eu queria e nem... tem tanta coisa que nos impede de ficar juntos, mas acabou acontecendo...

Conto tudo para ele que apesar de chateado compreende que não mandamos no nosso coração. Deseja-me felicidades e como não podia tomar muito seu tempo logo fui embora.

Corro para um restaurante que descobri perto do escritório na Paulista, pois ficava mais fácil para voltar ao trabalho, apesar de que hoje não

PERIGOSAS NACIONAIS

tenho muito a fazer. Faço o meu pedido e pego o celular para ligar para o Henrique, mas no exato momento uma voz me faz desligar a tela do celular.

— Helena, nossa, que coincidência, tudo bem?

— Ana Clara... — me levanto para receber o seu cumprimento.

— Posso me sentar aqui com você? Achei ótimo te encontrar, pois odeio comer sozinha.

— Claro, fique à vontade.

Volto a me sentar bastante intrigada com a forma amável dela me tratar. O garçom chega e ela faz o pedido.

— Acabai de sair do escritório de um cliente já imaginando o quão seria ruim almoçar sozinha, que maravilha te encontrar aqui. E como anda a pequena Valentina?

—Ela está muito bem, fica muito tempo com a avó quando estamos no trabalho. Nem sente falta de mim ou do pai dela.

— Fico muito feliz que tenha se adaptado tão bem.

PERIGOSAS ACHERON

— No começo foi estranho, mas agora estamos bem.

—Esse final de semana é o meu aniversário e gostaria muito que você fosse, pode levar o seu namorado médico. Vai ser um prazer.

— O meu namorado médico? Olho para ela tentando entender como ela sabe disso? Provavelmente o Henrique deve ter contado.

— Eu... no sábado?

—Sim, é uma coincidência que faço aniversário no mesmo dia que a Katharine. Ela costumava dizer que éramos gêmeas. Sinto tanta falta dela. — Sua voz soa chorosa.

—Eu também sinto. Vai ser difícil conseguir sair de casa neste dia, talvez eu não consiga.

—Tudo bem. —Ela segura a minha mão por cima da mesa. —Eu vou entender. Com toda certeza o Henri vai, não vai se importar, não é? —Franzo o cenho. — Talvez queira que ele respeite o luto também.

— Claro que não me importo. O luto é meu e não precisa ser dele. Henrique perdeu a

namorada e pode arrumar outra, eu perdi a única irmã que tinha. A única família que me restou tirando a Valentina. São coisas diferentes.

— Confesso que no começo eu tive medo de vocês dois morando na mesma casa, sabe? — Ergo os meus olhos para encarar o seu rosto. — Você é uma mulher linda, atraente e o Henrique um homem... você sabe. Fiquei com muito medo de haver algum envolvimento entre vocês dois, com toda certeza seria um ultraje à memória da sua irmã. Uma coisa terrível.

— Mesmo?

— Sim, ainda mais sabendo o quanto ela o amava e ele também era louco por ela. Talvez ele pudesse confundir por você ser irmã dela, achar que estava apaixonado só por causa da Valentina, sei lá, para encontrar uma mãe para a menina. O subconsciente dele poderia colocar você no lugar da mãe para ele e conseqüentemente, acharia que pudessem ser um casal.

Sinto o meu rosto queimar e pela primeira vez desde que dormi com o Henrique sinto culpa. Remorso e arrependimento foram sentimentos que tentei deixar bem escondidos

dentro de mim. Agora com essas palavras eles surgem com força deixando um gosto amargo na minha garganta. Vergonha de encarar essa mulher.

— Olha, achava que você era Advogada e não Psicóloga de relacionamentos — digo com um forte sarcasmo. Quem essa mulher pensa que é para me julgar dessa forma? Para jogar na minha cara que estou traindo a Katy? Vejo um prazer sádico em seus olhos em perceber que por alguns instantes me desconcertou.

— Não me leve a mal, foi só um medo bobo mesmo. Eu tinha um apreço muito grande pela sua irmã e odiaria ver que a memória dela foi desrespeitada dessa forma. Ela admirava muito você.

Meu telefone toca com o nome do Henrique na tela. Fico encarando a mulher à minha frente com a sua última frase gritando dentro da minha cabeça.

“Ela admirava muito você”.

— Henrique...

— Oi, atrapalho? — pergunta carinhoso, mas meio contido.

PERIGOSAS NACIONAIS

— De forma alguma, estou almoçando com a Ana Clara, ela estava agora mesmo falando sobre você.

— Ana Clara?

— Sim, nos encontramos por acaso em um restaurante e resolvemos almoçar juntas. E você?

— Eu vim almoçar na casa da minha mãe e ver se a Valentina está bem. Vou deixá-la em casa com a babá. Você vai chegar que horas?

— Não vou demorar.

— Certo, te vejo mais tarde.

Ele desliga e eu encaro a Ana Clara. A pergunta sai antes mesmo que eu a formule.

— Ela me admirava? Como sabe disso se ela nunca falou sobre mim para ninguém, nem para você?

— Eu... eu disse isso? Devo ter me confundido então.

— Disse sim, e não me pareceu uma mera confusão. — O garçom chega colocando nosso pedido sobre a mesa.

PERIGOSAS ACHERON

— Presumi que apesar dela nunca ter mencionado uma irmã você me disse que tinham uma boa relação e que... bom eu só acho que se eu tivesse uma irmã como você, que fez tudo por ela sempre, teria minha total admiração.

— E o que eu fiz por ela? — pergunto e ela abre um sorriso já recuperada do susto. Entretanto não me convenceu.

— Você trabalhava para manter a irmã aqui, você cuidou dela quando seus pais morreram, você deu tudo de si para cuidar da filha dela.

— Está bem informada não é mesmo? — digo ironicamente.

— Não se esqueça de que sou amiga do Henrique desde a faculdade. O meu marido e eu o temos como um irmão.

— Está explicado. — Meu celular dá alerta de mensagem.

Henrique: Vou te saborear muito essa noite. Não vejo a hora desse dia passar logo para beijar todo o seu corpo. Cada pedacinho de você na minha língua.

— Eu gostaria de poder ficar e conversar mais com você, entretanto acabei de receber uma mensagem do trabalho, nem vou poder almoçar direito. Nos vemos qualquer dia desses.

— Jura? Que pena. Deveria pedir para levar e comer quando der. Almoço é uma refeição sagrada e não deve ser substituída ou esquecida nunca. — Ela chama o garçom.

— É verdade, boa ideia. Obrigada pela preocupação.

— Minha amiga não vai poder ficar, prepara tudo para ela levar, pode ser?

— Claro, não demoro. — Ele pega o prato e sai quase correndo.

— Eu vou indo acertar a conta. Foi um prazer. — Me levanto e jogo um beijo em sua direção.

Eu precisava sair de perto dessa mulher ou cometeria uma loucura. Pago a conta, pego a sacola e corro de volta para o escritório que fica bem próximo ao restaurante. Vou fazer tudo que preciso fazer e correr para casa. Depois desse

PERIGOSAS NACIONAIS

encontro eu preciso voltar a ler o diário da Katy.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 29

Diário da Katy.

Faz tempo que não falo com você, meu querido amigo. Sei que só posso confiar em você, mas confesso que tive tanta vergonha do que venho fazendo ultimamente que até de você tenho me escondido.

Há um mês eu venho agindo como uma louca com o Henrique. O ciúme me agarrou com suas garras afiadas e longas. Cravou na minha pele e despejou o seu veneno em mim. Não é drama, mas sim um sentimento de que não sou

importante para o Henrique. Ele vem me tratando com frieza, nunca disse que me amava, e além de tudo anda mentindo para mim. Encontrei na Clarinha uma grande amiga. Ela tem me aconselhado. Disse que vai ficar de olho no Henrique. Eu falei que queria contar para a minha irmã, queria os conselhos sábios da Ella, então mais uma vez Clarinha me abriu os olhos.

Neste momento de relação conturbada colocar a minha irmã na história seria o fim. E se ela quisesse conhecer o meu namorado? E se ele se interessasse por ela? Achei melhor deixar como estava. Então há um mês eu fiz uma coisa terrível. A Clarinha me ligou dizendo que o meu namorado estava em um jantar com uma mulher. Eu fiquei louca, pois tinha ligado para ele que me disse estar em uma reunião com um cliente. Fui atrás dele nesse bendito restaurante e peguei os dois rindo. Estariam rindo de mim? A namorada idiota que fica em casa enquanto o traidor sai com outra? Foi o que minha mente idiota pensou.

Ela colocou a mão no braço dele no momento que me aproximei da mesa. Não sei o que aconteceu comigo. Quando dei por mim a mulher

gritava com muito sangue no braço enquanto Henrique me segurava e gritava comigo se eu estava louca. Comecei a chorar e a dizer que sentia muito, mas isso não foi suficiente para evitar parar na delegacia. Henrique pagou a minha fiança, mas não quis ouvir o que eu tinha para falar.

Mas o que eu diria para ele? Tive dias de merda tentando pedir perdão. Clarinha disse que ele estava irredutível, mas aí veio a bomba. A cliente que segundo Ana Clara era mesmo apenas cliente, moveu um processo contra mim. Pediu indenização por danos morais, pois a desgraçada é uma atriz famosa e a imagem dela foi denegrida por mim. De onde eu poderia tirar tanto dinheiro? Henrique disse para me virar que isso não era problema dele, então eu estou em Salvador, pedi um empréstimo no banco, em seguida raspei a conta na qual a minha irmã juntava dinheiro. Fui embora sem nem procurar pela Helena de tanta vergonha.

Agora tenho vergonha até de me olhar no espelho, assim como sinto vergonha de falar com você diário. Só queria que tudo passasse, que essa vontade de acabar com a minha vida ou de

que jamais tivesse encontrado o amor também fosse embora comigo quando eu desaparecer da vida do Henrique assim como ele me pediu.

...

Não percebi que tinha lágrimas nos olhos até que uma caiu sobre a página do diário. Passo a mão no rosto para limpar as outras. Valentina está sentada no tapete brincando enquanto a Galinha Pintadinha canta na TV.

Então foi assim que ela adquiriu uma dívida além de ter gastado tudo que tínhamos. Como fiquei tanto tempo sem olhar os extratos da conta? Volto à leitura.

Hoje tive uma ideia, claro que vai dar certo. Não tem como dar errado. Henrique vai voltar para mim. Minha menstruação acabou ontem, vou ao médico procurar saber como faço para ter um bebê. Tem que ser de uma forma infalível...

Aqui ela fala de forma alegre tudo que pretende fazer para conseguir engravidar. Conjecturo parar de ler tamanha a minha decepção com a minha irmã. Quem é essa mulher que escreveu esse diário? A próxima anotação deve ser PERIGOSAS ACHERON

de semanas depois.

Oi querido diário, vim só dizer que deu tudo certo. Estava no meu período fértil e sou perfeitamente saudável, então fiz o teste de ovulação e na mosca, fui atrás do Henrique. Ainda tinha a chave do apartamento dele. Coloquei uma lingerie sedutora e me deitei em sua cama. Claro que ele relutou, me mandou ir embora, mas então eu usei aquele olhar que aprendi com a minha irmã, me toquei em sua frente, me ajoelhei aos pés dele e não teve como ele resistir. Agora é só esperar...

Meu amigo, três semanas se passaram e estou grávida. Henrique não quis saber de reatar o namoro, mas agora quem vai se preocupar com isso quando estou prestes a me tornar esposa? Vou contar para a Viviane que estou grávida, quero vê-la não obrigar o filho a se casar comigo...

Eu odeio aquela velha desgraçada. Ela sempre atrapalhou o meu relacionamento, nunca escondeu que não gostava de mim e me queria bem longe do seu amado filho. Agora teve a cara de pau de dizer que o filho não precisa se casar comigo,

apenas assumir a criança e não a mãe, ainda me acusou de ter feito de propósito. Usei a desculpa que não tenho ninguém no mundo, mas nem assim ela amoleceu o coração. Ana Clara não está falando comigo, diz que agi pelas costas dela, mas sabe o que desconfio? Que ela gosta do Henrique e não aceita o fato de que ficarei ligada a ele para sempre, joguei isso na cara dela e ela disse que não. Que era muito bem casada. Mas juntei os pontos de meses analisando tudo, fui uma idiota em cair nas armadilhas dela. Ainda vou descobrir o que ela sente...

Estou tão feliz, o Henrique me convidou para morar com ele. Claro que isso só aconteceu depois de eu dizer que ia tirar a criança que carrego, que não tinha como me sustentar, imagina um bebê que me traria despesas, dor de cabeça e noites insones. Ele disse que me daria todo aparato necessário, que eu não ficaria sem dinheiro, que compraria um apartamento para mim. Eu disse que não teria a criança se ela não tivesse o pai junto comigo. Não me sinto bem fazendo essas coisas com o Henrique, mas que outra opção eu tenho? Quero esse homem para mim, eu sei que quando estivermos em casa com o nosso bebê seremos uma

PERIGOSAS ACHERON

família feliz. Eu posso fazer esse homem feliz.

Por um lado, foi bom não contar à Helena sobre o bebê ou minha mentira estaria descoberta. Eu vou contar para ela, só vou esperar o momento certo. Minha irmã tem o coração de ouro, ela vai me entender. Agora me deixa ir arrumar as malas que tenho que ir para a minha nova casa.

Jogo o diário sobre a mesa de canto. Eu não acredito que ela teve coragem de fazer uma coisa assim. Engravidar de propósito e chantagear o Henrique com a vida da própria filha? Que espécie de pessoa faz uma coisa dessas? E aquela história dela atacar uma pessoa com uma faca, que coisa mais absurda!

Os meus olhos descem para a pequena que amo como se fosse minha própria filha, para a bebê que abri mão de tudo para cuidar. Ela está olhando para a TV que passa a música “o sapo não lava o pé”, da Galinha Pintadinha, alheia à confusão de sentimentos dentro de mim. Tenho vontade de pegá-la no colo e abraçar para proteger das palavras desse diário.

Quando ela ainda estava na barriga da mãe eu pesquisei, conversei muito com os médicos e todos eles foram taxativos que o bebê sente todas as vibrações dentro da barriga da mãe. Que ele ouve e sente todas as coisas que a mãe sente por causa das variações de substâncias químicas que a mãe libera de acordo com seu estado de humor. O que essa criança não deve ter sentido quando a mãe pensava essas coisas? Ela me olha e sorri mostrando os poucos dentes que tem. Abro um sorriso para ela que bate palmas e sacode o corpinho ao som da música. Suspiro fundo e enxugo as lágrimas que teimaram em cair.

Sinto um calor percorrer por todo o meu corpo quando lábios quentes tocam o meu pescoço e uma mão desce pela extensão do meu braço.

— Papai, papai. — Valentina tenta se levantar e acaba caindo sentada de volta. Ela desiste de tentar levantar e vem engatinhando para o sofá onde estamos.

— Cadê a bebê do papai? — Ele pega a filha no colo e beija o rosto dela, depois se senta ao meu lado sorrindo me arrancando um suspiro. Ele se aproxima e beija os meus lábios. Uma mãozinha

passa entre os nossos lábios fazendo com que nos afastemos sorrindo.

— Acho que tem alguém com ciúmes do papai — digo e minha voz sai um pouco rouca.

— Você estava chorando? — Não consigo falar, então apenas balanço a cabeça que não. Ele analisa o meu rosto e seus olhos seguem como ímã para o diário. — Estava lendo o diário outra vez — afirma.

Ele não diz mais nada, encosta a sua cabeça na minha e fecha os olhos suspirando fundo.

— Eu sei que deveria parar de ler, mas isso está me ajudando a entender melhor a minha irmã. Tem muitas coisas que... acho que é melhor nem falar sobre isso. — Ele se afasta e olha o meu rosto enquanto parece ficar aliviado em não encontrar arrependimento.

— Eu espero que essa leitura acabe logo...

— *Adi* papai? — Valentina diz colocando as mãozinhas pequenas nos olhos do pai. Então ela retira. — *axi*.

— Achou papai? — Ele faz a mesma

coisa com ela. — Cadê o bebezinho do pai? Achei.

Os dois passam a brincar enquanto eu olho admirada. Valentina está desenvolvendo bem mais rápido do que geralmente as crianças fazem. Ela já fala várias palavras e ainda faltam quase dois meses para fazer um ano. Sentamo-nos no carpete para brincar com ela. Logo ela volta para os brinquedos.

— Vou tomar um banho e já volto. — Ele diz deixando um beijo na testa da filha.

— Eu vou ver o jantar que está no forno.

— O cheiro está muito bom. — Pego a minha sobrinha e vou para a cozinha.

Coloco Valentina na cadeirinha de alimentar, dou uma banana para ela e coloco alguns brinquedos que a deixam entretida enquanto eu termino o jantar.

Coloco a carne no forno para terminar de assar, preparo uma salada como o Henrique gosta, lavo as mãos e o rosto da Valentina depois volto para a sala. Sento-me no chão com ela.

— O que exatamente tem nesse diário? — Ele pergunta sentando-se no carpete para brincar

com a filha.

— Ela relata todas as coisas importantes que aconteceram com ela. Todas as coisas ruins que ela fez durante o relacionamento conturbado de vocês. — Ele pega a minha mão e envolve na sua enlaçando os nossos dedos. — Ela narrou a cena de ciúmes que fez no restaurante, ela ficou muito arrependida por ter usado a faca. A minha irmã estava descontrolada e nem sabe como chegou a isso.

— Não sei se agi correto com ela, mas...

— É claro que sim. O que você poderia fazer com uma mulher que nem a sua mãe suportava? — Ele ergue os olhos para mim. — O que me fez voltar a ler esse diário foi uma coisa que a Ana Clara me disse durante o almoço... — conto tudo para ele que me olha intrigado. — Eu não sei o motivo, mas ela sabia sobre mim e pediu para a Katy deixar como estava. E quer saber? Foi ela quem disse para a minha irmã que você estava com uma mulher naquele dia.

Ele fica calado pensando enquanto olha para a filha. Depois quebra o silêncio.

— Katharine me contou isso, mas na
PERIGOSAS ACHERON

época eu já estava cheio das atitudes dela e mesmo porque não existe motivos para uma pessoa agir com violência contra a outra. Eu terminei com ela e...

— Eu sei, você teve uma recaída e ela ficou grávida. — Olho para a Valentina. — Ela fez de propósito, Henrique. É terrível admitir isso, mas ela ficou grávida para tentar segurar você, ela fala o quanto usou essa gravidez para te chantagear. — Seguro uma lágrima que quer cair dos meus olhos. — Eu não quero mais voltar a ler esse diário, só me diz o que aconteceu.

— Isso é tudo. Ela queria casar, foi morar comigo, eu aceitei para mantê-la controlada até que minha filha nascesse. Ela e Ana Clara eram inseparáveis, então ela colocou na cabeça que a amiga queria tomar o homem dela. — Ele revira os olhos e suspira fundo. — Ela foi até a Ana Clara e a ameaçou, agrediu e depois me mandou escolher entre a vida da minha filha e a sociedade que tenho com a Clara no escritório. Ela disse que eu sobreviveria bem sem os meus sócios...

— Meu Deus, ela estava louca.

— Sim, estava, ela chegou a ir a uma

clínica de aborto alguns dias antes de ir morar comigo... quando morávamos juntos ela continuou com muita possessividade e brigávamos muito, e juro que tentei viver bem com ela, mas era difícil tantas cobranças, ameaças e todo drama. Até que um dia ela foi embora e o resto você sabe. — Ele para de falar. — Helena, você precisa esquecer isso tudo. — Leva a mão até o meu rosto e faz uma carícia.

— Eu não vou ler mais. Só que... por que ela foi embora? Até o momento que eu li ela fala das desconfianças dela com a Ana Clara, mas estava muito feliz, até disse que ia mudar de atitude e tudo ficaria bem.

— Eu sei que em algum momento você vai ler isso nesse diário, mas a verdade é que eu não lembro o que aconteceu, não sei mesmo, viajei e quando voltei ela não estava. Nada dela, nem um fio de cabelo além de um bilhete dizendo que eu nunca veria a minha filha. Eu fiquei louco atrás dela preocupado com a minha filha, com o que ela poderia fazer com a criança.

— Imagino.

— *Papapa.* — Valentina vem escalando

PERIGOSAS NACIONAIS

para subir no colo do pai. — Axi. — Ela diz colocando a mão nos olhos dele novamente.

— Cadê a mamãe? — Ele diz e eu olho para ele com repreensão. Ela vem até mim e diz:

— *Axi mamã. Axi.*

— Achou sua mamãe? Que bebezinha esperta essa do papai. Cadê a sua mãe, Valentina?

— Mamãiii. — Ela me procura com os olhos e um sorriso doce nos lábios.

— Henrique, você sabe que não quero que... por favor eu não sou a mãe dela, não quero que ela...

— Não é uma questão de querer. Você acha que ela te enxerga de outra forma? Ela te ama como mãe Helena, você é tudo que ela tem como figura materna. Foi sua voz que ela ouviu dentro do ventre da mãe dela quando a voz da Katy se calou, foi você quem amamentou e fez sacrifícios para que ela estivesse ao seu lado. Ela pode crescer te chamando de tia se quiser, mas no coração dela a mãe sempre vai ser você. — Engulo em seco. — Você a amou, cuidou dela com todo amor, não é que ela aprenda isso, ela sente que é você a mãe

PERIGOSAS ACHERON

dela.

— Mamãe... — ela diz beijando o meu rosto fazendo o meu coração contrair e os meus olhos lagrimejarem.

— Podemos criar a Valentina sabendo sobre a Katharine, vamos falar coisas boas, como ela seria amada pela mãe se estivesse viva, mas é você quem vai acompanhar toda a vida dela, vai levá-la à escola, participar das reuniões de pais, é você quem vai abraçar quando ela cair, enxugar as lágrimas quando ela chorar. É você quem vai até ela quando acordar de um pesadelo. Quem passa noites em claro quando ela está doente. — Uma lágrima cai dos meus olhos e ele passa o dedo levemente sobre a minha face. — O laço materno vai muito além de carregar uma criança no ventre, ele é feito dia a dia com cada pequena coisa que você faz por ela. Você já é a mãe que ela precisa, só aceite que ela tenha o prazer de te chamar assim.

Fico calada olhando para os seus olhos, cada palavra dita atingiu profundamente o meu coração e não foi como uma navalha, foi como um remédio que trouxe refrigério para o meu coração, para a minha alma. Como se concordasse com tudo

que o pai disse, Valentina vem para o meu colo e beija o meu rosto. Sem desviar os olhos dele eu deixo uma lágrima cair, uma não, várias, abraço a minha filha e beijo a sua testa.

— Sim bebê, também sou sua mãe. — Henrique se aproxima e nos envolve em um abraço. Beijo a sua testa com carinho. — Eu sou sua mamãe. — Inquieta, Valentina desce do meu colo e vai para os brinquedos.

Henrique leva a mão aos cabelos da minha nuca e me puxa para um beijo me pegando de surpresa.

— Ei... — repreendo-o me afastando. — Não quero que me beije assim na frente da Valentina, pode acabar confundindo a cabecinha dela.

— É melhor ela se acostumar, pois pretendo te beijar assim pelo resto das nossas vidas.

Fico paralisada olhando para ele que com um sorriso de lado repete a travessura de me beijar profundamente. Dessa vez eu não me afasto, recebo o seu beijo cheio de promessa implícita. Viramos uma bagunça de beijo, gemidos contidos e sorrisos. Logo somos interrompidos pela Valentina que

PERIGOSAS ACHERON

encosta o rosto entre o nosso e beija o pai fazendo-o rir.

— Ei, que cheiro é esse? — Ele faz uma careta. — Tem alguma coisa queimando.

— Minha nossa! Esqueci-me da carne no forno. — Levanto correndo e me atrapalho quase caindo, o que arranca uma gargalhada do Henrique. — A culpa foi sua que me distraiu com beijos.

Abro o forno e retiro a carne.

— Podemos pedir alguma coisa — diz espiando por cima do meu ombro.

— Queimou só no fundo, olha. — Corto a carne. — Dá para comer.

Sentamo-nos para jantar e uma conversa leve nos acompanha. Tomamos um pouco de vinho, o que constato que virou um hábito.

— Eu limpo a cozinha enquanto você coloca essa bebê agitada na cama. — Ele diz bagunçando os cabelos da filha.

— Vou dar um banho nela.

No banheiro acabo tomando banho junto com ela. Depois da Valentina pronta para dormir Henrique entra no quarto enquanto eu canto uma

PERIGOSAS ACHERON

música para ela. Logo ela dorme, ele beija a testa da filha, eu pego a babá eletrônica e saímos juntos do quarto. Mal chegamos ao corredor e Henrique me encosta na parede beijando-me com desespero.

— Agora é hora da brincadeira dos adultos. Eu estava louco para te pegar assim. — A sua boca desce para o meu pescoço, suas mãos para as minhas pernas, me levantando para prender em seu quadril. — No seu quarto ou no meu?



Capítulo 30

— Alguma coisa está diferente em você.
— Viviane diz assim que entra em casa.

— Sêrio? — Entrego Valentina para ela que sacode os braços toda feliz. — Por que acha isso?

— Sim, tem cinco dias que não nos vemos e alguma coisa mudou, assim como o Henrique está alegrinho demais. — Ela estreita os olhos atentos para mim. — Tem alguma coisa que preciso saber?

Mordo o lábio sentindo o meu rosto

queimar de vergonha pela sua pergunta direta. Antes que eu responda Henrique entra com os cabelos molhados assim como os meus por termos acabado de sair do banho e beija o rosto da mãe.

— Oi, Vivi. — Sem receio algum me abraça por trás deixando um beijo em meu pescoço fazendo Viviane dar um gritinho animado e um beijo estalado na bochecha da neta.

— Eu disse pra você minha neta, eu disse que era só deixar esses dois sozinhos e o parquinho ia pegar fogo.

— Mamãe, olha as coisas que você fala para a minha filha. — Henrique repreende.

— Deixa de onda, me conta logo como decidiram parar de agir como crianças birrentas e resolveram trep... resolveram-se.

— Está muito mexeriqueira, Dona Viviane.

Sento-me no sofá e ele senta bem ao meu lado me puxando para os seus braços. Olho para ela que tem um sorriso imenso no rosto enquanto a neta segura em seu colar de bolas azuis toda interessada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A gente se acertou, sim. Não posso mais correr do que sinto pelo seu filho.

— E pode apostar que eu não teria feito nada para juntar vocês dois se não soubesse os sentimentos do meu filho e não aprovasse.

— Como assim? — questiono. — Feito o quê?

— Helena, eu tenho você como uma filha que não tive e quero muito sua felicidade, estou tão feliz por vocês — desconversa.

— Obrigada, mas... e a minha pergunta não vai responder?

— Essa eu respondo. Sabe aquela viagem para a praia? — Henrique diz sustentando um leve sorriso nos lábios. — Os passeios românticos...

— Sim... — então a ficha cai, me sento ereta. — Foi você?

— Tudo ela.

— Sim, e não me arrependo — diz se levantando. — Apesar de vocês dois serem dois cabeçudos. Eu no seu lugar, Helena, teria aberto as pernas há muito tempo...

— Mamãe...

PERIGOSAS ACHERON

— Viviane...

Ela faz uma cara de paisagem e volta a brincar com a neta. Henrique e eu trocamos um olhar que era de pura felicidade. Fico ainda mais feliz por ela aprovar o nosso relacionamento, se é que posso chamar assim, pois a opinião dela é muito importante para mim. Para nós.

...

Olho-me no espelho do banheiro achando que o batom vermelho que apliquei nos lábios foi um pouco demais. Pego um algodão umedeço com o removedor para retirar.

— Ei, o que está fazendo? — Henrique entra no banheiro olhando-me admirado. — Que linda! — Passa a mão em minha cintura me puxando para me encostar em seu peito ainda sem camisa impedindo que eu retire o batom.

— Deixa de onda, nem me vesti ainda.

— Para você ver que fica perfeita até de roupão.

— Achei um pouco forte demais esse batom. — Ele me gira ficando de frente. Analisa os meus lábios.

— Ficou tentadoramente perfeito. — Então antes que eu pudesse reclamar ele me beija com lentidão, sugando tão forte os meus lábios que nem seria necessário aplicar mais maquiagem. — Delicioso. — Ele olha os meus lábios e franze o cenho intrigado. — Pensei que iria fazer uma bagunça aqui.

— Esse é o batom que estou trabalhando em uma nova campanha, ele não sai com beijos, só com removedor — digo sorrindo enquanto ele morde o meu queixo. — Acho que você me deu até uma ideia de publicidade.

— Gostei disso. Não tira não, está lindo. — Seus olhos brilham de satisfação.

— *Tá* bem. — Passo os meus braços em volta do seu pescoço. — Vai se vestir, moço ou iremos nos atrasar... — passo a mão no seu peito admirada como é bonito.

— Primeiro preciso saber como você está. — Segura o meu rosto entre as mãos. — Está bem em ir à festa? Se quiser ficamos em casa.

Hoje é aniversário da minha irmã, não foi um dia muito alegre, já que passei o dia todo tentando não ficar depressiva e chorona, sem

PERIGOSAS ACHERON

sucesso. Durante a tarde olhei as fotos dela, relembrei momentos nossos e me permiti chorar. Sinto tanta saudade e as lembranças dos seus aniversários que vieram em minha mente me fizeram perceber que nos anos que ela esteve comigo eu fiz tudo por ela. Cada ano eu me esforçava para fazer esse dia ser feliz para ela.

— Eu já chorei tudo que tinha para chorar, eu e minha irmã vivemos muitos momentos felizes e lembro com muito carinho. Na verdade, hoje é um dia especial sim, mas quer saber? Lembro-me dela todos os dias e sou muito grata por ela ter deixado uma coisa tão preciosa para mim. Não posso ficar sofrendo o tempo todo, não é? Afinal estamos vivos e essa é a realidade. A tristeza já passou, o importante é sentir no momento que ela vem. — Ele beija os meus lábios demoradamente. Eu o afasto sorrindo. — Ei, vai se vestir logo meu amor. Quanto antes chegarmos mais cedo voltamos.

— Verdade. Te espero na sala. — Beija mais uma vez os meus lábios antes de sair.

Termino a maquiagem, corro até o meu bloco de notas e faço um rabisco da ideia que tive

para a campanha. É engraçado como uma mente criativa age, a inspiração vem nas horas mais estranhas. Terminei de me vestir colocando um dos vestidos que a Viviane me deu. Ela diz que sempre quis ter uma filha e que agora está se realizando comigo e a Valentina nos presenteando.

Hoje é aniversário da Ana Clara, Henrique me disse na segunda à noite antes de dormirmos que gostaria que eu fosse. Disse que ela havia me convidado e que achei estranho o fato dela saber do meu suposto namorado. Ele disse que não tinha dito nada, o que me intrigou mais ainda. Eu disse que iria como sua acompanhante, mas que ainda não queria ser vista como namorada. Henrique não ficou muito satisfeito, entretanto não se opôs à minha vontade.

Caminhei calmamente até a sala com os sapatos na mão para não acordar a Valentina que já dorme tranquilamente. Antes passo e deixo um beijo em seu rosto. Viviane vai ficar com ela, se recusa a ir à festa da Ana Clara, não gosta de ter que fingir cordialidade com alguém que ela nunca suportou.

— E você vai aceitar assim? — Ouço a

voz da Viviane.

— O que eu posso fazer? Talvez ela tenha receio do que os outros irão pensar sobre estarmos juntos, eu não gosto disso, mas respeito a sua escolha. Não posso impor a minha vontade, vai namorar comigo sim e vai contar para todo mundo. Não é assim, mãe.

— Claro, hoje em dia está na moda, tem até uma música: Vai namorar comigo, sim... — Henrique rompe em uma gargalhada sonora me fazendo rir também, mas me mantenho quieta no lugar.

— Mamãe, às vezes penso que uma garota de 17 anos se apossou do seu corpo. Você é hilária.

— Você que às vezes é um mané, sou velha de idade, mas sou jovem de espírito e saco tudo dessa galera aí.

— Mamãe, você é uma figura mesmo.

Entro na sala e pego os dois em um abraço carinhoso. Henrique me vê e abre um sorriso.

— Uau, não sei por que ainda me

PERIGOSAS NACIONAIS

surpreendo com o quanto você é linda. — Se levanta e vem até mim.

— Minha nora, como está linda! — Ela diz animada. — Certamente será a mulher mais linda da festa.

— Exagero seu, Vivi.

— Não é mesmo. Você é sem sombra de dúvidas a mulher mais linda que já vi na vida. — Henrique afirma.

Abaixo os meus olhos um pouco encabulada com os elogios. Recebo um beijo na testa.

— Vamos? — digo enlaçando nossas mãos.

— Divirtam-se se for possível naquele ninho de víboras. — Henrique revira os olhos enquanto saímos me fazendo rir, às vezes não adianta discutir.

Entramos no carro e uma música do *Seafret* começa a tocar, recordo que é a mesma banda que ouvimos outro dia enquanto estávamos abraçados na cama em meu quarto. Fomos todo o caminho comigo falando sobre a ideia que tive para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a campanha. Ele me fazia perguntas sobre o meu trabalho, como eu adorava falar sobre isso, acabei me empolgando.

— Estou te enchendo com isso, desculpe.

— Não está não, adoro ouvir você falar com tanta paixão sobre a sua profissão, isso é raro hoje em dia, na maioria das vezes as pessoas escolhem pelo dinheiro e acabam trabalhando sem paixão, o que faz ser um trabalho de merda. — Ele mal termina de falar e me lembro do Filipe.

— É verdade, gosto muito do que faço.

— Chegamos. — Ele para em frente a uma mansão que me faz ficar de queixo caído.

Henrique dá a volta e abre a porta para mim, em seguida entrega a chave para um manobrista.

— Uau, que coisa mais glamourosa. Ana Clara mora aqui?

— Sim, o marido dela é muito rico, de família tradicional. Ana Clara também, então a junção dos dois deu nisso.

— Então estamos na alta sociedade de São Paulo?

PERIGOSAS ACHERON

— Mais ou menos isso.

Ele coloca a mão na base da minha coluna de forma um tanto indecisa enquanto caminhamos para o salão de eventos da casa sendo acompanhados por uma linda mulher que nos levou até onde seria a nossa mesa. Ainda bem que tive o auxílio da Viviane com a escolha do vestido que a princípio achei um tanto quanto exagerado, mas agora percebo que a Viviane tinha razão.

Mal nos sentamos e um grupo se aproxima conversando animadamente.

— Essa deve ser a cunhada. — Um homem de aproximadamente 40 anos diz. Henrique me olha e eu me adianto estendendo a mão para o homem.

— Não, sou a namorada, prazer, Helena.
— Henrique me encara com os olhos admirados e um sorriso satisfeito se abre em seus lábios.

— O prazer é meu, Rodrigo.

Henrique fez as apresentações para o resto do grupo quando Ana Clara aparece toda sorridente.

— Aqui está você Henry. Helena que

bom que veio, trouxe o seu namorado?

— Sim. — Pego a mão do Henrique e entrelaço os nossos dedos. — Ele está bem aqui.

O semblante dela deixa transparecer um pouco de raiva por alguns segundos, mas logo uma máscara é posta em seu rosto. *Touché*, talvez você tenha razão Katharine, temos aqui uma mulher que é casada há dez anos e consegue de alguma forma esconder o amor que sente por outro da maioria das pessoas aqui, exceto de mim. Agora eu preciso saber o que fazer com essa descoberta.



Capítulo 31

— Fico feliz por vocês. — Ela sorri e encara o Henrique por um longo tempo. — Fiquem à vontade. Preciso falar com os outros convidados.

Henrique me puxa para os seus braços.

— Então resolveu assumir o nosso namoro publicamente?

— Pensei que fosse isso que você queria.

— É claro que é, eu fiquei muito feliz. Acho até que vou te roubar para dançar, depois que eu beijar a minha namorada para todo mundo ver.

— Me puxa ainda para mais perto e enlaço as

minhas mãos em seu pescoço e a sua boca desce de encontro à minha. O seu beijo é calmo e doce e me faz sentir como se estivesse nas nuvens e todo o resto desaparecesse ao nosso redor. — Vem, dança comigo.

Ele entrelaça os nossos dedos e me guia para uma pista de dança onde tem uns seis casais aventureiros. A música que toca no momento é um pouco lenta e desconhecida para mim, mas não para o Henrique que canta alegremente um trecho em meu ouvido.

*Eu sou tão apaixonado por você
E eu espero que você saiba
Querida, seu amor vale mais que todo ouro do
mundo
Nós chegamos tão longe, meu bem
Veja como nós amadurecemos
E eu quero ficar com você
Até que fiquemos bem velhinhos,
Apenas diga que você não vai embora
Apenas diga que você não vai embora*

Afasto-me e olho seu rosto, ele sorri e

PERIGOSAS ACHERON

continua cantando.

— Não conheço essa música.

— *Say You Won't Let Go* — [*James Arthur*](#).

— É linda.

— Ela me lembra de nós dois, é exatamente o que eu quero. — Ele se afasta e me faz rodopiar, em seguida joga o meu corpo para trás me fazendo rir.

Paro para prestar atenção à letra e o meu coração dispara. Fico traduzindo da forma que posso, sou boa no idioma, mas confesso que fiquei meio nervosa. Apesar de tudo, apesar de saber dos sentimentos dele, da nossa história essa canção soa como um pedido de para sempre, para não dizer a palavra casamento.

*Eu quero viver com você
Até quando nós virarmos fantasmas
Porque você sempre esteve lá por mim
Quando eu mais precisei de você*

*Eu vou te amar até que
Meus pulmões parem de funcionar
Eu prometo até que a morte nos separe*

*Como em nossos votos
Então eu escrevi essa música para você
Agora todo mundo sabe
Porque é só você e eu
Até que fiquemos bem velhinhos
Apenas diga que você não vai embora
Apenas diga que você não vai embora*

— Eu não vou — digo sem tirar os olhos dos seus. — E eu também quero ficar com você até que fiquemos bem velhinhos.

— Você promete?

— Sim, eu prometo. — E ele me beija mais uma vez enquanto dançamos. — Mas só se você também quiser o mesmo.

— É tudo que eu mais quero.

Depois de mais uma música voltamos para a mesa onde estavam os amigos do Henrique e a Grazi. Ela me olha divertida.

— Helena, que bom te ver. — Ela beija o meu rosto e não parece chateada com o fato de que o Henrique me apresenta como sua namorada.

— Tudo bem Graziela? — Ela sorri

ainda mais divertida.

— Estou muito feliz que você e o Henry tenham se acertado. Espero que não tenha ficado com uma impressão ruim de mim.

— Obrigada. Não me deixo levar por primeiras impressões Grazi, não se preocupe.

— Isso é ótimo, espero que possamos ser boas amigas. — Aí nem tanto minha cara.

— Vem, vamos dançar. — O Saulo, amigo do Henrique diz para a Grazi.

— Não vou nada, não sabe nem pedir gentilmente para mulher dançar com você?

— Minha querida Grazi, me daria a honra de dançar com você? — Ele estende a mão para ela que abre um sorriso. — Agora levanta logo antes que eu te arraste para aquela pista de dança.

Foi impossível não rir da cara que ela fez de contrariada, mas podíamos perceber que ela estava gostando.

— Você não manda em mim.

— É mesmo? Deixe-me refrescar sua memória. — Ele se aproxima dela e fala em seu ouvido. Ela cora e morde o lábio. Depois se levanta

e segue na frente dele para a pista de dança.

— Esses dois são bem estranhos — digo observando os dois dançarem, mais parece uma briga do que uma dança. Ele leva a mão e aperta a bunda dela e leva um beliscão.

— Nem tente entender, eu já desisti.

O resto da noite foi tranquilo, apesar de estar sendo observada pelos olhos de rapina da Ana Clara durante a noite toda. Em um dado momento ela apareceu de braços dados com um homem muito bonito. Alto, loiro de olhos azuis.

— Esse é meu marido, Juliano, essa é a nova namorada do Henrique, tia da filha dele.

Precisava de tantos detalhes? Juliano me encara com um sorriso, estende para segurar minha mão.

— É um prazer te conhecer Helena. — Ele beija a minha mão de forma cortês. — Como vai Henrique?

— Bem Juliano e você?

—Estou bem, um pouco ocupado com a política, às vezes me pergunto onde fui me meter, mas estou grato por tudo estar dando certo.

Os dois começam a conversar e eu peço licença para ir ao banheiro. Não havia notado que Ana Clara estava no meu encalço, quando entro no toalete ela fecha a porta atrás de mim.

—Então estava me enganando o tempo todo com aquela conversa no almoço, não foi? Você já estava trepando com ele.

— Não me lembro de dever satisfações a você. — Encaro o seu rosto que está vermelho de raiva por trás da maquiagem. — Sem contar que você deixou escapar que sabia sobre mim, você fez a cabeça da minha irmã para não contar nada sobre ela ter uma irmã para o Henrique. Achou mesmo que eu ia cair naquela conversa?

—Você deveria ter vergonha de desonrar a memória da sua irmã dessa forma. Ela jamais iria querer isso, ela amava o Henrique e...

— E você também, não é? — digo me aproximando mais dela, o seu rosto muda de vermelho para pálido. — Você é louca por ele. Será que ele sabe disso?

— Eu sou uma mulher casada, não deveria me acusar assim, eu e Henry somos amigos há muitos anos. Eu gostava muito da sua irmã,
PERIGOSAS ACHERON

éramos amigas e ver vocês dois juntos me dá náuseas.

Cada palavra dita sai de sua boca com nítido nojo e desdém. Ela não faz questão de esconder o quanto está irada com o fato de estarmos juntos. Alguma coisa me diz que ela já sabia sobre nós e só estava tentando me fazer sentir culpada.

— A mim você não engana, você pode ter feito isso com a minha irmã por um tempo, mas ela descobriu quem você era... deu conselhos para ela esconder de mim o namoro dela com o Henrique para continuar a manipular a situação e fazer com que a relação dela e do Henrique não desse certo. Ele não a amava, mas estava com ela e isso fez você agir contra ela fazendo a coitada pensar que estava do lado dela quando na verdade só queria a separação dos dois. Eu sei de tudo Ana Clara, só não contei para o Henrique ainda.

— Você é doida, não tem como provar nada disso.

— Eu não vou falar nada para ele, não ser preocupe, eu não quero sair de ciumenta possessiva como a minha irmã ficou. Além de

achar que o passado deve ficar enterrado junto com a Katharine. Mas eu tenho sim como provar. — Me aproximo mais e olho bem dentro dos olhos dela. — Katharine deixou um diário, ela fala sobre tudo, eu só lamento não ter lido antes, não teria esperado tanto para cair nos braços do Henrique se tivesse feito. Agora fique avisada, eu vou terminar de ler aquele diário e vou desmascarar você.

Quando termino de falar ela arregala os olhos. *Te peguei sua víbora.* Ela vai para falar e alguém bate na porta interrompendo-a, ouço a voz da Grazi.

— Helena, está tudo bem aí? — Me afasto dela que abre a porta e passa pela Graziela como um furacão. — O que foi isso?

— Não foi nada — digo pegando o batom dentro da bolsa e só então percebo que estou tremendo.

— Não fique nervosa por causa dela, não caia no que ela diz, essa mulher não me engana, ela sempre... esquece.

— Tudo bem Graze, eu já percebi qual é a dela, não sou ingênua como a minha irmã. Sei que ela sempre manipulou a Katy. — Viro olhando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o seu rosto e abro um sorriso trêmulo, mas sincero.
— Eu sei identificar quem é o inimigo.

— Graças a Deus. — Ela me abraça apertado. — Estou tão feliz pelo Henry estar com alguém como você. Ele merece ser feliz Helena.

— Eu sei que sim. Agora vamos que preciso beber alguma coisa e ficar de olho na Ana Clara.

— Acho que por enquanto ela não vai interpor no seu caminho. Ela é estrategista, manipuladora e só vai atacar quando estiver tudo a favor dela.

— Pois bem, estarei mais do que pronta para o seu ataque. Como eu disse, não sou como minha irmã.

Quando voltamos Henrique me abraça e beija o meu pescoço.

— Tudo bem?

— Tudo ótimo, quero dançar mais.

— Então vamos lá.

Seguimos para a pista de dança, abraço o pescoço do Henrique e beijo seus lábios só para confirmar ao mundo que ele é meu, e eu sou dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 32

— Não... não, Katy, não... — acordo com som da minha própria voz gritando desesperada. Sento-me na cama sentindo o suor escorrer pela minha testa e pescoço. — Não, não, não, por favor...

Minha respiração está ofegante e a minha mente demora a entender que foi apenas um pesadelo. Eu choro desesperada tateando em busca de algo para me segurar e encontro os braços do Henrique.

— Meu amor, foi só um pesadelo. — Ele me toma em seus braços e me agarro a ele. Aperto-
PERIGOSAS ACHERON

me em seus braços com uma força sufocante.

— Foi tão real. Eu estava no aeroporto e Katharine entrou no táxi, antes ela me olhou e seu rosto estava banhado de lágrimas. Eu gritei o seu nome, pedi para ela não ir, mas ela não me ouviu. Sem dizer adeus ela se foi. Pra sempre...

Ele não diz nada, apenas afaga as minhas costas com carinho.

Já é madrugada. Hoje faz um ano do acidente da minha irmã. O meu coração se aperta, eu não imaginava que iria ser tão doloroso esse dia, mas está sendo bem pior do que um mês atrás que foi o dia do aniversário dela. Fico olhando o raiar do dia ainda nos braços do Henrique. Ele também não conseguiu mais dormir. Algumas horas depois ouvimos o choro da Valentina através da babá eletrônica.

— Deixa que eu cuido dela. — Beija carinhosamente a minha testa e se levanta.

Ouçó a sua voz carinhosa através da babá eletrônica falando com a filha.

— Oi minha pequenina, mamãe não está muito bem hoje, então vamos cuidar dela, *tá* bem?

Promete que vai ser boazinha?

Engulo em seco. Aperto os meus olhos com força. A Valentina chora inconsolável e eu não tenho forças para me levantar. Depois de um tempo Henrique desiste e vem com ela chorando em seu ombro.

— Eu sinto muito, mas ela não para de chorar e chama você o tempo todo.

— Mamãe, mamãe. — Vejo o rostinho banhado de lágrimas e ela soluça de tanto chorar, ergue as mãozinhas abrindo e fechando me chamando.

Ele a coloca no meio da cama, ela deita-se em meu braço e eu a abraço de volta. Eu choro, ela chora ainda mais. Talvez esteja sentindo que nesse mesmo dia, há um ano, a mãe dela se foi. Talvez esteja sentindo a mesma tristeza que eu. Depois de me acalmar eu consigo fazê-la parar. Ela fica choramingando até adormecer.

Ergo os meus olhos e encontro os do Henrique me encarando triste.

— Desculpa, por favor. Eu...

— Meu amor, não faz isso. Pode chorar o

quanto quiser. Eu sei que dia é hoje e sei que está doendo. — Sua mão aperta-se à minha.

— Não imaginei que seria assim. Pensei que passaria por esse dia sem tanto drama.

— Não é drama. Eu também já perdi alguém que amava, além do meu pai eu também me lamentei pela Katharine. Eu também sinto falta dela Helena, tivemos bons momentos juntos. Ela me deu uma filha linda, foi uma pessoa importante para mim.

As suas palavras não me causam ciúmes ou estranhamento. Elas me confortam.

— É tão difícil, eu não imaginei que doeria assim, não depois de tanto tempo.

— É ruim dizer isso, mas nunca vai deixar de lembrar e sentir. Com o tempo você se acostuma, mas nunca passa de fato. Quando meu pai morreu, eu não me permiti chorar. Eu quis ser forte para a minha mãe. Ela estava quebrada, destruída. Eu guardava a minha dor só para mim. Meu pai ficou doente e lutou por anos contra o câncer, por um tempo pensamos que havia se curado, até que a doença voltou com tudo. Nós sabíamos que ele ia morrer. — Ele suspira fundo.

— Eu tentava ficar ao lado dele o máximo que podia. Uma vez comprei sua garrafa de vinho favorito e o levei para admirar as luzes da cidade do terraço como ele gostava de fazer. Conversamos muito naquele dia, ele me pediu para viver a minha vida, pois ele já tinha vivido a dele e foi muito feliz. Eu relutei, discordei dele, até briguei e disse coisas que lamentei depois, queria estar ao seu lado, mas no fim das contas foi o que fiz. Uma semana depois ele piorou e começou a peregrinação ao hospital. Mas ele não permitia que eu estivesse com ele o tempo todo. Eu não estava do lado dele quando ele morreu.

— Isso te deixou mal? — pergunto olhando uma lágrima escorrer do seu olho sobre sua face.

— Não, na verdade eu me senti bem, pois fiz a vontade dele. Depois eu me dediquei à minha mãe, fiquei ao lado dela, pois ela precisava, estava destruída, deprimida. Até que ela começou a retomar as atividades. Foi difícil, por diversas vezes eu lutei para não chorar na frente dela. Mas quando estava sozinho o eu fazia. Eu gritava, chorava e lamentava a morte do meu pai. Imagino que para

você seja muito mais difícil. Eu tinha a minha mãe e ela a mim. E você não tinha ninguém, a Valentina não sabe o que passa quando te vê assim, então ela também sofre, ela sente na atmosfera que algo não está bem. Para mim foi difícil, mas não tanto quanto para você. Você não tinha ninguém...

— Agora eu tenho. Tenho você, meu amor. Tenho a Valentina e ganhei uma mãe.

— Minha mãe iria adorar ouvir você dizer isso. Ela te ama.

— E eu a ela. As coisas podem não dar certo entre você e eu, mas a Viviane é e vai continuar sendo como uma mãe para mim.

— Não vem com isso de as coisas podem não dar certo. Não existe essa opção. Você vai ser minha para sempre e é bom se acostumar com isso.

— Obrigada meu amor. Esse dia poderia ser bem pior. Mas tenho você aqui.

Eu não deveria me sentir assim, mas sentia. Em nenhum momento desde que resolvi deixar tudo para trás e ficar com o Henrique não me senti culpada. Agora isso veio forte e doía muito. Lembrar-me daquele dia já estava sendo

difícil, somando ao fato de que estou feliz vivendo a vida que Katharine tanto desejou, me dilacerava o peito.

Sem perceber eu estava chorando novamente. Henrique levantou-se, pegou a Valentina nos braços com muito cuidado e a levou para o quarto dela, presumi. Minutos depois ele voltou, deitou-se encostado na cabeceira da cama e me puxou para seus braços.

— Minha mãe está vindo para ficar com a Valentina. Eu vou ficar com você, vou cuidar de você.

Para provar a bagunça que eu me encontrava, ou invés de o sentimento de culpa me assolar ainda mais, eu simplesmente me senti confortada, segura e me acalmei. Ergui o meu rosto em sua direção olhando o seu rosto. Ele abriu os olhos e me encarou.

— Me beija — peço e uma lágrima desce dos meus olhos.

Henrique leva a mão ao meu rosto e acaricia o meu queixo. Beija os meus olhos com carinho, desce pela minha face e beija os meus lábios com ternura. O meu coração que sangrava

PERIGOSAS ACHERON

contrito, machucado, começa a bater forte, agora aquecido, vivo, feliz, apaixonado. Afasto-me e encosto a minha testa na sua.

— Pode até ser errado, mas eu te amo tanto e estou feliz.

— É muito bom saber disso. Não é errado, Helena, seria errado não se entregar ao que sentimos.

E isso deveria me fazer sofrer. Estou tendo a vida que a minha irmã sonhou, com o homem que ela desejou, fez loucuras para estar ao lado dele. Agora ele é meu. Com a imensidão do que sinto por ele é inevitável me perguntar, se ela estivesse viva, como seria? Eu teria me apaixonado por ele, isso é certo, ele por mim com toda certeza, mas como iríamos lidar com tudo isso? Eu teria mudado meu pensamento e esquecido dos laços fraternais que tanto valorizava? Teria me entregado a esse amor sem reservas mesmo sabendo que isso a faria sofrer?

Toda essa indagação me deixou tão cansada. A exaustão me atingiu e acabei dormindo nos braços do Henrique.

...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pronto, está uma princesa. — Beijo a cabecinha da minha sobrinha. — Sua mãe ficaria babando com o tanto que você é linda.

— Mamãe. — Ela está na fase de repetir tudo que a gente fala, na maioria das vezes sai palavras bem estranhas o que nos faz rir muito.

— É, sua mamãe Katy, eu sou a mamãe Helena.

— Minha mamãe.

Hoje é a festa de um aninho da Valentina. Viviane fez questão de preparar tudo. Eu ajudei, claro, mas não sou muito dessas coisas. Ela fez na casa dela uma festa da Galinha Pintadinha. Valentina adora essa galinha azul, fica vidrada na frente da TV e até fala, *Gainha batinha*. Uma fofura.

Coloco-a no chão e ela sai andando toda cheia de pose atrás da avó dela que está conversando com uma das animadoras de festa que está vestida com a roupa da Galinha Pintadinha. Sinto uma mão passar pela minha cintura e me puxar para mais perto.

— Tudo bem? — inquires deixando um

PERIGOSAS ACHERON

beijo em meu pescoço. Em seguida giro ficando de frente para receber os seus lábios nos meus. Não sei quantas vezes ele já me perguntou isso hoje.

— Eu estou sim. É um dia feliz, aniversário da nossa filha. — Ele abre um imenso sorriso quando digo nossa filha. — Na verdade eu pensei que iria ser difícil. Mas me enganei, está sendo... difícil, está sim muito difícil, não vou negar, mas bem menos do que pensei. Suportável.

Ele beija a minha testa carinhosamente.

— Eu fico feliz por isso. Fiquei muito preocupado depois de hoje cedo. Pensei que iria se repetir tudo de três meses atrás. Fiquei aflito esperando o momento que você fosse desabar.

— Está tudo bem, sério. — Ele me envolve em um abraço e eu me deixo aconchegar nele. — Eu queria muito ficar aqui agarradinha com você, mas preciso ir ajudar a sua mãe.

— Vai lá, vou terminar de verificar as bebidas. — Beijo de leve os seus lábios antes de sair.

Hoje pela manhã eu mal consegui sair da cama. Bateu-me uma tristeza tão grande que

cheguei a pensar que não havia sido uma boa ideia fazer essa festa no dia do aniversário da morte da Katharine. Estava com uma tristeza profunda, dor e negação como havia sentido há três meses quando foi o aniversário do acidente de carro que a deixou em coma. Entretanto, me enganei completamente. No dia do aniversário do acidente eu sequer consegui sair da cama. Foi como se só agora eu me permitisse desmoronar. Isso porque agora eu tenho o Henrique para segurar a minha mão, para me abraçar e me mostrar que nunca mais estarei sozinha. Então ele sentou-se comigo e passamos a falar sobre todas as qualidades da Katy. Não senti ciúmes quando ele disse o que o atraiu na minha irmã. Em como ela era divertida, inteligente e linda. Apesar de todas as loucuras dela acho que seria uma boa mãe.

A casa estava cheia de gente, o jardim virou a casa da Galinha Pintadinha e dos outros personagens com os animadores vestidos como tal. O dia estava firme, isso em São Paulo era bem de se estranhar. Lembrei-me do dia do enterro da Katy, chovia tanto que era como se o céu lamentasse nunca mais iluminar o seu rosto, se escondeu e deu lugar para a chuva derramar

PERIGOSAS ACHERON

lágrimas de lamento.

Os convidados começaram a chegar, Henrique me ajudou a receber todo mundo, pois a maioria eu não conhecia. O clube das avós do qual a Viviane fazia parte estava todo aqui com seus netos, inclusive uma das avós arrumou um pretendente para ela, não quero nem ver quando o Henrique souber. Minhas amigas vieram um pouco mais cedo e fiquei muito feliz por poder compartilhar esse momento com elas, contar como tenho sido feliz por elas estarem aqui comigo. Estava morta de saudade delas e conversamos muito sobre a minha vida. Quando a Ana Clara chegou eu pensei até onde iria a cara de pau de uma pessoa. Juliano trouxe um sobrinho dele para participar da festa.

— Oi, Helena, que festa linda. Parabéns.

— Estende a mão para mim.

— Sejam bem vindos — disse tentando sorrir. — O crédito da festa é todo da minha sogra, a avó mais empolgada do mundo. — Faço questão de falar minha sogra, infantil, eu sei.

— Treinando para ser papai, Juliano? — Henrique pergunta. Ele olha para a esposa depois

de volta para o Henrique.

— Estou há um tempo, mas não consigo convencer a minha esposa a ser mãe.

— Não começa Juliano. — Ela diz fazendo biquinho.

—Tio, olha o Galo Carijó. Vamos lá falar com ele. — O menino de aproximadamente três anos diz eufórico puxando a mão do tio.

— Se me dão licença, preciso ir falar com um Galo que usa paletó. — Juliano diz com humor. — Calma aí, carinha, já vamos.

Ana Clara revira os olhos e segue o marido.

— Credo, que chata — digo. — Ela sempre foi assim?

— No fundo ela é uma boa pessoa.

— Lá no fundo, bem lá no fundo. — Ele ri me abraçando. — Tão fundo que ninguém consegue enxergar.

A festa seguiu sem nenhum transtorno. Tive a oportunidade de conversar com o Juliano algumas vezes longe da Ana Clara, ele me pareceu um homem bom. Pena que se casou com uma

PERIGOSAS ACHERON

megera.

Quando todo mundo foi embora vou até a minha sogra e a abraço apertado.

— Obrigada sogra. Não sei o que faria sem você.

— Eu sei que sou maravilhosa. — Ela beija a minha testa. — Mas eu que não sei o que faria sem você, porque se não fosse o seu coração de ouro minha filha, Valentina provavelmente não estaria aqui. Obrigada.

Pego a minha filha no colo e beijo o seu rosto lambuzado de brigadeiro que provavelmente o pai deu. Há um ano eu não imaginava que seria tão feliz.



Capítulo 33

Decidi terminar de ler o diário da Katharine, apesar de ter dito que não o faria. Mas é como um ímã, nele tem mistérios que precisam ser revelados e tenho certeza de que encontrarei respostas, então eu sempre acabo voltando. A cada página ela relatava as besteiras que cometia por estar apaixonada por um homem que apesar de trata-la bem não a amava. Isso fazia com que ela quisesse machucá-lo ao invés de conquistar o seu amor. Henrique passou maus bocados para fazer a Katharine ficar controlada e segura em casa, então ele marcou um psicólogo para ela, o que a deixou

furiosa.

Diário de Katy.

Eu fiquei com muita raiva dele quando me disse que eu precisava de tratamento. Claro que era exagero. Agora eu sei que fui manipulada pela Ana Clara, infelizmente descobri isso tarde demais e para piorar ele não acredita em mim. Ela tinha me dito que ia sugerir para ele que me internasse, o que me deixa ainda mais doida de raiva. Fui até o marido dela e disse tudo que pensava, que ele era um idiota por estar casado com uma mulher que daria um pé na bunda dele se o Henrique quisesse. Henrique ficou uma fera pois o corno foi procurar por ele, pediu o divórcio para ela. Nem sei o que ela fez para segurar o marido, mas tenho certeza de que ela ama o pai da minha filha sim. Como fui idiota ao deixar a minha vida chegar onde chegou. Deixei-me ser manipulada pela Ana Clara. Mas agora não adianta chorar, preciso consertar as coisas...

Diário me desculpe por ficar tanto tempo sem falar com você, já faz quase um mês que estou

fazendo terapia semanal e isso tem me ajudado um pouco a me entender. Eu estou indo embora, fiz muitas coisas das quais não me orgulho em nada. Tenho um noivo que só está comigo porque estou carregando um bebê. Agora sei que ele me trai, contratei um detetive particular para seguir o Henrique. Ele viajou e recebi fotos dele com uma mulher em um bar. O safado disse que estava viajando a trabalho e está com outra e o pior foi ver com quem ele estava. Mas ele vai saber o que foi mexer comigo.

O meu coração sangra em saber que ele estava com outra. Mas o dele vai ficar em estado pior, eu queria ter coragem de matar essa criança, mas não sou uma assassina, então arrumei tudo que era meu e mandei para Salvador, agora estou no avião para morar com a minha irmã. Vou começar uma nova vida, o Henrique pode até nos encontrar, mas ele vai sofrer até lá. Em parte devo agradecer por nunca ter mencionado a Helena, assim ele jamais vai saber onde me encontrar. Por falar nela, essa vai me arrancar o pescoço, mas sendo uma irmã maravilhosa de coração enorme, ela vai me perdoar por tudo que fiz. Vai cuidar de mim e da Rebeca, e eu nunca mais vou querer

PERIGOSAS ACHERON

saber do Henrique. Sofri demais, o fiz sofrer demais. Agora ele pode levar a vida descarada que quer sem mim, mas também sem a filha.

Olho para a Valentina, ela queria chamar a criança de Rebeca. Minha sobrinha sorri fazendo uma caretinha e eu perco a coragem de ler o restante das páginas. Ainda tem muitas não lidas, mas não consigo ir adiante. Não acredito que o Henrique havia traído a minha irmã, então foi esse o motivo? Coloco o diário dentro de um cofre dentro do armário e digito a senha. A data de aniversário da minha mãe. Não quero mais ler nada desse diário, se houve ou não traição isso fica no passado. Isso foi entre ele e a Katy, eu não tenho nada com essa história. Talvez eu até tenha medo de saber a verdade.

...

Dois dias depois que decidi mais uma vez não ler mais nada do diário da minha irmã eu ainda estou com as palavras dela na cabeça e uma dúvida cruel, se devo ou não terminar a leitura, eu quero deixar tudo para lá, mas não consigo e acabo voltando para ele. Não perguntei ao Henrique sobre

a suposta traição. Não acredito que ele faria isso, mas se fez eu não quero tomar ciência, prefiro pensar que faz parte de um dos devaneios da minha irmã. Temos uma vida nova, eu decidi que ficaria com ele, que seria a mãe da Valentina e ficar remoendo coisas só me leva para um caminho ao qual eu não quero ir.

Era a vida da Katy e não a minha.

Henrique viajou para o Rio de Janeiro e vai ficar quatro dias. Há dois dias nos falamos até eu adormecer. Tini sente muita falta dele, então ele sempre liga quando ela ainda está acordada para conversar por vídeo chamada. Hoje pedi para Vivi ficar com ela, pois vou ficar até mais tarde em uma reunião com a minha nova equipe. Ela preferiu levar a neta para a casa dela, pois o cachorrinho que ela comprou está um pouco doente e não pode sair de casa. Trabalhar com o Robert me abriu muitas possibilidades, a agência é dele, mas eu tenho poder absoluto sobre ela. Acabamos fazendo uma sociedade que está dando muito certo.

— Helena, posso entrar?

— Claro Shirley.

— Então, o Sr. Robert ligou e pediu para

remarcar a reunião, infelizmente o voo dele atrasou e não vai ter como ele chegar a tempo. Ele ligou no seu celular, mas está fora de área.

— Que estranho. — Pego o aparelho e constato que está sem bateria. — Vou colocar para carregar. Que descuido. Você pode avisar ao pessoal por favor? Vou ter que avisar para a Viviane que não precisa mais ficar com a Tini.

— Lena, já preocupada com a Tini? — Vivi diz sorrindo. Posso ouvir a Valentina dizendo mamãe quando escuta a avó dizer meu nome.

— Vivi, não é isso, sei que ela está muito bem cuidada pela melhor avó do mundo.

— Fiz uma programação com duas amigas, noite das avós aqui em casa. Vamos empanturrar essas crianças com muito doce.

— Está brincando, não é?

— Só com a parte dos doces, a Valentina pode dormir aqui?

— Claro que pode, não vou arruinar sua noite das avós.

— Não vai se sentir muito sozinha?

— Não tem problema, vou aproveitar e
PERIGOSAS ACHERON

colocar o trabalho em dia.

— Se eu fosse você, com essa pequena arteira eu aproveitava era para descansar. Beijo

— Outro, obrigada Vivi. Farei isso.

Chego em casa e sinto falta dos amores da minha vida. Valentina correndo pela casa graciosamente toda desconjuntada. E como sinto a falta do Henrique. Chego e vou direto para o banho. Depois de tomar uma ducha pego o telefone e ligo para o Henrique para avisar que não teve reunião e acabei vindo mais cedo para casa. Ele não atende, deve estar em reunião ainda.

Pego uma taça de vinho, coisa que o Henrique me ajudou a gostar. Me sento de frente para a tv e começo a assistir a um filme seguindo os conselhos da Viviane. O interfone toca e estranhando levanto-me para atender.

— Entrega para Helena.

— Não estou... do que se trata? — pergunto já com um sorriso, ontem o Henrique me enviou flores, antes de ontem recebi essa garrafa de vinho e uma caixa de bombons. Eu disse para o Henrique que sentiria muita falta dele, então para

PERIGOSAS NACIONAIS

diminuir um pouco a tristeza que seria ficar sem ele, Henrique me mandava presentes que segundo ele eu nem perceberia que ele estava fora. Como se isso fosse possível.

— Flores Dona Helena... quer dizer, Helena.

— Pode mandar subir, ou preciso descer por causa do horário?

— É só um entregador, vou mandar subir.

Vou até o quarto e troco de roupa rapidamente. Estava de pijama muito curto e substitui por um vestido longo para atender à porta. A campainha toca e eu abro a porta com um imenso sorriso e os olhos grudados nas rosas colombianas que o entregador tem nas mãos, subo para o seu rosto e meu sorriso se transforma em choque, surpresa.

— Filipe?

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 34

O Filipe me olha com um imenso sorriso no rosto, como se estar à minha porta fosse algo bem normal, como se eu tivesse feito um convite para que ele estivesse aqui. Volto meus olhos para as flores e depois para ele, tão chocada que nem sei o que dizer.

— Oi Helena, quanto tempo.

A situação é tão constrangedora que continuo calada e sem reação. Ele faz um manejo com a cabeça então percebo que estamos feitos dois bobos nos encarando.

— Nossa, que surpresa. O que faz aqui Filipe?

— Estava na cidade a trabalho e resolvi visitar uma amiga. Não vai mesmo me convidar para entrar? Pensei que ficaria mais feliz em me ver gatinha.

Nunca me incomodei com a forma que o Filipe me chamava, mas neste exato momento a palavra gatinha me irritou bastante.

Eu quase digo que não, que ele não pode entrar, mas indiferente dele ter sido um merda comigo quando a Katy estava hospitalizada, ele foi um bom namorado e amigo antes de minha vida virar de pernas para o ar, tivemos uma história, e depois quando a Katy se foi de verdade foi ele quem me ajudou com tudo. Já era tarde para nós, mas ele ficou do meu lado até eu deixar Salvador e vir embora para São Paulo, ou seja, até Henrique aparecer em minha vida.

Devido à boa educação que recebi, coloco tudo de lado, abro um sorriso e convido-o para entrar.

— Claro, entre. Só fiquei muito surpresa.
— Pego as flores e dou um beijo em seu rosto. Em
PERIGOSAS ACHERON

seguida dou espaço para ele entrar.

— Uau, você mora bem Helena. Que apartamento lindo — diz observando o hall e a sala.

— Obrigada, já estava assim quando vim para cá, a mãe do Henrique o ajudou com tudo, ela tem um ótimo gosto. Como descobriu onde moro?

— Isso é segredo — diz triunfante.

— Bem, mas não importa, o que veio fazer aqui?

— Estou em São Paulo para atender a um novo cliente, ficar de olho em uma campanha, sabe como é. Não pude deixar de vir ver você. Fiz mal? — Seus olhos param no vinho caro que eu estava bebendo. — Uau, que é isso? Helena tomando vinho caro? Quanta mudança.

Percebo uma nota de ironia na sua voz, mas resolvo ignorar. É o melhor a ser feito.

— Pois é, ganhei essa garrafa ontem e resolvi beber. O Henrique entende muito de vinho e acabou me ensinado a gostar também. Aceita um pouco? Vou pegar uma taça para você. — Me levanto fugindo do seu olhar acusador que ele não

conseguiu disfarçar.

— Posso usar o seu banheiro?

— Claro, fique à vontade. É a primeira porta à direita no início do corredor.

Pego uma taça para ele, coloco alguns palmitos, salaminho, queijo e tomates cereja em uma bandeja de madeira e volto para a sala.

— Não fiz jantar hoje, mas fiz algo para caso esteja com fome.

— Estava em uma reunião no Shopping e acabei comendo antes de decidir vir para cá.

— Me fala como está tudo lá em Salvador?

— Nada bem. — Ele suspira fundo. — O trabalho está na mesma. Mudei de empresa, mas as dificuldades só mudaram de endereço. — Sirvo uma taça de vinho. — Sem contar que... Helena, sinto tanto a sua falta. — Ele me olha intensamente. — Você não imagina o quanto.

— Isso é de se estranhar, quando sai de Salvador eu disse coisas para você que deveria nesse momento estar me odiando e sem querer olhar na minha cara... me desculpe Filipe, eu não

PERIGOSAS NACIONAIS

agi corretamente com você. Minha vida estava um caos...

— Ei. — Ele segura a minha mão com carinho. — Eu entendo, você estava passando por uma situação difícil e eu forcei a barra quando deveria ter dado tempo a você. — Puxo a minha mão da dele com delicadeza. — E você, como tem sido tudo aqui, a Valentina está bem? Por falar nisso ela está dormindo?

— Ela está com a avó. Está ótima, muito grande e saudável, cada dia mais esperta. — Pego um porta retrato e mostro para ele. — Olha como ela é linda.

— É sim, engraçado como ela se parece com você. E como está a sua relação com o pai dela? Se dão bem?

— Sim, nós... — mordo o lábio constrangida. — estamos juntos.

Ele apenas me olha como se não fosse surpresa alguma o que acabei de dizer.

— Acho que eu já esperava algo assim, você é uma mulher linda, ele só não a conquistaria se fosse um idiota ou não gostasse de mulheres. Ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

é um cara esperto. — A sua mão volta para a minha.

Eu não gostei da forma como ele disse tudo isso. Me fez sentir barata, fácil. Puxei a minha mão da sua com brusquidão fazendo a taça que estava segurando derramar todo o vinho em cima do meu vestido e no sofá de couro.

— Droga. — Me levanto rapidamente. — Vou pegar um pano para limpar isso antes que manche.

— Eu cuido disso, me fala onde encontro os produtos de limpeza, sei como fazer, sempre fui meio desastrado na adolescência.

— Não precisa fazer isso Filipe eu mesma...

— Faço questão, pode ir se trocar e eu cuido de tudo aqui.

— Na cozinha tem uma porta de vidro que dá para a área de serviço, vai encontrar tudo que precisa lá.

Corro para o quarto, tiro o vestido e jogo no cesto de roupas. Olho minha calcinha suja de vinho e percebo que preciso lavar isso. Entro no

PERIGOSAS ACHERON

chuveiro e lavo rapidamente. Visto uma calça de tecido colorida e uma blusa preta básica. Tudo que não preciso é parecer arrumada para o Filipe. Tenho que mandá-lo ir embora logo antes que comece com seu jogo de sedução o qual não estou com paciência de lidar.

Chego na área de serviço e ele está guardando os produtos que deve ter usado para limpar o couro do sofá. Ele sorri.

— Prontinho, sem maiores danos. Exceto pelo vinho caríssimo desperdiçado. Mas você gosta de outro tipo de vinho não é? Se bem me lembro os mais baratos e bem docinhos.

— Sabe que aprendi a gostar desse também? Até estou mais resistente ao álcool. — Seguimos de volta para a sala. Ele me entrega uma taça.

— Então vamos apreciar essa maravilha. Me fala de você, está só de dona de casa?

— Não, estou trabalhando muito.

— Jura? É alguma agência que conheço? Você é ótima, deve ter conseguido na mais top de

São Paulo e logo vai estar na diretoria.

— Não. Na verdade enviei muitos currículos até encontrar, foi um pouco de... um pouco de sorte e...

Começo a contar para ele e um sono terrível me bate. Minha visão está turva e não consigo continuar, nem sei bem do que estava falando.

— Acho que bebi demais, preciso... preciso de um pouco de água. — Minhas pálpebras se fecham involuntariamente e com muita dificuldade tento abrir os meus olhos.

— Eu pego para você.

— Obrigada, eu... — minha voz sai distante e confusa até mesmo para mim.

...

Luto para abrir os olhos, o sol queima o meu rosto, vozes, barulho, alguma coisa quebrando. Me sento na cama e fico chocada com a cena. Henrique está em cima do Filipe segurando o seu pescoço, ele começa a apertar e Felipe segura nas mãos dele sem ar.

— Mas o quê... eu... solta ele. — Levanto

PERIGOSAS NACIONAIS

de uma vez ignorando a tontura que me assola. — Henrique para, ou você vai matá-lo.

Ele se levanta com a mão suja de sangue. Me olha com algo que a principio eu não sei bem como definir, mas depois vejo nojo no seu olhar e depois muda para fúria.

— Você sentiria muito por isso, não é? Se eu matasse o seu amante.

— Meu o quê?

— Dá o fora daqui. — Ele diz para o Filipe que apesar de ter o rosto machucado ainda esboça um sorriso em minha direção. Um sorriso que apesar da minha confusão mental me assusta.

— Sinto muito dele descobrir assim gatinha.

— Você está louco? Descobrir o quê?

Só então percebo que estou completamente nua e o Filipe também. Que porra foi que aconteceu aqui?

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 35

— Você não está insinuando que eu...

— Para Helena, já chega. Não estou fazendo insinuação nenhuma. Eu vi ok? Cheguei aqui e vi aquela bagunça pela casa, depois entro no nosso quarto e pego você dormindo nos braços dele. Não tem como negar o que eu vi. Só quero saber desde quando isso vem acontecendo. Por que você fez isso na nossa casa, na nossa cama? Porra.

— Ele grita descontrolado, segura-me pelos braços fitando-me dentro dos olhos.

— Eu não sei como isso aconteceu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então foi só ontem? Vocês se encontraram e beberam muito e acabou acontecendo? Foi isso? — Aperta mais as mãos em meus braços. — Me diz que isso não vem acontecendo há mais tempo. Diga que ele está mentindo.

— Você está me machucando. Me solta.

Minha cabeça está tão confusa que não consigo assimilar direito o que ele fala com o que é real.

— Você não sabe o quanto eu quero machucar você de verdade. O quanto estou me segurando para não fazer uma besteira.

Ele me solta de uma vez e eu acabo desequilibrando e caindo em cima da cama. Ele passa a mão pelos cabelos nervosamente, sua respiração ofegante em uma tentativa nítida de buscar controle.

— Ao menos tiveram decência de usar camisinha pelo tanto de embalagens pela casa.

Abro a boca chocada. Minha cabeça doendo e tentando entender, processar as acusações do Henrique e sua maneira agressiva de reagir.

PERIGOSAS ACHERON

Como foi que um simples copo de vinho acabou nisso.

— Henrique, você precisa acreditar em mim... eu...

— Acreditar em quê? Se ao menos você me dissesse alguma coisa... inventasse uma desculpa melhor do que “não sei o que aconteceu aqui”— diz e faz aspas com os dedos. — Eu até faria o papel do corno conformado e fingiria que acredito em você.

Ele me olha com raiva. Eu devolvo o olhar cheio de mágoa, o orgulho ferido tomando conta do meu peito, da minha mente. Um sentimento de impotência, de que o mundo sempre acaba me jogando no chão de alguma maneira.

— Sai daqui Henrique.

— Sim, eu preciso mesmo respirar um ar que não cheire a vadia e sexo. Não quero fazer uma besteira por uma mulher que não merece...

Eu giro na cama abraçando-me ao travesseiro. Agora não só minha cabeça que está explodindo de dor. Meu coração também está.

Por que o Filipe fez isso? Como eu

acabei nessa cama com um homem que há muito tempo eu não desejo nem como amigo? Fico refazendo todos os momentos na minha cabeça e só chego a uma conclusão. Eu não transei com o Filipe, eu saberia se tivesse acontecido alguma coisa, meu corpo saberia. A reação do Henrique me surpreendeu sobremaneira. Ele foi agressivo, até tento entender tudo que ele está passando. Quando peguei o Filipe em situação semelhante, não estávamos mais juntos e eu nunca o perdoei por isso. Imagina como o Henrique não deve estar decepcionado e de coração partido. Isso me quebra ainda mais.

Depois de muito tempo ouço porta se abrir. Continuo de olhos fechados.

— Helena, você está bem? — A voz da Viviane me faz começar uma nova seção de choro.

— Veio me acusar também? — A minha voz sai tremida pelo pranto.

— Não minha querida, eu não vim por esse motivo, eu vim trazer a Valentina e... O Henrique me disse o que aconteceu, mas eu não quero acreditar. Me diz que nada foi verdade.

— Não foi...

PERIGOSAS NACIONAIS

Conto tudo para ela que me escuta calada. Ela me abraça apertado quando termino de contar.

— Oh minha criança, você caiu em uma armadilha.

— Você acredita em mim? Acredita que não... que eu jamais faria algo assim com o Henrique?

— Eu sou boa em detectar mentirosos minha filha. E você não me parece com uma. — Ela ergue o meu rosto. — Olha *pra* mim. O que você acha que aconteceu?

— Foi muito estranho a forma com que eu estava conversando com ele naturalmente e de nada acordei com o Henrique espancando o Filipe. Acho que fui... fui drogada ou algo assim, não tem outra explicação.

— Foi o que pensei também. Você tem que ir à delegacia prestar queixa, fazer um exame para constatar que houve... o doping e se você foi violentada. — Sacudo a cabeça em negação. — A não ser que...

— Eu vou fazer isso, eu vou à delegacia

PERIGOSAS ACHERON

sim. Só não quero acreditar que uma pessoa que eu convivi por tanto tempo faria algo assim comigo. Ele não é uma má pessoa, jamais abusaria de uma mulher.

— É o que veremos. Eu levo você.

— Onde está a Valentina? — pergunto enxugando o meu rosto com as costas das mãos.

— Henrique foi com ela para a minha casa. — Ela suspira fundo. — Ele está arrasado.

— E você ainda está aqui comigo ao invés de ir ficar com ele?

— Helena, indiferente de você ter errado com ele ou não, mesmo se você tiver dormido com outro, eu ainda a amo como uma filha, estaria preocupada e cuidaria de você também.

— Ah Vivi. — Abraço-a apertado chorando muito mais agora do que antes. — Eu amo você sabia? Obrigada. Não sei o que faria sem você.

— Você se sairia bem, tenho certeza. Agora vamos lá, arrume-se, não precisa tomar banho, quanto mais evidências para o corpo de delito melhor. Vamos mostrar para esse cara que

ele mexeu com a mulher errada.

— Vivi, posso te pedir uma coisa? — Ela afirma com a cabeça — Não conta para o Henrique que eu... que estamos fazendo isso.

— Difícil isso que está me pedindo, mas vou respeitar. Não vou falar nada. — Ela olha o meu braço que tem marcas dos dedos do Henrique. — Ele fez isso?

Sacudo a cabeça em negação. Um nó se forma em minha garganta e mais lágrimas caem dos meus olhos.

— Henrique estava nervoso e...

— O quê? Eu não acredito que o meu filho machucou você. Ele pode ter toda evidência do mundo. Você poderia até ter confirmado que transou com outro sim, mas isso não dá ao meu filho o direito de agredir você dessa forma. Eu não admito isso.

— Ele... não foi intencional Vivi. Eu fico vermelha com facilidade também. Quando eu disse que ele estava me machucando ele me soltou. Esquece isso, ok.

— Uma coisa dessas a gente não deixa

para lá minha filha. Mas se você quer assim...

Horas depois eu saí da delegacia e passava por um exame minucioso. Constrangedor. Fico pensando em como tudo pode desabar em tão pouco tempo. Tento de toda forma não desabar e analisar os fatos de forma racional. Mas a dor que sinto, a decepção é tão grande que nem consigo mensurar. Por que o Filipe fez isso? Por que o Henrique não acreditou em mim? Não me deu um voto de confiança? Eu pensei que fosse mais importante para ele.

Voltamos para casa, onde Viviane me deixou e foi para buscar a Valentina que estava com a babá cujo Henrique carregou com ele para casa dela.

Eu poderia ter ido com ela para tentar conversar com o Henrique, explicar tudo o que aconteceu. Mas preferi vir para casa e voltar a ler o diário da Katy, talvez ela me diga algo sobre as minhas desconfianças. Em um momento na delegacia me lembrei que ela havia sido presa quando agrediu a mulher no restaurante. Lembrei também que ela disse que o Henrique havia viajado e traído ela, mas ele não sabe qual o motivo dela ter

ido embora, agora eu desconfio do que seja. Eu sempre acabo voltando para ler esse maldito diário. Agora falta pouco e espero nunca mais colocar os olhos nele.

Pedi para a Viviane não falar nada sobre o exame com ele apesar dos resultados terem sido positivo para GHB (ácido gama-hidroxibutírico) Ketamina (Special K) que são conhecidos como boa noite cinderela. Durante a ocorrência a delegada fez várias perguntas, depois fiz o exame de sangue e de corpo de delito. Como imaginei não houve abuso sexual. O intuito dele era apenas ferrar com a minha vida. E conseguiu.

Depois de terminar de ler o diário e confirmar as minhas suspeitas, largo o diário em cima da cama junto com os exames e a ocorrência contra o Filipe. Pego o meu celular e faço uma busca por uma passagem aérea para Salvador. Eu não posso deixar isso como está.



Capítulo 36

— Acabei de chegar — aviso para a Viviane.

— Você não avisou para o Henrique que iria viajar, avisou?

— Não acho que ele esteja querendo saber da minha vida. Para ser bem honesta acho que ele adoraria saber que sumi para sempre.

— Olha, eu entendo você. Mas deveria ter dito para ele, Helena. Como vou esconder uma coisa dessas do meu filho? Já inventei um monte de desculpas e reunião. Deixei-o em casa com a

PERIGOSAS NACIONAIS

Valentina. Ele está péssimo, merecia ao menos saber pelo que você passou.

— Eu só precisava resolver tudo aqui. Eu volto assim que encontrar o Filipe e vou ter uma conversa com o Henrique, não é apenas este assunto que temos que tratar.

— Toma cuidado.

— Fique tranquila Vivi, Filipe late, mas não morde.

— Neste caso acho que você pode estar enganada, um homem que faz o que fez com você pode não morder, mas causa um dano bem grande. Esse homem não tem caráter.

— Você tem razão, mas eu preciso olhar nos olhos dele e buscar algumas respostas.

Desligo a chamada com o coração apertado. Eu poderia ter resolvido isso ontem mesmo quando recebi os resultados dos exames. Poderia ter mostrado para o Henrique que não houve traição, que na verdade tudo não passou de uma armação. Mas o meu orgulho não deixou, essa foi a verdade.

— Helena, oi.

PERIGOSAS ACHERON

Pabline e Marcela vieram me buscar no aeroporto. Peguei um voo que saiu de Guarulhos às 5 da manhã. Liguei para as duas e contei o que havia acontecido. Pedi ajuda e abrigo, mas na verdade preciso mesmo é de colo das minhas amigas. Agora percebo o quanto senti falta delas, do apoio incondicional. Percebo o quanto fui orgulhosa quando não aceitei a ajuda direta delas na época em que precisava de um lugar para morar, e de grana. Elas sempre estiveram do meu lado mesmo que eu as mantivesse distante.

— Até agora eu não acredito que aquele safado fez isso com você. — Marcela diz quando entramos no carro dela.

— Eu sempre esperei o pior do Filipe, sempre falei que não confiava nele. — Pabline diz. — Mas isso que ele fez foi demais. Realmente nunca esperei.

— Ele ficou furioso quando soube que o melhor cliente da Gruvier deixou a empresa e contratou a sua nova agência. — Marcela diz.

Arregalo os olhos para ela.

— Isso eu não sabia — digo. — Ele foi para Gruvier?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, assumiu o lugar de diretor que era seu. Mas há muito os clientes não estão satisfeitos com as campanhas, que era você quem criava ou supervisionava. Eu confesso que fiquei muito desanimada e minha criatividade caiu para zero depois que você nos deixou. Então ele descobriu que a rede Nicioli está com você. Talvez tenha sido isso.

Marcela trabalha na Gruvier, lugar onde a conheci. Fomos colegas de trabalho por muitos anos, ela é uma excelente profissional.

— Se foi só por isso, ele é ainda pior do que eu pensava.

— Vai mesmo falar com ele agora?

— Sim, mais rápido possível.

Chegamos à agência e poucas pessoas estavam trabalhando, nenhuma eu reconheci. Marcela me levou para a sala do Filipe, a minha antiga sala. Olho tudo com certa nostalgia, não mudou muita coisa. Por alguns instantes eu penso que fui feliz aqui. A verdade é que eu só pensava que era, porque felicidade verdadeira eu tenho na minha vida agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Helena! — A voz dele demonstra seu estado de choque por me ver aqui.

Estou sentada em sua cadeira e giro ficando de frente para ele que me encara branco feito papel.

— Precisamos conversar Filipe.

— Eu... bom eu..

— Está sem fala, seu cretino? — Me levanto e aponto um dedo em sua direção. — Perdeu a cor e a voz?

— Só não entendo o porquê está aqui, isso significa que seu “*namorado*” não perdoou o seu deslize. Acabou a brincadeira de casinha?

— Eu vou dizer o que vim fazer aqui. Vim olhar na sua cara e dizer que sei bem o que aconteceu. Não houve deslize algum, você me drogou...

— Ah é claro, transou comigo agora vai dar uma de santa. Vai dizer que não se lembra de nada, que...

— Eu fiz um exame Filipe. Fui à delegacia e te acusei de estupro. Deu positivo para boa noite cinderela. Você me drogou com a

PERIGOSAS ACHERON

intenção de abusar de mim.

— Porra, você não fez isso. Eu nem toquei em você Helena, foi só... como...

Sua voz desesperada denuncia que ele jamais imaginou que eu faria uma coisa dessas. Que eu aceitaria que transei com ele e nem me lembrava.

— Pronto, está aí, realmente você não tocou em mim, não houve penetração, mas houve agressão, abuso sexual não é apenas penetração seu idiota. Você me drogou, tirou a minha roupa e deitou na cama ao meu lado. Você plantou um cenário ridículo em meu apartamento para deixar tudo parecendo que eu trai o Henrique. Vai pagar por ter tentado arruinar a minha vida. Você pensou que eu aceitaria que transei com você e tive um apagão de memória? Que sou idiota a ponto de destruir a minha vida e deixar por isso mesmo?

— Helena, pelo amor de Deus, você não pode fazer isso. — Se aproxima com nítido desespero no olhar. Então eu vejo o estrago que o Henrique fez em seu rosto. Um olho azulado, um corte no lábio inferior e um hematoma no queixo.

— Você é muito cara de pau. Por que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Filipe? Como teve coragem de fazer uma coisa dessas, ir até a minha casa, me drogar, espalhar camisinhas pela casa... quem ajudou você? Como descobriu onde eu morava?

— Se eu contar, você retira a acusação?

— O que tem para me contar? Então tenho razão, você não agiu sozinho.

— Se eu te contar tudo, você me livra dessa?

— Filipe, daqui a poucas horas você vai receber ordem de prisão...

— Uma mulher esteve aqui, ela me disse que era amiga da Katharine e me contou que você estava transando com o pai da sua sobrinha, com o ex da sua irmã. Ela queria se vingar por isso, separar vocês dois. E eu estava com muita raiva de você por tudo que me fez no passado, por não ter me dado uma chance, por ter arruinado a minha carreira. Você acabou com a minha vida Helena, mas eu nunca seria capaz de tocar em você sem o seu consentimento. Pode não acreditar, mas eu amo você... eu jamais a machucaria.

— Mas você fez. — Lágrimas escorrem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dos meus olhos. — Nós tivemos uma história, você sequer pensou no que vivemos?

— Sim, e foi por isso que fiz o que fiz.
— Ele se aproxima. — No fundo eu queria que tudo desse errado lá para você e então decidisse voltar para mim.

— Quem foi a mulher? — pergunto retoricamente, pois eu sei quem foi.

— Ana Clara Solentine. Eu já disse o que você precisava, agora você tem que retirar a queixa...

— Foi ela quem veio até você?

— Sim, ela apareceu e disse que sabia quem eu era, que precisava da minha ajuda para fazer você sair de São Paulo e voltar para Salvador. Ela me deu o seu endereço e armou para que o seu namorado chegasse e nos pegasse na cama. Ela de alguma forma pensou que eu conseguiria seduzir você. No final tive que usar o plano B.

— Eu ainda não acredito que você fez uma coisa dessa.

— Agora está feito. Contei o que você precisava, agora tem que cumprir o prometido.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou fazer o que for possível, não deveria, mas dei a minha palavra. Mas entenda que eu não estou acima da lei. Adeus Filipe.

Saio da sala do Filipe e vejo o sorriso de satisfação da Marcela. O lugar já estava cheio de gente trabalhando e não estávamos falando baixo, então todo mundo escutou a nossa conversa. A cara de nojo que olhavam para o Filipe diz que ele vai ter problemas no trabalho. Saio do prédio e encontro a Pabline à minha espera no carro.

— E então, como foi?

— Eu já sabia a verdade. — Levanto o celular que gravei toda a conversa. — Está tudo aqui.

Contei toda conversa para ela. Pabline é advogada e me convenceu de que fiz o certo ao ir até a delegacia e me fez prometer que faria o Filipe pagar pelo que fez. Apesar de não haver estupro existem vários outros crimes que enquadra o que ele fez.

Minha amiga me deixa no cemitério e vai para o trabalho. Na entrada do cemitério eu compro um vaso de flores. Eu nem sabia quais eram as favoritas dela, ou se gostava de flores o que mostra

PERIGOSAS ACHERON

que no fundo eu não a conhecia tão bem como pensava.

Sento-me diante do túmulo da minha irmã. Agora eu sei o que ela passou. A víbora da Ana Clara fez da vida dela um inferno, assim como tentou fazer com a minha, só que de maneira diferente.

Será que o Henrique nunca vai perceber isso? Que essa mulher é nociva para ele? Olho para o céu imensamente azul e deixo um suspiro profundo sair de dentro de mim.

— Oi Katharine. — Passo a mão na foto dela que está sobre a lápide e uma lágrima cai do meu olho direito. Ela era tão bonita. — Isso é bem estranho, sempre critiquei quem tinha o hábito de falar diante de um túmulo. Não sei se pode me ouvir. O estranho é que eu não acredito que possa, mas por via das dúvidas aqui estou eu bancando a ridícula, falando diante de um túmulo e chorando feito uma descontrolada. Está aí uma coisa que você adoraria ver, só para rir da minha cara.

Fecho os meus olhos puxando um fôlego. A lembrança do dia do velório veio em minha mente. Cada grão de terra que joguei em

cima do túmulo dela. Todas as pessoas que estavam aqui. A tempestade que caia naquele dia, a dor que dilacerava o meu peito. Esta última voltou forte nesse momento.

— Eu deveria ter te enterrado junto com os nossos pais, eu deveria ter cuidado melhor de você, ter enxergado as suas fraquezas, os seus medos. Talvez tivesse evitado toda essa tragédia. Você deveria ter confiado em mim, irmã. Me perdoe por isso. Me perdoe por estar vivendo a felicidade que você sonhou. Eu conheci o Henrique sem saber que ele era o pai da sua filha. Eu me apaixonei por ele sem ter conhecimento. Eu me senti tão culpada quando descobri que havia beijado o ex namorado da minha irmã. Você não sabe como foi difícil ficar longe dele, como sofri por ter um sentimento tão forte crescendo dentro de mim. Eu lutei, tentei de todas as formas não me render. Era como se estivesse perdendo mais uma pessoa importante em minha vida e eu não suporto mais perder ninguém, não suporto mais sofrer.

Olho para alguns pássaros voando, eles desaparecem ao longe e eu volto para a foto da Katy.

— Depois de lutar muito eu percebi que não poderia lutar contra esse sentimento que é mais forte do que tudo. Eu sei que não estou fazendo nada de errado, nunca teria a intenção de magoar você. Eu te amo e espero que entenda que eu também preciso ser feliz, e não poderia ser sem ele. muitas vezes eu me pergunto se você não tivesse morrido, eu teria me apaixonado pelo Henrique, mas será que viveria essa paixão? Hoje eu sei a resposta irmã, e sim, é terrível admitir, mas eu sou humana e eu faria qualquer coisa para ficar com ele. Talvez até a machucaria passando por cima dos seus sentimentos porque o amor é egoísta e me tornei a pessoa mais egoísta do mundo por amar demais. Me perdoe por tudo.



Capítulo 37

Henrique

— Não me olha com essa cara — protesto para a minha mãe que a cada segundo ergue os olhos acusadores para mim, como se tivesse sido eu o errado da história. Como se fosse eu a ser pego na cama com outra mulher.

— Que cara? — pergunta, mas antes que eu responda ela se levanta e muda de assunto. — Preciso ir, tenho uma reunião com os meus gerentes daqui a pouco. Vou atender representantes, então ficarei fora o dia todo e presumo que a noite

PERIGOSAS NACIONAIS

também.

— Mamãe...

— Tchau filho. — Me dá um beijo na testa, outro na neta e sai da cozinha.

— Ei, o que eu faço com a Valentina? Mamãe, eu não estou pronto para encarar a Helena, eu...

— Valentina e Helena são problemas seus.

— Mãe. — Pego a minha filha e sigo atrás dela até o quarto. — A senhora está enigmática, não me disse por que demorou tanto lá com a Helena ontem.

— O que quer saber, meu filho?

— A senhora está agindo como se eu fosse o culpado, eu detesto isso — reclamo.

— Bom, se a carapuça caiu...

— Ela estava na cama com outro homem... — digo inconformado.

— Às vezes o que os olhos vêem não é exatamente a verdade. Mas não quero me intrometer na sua vida.

PERIGOSAS ACHERON

— Desde quando isso? Porque desde que me lembro por gente que a senhora dá pitaco nos meus relacionamentos.

— Desde que amo a Helena como uma filha, mesmo se ela estivesse traindo você eu ficaria muito magoada, mas jamais a abandonaria. Só repito que você merece uma surra por ter machucado a Helena. Eu criei um homem e não um animal que não sabe se controlar e é capaz de agir por impulso machucando uma mulher.

É impressionante a lealdade da minha mãe com a Helena, ela realmente conquistou o amor da minha mãe, assim como o meu. Ontem quando cheguei em casa quase apanhei da minha mãe, segundo ela deixei marcas nos braços da Helena quando descontrolado apertei com força. Fiquei péssimo pois nunca imaginei que eu pudesse agredir uma mulher de forma deliberada, muito menos a que amo. Depois fiquei pensando se era assim que a Katharine agia, se era esse impulso doentio que ela sentia quando agia com violência ao ciúme que sentia.

Hoje, sentindo na pele o que Katharine sentiu eu me arrependo da forma que agi com ela.

Hoje eu entendo que o sequestro emocional acontece e pode ser com qualquer um submetido a uma dor muito grande, uma emoção desmedida e reagimos de forma que jamais pensamos ser capazes.

Não estou procurando desculpa para a minha ação, eu fui um troglodita. Mas não posso me fazer de cego como a minha mãe está fazendo, eu vi com os meus próprios olhos, talvez ela esteja tão relutante em aceitar por não ter visto o que eu vi. Nem preciso fechar os olhos para rever a cena toda. Isso dói pra caralho.

— Se? Essa possibilidade não existe, mamãe, a senhora não viu o estado do apartamento? Eu a peguei nua nos braços do outro, na minha cama. Ela pensou que eu ficaria fora por mais dois dias e não esperava que eu chegasse naquela hora.

— E o que te fez voltar tão depressa?

— Eu liguei para ela muitas vezes. Ela passou uma mensagem dizendo que estava em reunião. Claro que eu acreditaria, se o chefe dela não estivesse comigo quando ela mandou a maldita mensagem dizendo que não podia falar, que estava

em reunião e não sabia que horas sairia. Albert me olhou preocupado e disse que havia cancelado a reunião. Fiquei muito inquieto e ele me ofereceu o helicóptero para vir embora ver o que havia de fato acontecido. Talvez tivesse sido melhor se eu tivesse ficado no escuro. Não é?

— Eu não vou me intrometer nessa história. Agora preciso ir.

Meu pai sempre me disse que perdoar não era motivo de vergonha ou fraqueza. O coração duro, orgulhoso não se abre para o perdão. O coração bom é generoso, se abre, perdoa e até dá uma nova chance. Acho que nesses dois tipos eu sou o coração de pedra.

Ah quanta besteira, meu coração é tão mole, tão idiota que está inventando desculpas para o ato dela, doido para ir até ela e dizer que a perdoa, que a quer de volta de qualquer maneira. É um caso perdido de coração apaixonado, cego de amor.

Pego a bolsa da Valentina e vou para o apartamento para falar com a Helena, ouvir as suas mentiras, talvez até acreditar nelas. Ligo para a babá da Valentina para deixá-la em casa caso

PERIGOSAS NACIONAIS

Helena tenha ido para o trabalho. Ligo também para o Saulo e digo que não voltarei para o Rio.

Chego em casa e encontro o mais absoluto silêncio. — Helena? — chamo indo para o quarto onde ela provavelmente deve estar.

— Oi, Dr. Henrique, cheguei aqui e não havia ninguém em casa. — Ela vem para pegar a Valentina. — Oi bebê, vem com a tia vem?

Valentina se joga nos braços da moça sorrindo animada.

— Mamãe, *adê* mamãe? — Faz um movimento fofo com as palmas das mãos para cima enquanto pergunta.

— Mamãe não está em casa.

Sigo para o quarto. A minha mente relembrando o momento em que entrei nesse apartamento e tive o coração partido. Quase perdi a cabeça quando cheguei ao quarto e encontrei aquele homem na minha cama com a minha mulher nos braços. Até posso fechar os olhos e reviver a cena o tempo todo dela nua aconchegada nos braços dele. E eu achando que ela era minha. Só minha.

PERIGOSAS ACHERON

— *Que porra é essa? — gritei.*

— *É o que você está vendo, ela nunca deixou de ser minha. Esse tempo todo estamos juntos. Mas ela não quer deixar a sobrinha e arrumou um jeito de ficar. Mas agora isso vai acabar, agora que já sabe de tudo ela vai voltar comigo.*

— *Desgraçado, eu vou acabar com você.*

Parti para cima dele que tentou me deter, mas eu sou mais forte e juntando com a raiva, nada me deteria. Apenas a voz dela protegendo o amante me faz parar. Eu não sou assim, não sou dado a violência.

Entro e encaro a cama arrumada. Um nó se instala em minha garganta, mas eu não me permito chorar outra vez. Tenho um histórico de anos reprimindo sentimentos negativos. Mas também de explodir quando estou sozinho.

Vejo o diário da Katharine em cima da cama. Pego o objeto meio reticente, algumas folhas marcam um determinado ponto do diário. Abro as primeiras páginas e vou fazendo uma leitora

dinâmica. Cada página me deixando ainda mais certo de que a mãe biológica da minha filha realmente precisava de ajuda. Helena parecia ter marcado várias partes com post its então ficou fácil de saber onde ir. Vou direto para onde as folhas de papel marcam um momento específico.

Diário, estou muito triste com a minha vida nunca pensei que veria uma cena como vi. Eu sempre soube que o Henrique não me amava, mas pensei que ele ao menos me respeitasse. Respeitasse o nosso relacionamento, o fato de ter uma filha dentro de mim. Ontem à noite decidi sair de vez da vida dele. A vadia da Ana Clara ganhou, ela conseguiu me mostrar que tudo que estou fazendo é em vão. Eu só penso como fui idiota em acreditar na amizade dessa víbora quando tudo que ela queria era me separar dele. Henrique disse que viajou a trabalho e ontem recebi fotos dele na cama com uma mulher, não qualquer mulher, mas ela, a própria Ana Clara.

Paro de ler o diário sem entender a loucura da Katharine. Eu nunca fiz algo assim. Nunca traí a Katharine, muito menos com a Ana

Clara. Volto à leitura.

Aquelas fotos ainda estão no meu celular, não tive coragem de apagar só para me lembrar do motivo que vou desaparecer da vida dele. Eu prometo diário, vou destruir a vida dela quando mostrar essas fotos para o idiota do marido. E juro também que Henrique jamais vai colocar os olhos nessa criança, nem que para isso eu vá embora do país com ela. E essas mesmas fotos servirão para explicar o motivo da Rebeca não ter um pai.

Fecho o diário e vou para sair quando vejo as folhas que estavam dentro dele. Abro para ver do que se trata e me sento novamente, em choque pensando que nada me deixaria mais estarecido do que a leitura desse diário. Enganei-me mais uma vez.

O primeiro que abro se trata de uma ocorrência na qual Helena acusa Filipe de dopá-la. O outro um exame toxicológico que deu positivo para substância conhecida como boa noite cinderela que me deixa chocado, irado. O último uma folha impressa de uma passagem para Salvador

comprada às 23:15 de ontem, o voo foi hoje às 5 da manhã.

Ela foi atrás dele.

Pego o meu telefone e ligo para a minha mãe, começo a andar de um lado para o outro pensando no que fazer. Uma vontade louca de ir confrontar a Ana Clara ao mesmo tempo que quero ir primeiro atrás da Helena. Depois da quarta vez que ligo minha mãe atende.

— Henrique, aconteceu alguma coisa?

— A senhora estava ciente de que a Helena foi dopada? Que ela esteve em uma delegacia? Que ela viajou para Salvador?

— Como sabe disso?

— Mãe, deveriam ter me chamado para ir com ela até a delegacia. Ela precisou de apoio e eu... porra mãe o que eu faço agora depois de saber que... eu deveria ter batido mais naquele canalha mal caráter.

— Você não sabe mesmo o que faz?

— Mãe, eu estou... eu estou sem rumo. Tudo que eu quero é ir atrás da Helena e pedir perdão de joelhos para ela, saber se ela está bem e...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então siga o seu coração meu filho. Deixe tudo para trás e vá ao encontro da sua mulher.

— É o que eu vou fazer mamãe, uma pena que a senhora esteja cheia de reunião hoje, porque eu queria muito pedir para ficar com a Valentina.

— Na verdade eu não tenho é nada para fazer, eu estava mesmo era fugindo de você, tenho certeza de que ia ficar falando na minha cabeça e eu não queria te contar sobre a Helena, ela me pediu segredo e eu nunca tive isso com você, sinto muito.

— Tudo bem mamãe, a senhora tem ideia de onde ela possa estar?

— Na casa de alguma amiga, você se recorda de alguma?

— Eu... sim, e sei como conseguir o endereço dela. Beijo mamãe.

Não espero ela responder e desligo a chamada, em seguida ligo para o Klaus enquanto pesquiso os horários dos voos para Salvador.

— Henrique, tudo bem?

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem cara. Preciso de um favor seu.

— Na hora, em que posso ser útil?

— Preciso que me passe o endereço da Pabline, Helena e eu tivemos uma briga e ela foi para Salvador, tenho certeza de que ela está lá.

Pabline e Klaus tiveram um envolvimento que não durou muito, segundo ele os dois têm objetivos diferentes além de 2000 mil quilômetros de distância separando-os.

— Claro, vou mandar por mensagem para seu celular.

— Obrigado cara. Fico te devendo essa.

— Não foi nada. Até mais.

Pego o diário da Katharine para ler no avião.

...

Paro diante da porta da Pabline com as mãos suando. O coração acelerado e um medo danado da Helena nem querer olhar na minha cara. Estou tão envergonhado pela forma que agi. Preocupado com o que ela passou. Helena já sofreu tanto na vida, teve tantas perdas e passar ainda mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

essa não é justo.

Digo o meu nome para o porteiro que demora uma eternidade para liberar a minha entrada. No elevador encaro o meu rosto, barba crescida, olheiras fundas e algumas gotas de suor na minha testa denuncia o meu estado de desespero.

Aperto a campainha e a porta se abre. Marcela alarga o sorriso quando me vê.

— Ora ora, se não é o pai mais gato do mundo.

— Oi Marcela, tudo bem? Quero falar com a Helena. Por favor.

Antes que ela diga alguma coisa Helena aparece ao seu lado.

— Henrique.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 38

Depois que sai do cemitério vim para a casa da Pabline. Eu sei que deveria ter pego o voo de volta para São Paulo assim que obtive o que queria, mas já perdi o dia de trabalho mesmo, então resolvi ficar um pouco com as minhas amigas. Para curar a minha desilusão elas compraram tequila. Se eu já não posso com bebida mais fraca quem dirá a danada da tequila.

O interfone toca e Pabline atende, logo ela começa a pular e sacudir a mão me chamando feito uma doida. Tapa o telefone com a mão.

— Henrique está lá embaixo querendo
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

subir, eu só conheço um Henrique e é o seu.

O meu coração dispara, as minhas mãos começam a suar e um sorriso nervoso se abre em meu rosto.

— Ele... ele está aqui em Salvador?

— Se ele está na portaria é obvio que está né? — Pabline diz revirando os olhos. — E então, o que eu digo? Mando ele ir pastar?

— Manda o homem subir. — Marcela grita já alterada pela tequila.

— Pode deixá-lo subir. — Pabline autoriza.

Ainda estou paralisada olhando para o nada sorrindo feito boba.

— Escuta aqui, ele veio atrás de você, seja lá qual o motivo, você primeiro vai tirar esse sorriso bobo da cara, vai fazê-lo sofrer antes de cair nos braços dele. Mesmo que a tentação seja grande, faça o homem rastejar.

Minutos depois a campainha toca, Marcela ergue o dedo mandando que eu fique quieta e corre para atender. Ouço vozes e desobediente sigo para a porta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Henrique. — Minha voz vacila, Pabline revira os olhos e solta um suspiro resignada.

— Já vi tudo — diz entre dentes.

— Helena, precisamos conversar.

— Eu, Pabli e José — Levanta a garrafa de tequila José cuervo —, estamos indo para meu apartamento. Fiquem à vontade.

Ficamos nos encarando até que a porta se fecha. Ele engole em seco.

— Nem sei por onde começar. — Ele diz.

— Comece dizendo o que veio fazer aqui. — Cruzo os braços.

— Eu... eu vim ver como você estava. Não aguentaria esperar você voltar. Saber que veio falar com aquele canalha... — franzo o cenho sem entender.

— E o que fez você mudar de ideia? — questiono, pois tenho certeza de que a Viviane jamais contaria nada para ele.

— Eu fui para casa hoje cedo com a intenção de conversarmos, eu sou tão idiota que

PERIGOSAS ACHERON

estava procurando qualquer desculpa para te perdoar. Então encontrei o diário em cima da cama e os papéis dentro dele. Me perdoe por não ter acreditado em você. — Ele dá alguns passos em minha direção e eu para trás. — Eu vim o trajeto todo imaginando como você está se sentindo, eu deveria estar ao seu lado na delegacia, eu deveria ter segurado a sua mão, apoiado...

— Para Henrique, a única coisa que você deve fazer é me abraçar agora. — A sua expressão confusa me faz abrir os braços para confirmar que ele havia escutado direito.

Ele vem até mim e envolvo os meus braços em seu pescoço. Ele me aperta de encontro a si e solta um suspiro longo aliviado. Posso sentir o seu coração bater acelerado contra o meu ouvido. Henrique se afasta e ergue o meu rosto em sua direção.

— Me perdoa por ser um idiota?

— Eu perdoo sim, mas em sua defesa eu teria feito pior. O que você viu tira a sanidade de qualquer um Henrique.

Tirou da Katy e ela só viu algumas fotos. Ele desce os lábios sobre os meus e recebo o seu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

beijo com lágrimas nos olhos. O meu coração batendo de maneira correta agora, de alegria e por ele. Nós teríamos que conversar sobre a Ana Clara, eu sei que preciso enterrar o passado, entretanto também preciso saber se ele esteve com aquela mulher, porque se sim eu não sei como reagiria o fato deles trabalharem juntos. Estava rezando para que as minhas suspeitas sejam verdade.

— Reservei um hotel para ficar, vem comigo?

— Não tinha certeza se eu seria coração mole ou se te perdoaria? — Mordo o seu lábio provocadoramente. — Acha mesmo que vai ser fácil assim?

— Não faz isso...

— Segundo a Marcela eu teria que fazer você rastejar antes de perdoar você.

— Eu faço, se preciso for eu me ajoelho...

— Não é preciso, eu entendo o seu lado, de verdade. — Beijo de leve os seus lábios e seguro o seu rosto entre as minhas mãos para que olhe dentro dos meus olhos. — Eu já perdi muita gente

PERIGOSAS ACHERON

que amava, Henrique. Já sofri muito. Hoje entendo o valor de ter a pessoa que amamos ao nosso lado, eu jamais perderia tempo com orgulho, mágoa ou qualquer coisa parecida. Eu te amo muito e quero que fique tudo bem com a gente. Eu vou com você, ainda temos que conversar algumas coisas.

— Você é maravilhosa. — Encosta a sua testa na minha. — Eu não mereço você sabia?

— Claro que merece. Espera só um minuto que vou lá na Marcela pegar as minhas coisas e me despedir delas.

Nos abraçamos apertado mais uma vez. Abro a porta da casa da Marcela que fica em frente à porta da Pabline. Henrique está logo atrás de mim e nossas mãos estão entrelaçadas.

— O que eu disse? — Marcela bate palmas feliz. — Em menos tempo do que eu imaginei.

— Droga, qual parte do tem que fazer esse homem rastejar você não entendeu? — Reviro os olhos para ela que coloca uma nota de cem reais na mão da Marcela e vira um *shot* de tequila.

— Não acredito que vocês apostaram. —

Henrique ri ao meu lado e abraça a minha cintura. — Eu vim me despedir de vocês, estou indo para o hotel onde o Henrique está...

— A não, mal conversamos e você já vai? — Marcela se levanta e vem em minha direção, o Henrique solta a minha cintura e eu a abraço. — Mas é claro que eu faria o mesmo no seu lugar. — Ela aperta a mão do Henrique e depois dá um abraço nele. — Cuida bem da minha amiga.

— Vai lá amiga, não perde tempo com duas bêbadas com dor de cotovelo não. — Pabline diz beijando o meu rosto.

— Acho melhor você dirigir, vim direto do aeroporto e apanhei um pouco para chegar aqui, mesmo com GPS. — Ele me entrega as chaves.

— E para onde vamos? — Entro no carro e dou partida.

— Me deixa ver onde a Ruth fez a reserva. — Pega o celular e me mostra a localização.

— Está brincando? É na Praia do Forte.

— E...?

— Fica um pouco longe daqui. É um

ótimo lugar, mas sua secretária está ciente que custa bem caro uma diária nesse lugar?

— Foi o que ela conseguiu de última hora, e quanto a ser longe, meu amor, agora você mora em São Paulo onde tudo é longe e o trânsito faz parecer pior ainda.

— É verdade, devemos levar uma hora para chegar lá. Uma pena que nem iremos sair do quarto pois o lugar é muito bonito.

Ele ri e seguimos para o *Resort*. Aproveitamos para conversar, contei para ele desde o momento que o Filipe apareceu lá em casa até a hora que fui à delegacia com a Viviane.

— Helena, você deveria ter me contado sobre as fotos que a Katharine recebeu. — Olho rapidamente para o seu rosto e volto a atenção para a estrada.

Não gosto de me distrair enquanto dirijo, já perdi três pessoas em acidentes de carro e não quero provocar outro.

— Eu havia parado de ler o diário, voltei só a ler depois que... depois que voltei da delegacia. Até onde eu tinha lido ela só contava da traição e

eu não queria mais saber de nada. Achei que era problema de vocês. Mas depois de saber que fui dopada e que você poderia ter passado pelo mesmo, eu voltei a ler. Quando fiquei desconfiada dela passei a colocar post-it em todas as partes que a Katy se referia a ela. Devem ser essas as partes que você leu. E as fotos, eu tenho o celular da Katharine, Henrique e elas parecem muito verdadeiras.

— Eu nunca tive nada com ela. Quero ver essas imagens.

— O que você pretende fazer em relação à Ana Clara?

Ele olha para o lado de fora do carro. A linha verde é uma estrada muito bonita e o por do sol deixa tudo ainda mais lindo, é para onde ele olha fixamente agora.

— Nós temos um contrato de sociedade. Tem o Klaus e o Saulo também. Apesar dos anos de amizade, para mim não tem como continuar com ela no escritório, se eles não concordarem com a saída dela, eu saio.

— Eu fico feliz em ouvir isso. Só me pergunto como você nunca percebeu que ela te

PERIGOSAS ACHERON

ama. Essa mulher é obcecada por você, Henrique.

— Bom, acho que eu preferia não enxergar. Ela tinha uma boa vida com o marido. Nunca se insinuou ou nada parecido...

— A vá, eu duvido. — Olho para ele que suspira fundo.

— Posso ter visto uma coisa ou outra, mas, éramos amigos e além do mais ela e a Katharine se davam muito bem, eu jamais iria imaginar que ela estava manipulando-a, ou teria tomado atitude. Para dizer a verdade eu fiquei surpreso e muito chocado em saber como ela realmente é. Nunca esperava isso, não dela.

— Chegamos.

— Bom, é um excelente lugar mesmo. — Me puxa para os seus braços assim que entregamos a chave para o manobrista. — O que acha de estendermos a estada?

— Eu tenho um emprego moço. — Seguimos para a recepção.

— Hoje é terça podemos ficar até domingo, o que acha?

— Uma proposta tentadora, mas só

podemos deixar um rim cada um. Acho que só dois não paga a melhor suíte do hotel — digo quando a moça nos entrega o cartão da suíte nupcial.

— Então vamos lá pois estou louco de saudade de você.



Capítulo 39

Entramos no quarto e abro um sorriso, o lugar é realmente lindo. Mal tenho tempo de analisar um pouco mais e Henrique passa a mão pelos meus joelhos me levantando em seu colo, jogando-me na cama, me fazendo ri. Olhando-me de forma lasciva, quente e apaixonada ele tira a camisa por cima da cabeça e joga longe. Sua forma de me olhar mexe com a minha libido. Sobe de quatro na cama percorrendo com a mão esquerda a minha perna enchendo-a de beijos até chegar ao centro delas, ele inspira por cima da minha bermuda jeans de forma que me deixou ainda mais

excitada. Deita-se sobre mim e gruda os lábios nos meus, envolve o meu rosto com as mãos para me manter quieta enquanto nossas línguas se encontram, se tocam.

— Quero você nua — diz em meu ouvido deixando uma mordida leve em meu pescoço. — Estou desejando isso há dias, senti muita falta de você.

— Eu também.

Ele levanta a minha blusa retirando-a com a minha ajuda. Sua mão passa a acariciar o meu seio por cima do sutiã, eu levo a mão atrás e retiro a peça deixando-os livre para melhor apreciação. Em seguida desabotoo a minha bermuda.

Tem apenas seis dias que não fazemos amor, mas a necessidade que sinto dele faz parecer muito mais do que isso. A sua boca passa a beijar os meus seios. Agarra o mamilo esquerdo entre os lábios e suga-o. Fecha os olhos deliciando-se enquanto esfrega a sua ereção em minha perna. Deixa o meu seio e desce pela minha barriga, afunda a língua no meu umbigo. Henrique desce a minha bermuda junto com a calcinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah... você é tão linda! — sussurra antes de colocar a boca sobre o meu sexo.

Fecho os olhos e me entrego ao seu delicioso ataque. Agarro o seu cabelo com as mãos enquanto os meus quadris se movem num vaivém de encontro à sua boca. Estou perto, muito perto. E tão rápido.

— Henrique... — gemo perdida.

— Eu desejo tanto você, te amo tanto que... foi tão difícil ver você na cama com outro, eu quase morri.

— Eu sinto muito. Vem aqui que eu quero beijar você.

Fica de pé rapidamente e num movimento eficiente tira de uma vez a calça e a cueca, ficando completamente nu e lindo, mas não posso admirar por muito tempo, pois rapidamente ele deita sobre mim, me cobrindo com o seu corpo e descansando o peso nos cotovelos. Acaricia o meu nariz com o seu e deslizo as minhas mãos pelas suas costas até chegar ao seu traseiro que acho tão bonito e adoro apertar.

— Preciso de você. — Ele sussurra, sua

PERIGOSAS ACHERON

voz é baixa e rouca. — Eu preciso tanto de você meu amor.

Ele corre os dentes e lábios pelo meu maxilar, belisca e chupa, e então me beija novamente. Envolver as minhas pernas e braços em torno dele, segurando-o com força contra mim, determinada a fazer com que ele se esqueça de tudo. Ele entra de uma vez em mim, começa a se mover, a princípio devagar, depois aumentando a velocidade gradativamente, até se tornar frenético, desesperado.

— Goza comigo. — Ele acelera ainda mais me fazendo erguer o quadril em sintonia com os seus movimentos em busca de atender o seu pedido. — Olha pra mim, Helena.

Encaro os seus olhos brilhantes.

— Amo tanto você — digo ao enxergar em seus olhos sua paixão e seu amor e isso é a minha perdição, e na hora que eu gozo, jogando a minha cabeça para trás, o meu corpo pulsa ao redor do dele.

— Oh, Helena. — Ele grita e se junta ao meu clímax, empurrando dentro de mim. — Eu também te amo demais.

Rolo para um lado de modo que fico em cima dele. Ele continua dentro de mim. Eu beijo a sua boca com paixão enquanto vamos nos acalmando. Deito a cabeça em seu peito, ele coloca os braços em volta de mim e aperta o nariz no meu cabelo, inalando profundamente como sempre faz enquanto gentilmente acaricia as minhas costas. Não sei quanto tempo ficamos assim até que eu ergo o meu corpo e olho em seu rosto. Ele abre os olhos e me encara.

— Oi — digo abrindo um sorriso.

— Oi.

— Vamos tomar um banho? — Me levanto puxando a sua mão. — Vem, eu vou cuidar de você.

...

Abro os olhos e percebo que o dia está amanhecendo. O braço do Henrique está sobre a minha cintura, eu retiro vagarosamente e viro ficando de frente, admirando a sua beleza. Ele parece tão jovem e despreocupado enquanto dorme. Suas sobrancelhas são grossas e bem-feitas, seus cílios fartos parecem que usou rímel. Um pouco de barba cobre o seu queixo e os seus lábios

PERIGOSAS ACHERON

esculpidos, entreabertos enquanto ele respira profundamente. Sinto vontade de morder esses lábios, empurrar a minha língua entre eles, depois morder o seu queixo bem feito. Ele fica *sexy* de barba. Eu realmente tenho que lutar contra o desejo de beijar a essa boca, mas eu sou uma lutadora fraca. Aproximo-me e faço exatamente o que queria. Sou retribuída com um amanhecer de sexo quente.

Depois tomamos um banho e saímos para caminhar na praia antes do café da manhã, apesar de estar faminta. O nosso quarto fica bem de frente para o mar, não demoramos a voltar e tomar café.

— O que você pretende fazer com o diário? — Ele me pergunta.

Eu não tinha parado para pensar nisso ainda, só sei que jamais quero que a Valentina conheça esse lado da mãe dela.

— Quero queimar, enterrar junto com ela, sei lá. Qualquer coisa que o destrua para sempre. Aquela pessoa que escreveu aquele diário não existiu para mim. Eu não a conheci e não quero que a Valentina conheça.

— Vem comigo. — Estende a mão para

PERIGOSAS ACHERON

mim. — Pega o diário e vamos resolver esse problema agora.

Faço o que ele disse. Saímos do quarto em direção à praia, mas antes ele passa na cozinha, pega álcool e fósforos. Sentamo-nos na areia da praia, Henrique coloca o diário sobre ela.

— Tem certeza de que quer fazer isso? São as memórias da sua irmã.

—Tenho sim. As memórias que tenho dela, as fotos e o que vivemos foi o suficiente para deixar intrínseco dentro de mim. Ela está no meu coração para sempre e isso basta.

Henrique pega o álcool e derrama por cima do diário, em seguida risca um fósforo e joga por cima. Em questão de segundos o fogo se alastra formando uma fogueira. Meus olhos se enchem de lágrimas. Ele me enlaça pela cintura e beija o meu pescoço deixando o queixo descansar nele.

— Vem, vamos caminhar um pouco.

Entrelaçamos os nossos dedos e andamos descalços sobre a água morna que ia e vinha molhando os nossos pés enquanto o vento agitava os nossos cabelos e ajudava o fogo a consumir o

diário da Katy.

Henrique diz que precisa fazer algumas ligações, então eu compro um biquíni na loja do *Resort* e volto para a praia. A verdade é que estou morrendo de saudade disso. De sentir os meus pés na areia, o vento em meus cabelos e ouvir o barulho das ondas. É maravilhoso. Algum tempo depois Henrique se junta a mim para um mergulho no mar.

Almoçamos no restaurante do *Resort* e depois voltamos para o quarto.

— Uma pena que temos que ir embora — digo deitada sobre o peito dele.

— Ou podemos ficar mais uns dias.

— Eu já estou morta de saudades da minha pequena.

— Eu também, mas podemos trazê-la. O que acha?

— As coisas são tão fáceis para você, não seria melhor voltarmos outro dia?

— É, você tem razão. — Henrique diz e beija os meus cabelos.

Estou quase cochilando quando o meu telefone toca. Levanto-me para atender.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Marcela.

— Hello, minha linda. Nem vou perguntar como estão as coisas porque devem estar muito boas não é?

— Estão sim. Maravilhosas. — Beijo os lábios do Henrique que sorri sonolento.

— Mas não se esqueça de que tem amigas que sentem a sua falta. Vamos sair hoje, só as meninas? Não aceitamos não como resposta, esteja aqui em casa às seis da tarde.

— Marcela, isso é... — Paro de falar quando percebo que ela desligou. — Que droga.

— O que foi? — conto para ele a proposta da Marcela, ele sorri e beija a minha testa. — Ela tem razão, você dever ficar com elas, pois logo iremos embora, eu fico aqui trabalhando um pouco, não tem problema.

— Sêrio?

— Seríssimo. Eu preciso mesmo analisar o contrato de sociedade que temos no escritório para poder lidar melhor com a situação da Ana Clara quando voltarmos. Agora vem aqui, descansa mais um pouco antes de sair.

PERIGOSAS ACHERON

— Preciso falar com a Viviane, saber como está tudo por lá.

— Eu já falei com ela mais cedo, está tudo bem, não se preocupe. Segundo a minha mãe estão se divertindo muito com o *auau*. Isso lá é nome de cachorro?

— Me perguntei a mesma coisa, mas ela disse que foi a Tini quem escolheu.

...

Uma hora depois quando fui trocar de roupa me atentei para o fato de que não tinha o que vestir. Eu sequer pensei na possibilidade de sair, então coloquei apenas algumas poucas peças na mochila. Mando uma mensagem para o grupo das meninas.

Eu: Não tenho o que vestir. Acho que não iremos sair.

Marcela responde rapidamente.

Mamá: Sorte sua que faz aniversário em

duas semanas e já estou comprando o seu presente, quando chegar em casa você terá o que vestir.

Pabi: Talvez eu tenha comprado algo também, vamos comemorar hoje em alto nível.

Mamá: Sem tequila pelo amor de Deus.

Eu: kkkkkkk. Deu ruim?

Pabi: Deu péssimo. Mais tarde te conto os momentos constrangedores.

Eu: Amo vocês.

Visto a mesma calça jeans que usei para vir de São Paulo e uma blusa branca. Saio do banheiro e encontro Henrique concentrado no notebook.

— Acho que já vou indo. Preciso trocar de roupa lá na casa das meninas ainda — conto para ele sobre os presentes das minhas amigas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não precisa nada, está linda.

— Mentiroso.

— Vai de Uber, daí você pode beber tranquilamente. Com a sua resistência para a bebida digamos que esse tranquilamente vai ser um copo.

— Você não acha ruim mesmo que eu vá sair com elas?

— Claro que não, para onde você vai voltar no final da noite? — Me puxa para os seus braços. — Quem vai fazer você gemer de prazer nessa cama?

— Desse jeito eu até desisto de ir. — Beijo os seus lábios, quando o beijo começa a ficar intenso demais me afasto. — Melhor eu ir.

Chego um pouco atrasada na casa da Marcela. As duas já estão prontas.

— Parabéns antecipado. — Ela me entrega uma sacola de uma loja cara e eu arregalo os olhos.

— Não...

— Precisava sim. agora vai lá se trocar. Acho que vai servir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tiro um lindo vestido verde de linho de dentro da sacola.

— Que coisa linda. — Na sala mesmo troco de roupa. O vestido longo fica perfeito no corpo e tem um decote enorme nas costas. — Ficou perfeito, obrigada.

— Agora vamos calçar os pés da Cinderela. — Ela me entrega uma caixa de sapatos da mesma marca. Uma Anabela nude para compor o look. — Esse é da Pabline.

— Onde ela está?

— Vamos nos encontrar lá.

— Estou pronta — digo girando sobre meu eixo.

— Linda. Vamos senão vamos nos atrasar — diz pegando a bolsa.

— Onde vamos?

— Ainda pergunta?

— Vocês ainda vão ao Farol?

— É claro, melhor lugar *forever*.

Entramos no carro da Marcela e eu não deixo de sorrir quando vejo dois cachorrinhos de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

brinquedos desses que quando o carro anda ficam balançando a cabeça sem parar.

— O que é isso?

— Eles sempre concordam comigo quando converso com eles, não é Flor e Zangão? — Os bichos sacodem a cabeça me fazendo gargalhar. — Não disse?

Seguimos conversando sobre várias coisas ao mesmo tempo. É incrível como um assunto muda para outro de forma tão rápida. Paramos em frente ao bar que como sempre está cheio. Música ao vivo e muita gente bonita.

— Foi aqui que vi o Henrique pela primeira vez — digo nostálgica.

— E eu não lembro? Ele não tirava os olhos de você, então você foi embora e me deixou para dispensar o gato. Sabia que dei em cima dele?

— Não. Jura? — Ela me conta a história rindo horrores.

— Nunca tinha sido dispensada antes, mas eu te contei essa história sim.

Seguimos para a mesa onde a Pabline estava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olha você, ficou perfeita. — Dou um abraço nela.

— Obrigada pelo presente, eu amei.

Sentamo-nos e fomos atendidas pelo garçom que já conhecia as duas. Assim que ele traz as bebidas noto que tem alguma coisa errada. Marcela recebe uma mensagem no celular.

— Vocês estão estranhas, o que foi?

— Nada — falam ao mesmo tempo. Eu olho de canto de olho desconfiada.

— Estão sim. Vão me contar ou...

— O seu namorado está esperando você lá fora. — A Marcela diz.

— O quê? — Olho na direção das escadas que dão direto para a praia.

— Ele pediu para a gente trazer você aqui. Eu te levaria até ele sutilmente, mas eu e a sutileza não combinamos não é? — Pabline diz sonhadora. — Você tem um homem incrível.

Levanto-me de uma vez com um sorriso no rosto.

— É, eu tenho sim. — Sigo na direção

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

das escadas e tem um segurança impedindo a passagem. — Preciso ir lá fora — grito por cima do barulho, uma mulher canta algumas músicas de axé mais antigas e a saída fica bem próxima do pequeno palco.

— Hoje o acesso à praia está proibido.

— Meu namorado está lá fora.

— Você é Helena?

— Sim, mas...

— Pode ir. — Ele sorri e abre o portão de madeira me dando passagem.

Paro nos primeiros degraus da escada.

Henrique está de costas para mim olhando para o mar que mais uma vez reflete a luz da lua. O lugar está diferente de quando nos encontramos. Tem tochas acessas por toda parte, uma tenda com cortinas esvoaçantes enquanto o refrão de uma música toca ao fundo.

Agora eu já sei

Quando falta a respiração

É a prova que um coração

Já não sabe mais viver sem você

PERIGOSAS ACHERON

Agora eu já sei
Que me falta sempre a razão
Traduzir melhor na emoção
Do que trago aqui, bem dentro de mim
Dentro de mim...

— Nossa! — Ele sente a minha presença e se vira em minha direção. Com um sorriso lindo nos lábios que faz o meu coração parar e a minha respiração ficar suspensa, ele estende a mão para mim. Desço as escadas correndo quase caindo por causa do salto alto e me jogo em seus braços. — O que significa isso tudo?

— Você vai saber. — O brilho intenso em seus olhos quase me faz perder a razão.



Capítulo 40

— Eu amo você.

— Eu sei. — Ele segura o meu rosto em suas mãos e beija a minha boca.

A lembrança do nosso primeiro beijo vem à minha mente. Naquele dia foi bom, inesquecível, mas hoje é muito melhor. É completamente arrebatador.

— Foi aqui que me apaixonei por você. Eu fiquei horas te olhando e pensando se existia alguma coisa mais linda do que você. — Ele diz encarando os meus olhos. — Foi aqui que você

PERIGOSAS NACIONAIS

roubou o meu coração naquele primeiro beijo que me fez sentir os seus lábios por dias. De alguma forma eu já sabia que você estava destinada a ser minha. Passamos por momentos que eu pensei que não teria você e isso me arrancava um pedaço. — Ele se afasta, pega algo dentro do bolso e se ajoelha diante de mim. Levo a mão à boca surpresa. — Helena, você é uma mulher incrível, merece ser amada, adorada e ter toda a minha devoção. Eu quero fazer isso, quero cuidar de você, te dar o mundo e te mostrar todo dia que nascemos um para o outro. Casa comigo?

O meu coração está prestes a sair pela boca. Ele não aguenta mais de tão cheio e pode explodir. Então lágrimas grossas caem dos meus olhos de felicidade, deslizam sobre as minhas bochechas e pairam em meus lábios que tem um sorriso radiante. Eu não consigo responder, a minha voz some, então eu apenas balanço a cabeça como um dos cachorrinhos de brinquedos que fica grudados dentro do carro da Marcela. Ele percebendo que eu havia ficado sem fala, pega a minha mão e coloca o anel. Deixa um beijo nele e se levanta me tomando nos braços mais uma vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu choro feito uma boba enquanto nos beijamos. Ele se afasta e beija os meus olhos sorrindo. Levanto a minha mão admirando o anel de pedra verde como os seus olhos. Verde jade.

— É tão lindo! — digo emocionada.

— Meu pai o deu para a minha mãe. Quando eu disse que iria te pedir em casamento ela o entregou a mim, disse que era muito importante para ela que o desse a você. Minha mãe te ama como uma filha sabia? Acho que ela gosta mais de você do que de mim.

— Claro que não. Mas eu também a amo muito. — Os meus olhos seguem para o céu, eu abro os braços e grito bem alto. — Obrigada Deus.

Rindo Henrique me ergue em seus braços e me gira no ar como uma criança, depois me leva para a tenda montada um pouco mais distante. Dentro dela tem almofadas e pufes espalhados, uma mesa cheia de comidas e bebidas, parece aguardar um batalhão de gente. Ele pede que eu me sente em uma das almofadas espalhadas pelo chão e eu faço. Em seguida ele se senta de frente a mim.

— Tenho um presente para você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Outro?

— Esse eu não sei se vai gostar muito. —
Ele abre um sorriso e em seguida a cortina da tenda se abre.

— Mamãe, mamãe, pai, papai. —
Valentina chama agitada, eu me levanto em um pulo para pegá-la nos braços da Viviane, logo atrás dela estão Marcela, Pabline, Klaus, Saulo e Graziela. — Você trouxe todo mundo.

— Só as pessoas que são muito importantes para mim e para você — diz enquanto eu abraço a Viviane.

Vou até as minhas amigas e beijo o rosto de cada uma e dou um abraço nas duas.

— Obrigada por prepararem isso tudo, está lindo. Vocês são demais.

— Demais é esse homem que você vai casar, será que lá em Sampa tem mais desse? — Marcela diz.

— Olha, isso eu posso responder, amiga, agora só resta os cafajestes — Pabline diz olhando para o Klaus. Então me dou conta de que tenho que falar com o resto do pessoal.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de cumprimentar todos, Henrique abre uma garrafa de champanha e cada um pega uma taça.

— Vamos brindar à felicidade, desejo que todos vocês possam sentir um pouco da felicidade que essa mulher tem me proporcionado.
— Juntamos as taças e em seguida tomamos a bebida.

— Eu gostaria de agradecer a presença de vocês e dizer que... que estou imensamente feliz por estarem aqui. Eu pensei que a vida só me trouxesse tristezas e levasse todas as pessoas que amo. Houve um tempo em que fui sozinha, triste, até amarga. Mas Deus, com a sua imensa bondade me trouxe pessoas maravilhosas que... que preenchem os meus dias. Primeiro veio a Valentina enchendo meus dias de alegria, depois a Viviane...

— Eu venho em ultimo é isso? — Henrique reclama em tom brincalhão.

— Não meu amor, você me trouxe muito mais do que alegria, me trouxe tudo isso. Se não fosse por você não haveria Valentina, Viviane, meus novos amigos. Se não fosse você, o meu coração ainda estaria oco. Porque nem a tristeza eu

conseguia mais sentir. Eu te amo.

Beijo os seus lábios enquanto ouvimos assovios e palmas.

...

Depois da festa fomos para o Resort onde Viviane alugou um quarto para ficar com a Valentina, mesmo sob protesto, ela quis nos deixar a sós. Ficamos até o final de semana como o Henrique queria. Klaus e Pabline resolveram se acertar, só não sei como vai ser esse namoro à distância. Henrique conversou com os sócios durante o fim de semana e decidiram que Ana Clara estará fora da sociedade. Eu só gostaria de ser uma mosca, ou um móvel da sala para ver como será essa conversa.

No dia seguinte ao pedido de casamento Henrique quis ir até o cemitério visitar o túmulo da Katy. Ele queria que nada mais estivesse entre nós, então nós dois conversamos diante do jazigo da minha irmã, ele pediu perdão para ela e fizemos a promessa de nunca deixar a memória dela se perder para a Valentina. Falaremos todos os dias que ela teve uma mãe maravilhosa. De repente Henrique pegou um envelope e me entregou.

— Eu quero que você aceite o que está aí, Helena, porque tenho certeza de que é o que a sua irmã gostaria. — Ele beija a testa da filha que está em seus braços. — E é o que a nossa filha vai precisar.

Começo a chorar quando leio o papel que é na verdade uma certidão de nascimento da Valentina na qual o meu nome está como mãe sócio afetiva da menina.

— Como isso é possível? — pergunto mudando de página e encontrando um documento de adoção.

— Depois daquele dia que conversamos lá em casa e você disse que aceitaria que a Valentina te chamasse de mãe, eu dei entrada no processo. Você é essencial para que a Valentina se organize e se constitua psiquicamente. Desde que ela estava na barriga da Katy, você soube transmitir um sentimento de pertencimento a uma história, transmitir um desejo de viver porque ela sabia que você sempre estaria por ela e a fez sentir que ocupa um lugar na sua vida, pois você cuidou, amamentou, olha nos olhos, ouve o que ela diz. Você canta para ela, você percebe cada sinal,

quando ela está com fome, com dor, com sono. Todas essas atitudes permitem à Valentina perceber-se como um ser único, amado e desejado. Isso tudo graças a você e ao amor que sente por ela.

— Henrique, isso...

— Isso vai ser importante para ela. Para você e para a Katharine. E para mim. Vamos nos casar Helena e meu desejo é que você tome por direito o lugar que já assume há tempo. Já é a mãe da Valentina, isso é incontestável, a ama e protege. Seja legalmente a mãe dela, não apenas a guardiã.

Meus olhos saem do seu rosto e seguem para o túmulo da Katy. Um nó se instala em minha garganta.

— Quando estava com a Valentina nos braços ainda na UTI neonatal nas primeiras tentativas de amamentá-la, uma psicóloga me disse algo que nunca esqueci. A criança se reconhece primeiramente no olhar da mãe e através desse mesmo olhar ela pode olhar-se da forma única e especial, como é olhada pela mãe e reconhecida como pessoa e amada. E eu olhei em seus olhos e olho todos os dias. Katharine, eu prometo que ela sempre vai ser sua filha, ela sempre vai saber

histórias engraçadas sobre a sua mãe, vai entender que o seu lugar é único na vida dela mesmo sem tê-la conhecido. Eu sou a tia dela, a guardiã, a madrasta, a mãe. Serei tudo isso por amor a você minha irmã. Por amor a ela. — Volto o meu olhar lacrimoso para o Henrique. — Por amor a você.

Ele me puxa para os seus braços e me sinto amada, protegida e feliz. Depois de algum tempo nos afastamos, arrumo as flores que trouxemos para ela.

— Adeus Katharine, descanse em paz onde você estiver e saiba que sempre amarei você minha irmã e que a sua memória estará viva dentro de nós. Sempre.



Capítulo 41

— Eu também te amo.

Finalizo a ligação da Helena e fico feito bobo olhando para a imagem dela na tela, o que é uma coisa bem piegas, pois não faz três horas que estávamos abraçados na cama depois de fazer amor. Estou muito apaixonado mesmo. O final de semana que passamos em Salvador foi maravilhoso e inesquecível.

Estou aguardando meus sócios chegarem, mas antes quero ter uma conversa com a Ana Clara, até pensei em ir à casa dela, entretanto não queria

prejudicar a sua vida conjugal, isso seria vingança e eu estou feliz demais para nutrir esse tipo de sentimento. A justiça a Deus pertence.

— Bom dia Henrique — ouço sua voz e ergo a cabeça para encarar a Ana Clara. Ela me olha seria, apreensiva.

— Sente-se Clarinha, precisamos conversar.

— Bom, eu... nossa, o que de tão sério precisamos falar?

—Eu gostaria que você me poupasse e me falasse tudo Clara, em nome da nossa amizade, apesar de você não ter dado valor a ela, gostaria de ouvir de você.

— Não sei do que você está falando.

— Tudo bem — suspiro fundo resignado.
— Eu já sei de tudo Ana Clara, sei tudo que fez com a Katharine, ela escreveu em um diário...

— Ah, não acredito que vai dar ouvidos a uma morta alienada que escreveu suas loucuras e...

— Cala a porra da sua boca — grito e ela me olha assustada. — Em primeiro lugar respeita a memória da mãe da minha filha. Tudo que ela se

tornou foi por sua causa. E não estamos aqui apenas por isso e você sabe. Eu estive em Salvador, Helena falou com o Filipe e ele contou tudo, você pagou para ele vir aqui e armar para eu pegá-la na cama com ele.

— Henry, você me conhece, eu nunca...
— ela se cala quando a olho sério. Engole em seco e seus olhos se enchem de lágrimas. — E se ela tiver mentido e ele a estiver ajudando?

— Ela foi à delegacia Ana Clara, registrou uma ocorrência, fez exame de corpo de delito, ela foi drogada. Minha noiva não me traiu.

— Noiva? Você... — ela fecha os olhos deixando a lágrima cair. Levanta-se, depois senta novamente. — Quer saber a verdade não é? — Aceno com a cabeça. — Eu me apaixonei pela Katharine. — O meu queixo cai, os meus olhos se abrem em choque. — Eu não sei como aconteceu, mas eu a amava. Eu queria separar vocês dois, queria que ela precisasse de mim, que eu fosse o porto seguro dela. Então eu cuidaria dela e da bebê. Mesmo que não houvesse mais nada, eu me contentaria em tê-la comigo. Mas eu sei que um dia ela ficaria comigo porque eu a faria me amar...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você... meu Deus. — Encosto na cadeira chocado demais para falar.

— Mas então ela foi embora e por sua culpa e da Helena ela morreu.

— Ana Clara, para com essa história sem cabimento.

— Não é História. — Ela se levanta e mostra uma tatuagem no ombro direito com a letra K que se formava em galhos com espinhos e raízes. — Eu amava a Katharine e deixaria tudo para ficar com ela. Ela estava com raiva de mim, mas eu sei que me perdoaria. Você pensou mesmo que eu ficaria 10 anos apaixonada por um homem, casada com outro? Eu não teria ficado nunca Henrique. Eu me apaixonei por ela e ia me separar do Juliano, só não queria magoá-lo, mas não poderia ficar mais tempo vivendo assim. A Katy era linda, inteligente, eu não sei como aconteceu. Mas me apaixonei por ela.

De fato, em nenhum momento de nossas vidas ela deu indícios de que era interessada em mim. Por isso nunca acreditei quando a Katharine falou que a Clarinha me amava, ela nunca me olhou de forma diferente. Isso é fato. Nunca se insinuou.

PERIGOSAS ACHERON

Só quando assumi o namoro com a Katy é que ela começou a ficar estranha. Ela ficou louca quando soube que a minha ex estava grávida e passou dias sem vir trabalhar, na época não entendi o motivo de seu início de depressão. Eu estou muito surpreso, mas agora eu entendo porque de repente ela fez tudo que fez. Foi por amor. Ela nunca se aproximou de nenhuma namorada minha da forma que se aproximou da Katharine. Nunca deu palpites e sempre me apoiou. Nós éramos amigos de verdade, além de sócios. Nunca, em momento algum tive problemas com ela. Entretanto é inegável a forma protetora que a Ana Clara era com a Katharine, agora percebo que realmente tinha algo mais.

— Você meteu os pés pelas mãos quando mandou fotos de nós dois na cama. Como conseguiu aquelas fotos?

— Eu sei, mas eu estava desesperada. — Ela seca o rosto. — Eu dopei você, contratei um detetive e ele tirou as fotos de nós dois na cama. Então eu... não era para aparecer o meu rosto, o idiota mandou as fotos erradas, era... então ela foi embora. Talvez se não tivesse visto que era eu... — ela bate a mão na mesa. — A culpa foi sua.

— Mas você sabia onde encontrá-la o tempo todo e não disse onde a minha filha estava.

— Ela já estava morta, e eu queria aquela criança bem longe só para te ver sofrer, ainda ajudei a atrapalhar as investigações.

— Já chega, não quero saber de mais nada. — Pego o papel e empurro na direção dela. — Assine, vamos acabar logo com isso. Este documento dá fim à nossa sociedade.

— Não vou assinar nada.

— Você não tem escolhas, Klaus e Saulo concordam com a sua saída, e no nosso contrato diz que se dois ou mais estiverem de acordo, alguém pode ser retirado da sociedade. Além do mais ou você assina, ou vai ser processada por diversas coisas. E eu posso contar para o seu marido e seus pais sobre esse seu lado lésbico.

— Está me chantageando?

— Chame como quiser.

Ela pega a caneta e assina o papel. Joga com tanta força em cima da mesa e me olha com rancor.

— Eu odeio você Henrique, odeio que

PERIGOSAS NACIONAIS

esteja tendo uma vida feliz enquanto eu não tenho nada, enquanto a Katy está morta.

Ela sai da sala me deixando estarecido. Agora sei que mais nada pode me surpreender na vida.

Os meus amigos entram na sala e me pegam com cara de idiota. Conto para eles toda a nossa conversa e eles ficam ainda pior do que eu.

— Eu sempre pensei que ela amasse você. — Klaus diz. — Sério que ela está falando a verdade?

— Eu não sei. Mas mesmo assim, é tudo muito sem lógica para mim.

— É cara, eu nem sei o que dizer. — Saulo diz e eu disparo em uma gargalhada.

— A vida é uma caixa de surpresas meu amigo. Mas espero que ela coloque a cabeça no lugar e vá viver a vida da forma que a faça feliz. O Juliano não merece viver com uma mulher dessas.

— O que importa é que estamos todos felizes, Ana Clara vai para bem longe da gente e aqui todo mundo gosta da mesma fruta que ela. Além do mais, a vida vai se encarregar de fazê-la

PERIGOSAS ACHERON

pagar por tudo que fez.

Acabamos rindo mais uma vez antes de voltarmos ao trabalho. Quero ver quando contar isso para a Helena, ela vai pensar que é brincadeira minha. Apesar de tudo que Ana Clara fez, ainda tenho um carinho por ela. Afinal são 10 anos de amizade e eu gostaria que ela fosse feliz. Nem imagino como ela se sente, pois eu não sei se conseguiria viver em um mundo onde a minha Helena não estivesse mais.



Epílogo

— Vem mamãe, deita aqui comigo. —
Valentina chama assim que entro no quarto dela.

Minha filha veste uma camisola das princesas, uma trança em seus longos cabelos negros a deixa ainda mais encantadora. Vou até ele e deito-me ao seu lado.

— Você gosta mesmo dessa tenda, não é? — pergunto enquanto ela começa a mexer em meus cabelos.

Valentina está com quase seis anos, muito esperta para a idade dela. Sempre analisa

tudo ao seu redor, tem um senso crítico que a faz parecer insolente, que Henrique enxerga como uma futura ótima advogada. Como o pai e a mãe biológica. Desde que montamos essa tenda dentro do quarto dela, ela quer dormir nela quase todos os dias. Na maioria das vezes o pai dela tem que colocá-la na cama adormecida.

Foi incrível vê-la crescer, poder cuidar dela como uma mãe, ser a sua mãe me trouxe muita alegria. Ela sempre estava correndo animada de um lado para o outro, falando feito uma maritaca. Sempre me lembro de que anos atrás ela era apenas um bebê dentro da barriga da mãe dela. Naquela época, ninguém tinha certeza se ela sobreviveria tantos meses dentro da mãe com morte cerebral. E agora está aqui usando todo o seu poder de manipulação para conseguir o que quer. Um irmão.

— Ela era a sua melhor amiga, mamãe?
— perguntou enquanto trançava o meu cabelo.

— Ela quem, minha filha? — pergunto retoricamente, pois sei de quem ela está falando.

— A minha mãe Katy. Vocês eram amigas?

— Sim, nós éramos inseparáveis. Já te
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contei isso.

— Sim, vocês também tinham uma tenda no quarto não é? — Ela se deita em uma almofada olhando para mim.

Eu sei bem aonde ela quer chegar, tenho certeza de que o Henrique tem razão sobre a futura profissão da Tini, pois ela sempre sabe argumentar, e o pior, ela te envolve no seu discurso de forma que quando percebe já é tarde, já fez o que ela quer, já diz o que ela deseja ouvir. Ela é uma pequena manipuladora.

— Sim, nós brincávamos muito na tenda.

— E você segurava na mão dela quando ela tinha medo da tempestade — afirma.

— Ela tinha muito medo, e eu a protegia.

— Então por que não me dá um irmão ou irmã para eu cuidar também?

— Ah, filha, já conversamos sobre isso.

— Você acha que se ela tivesse viva ela me daria um irmão? — Meu coração se aperta nesse momento e os meus olhos se enchem de lágrimas. Engulo em seco lutando para não derramar.

PERIGOSAS ACHERON

— Onde estão as mulheres da minha vida? — A voz do Henrique me impede de responder à sua pergunta.

— Aqui pai, estamos aqui. — Ela se senta e abre a tenda para que o pai entre.

Henrique a abraça antes de entrar e seus olhos se encontram com os meus. Através do seu olhar sei que ele acabou de escutar o que a filha disse. Ele a gira fazendo-a deitar-se e começa a fazer cócegas na barriga dela, em seguida ele beija a minha testa com carinho e depois meus lábios.

Faz dois anos que tentamos ter um filho, mas sem sucesso. Há alguns meses as amigas da Valentina tiveram irmãos, algumas já tinham quase a mesma idade que ela, então ela passou a pedir incessantemente por um irmão ou irmã. No começo eu não me importava, mas então comecei a achar estranho que com todo esse tempo eu não tenha engravidado. Em uma consulta acabei descobrindo que eu tinha Síndrome de Ovários Policísticos, não é algo muito sério, mas provoca infertilidade. Então comecei um tratamento que durou seis meses, entretanto não consegui engravidar ainda.

— Como foi seu dia filha? — Henrique

pergunta deitando-se ao lado dela.

— Foi legal, sabia que a Mariely vai ter um irmão? A mãe dela está grávida. — Começou.

— É mesmo? Mariely é aquela que mora no prédio?

— É sim. Ela veio aqui brincar hoje e disse que vai ter um irmão. Eu queria tanto ter um bebê para cuidar.

— Você vai ter. É só ter calma...

— A minha amiga Malu disse que para ter um bebê é só beijar sem roupas. Por que não tira a roupa e beija a mamãe?

Henrique começa a rir e eu o acompanho.

— Estou falando sério papai, vocês têm que ficar pelados para fazer um filho.

— A gente vai te dar um irmão filha. Relaxe.

— Você acha que se minha mãe Katy...

— Eu vou preparar um chocolate quente, alguém quer? — interrompo a sua pergunta.

— Hummm eu adoraria. — Henrique diz olhando-me preocupado.

Saio do quarto com lágrimas nos olhos. Será que eu nunca vou conseguir engravidar? Será que não sou digna de carregar um bebê em meu ventre? Será que é castigo por ser a mãe que a Katy não pode ser? Por ter casado com o Henrique? Chego à cozinha e apoio as duas mãos no bancada respirando fundo tentando não desabar. Hoje eu fui ao ginecologista e ele não sabe o motivo para isso acontecer. Já estou bem para gerar um filho, se não conseguir teremos que apelar para um tratamento mais rigoroso. Sinto os braços de o Henrique rodearem a minha cintura e os seus lábios beijarem o meu pescoço.

— Você está bem?

Engulo em seco. Nunca mentimos um para o outro. Foi uma promessa que fizemos quando nos casamos. Nosso casamento foi uma cerimônia simples, apenas no civil e depois fizemos um jantar na casa da minha sogra que organizou tudo. Poucos amigos nossos e alguns parentes do Henrique compareceram. Até a minha tia avó veio de Minas.

— Estou... não estou muito bem, você sabe como é difícil ouvir essas coisas. Eu me

sinto... sei lá. — Ele me gira ficando de frente.

— Acho que a gente tem que ficar pelados, o que acha? — Me faz rir. — Eu adorei essa ideia, talvez a gente faça uma viagem e ficamos 24 horas por dia pelados tentando fazer um filho.

— Você é um bobo.

— Não fique chateada com ela. —
Acaricia o meu rosto ternamente.

— Não estou. Mas... tem horas que ela diz cada coisa. Eu até penso que talvez seja cast...

— Helena, eu já pedi para não repetir isso. Você dentre todas as pessoas do mundo é a única que não merece nenhum tipo de castigo. Você está muito ansiosa, além do mais você ouviu a médica, tem que ficar tranquila. Se não ter naturalmente, vamos tentar outro jeito. Ok?

Balanço a cabeça que sim. Os seus lábios juntam-se aos meus causando um calor por todo o meu corpo, como sempre faz e eu me rendo a esse beijo que é capaz de me fazer esquecer tudo e qualquer coisa.

— Eba, agora tem que ficar pelados, ai

vai ter um bebê. Tira a roupa mamãe. — Escondo a cabeça no pescoço do Henrique que fala em meu ouvido.

— Acho que precisamos ter uma conversa com essa pestinha.

...

Quatro meses depois.

— Vamos filha, mamãe vai se atrasar.

Acabamos de pegar a nossa filha na escola e ela já entra reclamando de fome como sempre faz.

— Mas estou com fome. Vamos lanchar primeiro.

— Depois da consulta a mamãe te leva para lanchar — digo fechando a porta do carro.

— Papai, eu estou com fome. — Valentina teimosa tenta convencer o pai.

— Olha aqui. — Ele entrega um pacote de *cookies* para ela. — Segura as pontas aí que depois a gente vai sair para comer. Agora a mamãe tem que ir ao médico.

— Ela está doente? — pergunta de boca cheia. — Está, mamãe?

— É o que vamos ver filha. O médico vai examinar e dizer o que a mamãe tem.

Henrique explica e eu olho para ele com um sorriso nos lábios. Ele pisca o olho para mim e segura a minha mão.

No dia que contei que estava grávida foi um dia comum em que a Tini foi dormir na casa da avó como sempre fazia, até hoje as duas têm os programas de avó e neta. Neste dia Henrique abriu um vinho e serviu uma taça, quando foi para servir a outra eu coloquei a mão sobre ela impedindo que continuasse.

— *Meu amor, não acho uma boa ideia.*

— *Acho que não tem problema algum. É só um pouco e você está precisando relaxar.*

— *Eu sei, mas é que... uma taça pode não atrapalhar no caso de quem está tentando engravidar, mas no meu caso... aí já prefiro não arriscar, se não fizer bem para o bebê?*

Henrique colocou a taça dele

desajeitadamente em cima da mesa de centro e me olhou com seus olhos jade completamente arregalados.

— Você está querendo dizer que...

— Nós conseguimos. — Lágrimas brotaram dos meus olhos. — Eu estou grávida.

— Ah, meu Deus, meu amor vem aqui. — Ele me puxou para os seus braços e eu o abracei apertado. Ele chorou muito com a cabeça no meu pescoço. Eu o afastei e segurei o seu rosto entre as minhas mãos. Beije os seus lábios. — Obrigado, obrigado Deus por ouvir as minhas orações.

Neste dia comemoramos fazendo amor de forma lenta e apaixonada.

— Como foi lá na escola hoje? — pergunta mudando de assunto, ela começa a tagarelar de boca cheia.

— Valentina, o que eu disse sobre falar de boca cheia?

— O papai perguntou, eu estou para desmaiar de fome, então não dá para esperar para responder. Você mesmo disse que é falta de

PERIGOSAS NACIONAIS

educação não responder quando pergunta, mas também diz que é falta de educação falar de boca cheia. Aí eu não entendo nada.

Sacudo a cabeça para a sua astúcia. Chegamos bem em cima da hora para a consulta.

— Posso entrar com você mamãe?

— Se prometer não ficar perguntando como que faz filhos pode sim — respondo.

Não demorou até ser atendida. Já na sala de ultrassom a minha filha bombardeava o médico de perguntas enquanto eu trocava de roupa. Deitei-me na cama e ele passou um gel em minha barriga, logo o um som forte encheu a sala.

— O que é isso? Tem um dinossauro na barriga da mamãe? — pergunta olhando séria para mim.

— Não, esse é o som do coração do seu irmão ou irmã. Vamos ver se sabemos agora.

Ela me olha chocada, de boca aberta.

— Como assim? Tem um bebê aí dentro?

— Tem sim filha. A gente queria fazer uma surpresa para você. — Henrique diz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não é o primeiro ultrassom. Mas é o primeiro que resolvemos contar para ela. Decidi esperar até esse momento para torná-lo inesquecível para a minha filha.

— Eu vou ter um irmão? — Balanço a cabeça que sim e ela começa a pular e a gritar dentro da sala. Viviane entra neste momento. — Vovó, eu vou ter um irmão. Acredita? Mamãe beijou o papai pelado, aí fez um bebê.

— Para de gritar criança. — Viviane diz. — Isso não é maravilhoso?

Valentina começa a chorar quando o médico mostra o rostinho do bebê, os bracinhos e pede para ouvir mais o coração. Henrique segura a minha mão e beija de leve os meus lábios.

— Eu te amo.

— Eu também.

— Vocês querem saber o sexo?

— O que é isso moço?

— Se é menino ou menina.

— A sim, se ele tem pintinho ou perereca. — Todos rimos da forma que ela fala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, o que você quer?

— Quero um bebê, tanto faz se é pintinho ou perereca.

— Ah bom, é um menino.

Olho para o meu marido que deixa uma lágrima cair.

— Heitor — digo fazendo com que Viviane me olhe emocionada, pois esse é o nome do pai do Henrique.

— Heitor — repete como que saboreando o nome nos lábios. — Obrigado, meu amor. Obrigado.

Volto a atenção para a imagem do que tem sido o meu maior sonho. O de carregar um bebê dentro de mim, pois o sonho de ser mãe eu já realizei há seis anos, quando a minha sobrinha nasceu me trazendo muita alegria e amor. Acho que no mundo não existe pessoa mais feliz do que eu.

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Escrever esse romance não foi nem um pouco fácil para mim, na verdade foi um imenso desafio. Entretanto tive pessoas que me ajudaram, e é para elas que ofereço toda minha gratidão, Rayra e Kellyane vocês são anjos.

Rayra como sempre esteve ao meu lado, não literalmente, pois quilômetros de distância nos separam, infelizmente. Não sei como tive a sorte de encontrar alguém como você, atenciosa, sempre presente em minha vida, disposta a ficar até alta madrugada ajudando-me e ouvindo minhas inseguranças. Agradeço do fundo do meu coração por você mesmo com tão pouco tempo disponível, ainda assim fazer a primeira revisão, fazer seus comentários preciosos, aconselhar e ouvir meu choro. Não tenho palavras para agradecer.

PERIGOSAS NACIONAIS

Kellyane você é uma pessoa iluminada que sempre tem palavras que levantam e incentivam, e o mais espantoso é que sempre chegam na hora que mais preciso mesmo sem você saber. Obrigada por ter dedicado um pouco do seu tempo e por seus conselhos e comentários inestimáveis.

Dayane Aldaves obrigada pela capa linda, pelo incentivo e por brigar comigo, e mais que tudo por sua amizade, amo você.

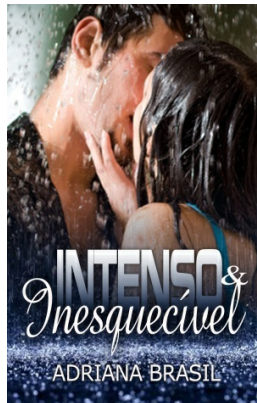
Agradeço a minha família por acreditar em mim, apoiar-me em tudo e estar sempre ao meu lado.

Muito obrigada aos meus amados leitores, pois sem o apoio de vocês nada seria possível, por isso todo livro que escrevo é pensando em vocês, leitores. Saber que amam o que eu escrevo me faz amar escrever.

Obrigada Deus por tudo.

PERIGOSAS ACHERON

Outras obras;



INTENSO E INESQUECÍVEL SINOPSE

Uma fração de segundos e sua vida pode mudar para sempre...

Piloto de Fórmula 1, Gabriel tem uma carreira brilhante e o mundo aos seus pés, mas sabe que falta algo. O amor que nunca conseguiu esquecer...

Um trágico acidente que quase lhe tirou a vida o abriga a ficar fora das pistas que tanto ama
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

até que esteja recuperado das lesões.

Natália é uma fisioterapeuta que teve um grande amor que marcou sua vida. Ela demorou a conseguir recuperar o seu equilíbrio emocional, esquecer o passado e começar uma nova história. Depois de viver o mais intenso e inesquecível amor.

Momentos de paixão... e um estranho destino...

Eles estavam destinados a se reencontrarem. Natália encontra em seu mais novo paciente o garoto que tanto amou no passado e que foi obrigada a deixar para trás. A chama do amor que nunca foi apagada ganha ainda mais força quando eles decidem viver esse amor intenso e inesquecível.

Será que o amor dos dois é capaz de sobreviver a um segredo que pode mudar suas vidas? Ou será que mais uma vez serão separados pelo destino?

PERIGOSAS ACHERON



PROVOCANTE E IRRESISTÍVEL

SINOPSE

Ele é a presa...

Ela é a caçadora...

Murilo sempre se destacou por ser um médico sério, gentil e amável. Diferente de seus amigos mulherengos, ele sonha mesmo é com uma vida tranquila, com esposa e filhos. Mas nem mesmo o cara mais calmo do mundo estaria preparado para o turbilhão de emoções que ele está prestes a enfrentar.

Atraente, imprevisível e irresistível. Alícia é o tipo de mulher que era melhor evitar e

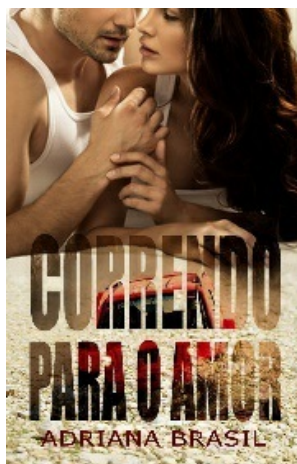
PERIGOSAS ACHERON

Murilo tenta com todas as forças evitá-la. Nesse jogo, porém, as investidas dela são altas.

Vale a pena pagar para ver?

Misteriosa, orgulhosa, provocante e tão sedutora quanto o pecado, Alícia está determinada a ter uma noite com o Dr. Murilo e quanto mais ele nega, mais ela o quer. Por fora, ela é perfeita e doce, mas Murilo conhece o tipo de mulher que se esconde por trás daqueles olhos hipnotizantes e do sorriso sedutor. E basta uma noite para que ele esteja em suas mãos.

Tarde demais para voltar atrás, completamente envolvido ele vai tentar virar o jogo e conquistar de vez esta mulher provocante e irresistível.



CORRENDO PARA O AMOR

SINOPSE

Linda, inteligente e extremamente sexy, Karina está determinada a provar que mulher não é mais o sexo frágil, que também pode vencer um Rally de Regularidade. Apaixonada por velocidade, nunca pensou em se tornar modelo, apesar das inúmeras propostas recebidas, mas para conseguir patrocínio e participar do tão sonhado Rally ela faria qualquer coisa, até aceitar ser garota propaganda de seu patrocinador. Apenas teria que cumprir algumas exigências que aparentemente seriam muito fáceis. Nada poderia atrapalhar

PERIGOSAS NACIONAIS

Karina de subir ao pódio.

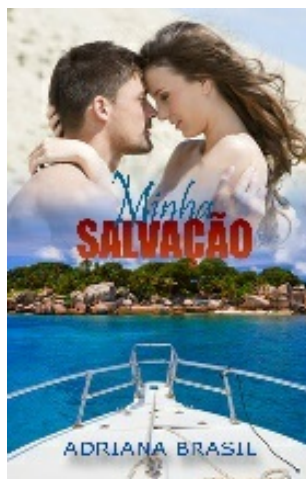
O que ela julgou ser fácil, o destino logo a fez descobrir que não seria tão simples assim.

Vítor Lacerda, cardiologista renomado, dono de uma beleza ímpar, sempre acostumado a ter tudo em suas mãos, estava prestes a voltar a fazer aquilo que ama tanto quanto a Medicina. Aquele final de semana para ele não passava de mais um congresso de cardiologia entediante.

Até a linda modelo Karina aparecer.

Dominados por uma atração irresistível, mal sabiam que suas estradas se cruzariam de maneira surpreendente e estariam muito mais ligados do que imaginavam.

PERIGOSAS ACHERON



MINHA SALVAÇÃO

SINOPSE

Gabriela aos 24 anos dedicou a sua vida apenas a estudar, sem permitir distrações. Está noiva de um homem que não ama, ela sabe que o amor vem com o tempo.

O que Gabriela não sabe é que sua vida mudará drasticamente durante uma viagem comemorativa com as amigas.

Um cruzeiro.

Um sequestro.

PERIGOSAS NACIONAIS

E a vida dela está nas mãos de um homem irresistível que a salvou de um trágico fim, e agora ele quer provar que estão destinados a ficar juntos.

Mas ela não acredita em destino.

Inundada por um oceano de emoções e um súbito desejo incontrolável, ela entra em pânico. Sabe qual caminho deveria seguir, mas nem sempre o que se deve é o que se deseja.

Então vai descobrir como a vida pode ser frágil... fácil de quebrar, difícil de consertar.

PERIGOSAS ACHERON



MINHA PERDIÇÃO

SINOPSE

Kamila é uma mulher independente, forte, linda e rica. Sempre teve tudo que queria. Sua vida não poderia ser melhor. Tinha as melhores amigas do mundo, e sua família era perfeita.

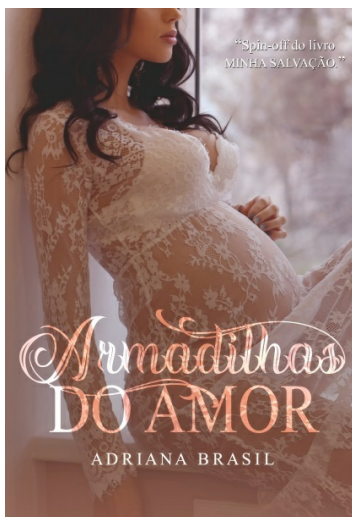
Não poderia imaginar que uma viagem para o Caribe fosse causar tantos transtornos. Kamila conheceu o paraíso e também o inferno.

Depois de ser sequestrada em um cruzeiro, ela se vê obrigada a dançar em uma casa noturna. Foi resgatada pelo noivo de sua melhor

PERIGOSAS ACHERON

amiga, Gabriela. Ele estava à procura dela que também se encontrava desaparecida.

De volta para casa depois de tanto sofrimento, Kamila está, enfim, pronta para recomeçar sua vida. O que ela não esperava era cair perdidamente apaixonada por Rafael, o homem que a resgatou do inferno e que também é comprometido com a sua melhor amiga. Seu salvador, mas também sua perdição.



ARMADILHAS DO AMOR SINOPSE

Fernanda tem uma única coisa em mente: ter um filho. E para alcançar o seu objetivo vai cometer algumas loucuras. Advogada bem-sucedida na carreira, entretanto sempre se dá mal quando o assunto é amor. Ela desistiu há muito tempo de encontrar o príncipe encantado. Talvez ele nem exista.

Agora, o seu objetivo é ser mãe e dar todo o amor que tem guardado para o seu filho. Apenas para o seu bebê.

Contudo, quando Fernanda encontra

Benjamin Fulber, um Neurocirurgião lindo, educado e atraente, surge uma atração irresistível entre os dois. Ela repensa se realmente não existe a sua cara metade, o homem perfeito tal qual as suas amigas já encontraram? Como poderia ignorar o que o seu coração sente com a presença dele em sua vida? E como poderia esconder um segredo tão sério dele? Seria o amor de Benjamin capaz de perdoar as loucuras que levaram Fernanda até ele?

Quando pensava já ter respostas, as peripécias do destino irão trazer Alex de volta para a sua vida.

O que Fernanda deve fazer? Olhar para o futuro e enxergar em Benjamin tudo que ela precisa? Ou continuar acreditando que Alex é tudo o que faltava para a sua felicidade?

Gostou da história?

Então compartilhe sua opinião
nas redes sociais e Amazon indicando-
o para outros leitores.

Entre em contato com a autora;
adrianasrbrasil@hotmail.com